

EDGAR CANTERO



O CASO
DA MANSTÃO
DE BOËN



DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A PRESENTE OBRA É DISPONIBILIZADA PELA EQUIPE LE LIVROS E SEUS DIVERSOS PARCEIROS, COM O OBJETIVO DE OFERECER CONTEÚDO PARA USO PARCIAL EM PESQUISAS E ESTUDOS ACADÊMICOS, BEM COMO O SIMPLES TESTE DA QUALIDADE DA OBRA, COM O FIM EXCLUSIVO DE COMPRA FUTURA. É EXPRESSAMENTE PROIBIDA E TOTALMENTE REPUDIÁVEL A VENDA, ALUGUEL, OU QUAISQUER USO COMERCIAL DO PRESENTE CONTEÚDO

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O LE LIVROS E SEUS PARCEIROS DISPONIBILIZAM CONTEÚDO DE DOMÍNIO PÚBLICO E PROPRIEDADE INTELECTUAL DE FORMA TOTALMENTE GRATUITA, POR ACREDITAR QUE O CONHECIMENTO E A EDUCAÇÃO DEVEM SER ACESSÍVEIS E LIVRES A TODA E QUALQUER PESSOA. VOCÊ PODE ENCONTRAR MAIS OBRAS EM NOSSO SITE: LELIVROS.LOVE OU EM QUALQUER UM DOS SITES PARCEIROS APRESENTADOS NESTE LINK.

**"QUANDO O MUNDO ESTIVER
UNIDO NA BUSCA DO
CONHECIMENTO, E NÃO MAIS
LUTANDO POR DINHEIRO E
PODER, ENTÃO NOSSA
SOCIEDADE PODERÁ ENFIM
EVOLUIR A UM NOVO NÍVEL."**



O caso da
Mansão Deboën

Edgar Cantero

Tradução de Giu Alonso



Copyright © 2017 by Edgar Cantero



Leia e sinta-se livre

TÍTULO ORIGINAL
Meddling Kids

REVISÃO
Rayana Faria
Ulisses Teixeira

ARTE DE CAPA E LETTERING
Antonio Rhoden sobre ilustração de Jefferson Costa

REVISÃO DE E-BOOK
Roberta Clapp

GERAÇÃO DE E-BOOK
Intrinseca

E-ISBN
978-85-510-0407-4

Edição digital: 2019

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRINSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

SUMÁRIO

[Avançar para o início do texto.]

Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
Diário de Pennaquick
Começa quando você puxa a cordinha...

PARTE UM: REENCONTRO

Ela escancarou a porta...
– Eles estão por perto...
Nas mãos, um barbeador cor-de-rosa...

PARTE DOIS: RECAÍDA

Na manhã seguinte, eles compraram um rádio...
Imagine um clima absolutamente comum...
A estrada que levava ao Lago Adormecido...

PARTE TRÊS: COLAPSO

O bunker foi perturbado...
Nate colocou mais duas fichas...
Um canário de verdade...
Kerri trocou as lâminas...

PARTE QUATRO: PÂNICO

Andy subiu em uma viga...
Tim já estava cansado...
– Vai se foder...
Andy acertou a fechadura...
– Quem é você?...

PARTE CINCO: ANIQUILAÇÃO

As colinas começaram a roncar...
O verão veio cedo...

Sobre o autor

[Leia também](#)

Tempo
de leitura
de 10 a
15 minutos
para obter
o máximo
de prazer
de leitura

DETETIVES ADOLESCENTES DESMASCARAM MONSTRO DO LAGO ADORMECIDO

Investigação não oficial termina com revelação bombástica na Mansão Deboën

Heróis de Blyton Hills desvendam trama criminal e revelam lenda local



Capitão Al Uitch (à esquerda) e subdelegado W. Wilson (à direita), entre eles, o Clube dos Detetives de Blyton Hills: Peter Manner, Kern Holte, Andra Andy Rodriguez, Mato Rogers e o cão Sam, na escarpa do burcoardente prisioneiro: o monstro do Lago Adormecido. (Fotografia J. Maich)



Assombração desmascarada. A Mansão Deboën, construída em 1890, tornou-se o cenário do Lago Adormecido, durante a década de 1920, o cenário de uma série de crimes que levaram à descoberta do monstro do lago em 1947.

Novos detetives de Blyton Hills

Clube de detetives de Blyton Hills, formado pela "Tribo dos Lago Adormecido", a organização de jovens que atua desvendando as atividades e atividades por da Mansão do Rio Saba. O clube

foi formado por um grupo de jovens do bairro que se reuniram em sua casa. Peter Manner (13), Kern Holte (12), Andra Andy Rodriguez (12) e Mato Rogers (11) são os membros do clube, além de Wilson, o cão Sam, que atua como o cão guia do clube.

Thomas W. Wickley, do Colégio, que nasceu em 1910, foi o primeiro a ser chamado para se juntar ao clube. Ele foi chamado para se juntar ao clube por ser o primeiro a ser chamado para se juntar ao clube.

► **Thomas Wickley, ladrão procurado pela polícia, vai responder por tentativa de roubo: "Eu teria fugido com o dinheiro, se não fossem esses garotos intrometidos."**

UMA LENDA PERIGOSA
O lago é o primeiro a ser chamado Clube dos Detetives de Blyton Hills, um clube que atua desvendando as atividades e atividades por da Mansão do Rio Saba. O clube foi formado por um grupo de jovens do bairro que se reuniram em sua casa. Peter Manner (13), Kern Holte (12), Andra Andy Rodriguez (12) e Mato Rogers (11) são os membros do clube, além de Wilson, o cão Sam, que atua como o cão guia do clube.

LEIA A MATÉRIA COMPLETA NA PÁGINA 2

Começa quando você puxa a cordinha do abajur e a luz não acende. É aí que você sabe que nunca vai conseguir acordar a tempo, que não vai chegar ao fim deste parágrafo viva. Você tenta desesperadamente raciocinar em meio ao pânico: está tudo bem, você não precisa do abajur, já está praticamente acordada mesmo. Deitada na cama, sabe de cor o formato do abajur no escuro, pode ouvir o aquecedor velho roncando noite adentro; você está em segurança. É só a lâmpada que não está funcionando. Mas você quer que funcione; precisa expulsar a escuridão e cercar o quarto de certezas para que as coisas lá fora saibam que você acordou e não ousem entrar, e então puxa a cordinha mais uma, duas vezes, e lembra que esse abajur já tinha deixado você na mão antes (tinha?), e, olha só, a lâmpada está se esforçando, embora mal consiga emitir uma luzinha fraca, muito insignificante para combater as sombras do quarto, mas quem precisa de mais que isso, indaga o abajur, você está aqui, este é o seu quarto, eu sou o seu abajur, esse é o seu aquecedor fazendo *rrrrrr* a noite toda, aquela é a mesma porta fechada de sempre, que esconde coisas vivas à espreita, sem pele e sem olhos, mas fique tranquila, nós prometemos que, no fundo, não existimos, pode se deitar. Ou já está deitada? Porque você pode achar que está apoiada nos cotovelos, mas seus braços não sentem o peso do corpo; na verdade, seus olhos não estão se movendo, e, quando você tenta dizer “ei”, sua garganta também não reage, então você agarra os lençóis (mesmo? Suas unhas estão mesmo arranhando o tecido?) e é um verdadeiro sufoco tentar emitir algum som, fazer as cordas vocais vibrarem, respirar, sinta logo sua garganta, pelo amor de Deus, grite e acorde esse borrão largado na cama que é você, dormindo, sonhando, à mercê das criaturas pegajosas que se escondem atrás da porta, e você puxa puxa puxa puxa puxa a cordinha e o abajur insiste, não posso, é um problema elétrico, mas prometo que você está acordada, olhe para mim, sou seu bom e velho abajur, nunca menti para você, a cordinha já falhou antes, você sabe disso, deveria instalar um interruptor de verdade, que liga e desliga, e é então que percebe que o abajur na mesa de cabeceira nunca teve uma cordinha. Além disso, não há aquecedores no quarto para fazer *rrrrrr*. São passos (*rrrrr*), e a porta já está aberta — tente gritar —, eles estão no seu quarto — tente gritar —, estão subindo na cama (*rrrrrr*), se esgueirando até você (*rrrrrr*), com os dedos escamosos e membranosos, gelados, tentando tocar suas costas — tente GRITAR!

* * *

Ela acordou com o próprio grito. Provavelmente acordou o quarto inteiro também. Ainda ouvia os ecos no quarto do tamanho de uma lata de sardinha enquanto o coração disparado diminuía o ritmo de cem metros rasos para o de maratona, e seus sentidos tentavam avaliar o ambiente, verificando a realidade (é claro que você está no seu quarto, sua idiota, olha como está frio, fedido e úmido por causa da chuva que não para de cair e só escuta as sirenes distantes). O grito não tinha sido dos piores, julgou Kerri, pelas reverberações. Não tanto um “aaaaaaaah, um rato”, esganiçado e estridente, nem um “puta que pariu” forte e consistente.

O olhar sério e silencioso de Tim parecia confirmar isso: nas noites ruins de verdade ela acordava com o cachorro em cima da cama, latindo para espantar seus pesadelos. Dessa vez, ele só estava sentado ao seu lado, os olhos vidrados nela, com cara de “descansar, soldado”.

Ela se sentou na cama do quarto sem aquecimento, iluminado pelo céu de estática, e tocou o vidro gelado da janela. Sensações reais, todas reais. Kerri se perguntou como os sonhos sempre conseguiam enganá-la; se parasse para analisá-los eram claramente sonhos, falsos estímulos tão superficiais e indistintos. Ela fez carinho na cabeça de Tim: o pelo curto, o focinho úmido, os bigodes. Era tudo complexo demais para não ser verdade.

— Como você consegue se manter são, Tim? — perguntou ela ao cachorro.

Tim choramingou com uma expressão de coitadinho nos olhos azul-claros.

Kerri deu um sorrisinho e deixou que ele subisse na cama com cabeceira de ferro. Ela se encostou na parede, deu uma olhada na pilha de livros na única prateleira, abriu um deles e pegou, entre as páginas, um recorte de jornal.

Os detetives adolescentes sorriam para ela, da margem ensolarada em preto e branco do Lago Adormecido, em 1977, treze anos antes.

* * *

— Você ainda os vê? — perguntou o psiquiatra.

Nate, esparramado na poltrona em frente, o encarou com olhos de ressaca.

— Seus amigos, quero dizer — explicou o dr. Willett. — Ainda tem contato com eles?

Nate tritou o cigarro entre os dedos envolvidos com Band-Aids, tentando enrolar para que a sessão acabasse logo.

— Minha prima, Kerri, liga de vez em quando. Ela foi estudar biologia em Nova York e ficou por lá. Eu a vejo uma ou duas vezes por ano. A mãe dela ainda cria Weimaraners em Portland. Andy simplesmente sumiu. Com uns dezesseis anos, ela pegou a mochila, saiu de casa e embarcou em um trem para... sei lá, se encontrar ou algo assim. Ela sempre foi a mais complicada. Acho que liga para Kerri às vezes, manda uns cartões-postais. Peter era o menino de ouro. Continuou na Califórnia para terminar o ensino médio, queria entrar na Academia da Força Aérea, seguir os passos do capitão Al... e aí, aos dezesseis, foi descoberto por um agente. Fez vários filmes, virou celebridade. — Nate bufou, apagou o cigarro e continuou, a voz mais grave: — E aí teve uma overdose de remédios e morreu em um quarto de hotel em Los Angeles.

Em outra cidade, em outro estado, Kerri acariciou o papel-jornal do *Diário de Pennaquick*, os poros, as bordas irregulares da página. Sensações reais, como aquele quarto frio e o cobertor áspero e as orelhas de Tim fazendo cócegas nas suas pernas. *Tinha mesmo acontecido*. Estava escrito naquele recorte. “Detetives adolescentes desmascaram monstro do Lago Adormecido.” “Desvendam trama criminal.” “Assombração desmascarada.” Nós fizemos aquilo.

— Sente falta deles? — perguntou o dr. Willett.

Nate olhou pela janela. Era março, mas ainda inverno. Aqueles últimos treze anos tinham sido exatamente aquilo: um longo inverno.

— Que nada... — respondeu. — A gente era criança. Amizades de infância não duram pra sempre. Quer dizer, quem fica tanto tempo assim apegado ao passado?

* * *

A cópia de Thomas X. Wickley daquela mesma matéria de treze anos antes do *Diário de Pennaquick*, manchada de sangue e urina, queimava no bolso do peito durante sua audiência da condicional.

— Você foi acusado de fraude, tentativa de roubo, sequestro e ameaça a um menor de idade. E se declarou culpado pelas quatro acusações. Confirma?

— Sim.

Treze anos.

— Veja bem, você sabe que sequestro era a mais grave dessas acusações, e é justamente desta que você teria mais facilidade para se declarar inocente. Está ciente de que só esse crime especificamente, sequestro de um menor, aumentou sua pena em dez anos?

Malditos treze anos.

— Estou.

Suas mãos na mesa nem mesmo tremeram à menção daquele número. Permaneceram paradas e retorcidas como árvores milenares, resmungando, rabugentas: *Você disse treze anos, garoto? Isso não é nada!*

Era verdade. Ele não tinha nenhum plano para aqueles treze anos mesmo. Não depois que as coisas foram por água abaixo em Blyton Hills.

— Sr. Wickley, será que se importaria de nos contar as circunstâncias em que ocorreram as acusações?

— De forma alguma — respondeu ele, naquele tom cansado, mas no fundo contente que todo velho tem quando lhe pedem que conte uma história, por mais vergonhosa que seja. — Meus... rivais, digamos, eram adolescentes na época. Crianças. Naquela noite na casa do lago, eles se separaram para investigar. Eu tive a oportunidade de capturar uma das meninas, e foi o que fiz. Ela havia caído por um alçapão, e eu a encontrei no porão. Então a amarrei e a amordacei. Nem parei para pensar que era só uma menininha. Estava cego pela cobiça. Não sou mais um perigo para aquelas crianças. Eu não odeio crianças.

Ele parou antes que se empolgasse e acabasse dizendo que gostava de crianças. É preciso escolher muito bem as palavras durante uma audiência de condicional.

— O senhor tem consciência, é claro — comentou o delegado —, de que aquelas crianças não são mais crianças.

Risadinhas. Das crianças na foto, dentuças e com cabelo sedoso. Ele as ouviu no bolso do macacão cor de laranja. Wickley desdenhou da gafe.

— Tenho certeza de que não sou um perigo para elas, não importa a idade que tenham.

A pele ardia. O jornal queimava pelo tecido do bolso.

— Eles fizeram a coisa certa — disse Wickley. — Não eram um bando de intrometidos. Eram os heróis da história.

O delegado se reclinou na cadeira, e o membro mais quieto e maldoso da comissão decidiu intervir:

— Ainda assim, as circunstâncias são graves. Aqui está você, cumprindo pena de quinze anos depois de ter sido capturado por quatro adolescentes.

— E um cachorro — completou Wickley.

— Sim, e um cachorro. Deve ter sido um golpe e tanto para o seu ego. Isso já lhe causou problemas com outros prisioneiros. Não é exagero imaginar que exista algum ressentimento da sua parte.

Wickley olhou para as mãos de novo, admirado por encontrá-las ainda perfeitamente calmas. Secas, inalteradas, como galhos de árvores resistindo à brisa suave que carregava as risadinhas de quatro adolescentes. E um cachorro.

— O que queremos dizer é que houve, bem, agravantes, digamos assim, nas circunstâncias da sua prisão. Inclusive, a palavra usada no

relatório da polícia é “emboscada” — leu o delegado. — Com uma engenhoca composta de... “um carrinho de bebidas em alta velocidade, dois lances de escada e uma rede de pesca”?

Wickley viu o delegado franzir a testa, por um momento tentando visualizar a cena, enquanto as risadinhas no seu bolso viravam gargalhadas ao fundo de um programa de TV.

— Mas, enfim... O que queremos dizer — retomou o homem — é que a preocupação sobre uma possível vingança da sua parte não é injustificada.

O prisioneiro levou a mão direita ao coração. Com força. Abafando as risadas que vinham da fotografia.

— Senhores. Eu forjei uma assombração em uma casa velha e me vesti de salamandra gigante para afugentar as pessoas. Fui capturado por quatro adolescentes e um Weimaraner. Tenho sessenta anos. Acham mesmo que sou uma ameaça para alguém?

Os membros da comissão riram. O delegado começou a arrumar a pilha de papéis.

* * *

Cinco dias e dezenove horas depois, ele conseguiu liberdade condicional.

Os portões de ferro se abriram na segunda-feira seguinte, e o sol brilhou na pele ressecada do rosto de Wickley, nas torres dos vigias, na poça imensa no meio da rua de paralelepípedos.

Ele colocou a caixa com suas coisas no chão, tirou o maço amassado de Raleigh e acendeu um cigarro com o penúltimo fósforo da cartela promocional de um restaurante. A primeira tragada teve um gosto rançoso, e ainda assim foi orgasmicamente deliciosa. O lendário cigarro pós-prisão.

A fumaça espiralou-se no raio de sol como uma flor do *Yellow Submarine*.

Ele desdobrou o recorte de jornal que tinha retirado do macacão laranja da prisão e guardado no bolso do casaco, junto com um ingresso de cinema do filme *Escalado para Morrer*. As crianças sorridentes na fotografia viram a luz do sol outra vez.

Os nomes no segundo parágrafo estavam sublinhados com um amarelo desbotado: Peter Manner, Kerri Hollis, Andrea “Andy” Rodriguez, Nate Rogers, Sean. O nome de Peter Manner estava riscado à caneta. Aquela intervenção era mais recente; Wickley tinha ouvido a notícia na biblioteca da cadeia dois anos antes. “Peter Manner, o moleque daquele filme com a Lisa Bonet, morreu de overdose”, falou um prisioneiro, e o comentário foi recebido com vários clichês

condescendentes sobre a vida dura que crianças famosas levam e tudo o mais. Se os outros três tiveram o mesmo azar, a notícia não chegou às fofocas da cadeia. Afinal, não é todo mundo que estrela um blockbuster de Natal. O cachorro devia estar fora da jogada também, mas, sem uma confirmação oficial, Wickley preferia esperar.

Ele revirou a caixa mais um pouco até achar o relógio do pai e o colocou no pulso. Tinha que se reportar ao seu agente da condicional em duas horas.

Wickley pegou a caixa e atravessou a rua em direção ao pub mais próximo.

* * *

O rótulo da sua cerveja favorita tinha mudado. O das garrafas de Coca-Cola também, o fundo vermelho estampado com a logo da nova década. Dois homens na mesa perto da janela conversavam sobre beisebol, e Wickley, sentado no bar, não reconheceu nenhum nome. Ia acender outro cigarro quando o barman se aproximou e disse:

— Não é permitido fumar aqui, senhor.

Ele ficou olhando por um tempo depois que o rapaz se afastou até que, por fim, guardou o cigarro de volta no maço e continuou a beber. Pelo menos o garoto tinha chamado Wickley de “senhor”.

O recorte do *Diário de Pennaquick* estava desdobrado em cima do balcão enquanto ele apreciava a cerveja. E não era modo de falar: estava de fato apreciando a bebida. De vez em quando, espiava a foto sem nenhuma razão especial. Talvez porque fosse uma das poucas coisas familiares ao seu dispor: o cachorro com a língua de fora, as crianças sorrindo. Até o morto sorria. Minha nossa, até o subdelegado sorria. A única pessoa na foto que não sorria era ele.

Wickley deu uma olhada no espelho do outro lado do balcão. O velho tinha uma cara de cansaço absurda para alguém que havia passado treze anos enfurnado em um lugar frio e sem vida, mas não parecia treze anos mais velho que o homem do jornal. Tinha sido abençoado com um daqueles rostos que envelheciam rápido nas três primeiras décadas, mas depois permaneciam quase inalterados durante a vida. Ele continuava sem sorrir, mas de certa maneira estava melhor que o prisioneiro na foto. Não estar fantasiado de salamandra ajudava.

Os nomes destacados olhavam para o ventilador de teto. Wickley encarou as próprias mãos e os dedos contorcidos repousando no balcão, tão inabaláveis quanto durante a entrevista. Suas mãos realmente não davam a mínima.

Ele permaneceu no banquinho, dando pequenos goles, ouvindo uma música nova, mas não tão ruim que tocava no rádio. Um dos homens perto da janela se indignou com a ideia de que um jogador de quem Wickley nunca tinha ouvido falar fosse melhor do que outro de quem ele se lembrava perfeitamente.

Devagar, Wickley pegou o recorte de jornal, amassou-o entre os dedos, acendeu o último fósforo da cartela e o queimou. O barman fez cara feia para aquele ato incendiário que não era mencionado no PROIBIDO FUMAR.

Wickley jogou as cinzas no chão e foi ao banheiro.

* * *

A vida fora da prisão era cheia de luxos que passavam despercebidos, como usar um mictório sem ter que ficar alerta. Ele sorriu à medida que a ficha caía e achou graça das poesias atemporais rabiscadas nos ladrilhos enquanto tentava mirar no cubinho esponjoso cor-de-rosa perto do ralo.

Treze anos de merda.

Ele estava livre.

Sem o aviso de uma descarga, a porta da cabine atrás dele se escancarou.

— Bom dia, sr. Wickley.

Ele soube, naquele momento, pela repentina paralisação de todas as funções da parte inferior do seu corpo, que seu subconsciente tinha reconhecido a voz. Mesmo depois de treze anos e da puberdade.

Wickley deu meia-volta, endireitou a postura e levantou a cabeça, engasgando diante do rosto que o confrontava — o vulto que preenchia e transbordava os contornos fantasmagóricos de uma lembrança sorridente.

— Andrea “Andy” Rodriguez! — exclamou ele.

A mulher soprou a franja preta caída no rosto.

— Andy. Meu nome é Andy.

— Eu não posso falar com você — reclamou ele. — Acabei de sair da prisão.

— Sério? Eu também — comentou ela, dando uma olhada no relógio digital de brinde da Coca-Cola. — Já devem ter percebido a essa altura.

Ele tentou contorná-la, mas ela o impediu. Wickley sentiu um calafrio, sua determinação desmoronando ao ver as próprias mãos começarem a tremer.

— Eu cumpri minha pena! — choramingou. — Paguei a minha dívida com a sociedade!

— Ah, mas pagou mesmo, com juros e correção monetária. Só me explica uma coisa. Treze anos em uma prisão de segurança máxima, sem direito a visitas, e por quê? Por vestir uma fantasia e perseguir uns

moleques nos arredores de uma casa caindo aos pedaços? Tenho cara de otária?

— Eu sequestrei uma criança.

— Faz favor...

— Eu forjei uma assombração. Criei um elaborado esquema de fraude.

— Você é a fraude, Wickley. Não passa de um golpista atrapalhado.

Quer que eu acredite que teve todo aquele trabalho só para assustar pessoas? Aqueles símbolos místicos? Animais mortos?

— Eram falsos.

— E os corpos enforcados? E as coisas no porão?

— Tudo falso.

— Nem o maldito do Steven Spielberg conseguiria fazer falsificações como aquelas, e você sabe disso! Não foi você!

— Foi, sim! E eu teria conseguido se não fosse por vocês, seus introm...

— Mentiroso!

Ela agarrou o pescoço do velho e o empurrou na parede, quebrando alguns ladrilhos.

Um dos caras que conversavam sobre beisebol entrou no banheiro naquele momento e ficou paralisado ao ver a cena.

À esquerda, Andrea “Andy” Rodriguez, vinte e cinco anos, usando coturnos pesados e camiseta branca, se vira para a câmera enquanto ergue um velho todo encolhido a cinco centímetros do chão.

— Cai fora — rosou ela, e o intruso se retirou obedientemente.

Wickley estava engasgando, se contorcendo, chutando o ar. Andy se virou para ele, o rosto recortado pela franja obstinada, um sorriso furioso mas carregado de certa satisfação.

— Eu tinha doze anos em 1977 e derrotei você, agora tenho vinte e cinco, e você é um velho decrépito. Posso humilhar você de todas as formas possíveis. Então me diga, por que confessou?

— Eu sou culpado.

— Porra nenhuma. Por que assumiu a culpa?

— Eu sou culpado. Fiz a fantasia com um traje de mergulho. Ficou muito boa.

— Não ficou, não.

— Eu armei tudo. Fiz as luzes se apagarem e a casa tremer.

— Você não fez nada disso, porra! *(Ela bate a cabeça dele na parede.)*

— Fiz, e você morreu de medo. *(Risadinhas de dor.)* Até mijou nas calças.

— Foi Nate que mijou nas calças, não eu! E não era você! *(Aperta mais forte, esmagando o pescoço do velho.)* Por que assumiu a culpa?

— *Argh! G-g-g...*

— E melhor me dizer ou juro que enfio você no porta-malas, vou para Blyton Hills e joga meu carro no Lago Adormecido!

— Ng... ng...

— Por quê?

— Ng'ngah... ng'ngah'hai!

— POR QUÊ?!

— Iä fhtagh Thtaggoa! Iä mwlgñ nekrosunai! Ng'ngah'hai, zhro!

Andy bateu com o velho na parede de novo e o soltou, ouvindo estarecida os ecos das palavras odiosas que arrepiaram o pelo dos seus braços e fizeram o sol se esconder, chocado por tal blasfêmia.

Aos poucos, a luz retornou, com um silêncio interrompido somente pelas gotas pingando dos canos. O velho escorregou até o chão, deixando um rastro de sangue atrás da cabeça.

— Eu queria ir para a cadeia — murmurou ele, sem fôlego, tentando se manter consciente.

Andy não se moveu, cheia de ódio, punhos cerrados, as têmporas latejando de adrenalina.

— Eu queria que me prendessem — disse Wickley, soluçando. — Precisava ficar longe daquele lugar. Não posso voltar para lá. Não quero voltar para aquela casa maldita! Nunca mais!

Então, ele afundou o rosto nas mãos e explodiu em lágrimas. Sentado no chão de um banheiro, chorando como uma criança.

Andy bufou, a fúria diminuindo, a respiração se acalmando, e deu a descarga no mictório para ele.

— Você não vai voltar. Tchau, sr. Wickley.

E saiu batendo os pés, sem se sentir nem um pouco mal pelo velho patético. Porque ele estava certo: nunca mais teria que voltar àquela casa.

Velho sortudo.

PARTE UM

REENCONTRO

Ela escancarou a porta e foi recebida por uma clamorosa falta de reação, sua silhueta apenas uma jaqueta grande e um boné, o vento levando embora a vinheta de abertura. Abrir portas de forma dramática era um dos poucos talentos naturais de Andy, algo que ela havia aperfeiçoado nos últimos treze anos enquanto rodava o país. Conseguia puxar, empurrar ou até deslizar uma porta sem que ninguém percebesse, ou atrair todos os olhares e fazer a música parar, dependendo da sua vontade no momento. Já tinha conseguido causar esse efeito até em um show do Van Halen. O segredo estava no pulso, sério.

Dessa vez, tinha optado por passar despercebida: o cantor de country continuou a choramingar no jukebox, os bêbados não notaram nada diferente, os caras jogando sinuca nem sequer olharam para a placa SAÍDA no segundo que Andy levou para avaliar todo o lugar. Ela teve que dar um passo à frente — *inserir close dos coturnos no piso de madeira* — para localizar seu alvo atrás do balcão, escondido por um grupo de operários asmáticos.

De lado, Kerri Hollis, vinte e cinco, se abaixa para pegar duas cervejas no cooler, forçando-se a ignorar os rosnados pervertidos que os operários atrás dela dirigiam para o ponto nas suas costas onde batia o cabelo vermelho-fogo.

Foi então que a música country diminuiu um pouco, pelo menos aos ouvidos de Andy, por um simples motivo: Kerri se virou para servir as cervejas, os cachos saltitando alegremente feito crianças em um parque de diversões. Era um mero detalhe na lista dos inúmeros talentos de Kerri. Seu cabelo esbanjava felicidade, esvoaçava de alegria quando ela descia uma ladeira de bicicleta ou quando se pendurava em um balanço. Desde que eram crianças, Andy admirava aquele cabelo, quando os fios já alcançavam a fronteira entre as costas e a lombar, embora na época não precisasse ser tão longo para isso, e era como se respirasse e se movesse tendo vida própria, ou vidas próprias. Andy imaginava cada mecha com olhinhos de desenho animado e um sorriso *kawaii* permanente, felizes por participar das aventuras de Kerri, por testemunhar cada momento na vida daquela criança tão promissora. Quando ela andava na chuva, o cabelo abraçava cada gota. Quando Kerri corria ao sol, os fios flutuavam, brilhando, estocando energia solar como se planejassem usá-la para construir aviões. Quando ela se sentava para ler, o que fazia com mais frequência que todas as crianças e muitos dos adultos que Andy conhecia, o cabelo reluzia com os raios de sol, resmungando baixinho, pedindo silêncio. Da última vez que se viram, cinco anos antes, na universidade de

Kerri, o cabelo estava preso em um rabo de cavalo durante o passeio pelo campus. Ela só desfez o penteado por um instante na lanchonete, balançando a cabeça para os fios se soltarem, e Andy podia jurar que ouviu um suspiro de admiração coletivo na hora. Aqueles deviam ter sido quatro anos difíceis para o cabelo dela. Agora enfim estava livre, e Andy ouvia a canção alegre que vinha dele mesmo em meio à música country deprimente e aos grunhidos animais dos grosseirões em volta.

Levou mais um minuto para que Andy se desse conta de outra novidade: Kerri não estava usando óculos. Que estranho. A diversão e a catástrofe eram garantidas quando Kerri perdia os óculos durante uma aventura. Ficava totalmente indefesa. Naquele momento, porém, parecia pronta para a batalha.

Na verdade, parecia já estar no meio de uma. E perdendo.

Andy observou pelo espelho atrás do bar Kerri falar com o último homem do bando.

— E para você?

— Vou querer uma cerveja também.

Um silêncio pesado se formou acima deles como uma tempestade. Sem óculos e com o olhar raivoso, Kerri o encarava.

Ela se virou e se abaixou até o cooler, e os olhares lascivos e comentários vulgares murmurados em meio a charutos mastigados recomeçaram:

— Aí, sim...

— É disso que eu estou falando.

— Isso, garota.

Andy se sentou em um banco na ponta do bar, cabeça baixa, mão esquerda brincando com o chaveiro que sempre carregava no bolso. Por mais discretas que suas entradas fossem, Andy tinha dificuldade de permanecer despercebida por muito tempo, sobretudo em lugares cheios. Para lutar contra essa tendência e manter a calma, sua estratégia era apertar o chaveiro.

Um segundo bartender, que não havia sido notado até então, surgiu do nada, batendo um pano no território do bar que Andy tinha ocupado.

— Escolha seu veneno.

— Coca.

— Coca?

— Diet.

O bartender se afastou, o vulto de um bigode.

— O que tem pra comer? — perguntou um dos homens a Kerri.

O reflexo dela permaneceu parado no espelho, pano sujo pendurado no ombro, mãos na cintura, cabelo ruivo zumbindo, ansioso.

— Do que você gostaria, Jesse?

— Não sei — disse o macho alfa. — Alguma coisa picante.

Como se tivesse ensaiado, a matilha deu risadas para enfatizar a piada. *Não entra na deles*, aconselhou Andy por telepatia.

— Que tal asas de frango?

— Parece bom.

— Molho?

— Mais do que você poderia engolir, gracinha.

A gangue riu, com expressão presunçosa, os queixos duplos barbados. Andy arriscou um olhar discreto para o rosto de Kerri. Ela aguentava firme, sem se afetar, o ódio quase chegando ao ponto de ebulição.

— Você é nojento, Jesse.

Alguém, provavelmente o bartender genérico, falou *ei*.

Andy espremeu as últimas gotas mágicas do chaveiro no bolso. O cantor de country continuava balbuciando, feito um idiota, o que para ele devia ser o auge do romantismo.

— Vou dar uma olhada na cozinha — disse Kerri, se afastando.

Um dos homens se debruçou no balcão quando ela virou de costas.

— Uma rabada também ia bem! — exclamou ele, e o comentário foi recebido com júbilo.

— Boa, Neil.

— Muito boa... rabada, bunda...

— É, deu pra sacar. Muito esperto.

— Com licença.

O bando todo se virou.

Andy tinha saído do lugar e estava de pé na frente da gangue. O casaco havia ficado dobrado no balcão, ao lado da Coca Diet. Ela girou o boné e revelou o rosto. As gracinhas obscenas logo foram substituídas por olhos arregalados e desconfiados — sentimentos conflituosos que uma mulher latina de um metro e setenta, coturnos e muita atitude costumavam causar.

O macho alfa, previamente identificado como Jesse, tomou a liderança.

— Pois não, como podemos ajudar, senhorita?

— Bem, hum... — As mãos de Andy não paravam quietas de tanto nervosismo, os olhos pareciam procurar algo, como se as palavras certas estivessem espalhadas pelo chão. — Ai, nossa, com licença, não sei muito bem como dizer...

— Pode falar — retrucou ele, com um sorriso de dentes amarelados.

— O caso é que sou obrigada por lei a educadamente pedir que parem de agir como um bando de babacas antes de poder quebrar a cara de vocês.

Silêncio. Do tipo que faria um comediante se matar no palco.

— Ah, é mesmo? — respondeu o alfa, muito calmo, a surpresa escondida pelos óculos Ray-Ban.

— Pois é. Sabe, como tenho treinamento militar, e muita experiência adquirida em cada lugar por onde passei, me tornei tão habilidosa em confrontos corporais que, certa vez, depois de uma confusão com uma gangue de motoqueiros em Sturgis, Dakota do Sul, um juiz determinou que eu não poderia arrumar briga antes que todos os envolvidos estivessem devidamente avisados. Cá entre nós, minha especialidade é chute no saco. — Ela esperou alguma possível resposta, depois resolveu continuar: — Porque, quando se leva um chute no saco, imagino que você saiba por experiência própria, o escroto simplesmente se contrai na pélvis. A pele e as roupas absorvem a maior parte do impacto, enquanto os testículos em si ficam escondidos em segurança. Que espertinhos esses malditos, não é? — comentou, tirando a mão esquerda do bolso e mostrando o chaveiro da sorte para o restante da plateia.

Os homens olharam, sem entender nada, um objeto que sem dúvida parecia um pinguim de plástico.

— Então, se você examinar seu escroto — prosseguiu Andy —, vai facilmente encontrar o testículo, mas, se tentar apertá-lo, o que é meio doloroso... (*Ela aperta o pinguim, espremendo a parte de baixo e estufando a de cima, enquanto o bicho solta um guincho.*) Ele sempre escapa da sua mão.

— É, os meus fazem isso mesmo — disse um dos homens, muito atento.

— Viu só? Mas a questão é a seguinte: os meus chutes, no caso, literalmente estouram os testículos. As bolas não escapam do impacto. Pelo menos uma delas sempre explode, e o esperma entra na corrente sanguínea e os seus países baixos viram uma área desolada. E não tem como recuperar esse testículo, então você perde cinquenta por cento da sua capacidade de reprodução para sempre. Sem contar que, segundo dizem, dói que nem parir um ouriço-do-mar pela uretra. Mas essa informação eu não tenho como comprovar, é claro.

Alfa estava apertando a ponte do nariz já fazia um minuto.

— Desculpa, me perdi. Do que você estava falando mesmo?

— Ah, foi mal, me empolguei. Tudo começou porque, como vocês estavam assediando a garçõete e falando coisas muito impróprias, eu vim aqui perguntar se seria algum incômodo parar de agirem feito... ou melhor, de *serem* um bando de babacas.

Ela fez uma pausa, então completou com um pedido sincero:

— Enfim, só preciso de uma desculpa para acabar com a raça de vocês.

Alfa suspirou, fingindo chateação. Andy ficou parada, o peito e os braços cruzados subindo e descendo com a respiração, lábios carnudos fechados, reprimindo aquela deliciosa ansiedade enquanto catalogava mentalmente os membros da gangue. Primeira fileira, sentado, Alfa, 1,95m, jaqueta de couro preta e vermelha, Ray-Ban aviador; segunda

fileira, à direita, Beta, 1,88m, canivete no cinto; esquerda, Gama, 1,80m, nariz quebrado, taco de sinuca; no fundo, Delta, 1,75m, pegando uma garrafa de cerveja.

— Sabe, querida — começou Alfa, erguendo a mão devagar até a bochecha de Andy, num gesto intimidador. — Eu adoraria fazer o que você está pedindo.

A ponta dos dedos se aproximou perigosamente da pele de Andy.

— Mas você se esqueceu de dizer a palavrinha mágica.

Átomos de distância.

— Que é...

* * *

Qualquer transeunte que ouvisse a conversa poderia ter concluído erroneamente que a palavrinha mágica era “CRAC”, pois esse foi o barulho altíssimo que os dedos do Alfa fizeram quando Andy puxou um para cada lado, mais de doze centímetros entre o médio e o anelar, tornando ambos inúteis para qualquer coisa que não fosse um belo cumprimento vulcano.

Alfa, berrando, deu um tapa inofensivo com a mão esquerda, que Andy bloqueou tranquilamente com o antebraço, já tomando impulso com a perna direita para iniciar o famoso chute semicastrador quando o resto da gangue a forçou a interromper o golpe.

Com um ataque de Beta, ela perdeu o equilíbrio. Ele tentou socar seu rosto, mas Andy se esquivou, deu um chute no joelho dele e, enquanto o homem se curvava de dor, agarrou-o pela parte do crânio humano que lembra uma alça ergonômica e bateu a cabeça no balcão, abrindo espaço para o ataque de Gama.

O problema é que este tinha um taco de sinuca, e ela não ousou bloquear o golpe. Em vez disso, rolou para o chão, esperou o momento certo de retornar e se esquivou mais uma vez, usando uma cadeira como escudo, depois agarrou a ponta do taco, tirou-o das mãos do cara e o girou de volta na direção dele. Isso deu a Gama tempo de se abaixar. Alfa não teve a mesma sorte: o taco o atingiu enquanto ele tentava colocar os dedos no lugar, e a contusão no pescoço o fez cuspir no espelho.

Delta nem sequer se mexeu quando Andy se aproximou e o atingiu na cabeça com o taco. Afinal, não dá para ficar esperando os canalhas virem até você o tempo todo.

Ela foi à mesa de sinuca enquanto Gama recuava e pegava outro taco. A média de ossos quebrados por segundo diminuiu por um tempo enquanto Gama girava o taco, como um moinho de vento, feito o

Tartaruga Ninja de máscara roxa. O bastão improvisado girou e zumbiu pela atmosfera enfumaçada do bar como uma vespa extraterrestre.

Andy ficou parada durante o showzinho, o olhar cético, as sobrelhas franzidas.

— Não é assim que se segura um taco de sinuca.

Ela segurou o seu da forma certa, com a ponteira para a frente, e Gama não conseguiu bloquear o golpe no peito, desequilibrando-se. Outro golpe na têmpora o derrubou de vez.

Beta e Delta estavam prontos para a briga de novo, então Andy enfiou o taco na caçapa da mesa de sinuca e o partiu ao meio. Pegou as duas partes e foi fazer a própria exibição de golpes audaciosos.

Delta não se mexeu, bem impressionado àquela altura. Beta aproveitou que estava atrás dela para pegar o canivete e atacar. Infelizmente, seu grito que, como nos filmes chineses de luta, indicava o início da briga, traiu a sua vantagem.

Andy girou em um pé só: bastão direito atingindo a mão com o canivete, bastão esquerdo no cotovelo, direito na barriga, esquerdo na têmpora, direito na cara de Delta, que se aproximava por trás, pé esquerdo na canela de Beta, pé direito na virilha de Delta, e golpes simultâneos com os dois bastões em duas cabeças diferentes, bem na hora em que Alfa, cheio de fúria, corria na direção dela como um búfalo enlouquecido. Andy largou os dois bastões e enfim ergueu o pé esquerdo.

A música parou. Todos no lugar fizeram silêncio. Até os cães. Em um raio de três quilômetros. As orelhas deles se empinaram ao ouvir o grito agudo ultrassônico vindo de um barzinho distante.

Alfa caiu de joelhos, depois de quatro, e, por fim, deitou-se em posição fetal, as mãos tapando a área desolada.

— Andy?

Ela deu meia-volta, punhos erguidos, e foi assim que Kerri a viu pela primeira vez em cinco anos.

Esse não era o plano. Andy soprou a franja caída no rosto e ajeitou a camiseta.

— Oi.

Kerri pulou o balcão para abraçá-la, ignorando o bartender de bigode (possivelmente seu patrão) que oferecia uma opinião não solicitada sobre aquela confusão toda.

A última coisa que Andy guardou daquela cena foi ser asfixiada por aquele cabelo ruivo, que se derramava feliz e contente pelos seus ombros como serpentina, a mente dela tomada por um turbilhão de questionamentos empolgados, músculos tensos capturados por um abraço inesperado. As hemácias na sua corrente sanguínea, ainda embriagadas de adrenalina, ergueram os olhos, fascinadas, escudos e

machados ensanguentados nas mãozinhas, se perguntando de onde vinha toda aquela paz.

Então houve uma discussão acalorada entre Kerri e o bartender genérico, ameaças de chamar a polícia e os gemidos dos babacas castrados se arrastando pelo chão, e Andy mais tarde se lembrou de ouvir Kerri falando “dane-se essa espelunca” em algum ponto ao fundo, arrancando e jogando o avental na cara indistinguível do ex-patrão, mas todos esses momentos eram basicamente indistinguíveis por si só.

* * *

Quando Andy deu por si, as duas estavam em outro bar, mais cheio, tomando shots e comendo amendoim, Kerri com uma camiseta raglan de mangas pretas sorrindo como nunca, pelo menos que Andy tenha visto.

— Minha nossa, você foi incrível! — exclamou ela. — Eu vinha imaginando mil cenários de violência envolvendo Jesse nos últimos meses, e você simplesmente improvisou? Foi muito melhor do que qualquer cena que eu tenha criado. — Ela virou o drinque, então o sorriso se transformou em um sorrisinho orgulhoso. — Menina, você alcançou todo o seu potencial mesmo. Você é tudo que eu sempre quis ser.

— Ah, para com isso — sussurrou Andy, tentando se esconder atrás do copinho minúsculo.

Aquela estava se provando uma noite cheia de experiências novas para ela. Alcool. Elogios.

Kerri pediu mais dois shots com um gesto que parecia tão vago e disperso, mas que, no fim das contas, deu resultado em menos de cinco segundos.

— Então, além de castrar caras babacas, o que você tem feito?

Andy se remexeu no banco.

— Olha, nada de mais. Peguei umas caronas por aí depois que visitei sua *alma mater*. Arrumei uns trabalhos. E você? Achei que já seria bióloga a essa altura.

— Eu sou. Podemos tirar os jalecos no Shabat. — Ela esperou alguma reação, então se explicou: — Brincadeira. Mas sou bióloga mesmo, me formei há dois anos. Minhas notas não foram as melhores, estagiei em um lugar péssimo. E tive uns problemas com o cara que seria o meu orientador no último ano. Sabe como é, a gente mantinha as coisas bem profissionais, mas nos encontramos em uma festa muito louca e transamos, aí combinamos que não era nada sério, então eu saí com outros caras, e ele disse que estava tudo bem, só que não estava, você sabe... Nada novo, certo?

Andy ficou na dúvida se respondia ou se dava de ombros e acabou não fazendo nem uma coisa nem outra.

— Mas então você não está trabalhando como bióloga agora.

— Bem, no momento, não. Eu me inscrevi em algumas pós-graduações, mas não tive sorte, e o idiota se recusou até a escrever uma carta de recomendação falsa. E a minha nota na prova para o mestrado também não foi lá essas coisas, porque... Bem, nem me lembro de ter feito a prova, para começar. Então, enfim, estou dando um tempo para ajeitar tudo. Afinal, uma bióloga também precisa pagar as contas. Mas logo devo começar a me inscrever em outras pós, distribuir currículo, colocar a vida nos eixos.

Ela olhou distraidamente para o drinque pela metade.

— A qualquer momento.

E então virou o resto.

* * *

O próximo lugar daquela noite estava ainda mais cheio, mais sujo e mais barulhento, e Andy mal percebeu essas condições, exceto pelo momento em que Kerri tentou puxá-la para a pista de dança e ela se recusou a sair do sofá, fingindo beber uma cuba-libre e observando Kerri dançar e pular ao som de música eletrônica zulu, o cabelo ruivo se derramando ao redor como um vulcão havaiano. Toda vez que um cara se aproximava e falava sabe-se lá o que no ouvido de Kerri, Andy ficava tensa por um minuto, tentando transmitir por telepatia uma mensagem para ele: *é doutora* Kerri para você, seu zé-ninguém, e não, ela não quer nada com você.

Então Kerri voltou a se sentar, o sorriso branco brilhando na luz negra, e elas continuaram a conversar.

— Era o sr. Magnus! Ele estava roubando os próprios barcos para receber o dinheiro do seguro! Quem suspeitaria?

— Não, os barcos foram na primavera de 1977! — insistiu Andy. — O capitão Al nos levou para mergulhar na Enseada Crab! A vez que passeamos de caiaque foi no caso do contrabando de ovelhas.

Kerri fez um esforço para lembrar.

— Puta merda, você tem razão! O lobisomem e seu esquema de contrabando de ovelhas!

— Dá pra acreditar que a gente tinha medo daquele cara?

— Nossa, cada bandidinho patético que a gente enfrentou... Quem é que faz contrabando de ovelhas, né?

— Ninguém, hoje em dia. Ficaram com medo desde que a gente deu uma dura neles.

— Sério, nós fizemos o índice criminal em Blyton Hills cair, tipo, noventa por cento. Pena que não passávamos o verão em Nova York, ou teríamos transformado o Bronx na Vila Sésamo.

Elas esperaram as risadas pararem, e Andy achou conveniente forçar outro gole de rum goela abaixo. Mordeu o lábio e comentou sobre mais um caso.

— A Mansão Deboën e o monstro do Lago Adormecido.

— Nosso último caso — comentou Kerri depois de uma pausa quase imperceptível. — Nossa, alguém deveria escrever um livro com todas as nossas histórias. *Os arquivos do Clube dos Detetives de Blyton*. As crianças iam adorar.

— Você nunca lia nada assim — zombou Andy. — Aliás, o que aconteceu com você, senhorita Ainda Não Estou Pronta Para Confrontar o Lobisomem Contrabandista de Ovelhas, Vamos Passar Mais Uma Semana na Biblioteca? Quer dizer que agora anda se jogando na pista de dança sozinha? Cadê seus óculos?

— Tá bom, tá bom... — Kerri a acalmou, se acomodando no sofá e apoiando a bota de camurça marrom na cadeira em frente para dar explicações. — Em primeiro lugar, lentes de contato. Em segundo... Bem, a faculdade me transformou.

— Mas a faculdade deveria ser o paraíso dos nerds!

— Ah, que linda você, tão inocente. — Ela deu um gole e acrescentou: — O que posso fazer? Eu mudei.

— Todos nós mudamos — concordou Andy.

Por um instante, o silêncio de alguma forma engoliu a batida ensurdecadora da música.

— Eu deveria ter ligado para você depois do que aconteceu com Peter — comentou Andy.

Dessa vez, a pausa foi bem clara. Então Kerri ergueu a garrafa.

— Dane-se. O mundo é dos vivos.

E terminou a bebida, enquanto Andy lutava para entender o significado daquele *carpe diem* mórbido.

* * *

O lugar seguinte era ainda mais apertado que a boate, não muito mais limpo, e surpreendentemente silencioso. Era o apartamento de Kerri.

Assim que ela trancou a porta, um vulto azulado, o cachorro, foi até elas como se fosse a trupe inteira dos Irmãos Marx.

— Eita! Acho que alguém precisa ir ao banheiro! — falou Kerri. — Eu mesma, no caso. Dá licença!

Ela entrou em uma porta na lateral, e Andy ficou lá com o cão de caça cinza-azulado tentando escalar sua perna.

— Esse... esse é o Roger?

— Está doida? — disse Kerri, fora de cena. — Esse é o Tim, filho do Roger.

Tim, três anos, de acordo com os registros da família Hollis, ao ouvir seu nome, se senta, tão alerta quanto suas orelhas caídas conseguem demonstrar, então parece dar a si mesmo um comando “descansar”, permitindo que a boca abra e a língua se desenrole, e se põe a ofegar, orgulhoso.

Mesmo sob o olhar treinado de Andy, Tim era exatamente igual a Roger, filho de George e neto de Sean. Sean, o que ficara famoso com o Clube dos Detetives de Blyton, morrera anos antes em Portland, mas já era avô mesmo na época em que acompanhava as crianças nas aventuras — o único adulto na equipe, fundador de uma linhagem. Todos tinham o mesmo tom cinza-azulado, o mesmo porte atarracado demais para os padrões da raça e a mesma energia enlouquecedora.

— Todos eles vêm da linhagem masculina?

— Não. George era fêmea, não lembra?

Uma descarga soou no banheiro, e Tim arrastou a guia da coleira para oferecer a Kerri no minuto em que ela saiu do banheiro, um ambiente tão grande quanto um caixão.

— Minha mãe mima demais esses cachorros. Adotei Tim na última vez que fui visitá-la em Portland para ensinar um pouco de disciplina a ele. — Ela prendeu a guia na coleira. — Vou dar um pulo lá embaixo. Fique à vontade. Tem uma garrafa de vodca em algum lugar.

— Estou bem.

— Não por muito tempo. A torradeira é o único aquecedor do quarto. Já volto.

Kerri e Tim saíram, e Andy deu uma olhada no apartamento austero, avaliando o limite tênue entre olhar e bisbilhotar. Provavelmente abrir gavetas era demais, mas só havia uma e já estava aberta. As roupas de Kerri estavam espalhadas no chão, brotando de uma mala vermelha escancarada. Andy conferiu a única prateleira e mal pôde acreditar no que viu: meia dúzia de livros, a maior parte ficção. Nem uma enciclopédia de bolso, nem mesmo um guia de observação de pássaros. As paredes no quarto de Kerri em Blyton Hills (o lugar mais incrível do universo) eram totalmente tomadas por estantes, coleções de borboletas e mapas de outros continentes. Os legais: África e Oceania.

Com cuidado, ela puxou a lombada de um dos livros, uma edição ilustrada de *As crisálidas*, de Wyndham — a mesma que Andy lera na infância em Blyton Hills, por recomendação de Kerri. Ela abriu o exemplar.

Um pedaço familiar de papel flutuou até seu colo. Andy ergueu o recorte de jornal delicadamente e o esticou sobre a capa do livro. Fazia quase três anos que ela não lia aquela matéria, mas ainda sabia de cor praticamente tudo que estava escrito.

DETETIVES ADOLESCENTES DESMASCARAM MONSTRO DO LAGO ADORMECIDO

Nancy Hardy/ Blyton Hills — Chegou ao fim, no último fim de semana, o terror causado pela “Criatura do Lago Adormecido” — a misteriosa figura que vinha assustando fazendeiros e campistas perto da nascente do Rio Zoinx. O mistério foi desvendado por um grupo improvável de heróis: quatro crianças e um cão.

Peter Manner (13), Kerri Hollis (12), Andrea “Andy” Rodriguez (12) e Nate Rogers (11), com seu cão de caça, Sean, foram responsáveis pela captura de Thomas X. Wickley, da Califórnia, que encenou uma antiga lenda indígena que se revelou parte de uma intrincada trama para roubar a histórica Mansão Deboën.

Uma lenda ressurge

Esta não é a primeira vez que o chamado Clube dos Detetives de Blyton resolve um caso que vinha deixando as autoridades locais desorientadas. O grupo passa as férias em Blyton Hills e ficou famoso na cidade por suas aventuras, que, em geral, resultam na prisão de malfeitores.

A recente aparição de um “monstro” perto do Lago Adormecido se tornou um assunto bastante comentado neste verão em Blyton Hills. “Rumores de criaturas do lago são antigos e comuns em qualquer corpo d’água”, diz o subdelegado W. Wilson, do Departamento de Polícia do Condado de Pennaquick. “Eu mesmo cresci ouvindo antigos contos dos Walla Walla, de espíritos aquáticos que se arrastam pelo litoral enevoado à noite. Mas quando caçadores começaram a encontrar rastros estranhos na lama, percebi que havia algo errado.”

“Tivemos que ver com nossos próprios olhos!”, exclamou com muita empolgação Nate, e o que esse verdadeiro pestinha tem de pequeno tem de corajoso. Porém, na primeira visita ao lago, as crianças encontraram mais que pistas: elas ficaram cara a cara com a criatura, que os colocou para correr. “Foi um baita susto!”

Detetives em ação

Para Peter, o mais velho da gangue e um líder natural, o mistério estava apenas começando. “Encontramos pegadas na floresta que pareciam levar para as minas rio acima. Isso pareceu esquisito: por que uma criatura do lago ia querer entrar em uma mina de ouro abandonada?”

Foi então que as crianças entraram em contato com seu antigo aliado, o capitão Al Urich, um veterano da reserva da Força Aérea que mora em Blyton Hills.

“Já tive o prazer de trabalhar com o Clube dos Detetives de Blyton e estou sempre à disposição quando eles precisam da opinião de um adulto ou simplesmente de alguém que saiba dirigir”, brincou o capitão.

Juntos, as crianças e o capitão Urich vasculharam a mata em torno do Lago Adormecido e das minas abandonadas. “Eu quero ser bióloga quando crescer,

então fiquei animada para dar uma olhada mais de perto nessa criatura”, disse Kerri, o cérebro da equipe. Mas as pistas indicavam algo mais perigoso que um monstro: “Nós fomos à biblioteca e descobrimos que as minas são ligadas à antiga Mansão Deboën. Todas as nossas descobertas apontavam para aquela casa.”

A casa no lago

Construída durante a Corrida do Ouro por um mercador e garimpeiro em uma ilha no Lago Adormecido, a Mansão Deboën é evitada há anos pelos locais, que nunca perdoaram o suposto envolvimento da família com pirataria e bruxaria. Histórias sobre assombrações persistem desde 1949, quando um incêndio destruiu parte da construção e forçou a família falida a vender a propriedade e se mudar para a cidade. A sra. Dunia Deboën, última da linhagem e principal suspeita no caso, se recusou a comentar a situação.

Ainda assim, quando os jovens detetives enfim decidiram investigar a casa, se viram em maus lençóis. “Nosso barco virou em uma tempestade e acabamos presos na ilha”, conta Andy, que, apesar de ser uma menina, nunca sentiu medo de se refugiar na casa mal-assombrada. “Percebemos que teríamos uma noite de arrepiar!”

No final, os quatro amigos não só enfrentaram os sustos da noite agitada como também prepararam uma engenhosa armadilha para o criminoso. Quando a polícia chegou à ilha na manhã seguinte, encontrou as crianças desaparecidas e seu cão de guarda com uma captura surpreendente: a criatura do Lago Adormecido desmascarada!

“Wickley tinha ouvido boatos sobre o ouro dos Deboën, perdido no subsolo da mansão, e usou o mito da criatura para afastar as pessoas enquanto procurava o tesouro”, explicou Peter, concluindo mais um caso do Clube dos Detetives de Blyton. Criminosos de Blyton Hills, fiquem atentos: as crianças voltam para o Natal!

Andy, com um gosto doce na boca, guardou o recorte entre as páginas e devolveu o livro à prateleira, tranquila. Aquilo era tudo o que ela queria encontrar.

Além de Tim. Tim era uma boa surpresa. As coisas estavam mesmo seguindo de acordo com o plano.

Kerri logo voltou com o cachorro, que correu para a torradeira que Andy havia ligado, enquanto a dona ia pegar a garrafa de vodca.

— Puta merda, que frio — murmurou ela, caindo na cama com a leveza do *Hindenburg* no espacinho entre Andy e a parede. — Pode tirar os sapatos, vamos fazer uma festa do pijama, como nos velhos tempos. Vamos construir uma cabaninha e perguntar para a bola mágica quem será nosso futuro marido.

— A gente nunca fez isso — resmungou Andy, desamarrando os coturnos. — Você se recusaria, não tem nenhuma precisão científica. Seria mais provável que tentasse me ensinar genética para determinar com quem poderíamos procriar para aumentar a probabilidade de termos filhos com habilidades de superdetetives.

— Bem, funciona com cães. Certo, Tim?

Tim espirrou de um jeito muito educado, bem Sherlock Holmes. Encostada na parede, Kerri tinha chutado para longe as botas de camurça. Bebeu alguns bons goles de vodca e ficou observando Andy tirar a jaqueta.

— Sabe, eu sempre ficava pensando que, na próxima vez que a gente se encontrasse, você teria virado um garoto.

Andy olhou para ela, nem tanto impactada, e respondeu, séria:

— Às vezes, eu ficava pensando que não haveria uma próxima vez.

— Merda — retrucou Kerri, a resposta de Andy aparentemente ignorada. — Desculpa. Não foi legal o que eu disse.

Ela acrescentaria “é o álcool falando”, mas já estava grandinha demais para colocar a culpa dos seus erros no ato de voluntariamente ingerir inibidor de verniz social líquido.

— Tudo bem.

— É porque você sempre pediu que a chamássemos de Andy e sempre quis andar com os meninos. Até gostava de ser confundida com eles.

— Eu sei.

— E hoje em dia, sabe, conheci coisas novas, pessoas novas... Uma vez conversei com um cara, um garoto bem gato, que tinha feito a mudança, e pensei... — Ela parou, erguendo as sobrancelhas, em dúvida. — Pareço uma ignorante falando?

— Você nunca parece uma ignorante.

— Deixa pra lá. Estou bêbada.

— Não tem problema. Eu também conheci coisas novas, fora da minha família cristã. Aprendi que tudo bem ser como eu sou. Não tem problema ser uma garota e gostar mais de calça jeans do que de vestidos, mais de bicicletas do que de bonecas.

Kerri ouviu, abraçando os joelhos junto ao corpo.

— A gente dificultava as coisas para você?

— Não — respondeu Andy, séria. — Vocês eram ótimos.

Uma lembrança pareceu passar diante dos olhos de Andy, mas ela a afastou para longe, junto com a franja caída no rosto.

— Mas eu bem que poderia ter matado Joey Krantz em mais de uma ocasião.

Kerri riu.

— Joey. Que babaca. Enchia o saco. Você sabe que era tudo inveja, né? Ele chamava você de machona porque queria andar com a gente.

— Não, ele me chamava de machona porque eu era machona. Algumas pessoas são assim, precisam dizer o óbvio.

— Ah, dane-se ele. — Kerri pulou Andy para ficar com o lado de fora da cama, como uma boa anfitriã, e se enfiou debaixo do cobertor, gesticulando para que Andy fizesse o mesmo. — Pega aquela manta. Você pode tirar a calça, mas não recomendo. Aqui fica tipo o Alasca de manhã.

— Elas se entreolharam por um segundo. — Você já esteve no Alasca, né?

— Já.

— É, lembrei agora. Guardei seu cartão-postal em algum lugar. Tá, talvez não seja tipo o Alasca — retrucou ela, se esticando para jogar o casaco por cima de Tim, que se enrolara no canto em sua cama improvisada de papelão. — Já dormimos em lugares piores, né?

Andy olhou para a cama estreita de metal, o cobertor de lã áspero, o corpo sinuoso de Kerri na camiseta de raglan.

— Eu já.

— Você ainda tem que me contar o que andou fazendo esses anos todos, não pense que eu esqueci — comentou Kerri, ajeitando o cabelo para dormir. — Quanto tempo vai ficar por aqui, aliás?

Andy ainda não havia deitado. Estava apoiada no cotovelo enquanto sua mão tinha ido parar, contra a sua vontade, no quadril de Kerri. Quadril que gritava pela atenção de Andy feito uma criança no trampolim chamando a mãe.

— Não vou ficar — respondeu Andy. — Na verdade, nós não vamos ficar.

— Ah, é? E para onde vamos?

— Blyton Hills.

Kerri deu uma risada.

— Blyton? Vai castrar Joey Krantz também?

Ela esperou que Andy risse, mas foi em vão.

— Está falando sério? — perguntou. — Andy, faz anos que não vou lá. O tio Emmet morreu, a tia Margo se mudou para Portland. O que a gente vai fazer lá?

Andy não respondeu de imediato. Nessa pausa, se deu conta de que a noite ficara incrivelmente silenciosa, e as noites nas cidades grandes nunca eram assim. Foi quase como se não houvesse uma cidade grande do lado de fora da janela escura, e aquele cômodo, o único pedaço do universo que tinha restado, estivesse flutuando no vazio. Só as paredes descoloridas, as pilhas de roupas, uma torradeira, uma garrafa de vodca, um cachorro astronauta, e Kerri e ela, na cama, vestidas, viajando pelo espaço.

Sussurrar pareceu apropriado.

— Kerri, você não acha... que a gente deixou algo inacabado por lá?

A barreira de álcool sobre os olhos de Kerri impediu que qualquer reação aflorasse.

— Como assim?

Andy tentou mudar de posição na cama estreita.

— Desde que Peter morreu, tenho pensado sobre a última vez que estivemos lá todos juntos, nós cinco. E... acho que quero voltar. Quero

voltar à Mansão Deboën.

— Pra quê?

— Você sabe — respondeu Andy, como se Kerri soubesse mesmo. — Dar uma olhada no caso do Lago Adormecido.

— Mas a gente resolveu o caso. Era o sr. Wickley. Ele mantinha as pessoas longe enquanto procurava pelo ouro dos Deboën.

— Na verdade, não, eu falei com ele...

— *O quê?* — O itálico irrompeu destruindo a barreira do álcool. — Você falou com Wickley? Você foi na prisão falar com ele?

— Sim, quer dizer, não, eu esperei ele sair, mas...

— Você encontrou Wickley? Ficou doida? Ele é um criminoso!

— Ah, por favor! — disse Andy, bufando. Por um momento ela considerou contar como tinha sido o encontro, mas logo percebeu que nada naquele episódio iria depor a seu favor. — Olha, eu tinha que falar com ele. Eu tinha que falar com alguém. A gente nunca conversou sobre aquele caso.

— Conversar mais o quê? Nós pegamos a criatura, era um cara usando uma máscara.

— Não era — retrucou Andy, quase dolorosamente. Era tão óbvio para ela! — Quer dizer, por acaso tinha um cara usando uma máscara lá, e nós o prendemos. Mas estava acontecendo mais alguma coisa naquela casa, Kerri. Pelo amor de Deus, você sabe disso.

— Andy, a gente resolveu o mistério! Saiu no jornal!

— Eu sei, também conheço aquela matéria de cor! “Rastros na lama”? “Aparições de um monstro”? Mas e o cervo morto?

Kerri hesitou, então retrucou, sem nem tentar sorrir:

— Urso?

— Não tem ursos em Blyton Hills! Você acha que se tivessem que se preocupar com ursos rondando a área as pessoas teriam tempo para inventar histórias sobre criaturas do lago? E aquele cadáver enforcado?!

— Caramba, Andy, era um jornalzinho local. Acho que seria macabro demais para aparecer no *Diário de Pennaquick*!

— É a casa? O pentagrama? Os caixões vazios? Os símbolos desenhados com sangue?

— Era tudo falso! Wickley inventou a assombração da Mansão Deboën para incriminar a sra. Deboën!

— Kerri, dá um tempo, para de fingir que esqueceu aquela noite! Não se lembra de quando eu encontrei você no porão? Quando a gente se trancou na masmorra? As coisas do lado de fora, arranhando as paredes? A gente ficou abraçada, suando frio, tremendo, meu Deus, a gente estava em pânico! Você quer que eu acredite que o idiota do sr. Wickley fez aquilo? Que um cara com uma máscara nos fez chorar?

— Então é essa a questão? — Kerri se arrependeu assim que falou, mas já era tarde demais. — Andy, sinto muito se a fachada de durona que você impôs a si mesma foi derrubada naquela noite, mas eu não vou voltar para Blyton Hills porque um doido varrido feriu seu ego!

— Você está falando merda! — Os sussurros deram lugar a gritos. — Não era um doido varrido! E aquelas coisas não eram falsas! Eu sei o que vi! Todos nós vimos!

— A gente estava com medo!

— A gente está com medo! Vivemos com medo desde aquela época! Nunca mais voltamos para Blyton Hills. No ano seguinte, inventamos uma desculpa para ficar na sua casa em Portland e nem conseguíamos olhar um na cara do outro. E Sean, o seu Sean, bisavô do Tim, ficava latindo para nós, tentando nos acordar, como se dissesse: “Mas o que vocês estão fazendo aqui? Por que não estamos naquela casa, resolvendo o verdadeiro mistério?”

— Porque nós crescemos!

Daí em diante as coisas foram por água abaixo, percebeu Tim, vendo as garotas na cama (não mais deitadas, e as cobertas, atiradas para longe fazia tempo), um olhar chateado de “Meus pais estão brigando” no semblante byroniano.

Kerri respirou fundo, cansada e triste.

— Nós crescemos, Andy. Cada um foi para um lado. É a vida. As pessoas crescem, fazem novos amigos, se afastam dos antigos. Não dá para passar a vida toda em Blyton Hills, perseguindo ladrões de ovelhas e criaturas do lago. — Ela jogou o cabelo ruivo para trás, parecendo exausta. — Sinto muito, Andy. Eu não vou voltar.

Ela se deitou e apagou a luz. A resistência da torradeira emitia um brilho amarelado no escuro, uma versão meio capenga mas bem-intencionada de uma lareira.

Andy olhou para Tim, o perfil do cachorro iluminado pela luz quente. Eles se entreolharam em silêncio por alguns minutos, até que o cão considerou de bom tom baixar a cabeça, fechar os olhos e fingir dormir.

Na escuridão amarronzada, Kerri murmurou:

— Você pode tirar o braço de cima de mim? Estou me sentindo meio sufocada.

A mão direita de Andy enviou uma mensagem urgente ao cérebro: *Fomos localizados*. E se retirou.

Ela mudou de posição e tentou deitar de barriga para cima no espaço apertado entre Kerri e a parede, certificando-se de não tocar nem em uma nem em outra. Andy tentou engolir algo entalado na garganta, com cuidado para não fazer barulho, e manteve os olhos bem abertos.

O quatinho voou pelo espaço, envolto em um silêncio zero Kelvin.

* * *

Muitas horas ou anos-luz depois, Kerri a sentiu de novo, o toque suave de penugem às costas que não a acordou, mas serviu como uma lembrança gentil do mundo que havia além do seu corpo.

Ela sentiu o próprio braço esquerdo, amassado em uma posição desconfortável, mas dormente demais para ficar dolorido, e o direito, pendurado para fora da cama. Ela sentiu o calor quase excessivo do lado iluminado pela torradeira e o frio no outro. Sentiu a zona intermediária que cruzava o antebraço como o paralelo de Greenwich de Eternia. Ela imaginou a aura amarelada da torradeira pela pálpebra fechada e Tim deitado por perto.

As lembranças amargas da discussão começaram a voltar quando algo inesperado aconteceu: um segundo toque. Daquela vez era consciente, a mão de Andy passando pela lateral do seu corpo como uma pétala. Kerri se concentrou no corpo atrás dela, os miniterremotos que causava no colchão. E sorriu internamente, pois seus lábios estavam adormecidos demais para se dar a esse trabalho, mas ela percebeu o toque de Andy, que meio sem jeito tropeçava nas dobras da camisa apertada, descendo até a cintura onde a camiseta acabava.

Foi aí que ela percebeu. O gelo.

De repente, Kerri se perguntou se Andy estaria com as mãos geladas por estar distante da torradeira ou se era possível que aquela fosse mesmo sua temperatura corporal; a mão percorreu sua pele e então hesitou no cóis do jeans, e não retomou o caminho por cima das roupas, mas sim por baixo, e os pensamentos de Kerri aceleraram, questionando como ela deveria reagir, porque a mão estava descendo pela barriga e passando um dedo, liso e frio, explorando, vagando pela coxa e pelo abdome, enfiando-se com facilidade por baixo da calcinha. Uma unha longa tocou seus pelos, e outro dedo e outro e outro em seguida, rápido demais, apertando as pernas, gelados, em carne-viva, afiados, fechando-se em um toque tão gelado que chegava a queimar, pronto para agarrar sua virilha e arrancar seu útero *grite agora!*

O berro acordou cada célula dos corpos naquele quarto. O dela, o de Tim e o de Andy, que na mesma hora agarrou Kerri pelos ombros e a sacudiu até que o sonho a libertasse.

— Kerri! Kerri, lembra!

Ela lutou para se soltar, cega pelo pânico.

— Sou eu! — insistiu Andy. — Kerri, eu sou de verdade! Sei como é. Olha pra mim, eu sou de verdade! Você está bem!

Ela estava.

Kerri percebeu as mãos que seguravam seus pulsos pálidos. Eram fortes e quentes, uma paisagem de veias e uma cordilheira de ossos. Ela enxergou cada detalhe com uma precisão espantosa, cada pelo milimétrico nas patas de Tim apoiadas na cama e as vozes dos dois — os latidos de Tim em uma tentativa ridiculamente fofa de acalmá-la e as palavras de Andy, aos poucos conseguindo. Ela reconheceu o quarto no escuro, o brilho amarelado da torradeira, cada lixo largado no chão, os olhos consternados de Tim e os escuros e determinados de Andy, a centímetros dos seus.

No segundo seguinte, a barreira se dissolveu. Seu peito cuspiu soluços intensos e dolorosos.

Andy soltou os pulsos dela e tentou segurar seu rosto, mas Kerri se afastou, se escondendo sob os lençóis.

Andy ficou parada. Não via Kerri chorar desde que eram crianças. E mesmo na época já ficava constrangida quando isso acontecia. Tim também, pelo visto. Por fim, decidiu encostar em Kerri, por cima do cobertor.

— Kerri, temos que colocar um fim nisso. Você não pode continuar assim. Essa história nos destruiu.

Ao dizer isso, ela apontou para o quarto, e para todo o restante na vida de Kerri.

— Você ia ser uma cientista. Numa hora dessa, deveria estar na floresta amazônica, catalogando e batizando novas espécies de borboleta em nossa homenagem. Não vamos ter paz até resolvermos isso.

Kerri estava encolhida em um canto, escondida atrás dos joelhos, o cabelo ruivo terrivelmente revolto.

Andy viu a Kerri Hollis de doze anos na forma como ela secou os olhos, assoou o nariz e tentou ser forte.

— Eu não quero voltar — sussurrou.

— Kerri, a sua resistência em voltar já prova que é o que temos que fazer — murmurou Andy, reconhecendo uma doçura na voz que não usava havia pelo menos treze anos. — Você estaria com medo de voltar ao lugar em que passou os melhores dias da sua vida se realmente tivéssemos prendido o bandido?

Kerri se escondeu.

— Prefiro pensar que aquilo acabou bem.

— Mas não acabou! — explodiu Andy, a doçura perdida para um tom acalorado. — Olha só pra gente! Olha o nosso estado! Eu queria que tudo tivesse acabado bem e que a gente tivesse resolvido mais casos, e que de alguma forma nossas aventuras da adolescência tivessem evoluído para uma série de TV feliz da nossa vida adulta com todos nós sorrindo para a câmera e cada cena começando com um enquadramento distante de uma casa enorme com jardim e uma piscina com um saxofone idiota

ao fundo tocando *dibiddyawahwawah*, mas não foi o que aconteceu! Peter morreu, Nate está no hospital psiquiátrico, você mora neste buraco, eu estou ficando psicótica e até o cachorro sabe que ainda tem coisa mal resolvida nessa história!

Nova York havia surgido novamente na janela, cuspidando fumaça e pedindo café.

Kerri e Tim ficaram observando Andy ofegar. A escuridão do futuro imediato escorria como salitre das paredes.

— Tá, eu sei — sussurrou Kerri. — Tem alguma coisa nessa história. Não dá mais para ignorar isso. Mas por que nós temos que resolver? Por que nós?

Andy se sentou de novo, a mão geniosa segurando a de Kerri, retornando ao tom de voz doce.

— Porque nós somos o Clube dos Detetives de Blyton. CDB para sempre, lembra? É a nossa missão. Ajudamos as pessoas, pegamos os bandidos, resolvemos os problemas. Não me lembro de ser boa em qualquer outra coisa. Quer saber o que fiz nos últimos cinco anos? Trabalhei como cozinheira, taxista, soldadora, maquinista, cadete da Força Aérea, e fui um fracasso em tudo isso. Então vou voltar a fazer o que sei fazer, e você e Tim vêm comigo.

Tim se levantou de novo, ofegando com a perspectiva de entrar em ação.

— Posso dormir mais um pouco antes de ir? — sussurrou Kerri.

— Tá bom — respondeu Andy, se deitando de novo e puxando as cobertas. — Mas não por muito tempo. Temos que pegar seu primo Nate no Arkham.

— Eles estão por perto — disse Xira, limpando o sangue de warg da lâmina do machado. — Temos de chegar à cidadela de Acteon primeiro.

— Vamos pela floresta — sugeriu Adam.

— Vamos pela floresta — disse a princesa Irya, fiel escudeira de Xira.

— Você sabia que eles fazem sangue de warg com xarope de bordo e corante roxo? — comentou Ethan, mas ninguém deu ouvidos. — Até que fica bem gostoso.

— Vá! O sol está se pondo — ordenou Xira, pulando as carcaças e indo em direção ao pôr do sol de Bierstadt, que brilhava rubro no rosto cheio de espinhas de Adam, a centímetros da tela.

— Que programa idiota! — reclamou Craig da poltrona.

Todos os lugares da sala tinham sido estrategicamente divididos entre os moradores fazia tempo, basicamente através de acordos tácitos milenares entre os anciãos, com ocasionais renegociações que envolviam algumas briguinhas amigáveis. O conjunto de duas poltronas com estampa outonal ficava para pessoas de quem ninguém gostava; era o caso de Craig. O Velho Acker ganhara a cadeira de balanço. A *chaise-longue* no canto era dos catatônicos. O sofá era tipo uma zona desmilitarizada da ONU, uma Jerusalém acolchoada que membros de diferentes credos dividiam relutantemente no período entreguerras. Qualquer um que se importasse de verdade com a programação da TV tinha que abrir mão do lugar e sentar-se na primeira fileira do piso de linóleo.

— Adam — convocou a enfermeira Angela, começando a chamada para a medicação das quatro horas.

Ela se aproximou do menino gordo apático na frente da TV, colocou um comprimido vermelho e branco na boca aberta dele, empurrou o queixo para fechá-la e seguiu para o próximo. Adam sabia de cor todas as falas de *Xira, a princesa guerreira*. Ele gostava de repetir as falas de Irya.

— Kimrean.

— Eeeeeeu! — comemorou o hermafrodita esquizofrênico deitado no sofá.

— Sabia que esse estava entre os dez piores episódios da série na opinião de Linda Hamilton? — comentou Ethan, colocando as pernas de gafanhoto de Kimrean no colo. — A filmagem foi muito difícil.

— Como você sabe? — perguntou Kimrean com um interesse infantil.

— Ela me contou.

— Ah, até parece! — duvidou Craig, se levantando da cadeira e recebendo uma advertência da enfermeira-chefe: um ruído nasalado que

uma dona de casa de sitcom faria. — Estou de saco cheio disso! Então Linda Hamilton contou pra você. Isso foi quando você foi o acompanhante dela no Globo de Ouro?

— Foi antes — retrucou Ethan, sem se abalar. — Ainda não estávamos namorando oficialmente.

— Você namorou Linda Hamilton? — perguntou o hermafrodita, surpreso, encarando-o com seus olhos descombinados, castanho e verde.

— Namorou nada! — gritou Craig, tão alto que quase recebeu uma segunda advertência. — Meu Deus, vocês me enlouquecem. Eles não querem que a gente melhore, só querem prender a gente aqui! Como esperam que os pacientes melhorem se colocam os mentirosos compulsivos perto dos únicos caras idiotas o suficiente para acreditar nessas besteiras? *(Ao seu lado, a enfermeira lhe entrega um copo.)* Não, o dr. Willett cortou esse remédio ontem; a Belle sabe. Fala pra ela, Belle. *(Ele continua, sem se abalar.)* Eu sou obrigado a ficar ouvindo esses surtos coletivos o dia todo! Esse idiota namorou Linda Hamilton, aquele outro conheceu Peter Manner, você transou com Patty Hearst... Todo mundo aqui é tão bem-relacionado, pena que é tudo mentira!

ADAM: Uma tempestade se aproxima, Xira.

CRAIG: Cala a boca!

— Eu transei com Hearst? — perguntou Kimrean a si mesmo, e então lembrou: — Ah, é verdade, transei mesmo.

— Rogers.

A enfermeira se aproximou da segunda poltrona, onde Nate estava sentado, ou melhor, deitado, um cigarro entre os dedos magros enrolados em Band-Aids. Ele pegou o copinho, engoliu os comprimidos, abriu a boca em uma demonstração preguiçosa para a enfermeira e continuou fumando, tudo isso sem mexer quase nenhum músculo.

A enfermeira, uma jovem recém-formada, se abaixou até pertinho dele.

— Você conheceu Peter Manner mesmo?

— Sim, conheci — disse Nate com um bocejo. — Ele era meu melhor amigo.

— Sério? — sussurrou ela, animada. — Eu adorava o personagem dele naquele filme com Shannen Doherty. Era apaixonada por ele! Vocês estudaram juntos?

— Não, ele era da Califórnia. Eu cresci no Oregon — disse ele, cansado de tanto repetir aquela história, as palavras cascadeando dos lábios ressecados. — Nós nos conhecemos no acampamento de verão e depois passamos todas as férias juntos na casa da minha tia Margo em Blyton Hills: minha prima, Kerri, a amiga dela, Andy, Peter e eu. A gente acampava, escalava, pescava e se metia em confusão todo ano, nas férias.

Nate falava em voz baixa, para não encher quem já conhecia a história, mas por algum motivo todos prestavam atenção. Craig se levantou, tenso

e cético, a sobranceira erguida.

— Ele era tão talentoso — comentou a enfermeira. — Mas e aí? Você continuou vendo Peter depois dessa época?

Nate a encarou.

— Vejo até hoje.

Todos na sala bufaram, sem levá-lo a sério, enquanto *Xira* ia para os comerciais.

* * *

Tim estava a uns bons quilômetros atacando o apoio de braço do banco. No carona, Kerri apoiava a cabeça na janela, como um robô quebrado, o olhar perdido acompanhava o asfalto passando rápido lá fora.

— Preciso ir ao banheiro — comentou ela.

— Agora? — Andy deu uma olhada rápida em Kerri. — Não faz nem uma hora que você foi.

— Preciso ir de novo.

— Dá pra fazer ali no matinho?

— Não. É número dois.

— Mas era número dois da última vez também.

— É verdade! Bem observado, Inspetora Bostalheia da Polícia Retal. Você me pegou!

— Eita, tá bom, cruces.

Andy também estava inquieta. Nem tanto pelo destino, mas pela jornada em si, bem em termos confucianos. Coisas ruins só se tornam insuportáveis quando comparadas às expectativas; Andy tinha aprendido, durante seu tempo de estrada, a sempre manter pouca ou nenhuma expectativa, e assim ela suportava o que desse e viesse sem demonstrar muito sofrimento. Uma viagem de carro com Kerri, porém, era um dos poucos cenários que ela se permitira fantasiar nos últimos anos. É claro que, nos seus sonhos, o rádio funcionava, o carro sem dúvida era melhor que um Chevrolet Vega Kammback de 1978, e o destino, embora indefinido, com certeza não era um hospital psiquiátrico em Arkham, Massachusetts. Aliás, qualquer lugar de Massachusetts estaria fora de questão.

Sem contar que não haveria pânico, terror e apocalipse à espreita no futuro próximo.

Foi só entrar em Connecticut que o clima no carro começou a imitar a paisagem de concreto e mato ao longo da rodovia: lúgubre e irreparável. As poucas palavras que trocavam só faziam Kerri se irritar cada vez mais. Andy havia tentado amenizar o mau humor comprando lanches e doces na primeira parada para abastecer, mas acabou se dando conta, ao voltar

para o carro, de que nenhuma das duas estava com fome. Uma bagunça de embalagens plásticas constrangidas cobria o painel, como convidado depois de uma festa na piscina que terminou em afogamento. Tim foi o único que se beneficiou daquelas compras, o que explicava por que ele começara a pular como louco do banco traseiro para o porta-malas e destruir o estofado como um dingo demoníaco com overdose de açúcar.

— Dá pra mandar ele parar? — implorou Andy.

Kerri olhou pelo retrovisor.

— Tim!

Na mesma hora, o cachorro se sentou, empertigado como um deus chacal egípcio, lançando um olhar de Exterminador do Futuro anunciando que voltaria.

— Obrigada — falou Kerri.

Andy sorriu ao ver pelo espelho retrovisor o cachorro nervoso farejando outras possíveis partes do carro para mastigar.

— Você é uma ótima dona.

Kerri roía a unha, ainda olhando para a calçada. Seu cabelo estava tirando uma soneca desde cedo.

— Kerri... eu também estou com medo, tá bom?

— Se você diz. Mas sou a única que preferia estar usando uma fralda geriátrica no momento.

— Olha, não vai ser como antes. Vamos estar eu, você, Nate e Tim. Juntos. O tempo todo. Sem aquela bosta de “Vamos nos separar” que o Peter sempre inventava. — Andy sentiu um peso na consciência por mal ter assumido a liderança e já estar criticando as estratégias de Peter, mas dane-se. — E olha para nós, somos adultas agora, certo? Estamos mais preparadas, temos até um carro. Não estamos mais de bicicleta; se der merda, é só entrar no carro e cair fora. — Ela não havia pensado nisso antes, mas era a mais pura verdade. Deu um tapinha no volante, não muito forte, porque o Chevy Vega podia se desfazer a qualquer momento. — Cara, a cidade inteira vai estar diferente. E vai parecer menor também. Você vai ver. Lembra como a Mansão Deboën parecia imensa? Aposto que, quando colocarmos os pés lá, vamos nos perguntar como ficamos com medo daquela cabaninha mequetrefe. Cara, até o lago vai parecer uma poça, quer ver só?

— Duvido. É o segundo lago mais profundo do continente americano, só perde para o Lago O’Higgins, no sul do Chile.

— Sério? É tão fundo quanto, sei lá, o Lago Superior?

— Duas vezes mais. — Kerri se remexeu no banco, sem tirar os olhos do asfalto embaçado. — Era uma espécie de vulcão que desabou, e o Rio Zoinx encheu a cratera de água. O resto do rio desapareceu séculos antes de o espaço ser preenchido.

— Tá vendo? E dessa Kerri Hollis que a gente precisa! — falou Andy, rindo da timidez instantânea da amiga. — Kerri, a Enciclopédia. “O cérebro da equipe.”

— Afff. Você se lembra disso.

— Claro que sim. Foi mal, dei uma fuçada no seu apartamento ontem à noite e vi que você também guardou o *Diário*. O meu deve estar em algum lugar em Tulsa. Pelo menos você ganhou um apelido legal.

— Ah, ela meio que deu um apelido pra você também. Você não tinha medo “apesar de ser uma menina”!

Elas recitaram aquelas palavras em uníssono.

— Valeu por me lembrar desse detalhe — comentou Andy. — Dá para acreditar que uma mulher escreveu aquilo?

Kerri olhou para ela com afeto — o primeiro gesto carinhoso desde que atravessaram o Rio Harlem.

— Você sabe que era para ser um elogio, não é?

Andy fez um baita esforço para manter a concentração na estrada.

— Cara, por que Nate foi parar em Arkham? Por que tão longe de casa? A mãe não gosta dele?

— Ele que se internou lá. Também já é grandinho, sabe. E não mora mais com a mãe. Ele é que não gosta dela.

Um trailer ultrapassou o carro delas, roncando.

— Você já o visitou?

— Em Arkham, não. Fui quando ele estava no outro lugar, mais para o norte, o Hospital McLean ou algo parecido.

— Por que ele faz isso? Por que fica se internando?

— Ele gosta. Diz que é como tirar férias. Nate passa o tempo todo com a cara enfiada em livros de fantasia e computadores.

— Por que ele não sai um pouco?

— Ah, você sabe. Ele não gosta de gente. — Kerri ficou em silêncio por um instante. — Sempre teve uns problemas.

Andy esperou explicações e, por fim, perguntou:

— Que tipo de problemas?

— Você sabe. — Kerri desviou o olhar de novo. — Família desestruturada. Pai ausente, mãe alcóolatra. Era por isso que a tia Margo o levava para a casa dela durante as férias. Ele tinha crises de depressão. Sofria bullying na escola. Esse tipo de coisa.

— Sério? Ele parecia bem quando estava com a gente.

— É. A gente era incrível.

Andy deu uma olhada atenta na estrada à frente e percebeu que havia mais uma parada depois da próxima saída.

— Ainda precisa ir ao banheiro?

Kerri avaliou sua situação intestinal.

— Não. Estou bem. Mas um cigarro cairia bem.

Andy achou que a nicotina a ajudaria a relaxar, então encostou.

* * *

Elas pararam perto da rodovia, com somente uma faixa estreita de vegetação incrivelmente resiliente separando-as do fluxo de carretas de nove eixos. O mundo era amplo, plano e cheirava a combustível. Era basicamente cinza, úmido e feio. Porém, nos últimos minutos as nuvens estavam se dissipando em fragmentos azuis, e raios de sol atingiam o chão em ângulos inusitados, criando efeitos de *chiaroscuro*, reluzindo na lataria laranja e úmida de orvalho do Chevy Vega, dando ao carro um carisma digno de um personagem secundário.

Andy saiu e tocou o asfalto com os dedos. Sempre gostou do clima desses lugares transitórios. Eles agradeciam qualquer atenção. A luz do sol pintou a cena com detalhes inesperados: as folhas de grama lisas, a pele da mão de Andy.

Tim escapou do carro logo atrás de Kerri e correu tão ávido pela liberdade quanto um lobo solto na natureza para repopular a Nova Inglaterra. Ela gritou o nome do cachorro, mas não adiantou.

— Meu Deus, se essa energia pudesse ser aproveitada... — reclamou, depois se virou para Andy. — Tenta evitar que ele, sei lá, vire selvagem, coma criancinhas e ouça músicas satanistas.

Kerri foi para o minimercado, abandonando Andy em suas tentativas de imitar o tom militar da amiga ao chamar o cachorro. Tim mal havia se acostumado a Andy, mas até então tinha demonstrado respeito. Antigamente, Sean obedecia a todos no grupo, mas era com Kerri que de fato se entendia. Andy ainda precisava conquistar Tim.

O Weimaraner só ressurgiu quando teve vontade, ainda correndo, as orelhas batendo ao vento, a expressão enlouquecida, com uma postura bem distante de “aguardando ordens”.

Andy se ajoelhou, estendendo a mão. Tim se aproximou para cheirá-la, mas, ao perceber que ela não tinha nada de importante para dizer, se afastou de novo.

— Ei, Tim! Volta aqui! Volta!

Ele voltou correndo, dedicando sua atenção passageira a cada pedrinha no caminho. Andy estava procurando nos bolsos algum petisco para oferecer quando seus dedos encontraram algo ainda melhor.

Ela fez uma autoavaliação rápida da sua saúde mental: apesar do mau humor e do apocalipse iminente, ela se sentia bem desde que havia reencontrado Kerri. Talvez fosse a hora de passar adiante o artefato que a fazia se sentir tão segura.

— Vem aqui, garoto. Vem cá.

Ela se ajoelhou para que o cachorro percebesse que estava falando com ele, esperou Tim se aproximar e então jogou o pinguim perto de suas patas. O sol logo o focalizou com holofotes em alta definição.

Tim farejou a novidade, investigando se era de comer. Então Andy se esticou e apertou o brinquedo, que apitou.

O cachorro deu um passo para trás, com a expressão de um lorde inglês do século XVIII que havia acabado de encontrar um viajante do tempo.

Passou mais dois minutos farejando o pinguim de todos os ângulos possíveis, depois aprendeu a fazer o brinquedo apitar batendo nele com a pata, pulando nele com as outras, até por fim abocanhá-lo e entrar no carro de novo.

Kerri voltou pouco depois, um cigarro nos lábios, o cabelo cor de calêndula comemorando a nova luz.

— Sabe, olhando de frente, ele quase se passa por um carro esporte, tipo, de longe — Ela parou a alguns metros do veículo e inclinou a cabeça. — Não de perfil. De perfil parece um rabecão para anões. Ficaria legal com uma listra preta na lateral.

Então Kerri olhou para dentro do carro. Tim, deitado no banco traseiro estreito, fez o pinguim entre as patas apitar, lançando para a dona um olhar de órfão dickensiano: *Podemos ficar com ele, mamãe?*

— Você deu um brinquedo de apito para ele? — perguntou Kerri.

— É, era o meu brinquedinho... antiestresse, sabe como é... Achei que poderia ajudá-lo a se concentrar.

Elas se entreolharam, até Andy desistir e se enfiar no carro.

— Quer dizer que você é estressada... — disse a ruiva, entrando no carro também.

Não era tanto uma pergunta, parecia mais que estava reunindo evidências.

— Não é estresse, é só... — Andy colocou o cinto de segurança e desistiu do que ia falar, mudando a frase no meio do caminho: — Eles acham que tenho comportamentos agressivos.

— Ah. Espero que você tenha mandado as bolas deles para a estratosfera depois desse diagnóstico.

— Não podia — respondeu Andy, imune ao sarcasmo. — Foram os médicos do Exército.

— Militares acharam seu comportamento agressivo — falou Kerri. — Que coisa, não?

* * *

Xira, a princesa guerreira, tinha chegado à cidadela de Acteon no tempo exato dos intervalos comerciais, e Adam mandou Craig — que tinha começado a reclamar das aventuras sexuais nada plausíveis de Kimrean — calar a boca. Nate não partilhava da paixão de Adam por *Xira*, mas achava divertido. Sem contar que aquele fanatismo de Adam era por si só bem reconfortante se comparado à nada esquisita predileção de Nate por histórias de espadas e magia. Esta era basicamente a vantagem de estar internado em um hospital psiquiátrico: conviver com pessoas mais malucas que você ajuda a colocar as coisas em perspectiva.

— Então, Blyton Hills — comentou o Velho Acker.

Ele tinha acabado de se sentar na poltrona ao lado de Nate, a voz rascante se emaranhando aos fios da barba branca. Nate deu uma olhada no velho, a surpresa se manifestando com um leve franzir da testa, como exigido pela sua persona de interno veterano. Aquela era claramente uma violação da Convenção de Genebra dos assentos do local.

— É — respondeu ele.

— Fica na Costa Noroeste do Pacífico, nas Cascatas — continuou Acker, vislumbres da sua vida acadêmica passada se revelando. — Perto do Lago Adormecido, certo?

— Isso — retrucou Nate, dando mais uma tragada.

— Na área que a tribo dos Walla Walla chamava de Terra das Sombras Mortais.

— Acho que até eles concordam em chamar de Oregon hoje em dia.

— Mencionada por Simón de Urribia no *Livro do último mundo*, cujo tradutor americano foi queimado durante os julgamentos das bruxas de Salém.

— Meu Deus, por que as pessoas têm que enfiar Salém em todas as histórias de terror? — reclamou Nate. — Tipo, sei lá, você está sugerindo que alguma coisa demoníaca aconteceu de verdade em Salém? Porque, sinto informar, mas era só um bando de cristãos fanáticos queimando mulheres por pura babaquice. Vamos parar de dar crédito àqueles idiotas.

Acker, que aparentemente não tinha prestado a mínima atenção em nada do que ele disse, continuou:

— Chamada de Mar de Yottha no *Necronomicon*.

A última lufada de fumaça saiu da boca de Nate às pressas, fugindo do silêncio constrangedor.

— Esse livro não existe.

Acker não respondeu. Em vez disso, sempre naquele ritmo de avô, tirou do bolso da camisa um giz de cera roubado da sala de artes, pegou um jornal da pilha e começou a desenhar nas margens da notícia. Primeiro fez dois riscos simples, que depois viraram uma estrela de cinco pontas. Nate observou com um desinteresse fajuto enquanto o desenho ganhava ramos longos e angulosos, espirais tortuosas e setas perfurando a

figura original, deixando o som da TV em segundo plano, escurecendo o ambiente, parando o tempo e fazendo o coração de Nate de repente adiar a próxima batida.

O Velho Acker largou o giz. Nate obrigou a garganta a engolir em seco.

— Isso é invenção — argumentou. — É de um conto de Clint Sorhein de 1959 chamado “O portão secreto para Kathom”.

— Não é daí que conheço — falou Acker brincando, a mão enrugada apontando a barba e o uniforme amarelo dos pacientes do Arkham. — Pode ter certeza de que não foi lendo ficção científica que vim parar aqui.

Ele olhou por cima dos óculos no fundo dos olhos de Nate.

— Você já viu esses símbolos. Já estive lá. Existem coisas vivendo no fundo daquele lago, embaixo das montanhas. Coisas antigas e malignas que nunca receberam a bênção da morte dos seus deuses cruéis.

Nate suspirou, tentando com todas as forças fazer uma expressão de *Cara, estou cercado de gente doida* para disfarçar seu terror bastante verdadeiro.

— Você os viu, como os índios viram, roubando do mundo que um dia dominaram. Você sentiu, nas profundezas da água, o sono pesado da plácida monstruosidade que chamam de Pai, sussurrando o seu nome.

— Rogers.

Nate voltou a si na sala de estar do hospital psiquiátrico, mergulhada em um silêncio sem precedentes. Toda a atenção dos internos estava concentrada no corredor atrás da enfermeira Angela.

— Você tem visitas — anunciou ela.

— Uuuuuuh, garotas! — comentou Kimrean.

Kerri deu uma olhada na sala sem graça.

Sentado em uma poltrona antiquada, vestido de amarelo, Nate Rogers, vinte e quatro, olhos azuis cafeinados e cabelo louro raspado, olha para ela, segurando o fantasma cinza de um cigarro entre os dedos.

— Oi, Nate.

Cada um dos malucos na sala se virou para Nate. Ele se levantou.

— Oi.

Kerri respirou fundo, o cabelo ruivo reunindo forças, entrou no cômodo sem hesitar e abraçou o primo. Andy pensou ter ouvido os cachos de Kerri suspirarem de verdade, em alto e bom som, até perceber que tinham sido os outros pacientes.

— Oi, Andy — cumprimentou Nate, a cabeça por cima do ombro de Kerri, os braços em volta do casaco da prima. — Quanto tempo.

Kerri desejou ter ido visitá-lo antes.

Eles foram para a sala de não fumantes, onde, além de fumar, poderiam ficar a sós. Eram literalmente quatro paredes decoradas, uma mesa e três cadeiras. Nate nunca tinha entrado na sala antes, mas, naquele instante, soube como usá-la; ele se sentou na cadeira isolada do outro lado da mesa e deixou as garotas ficarem de frente para ele.

Andy não via Nate desde que ele tinha quinze anos. Não estava tão mudado: olhos azuis, pele clara, mais acabado e continuava frágil. Parecia que ainda estava para dar aquela espichada.

— Então, como estão as coisas? — disse Kerri.

— Maneiríssimas. — Ele roubou um cigarro da prima e bateu as cinzas no vaso de plantas. — Aqui é legal. As pessoas são bacanas. Tirando as que roubam as minhas meias e colocam a culpa na doença mental.

— Cleptomania?

— Ah, isso existe mesmo? Que merda. Tenho que pedir desculpas para algumas pessoas. — Com a mão direita, Nate brincava com o isqueiro de Kerri. Esse tipo de item não era bem-vindo no hospital. — Enfim, como vocês estão? Como está o... Tim, não é?

— Bem! Já está com três anos. Um pouco bagunceiro, mas honrando seus ancestrais. Ele ficou no carro.

— Ah, legal. A família inteira está aqui — comentou ele, só um pouquinho exagerado. Foi o suficiente para fazer Andy observá-lo com as sobrelhas franzidas por um segundo a mais. — Então, qual o motivo da visita?

— Bem... — falou Andy, hesitante. — Nós viemos buscar você. Estamos reunindo o velho grupo.

— Ah, jura? — disse ele, em um tom interessado típico de mães. — O que está rolando? Alguma donzela em perigo? Contrabandistas de ovelha?

— Não, nós... Nós vamos reabrir o caso do monstro do Lago Adormecido.

* * *

Um tordo nas margens do lago ergueu os olhos para o horizonte arrepiado de pinheiros e decolou, batendo as asas, agitado.

* * *

Nate continuou a fumar, o vislumbre de um sorriso no rosto. Voltou-se para Kerri por apenas um instante, o suficiente para se convencer de que ela também estava nessa, e depois para Andy.

— Certo. Vamos lá.

Ele apagou o cigarro no vaso e se empertigou, esperando com ansiedade as suas ordens.

Andy e Kerri não se moveram.

— Então... — Depois de um século, Andy concluiu: — Você topa?

— Pode ter certeza. Já passou da hora de fazer isso, na minha opinião.

As garotas se entreolharam, checando a reação uma da outra.

— Na verdade, não sei o que me impediu de fazer isso por conta própria — disse Nate. — Quer dizer, por mais quanto tempo a gente ia ignorar o elefante no lago?

— Então, você concorda? — perguntou Kerri. — Em ir para Blyton Hills?

— Sim.

— Legal. — Andy deu outra olhada em Kerri. — Então... Vamos?

— Acho que sim.

Ninguém se levantou.

— Certo, vamos, então — chamou Andy, se forçando a ficar de pé.

— Vamos — concordou Nate, seguindo-a.

— Estamos a caminho! Vamos resolver essa merda de mistério! — exclamou Andy, liderando a fila corredor afora. — O Lago Adormecido não vai saber de onde veio o soco!

— É isso aí, porra!

— Aonde vocês pensam que vão? — perguntou a enfermeira-chefe.

Eles pararam no fim do corredor, a cinco centímetros da escada.

— Ah, é — comentou Nate, reparando no próprio uniforme amarelo.

— Foi isso que me impediu.

As garotas confrontaram a enfermeira de braços cruzados que estava fazendo uma cara exageradamente feia atrás do balcão, como se aquela fosse a coisa mais esquisita que a mulher já tivesse presenciado naquele lugar.

— Mas foi você que se internou — disse Kerri. — Não pode se desinternar?

— O sr. Rogers decidiu colocar a si mesmo sob nossos cuidados até que os médicos decidissem liberá-lo — explicou a enfermeira, em uma tentativa desesperada de fazer uma voz doce e diplomática.

— Ele não pode tirar uma licença ou algo assim? — questionou Kerri.

— Você está de sacanagem com a nossa cara — acusou Andy.

— Mais ou menos — concordou Nate. — Não queria jogar areia na farofa de vocês. Adorei a onda de “estamos em uma missão divina” e tal. Mas estou falando sério sobre Blyton Hills. — Ele deu de ombros, inocente. — A gente deveria ir.

— Sério? — Kerri ainda não estava convencida.

— Sério. Pensei muito nisso também. Cara, se tem uma coisa que a gente faz nessa merda de lugar é pensar. Eu não passo o tempo todo batendo cabeça em celas com revestimento acolchoado e apostando corrida em cadeiras de rodas. Isso é só às terças.

— Mas como você vai sair daqui?

— Ele precisa de uma camisa de força — disse Andy, e repetiu para a enfermeira na saída. — Coloca o cara em uma camisa de força.

— Também adorei ver você — resmungou Nate.

— Estou falando sério — disse ela. — É um capacete. Amanhã é vida ou morte. A gente vai fazer uma armadilha do lobisomem reversa.

Ela puxou Kerri pelo pulso e desceu a escada, deixando Nate na fronteira da sua área de privilégio.

— Uma armadilha... Andy, espera! Não tem claraboia aqui!

* * *

Vinte e quatro horas depois, Nate estava sentado na sua poltrona, sendo amarrado.

— O que estamos fazendo? — perguntou Kimrean.

— É uma brincadeira. Prende essa parte aqui — disse Nate, balançando o ombro esquerdo. — Mais forte.

— Eu entendi que é uma brincadeira, mas por que a gente não está usando o Chuck Planta como sempre?

— Porque os cuidadores disseram que não é legal brincar com os catatônicos — resmungou Craig. — Puxa aquela alça! Você está fazendo tudo errado.

São necessários dois loucos para vestir uma camisa de força em um terceiro — essa é a resposta para uma antiga questão filosófica. A camisa de força em si não tinha sido difícil de conseguir; desde que Kimrean fora transferido para aquele andar, os enfermeiros mantinham uma sempre à mão, caso houvesse uma discussão particularmente acalorada entre suas vozes interiores. Em geral, era fácil encontrar dispositivos de segurança em hospitais psiquiátricos porque a equipe muitas vezes presumia (de forma errada) que os pacientes não achariam maneiras de usá-los para fazer mal a si mesmos ou aos outros. Leva um tempo usando o uniforme amarelo para compreender quão criativos os pacientes podem ser quando se trata de fazer merda. O capacete foi a parte mais difícil: Nate teve que roubá-lo do armário da enfermeira-chefe, que ia de moto para o trabalho. O capacete não protegia o maxilar, só o crânio, mas era o que tinha.

Um rugido de gelar o sangue saiu da TV. Hora da *Xira*.

— Os cães de Tíndalos se libertaram! — avisaram Adam e a princesa Irya em uníssono.

— Para trás! — ordenou Xira, brandindo o machado.

Kimrean de repente largou as tiras da camisa de força e estreitou os olhos desiguais para Nate.

— É verdade? Você está indo embora mesmo?

Nate se esforçou para olhar no fundo tanto do olho verde quanto do castanho.

— Quem falou isso?

— Você vai embora mesmo! — Por mais incrível que fosse, Kimrean pareceu triste por perder um companheiro de parquinho.

O Velho Acker estava inclinado na direção das poltronas. Nate, sentado com os joelhos erguidos, o cumprimentou. A camisa de força não permitia uma linguagem corporal muito eloquente.

— Terra das Sombras Mortais, hein? — comentou Nate.

— Eu não me arriscaria a ficar a menos de cem quilômetros daquele lago. — ouviu-se por entre a barba de Acker. — Você deve ter bons motivos.

— Tenho que cuidar de uns assuntos não resolvidos.

Acker assentiu, então se sentou na poltrona de Craig, já que o outro estava envolvido demais em uma discussão para perceber. Nate se aproximou como pôde, tentando esconder aquela conversa da luz do sol.

— O símbolo que você desenhou. Eu já vi. Não em um livro de fantasia. Foi em um livro antigo, imenso, em uma casa abandonada, em uma ilha no Lago Adormecido, treze anos atrás.

Um choque de animação subiu pelas costas de Acker.

— Você leu? — sussurrou ele, franzindo a testa ao especular mentalmente a idade de Nate. — Não é possível. — Então, um sorrisinho assustador curvou seus lábios. — Ah, mas ele causa uma impressão, não é mesmo? Eu sei, eu sei. Faz só um ano desde que folhee o exemplar na Universidade de Miskatonic enquanto o livro era transferido. Eu dava aulas de antropologia lá. Imagino o que um livro como aquele poderia fazer com a mente de uma criança.

— Nós entregamos tudo para a polícia, mas não deram bola para o livro — contou Nate, tentando fugir da autopiedade. — Disseram que fazia parte do falso cenário de assombração.

Acker assentiu, compreendendo.

— Eu talvez concordasse, se fosse antes. Mas não hoje. Não quando se trata do Lago Adormecido. Quem quer que fosse o dono daquele livro tinha um objetivo. E estou surpreso que tenha deixado algo tão valioso para trás.

O velho parou, perdido em pensamentos sombrios. Quando falou de novo, parecia estar citando outra pessoa.

— Nenhum livro em si é perigoso, sabe. Mas, historicamente, ler um livro da forma errada pode resultar em terríveis consequências. Mais

perigoso do que alguém que lê o *Necronomicon* sabendo muito bem do que aquilo é capaz, só alguém que lê aquele livro maldito sem ter ideia do que está fazendo.

A cena da reação de Nate foi destruída pelas vozes de Craig e Kimrean, que estavam tendo uma discussão digna de um esquete de Monty Python perto da janela.

— Seu maluco, pinguins não voam!

— Mas este aqui acabou de entrar voando pela janela! — berrou Kimrean, enfiando a ave em questão na cara de Craig. — Olha! E ele trouxe uma mensagem! É um pinguim-correio!

— Ei, Kim — chamou Nate. — Posso dar uma olhada no pinguim, por favor?

Kimrean foi saltitando até ele, carregando o brinquedo de plástico. Quatro palavras foram escritas a lápis no peito branco do pinguim. “Não pare de apitar.”

— Coloca o pinguim entre os meus joelhos, por favor — pediu Nate. — E usa aquela tira para amarrar os meus tornozelos um no outro.

— Uuuuh, Patty Hearst também gostava disso — comentou Kimrean.

Nate apertou os joelhos, extraíndo um sopro do brinquedo de borracha entre as pernas. Então, submetido a uma pressão rápida e súbita, o pinguim apitou.

— O que estamos fazendo? — resmungou Craig.

— Não sei. Mas fica quieto.

Ele continuou apertando os joelhos, fazendo o pinguim cantar em intervalos de segundos. Enquanto isso, Craig e o Velho Acker o observavam com uma solenidade sofrida, Kimrean terminava de amarrá-lo, Xira e a princesa Irya corriam para conseguir uma vantagem estratégica e Adam permanecia sentado, hipnotizado pela TV, de olho no desfecho do episódio.

O desfecho veio dois minutos depois, na forma de passos silenciosos no piso de linóleo. E não da TV.

A enfermeira-chefe, da sua estação de trabalho, gritou:

— Ei! Quem deixou esse vira-lata entrar?

Tim trotou alegremente, e, quando foi notado, já estava longe do balcão, dando uma olhada simpática para a enfermeira como se pudesse levantar o chapéu e lhe desejar um belo dia. O cachorro ia seguindo os apitos que vinham da sala de estar, onde o círculo em torno da poltrona se abriu para recebê-lo, seus integrantes embasbacados.

— Olha! — apontou Kimrean, seu cérebro fragmentado a ponto de explodir com a incomparável quantidade de acontecimentos impactantes daquele dia. — É um cachorro-reboque!

O Weimaraner ignorou o público, já tendo avistado seu alvo: o pinguim entre os joelhos de Nate, amarrado em sua camisa de força. Com

isso, ele soltou o gancho de ferro pesado e a corda que estava carregando na boca. A corda se estendia pelo corredor, passando pela porta da escada à prova de fugas. Alguns centímetros atrás do gancho, preso entre dois nós na corda, havia um funil de aço que, em teoria, serviria como o limpatrielhos de uma locomotiva. Nate se esforçou bastante para não entrar em pânico conforme ia percebendo no que consistia aquele plano de fuga.

— E você deve ser o Tim — disse ao Weimaraner.

O cachorro se sentou ao ouvir seu nome, balançando o rabo, todo animado, depois de ter trocado aquele gancho sem graça pelo pinguim falante.

A enfermeira Angela e a enfermeira-chefe chegaram em seguida, junto com um segurança. Estava na hora de ir embora.

— Kim, me engancha! — mandou Nate. — Craig. Capacete. Rápido!

— O que está havendo aqui? — perguntou a enfermeira-chefe.

— Lobisomem! — gritou Nate para a janela aberta.

Lá fora, no outro extremo do jardim, do outro lado de um muro, Andy, pendurada em um galho baixo de uma árvore grande, repetiu, batendo no teto do carro:

— Lobisomem!

Kerri pisou no acelerador e moveu o Chevy para a frente.

Na sala de estar, o segurança puxou o cassetete e deu a ordem mais inútil da sua carreira de fiscal de hospital psiquiátrico.

— Não se mexa!

No segundo seguinte, Nate literalmente saiu voando da poltrona, atravessou a barricada humana de seguranças e enfermeiros, derrubando-os como pinos de boliche. Quando suas costas tocaram o chão de novo, ele já havia passado da metade do corredor, ziguezagueava muito rápido nas paredes como uma bola de pinball rumo à porta da escada, atravessou o rombo criado pelo limpatrielhos e voou pelo primeiro lance de escada.

Ele tocou mais ou menos seis degraus em três andares. Com a cabeça.

Os dois guardas do térreo estavam avaliando a corda esticada que passava pela recepção quando ouviram um estrondo descendo a escada; segundos depois, vieram os gritos, que aumentaram de repente, e um projétil de setenta quilos os arremessou para longe e disparou para a saída.

O guarda na recepção não viu nada passando pela sua cabine. Ele fez cara feia para a gritaria, aumentou o volume de *Xira, a princesa guerreira*, e continuou almoçando.

Ethan, sentado em um banco no jardim lendo *Mad*, mal percebeu a corda passando por baixo do banco e entre seus pés, e simplesmente acenou para Nate depois que o garoto passou por lá, levando a grama e uma camada de dois centímetros de terra como um vagão descarrilado.

— Tchau, tchau, Nate.

Ele até viu Nate colidindo com o muro do hospital, sendo puxado para o alto e ficando pendurado de ponta-cabeça na árvore como uma lagarta em um casulo.

A essa altura, Kerri, vendo pelo retrovisor aquela trouxinha humana se balançando sobre o muro, parou o carro para desamarrar a corda do para-choque dianteiro assim que Andy soltasse Nate do outro lado.

— Já pode parar de gritar, Nate — sugeriu Andy, se arrastando no galho até ele e se esticando para soltá-lo.

— Não porra espera caralho não tá muito alto não não não porraaaaa!

O capacete e a grama do parque em torno do Arkham absorveram a maior parte do impacto da queda.

Andy pulou para o chão e o ajudou, enquanto Kerri dava meia-volta com o Chevy e corria até eles, já baixando o banco do carona e se esticando para abrir a porta. Parou, cantando pneu, a menos de um metro de atropelar os dois, e Andy enfiou o cara na camisa de força no banco traseiro, entrando no carro logo em seguida.

— Vai!

Kerri pisou na embreagem, engatou a segunda e seguiu o muro do hospital psiquiátrico.

Quando viraram a esquina, todos os guardas da ala de segurança máxima passavam correndo pelo portão. Três deles até se arriscaram a entrar na frente do carro para tentar puxá-lo.

Kerri forçou a marcha de propósito, o motor roncando bem alto para não deixar dúvidas.

A determinação efêmera nos olhos dos guardas se transformou em pânico no milésimo de segundo antes de todos pularem para longe do carro desembestado.

Nenhum dos outros funcionários do Arkham, que ainda tossiam em meio à nuvem de poeira que subiu, percebeu o Weimaraner com um pinguim na boca passando pelo portão aberto e correndo atrás do Chevy. E só começaram a correr quando vários pacientes da ala de Nate debandaram também, perseguindo o cão, com Kimrean à frente do pelotão, berrando:

— Eu vi tudo! Um cachorro e um pinguim ajudaram na fuga!

Mais à frente, o Chevy Vega reduziu a velocidade, e Kerri e Andy se inclinaram para fora e acenaram.

— Vem, Tim! Rápido!

O cachorro disparou pela rua de cascalho, as orelhas batendo ao vento, o pinguim apitando entre os seus dentes no mesmo ritmo frenético das patas. Quando Tim se aproximou do carro, Kerri deixou a direção totalmente de lado e se dedicou apenas a pegá-lo. Eles estavam chegando ao fim do parque quando Tim por fim pulou nos braços de Kerri, Andy segurando o volante para pegar a estrada principal e desviar de uma

carreta imensa que vinha buzinando descontroladamente. A porta do motorista se fechou com um baque assim que o cão entrou.

No retrovisor, os telhados pontudos do Arkham desapareceram por trás das árvores.

— Vamos, vai para o banco de trás! Eu dirijo! — mandou Andy, dando um jeito de trocar de lugar com Kerri mesmo com o veículo a cem quilômetros por hora.

— Sua anta! — gritou Nate para o cachorro, ainda amarrado, rolando de cabeça para baixo no banco de trás. — Da próxima vez, dá a volta nos móveis em vez de passar por baixo deles!

— Não briga com ele! Ele foi muito bem! — reclamou Kerri, abraçando Tim e esfregando o nariz em seu focinho. — Não foi? Foi, sim, você foi muito bem! Bom garoto! Bom garoto!

Eu sei, pensou Tim, feliz. Eu resgatei o pinguim!

Nas mãos, um barbeador cor-de-rosa, o último item do seu presente de boas-vindas. Os dedos com curativos antigos doíam com novas contusões. Os braços e o peito magros estavam sendo tomados por manchas roxas tal qual a Inglaterra do século XIX era tomada pela Revolução Industrial.

Ele acariciou o queixo. Uma penugem semitransparente sob o lábio inferior era basicamente todo o pelo facial que tinha, e havia umas duas semanas desde a última vez que pôde usar um barbeador no Arkham.

Alguém deu descarga em um dos banheiros atrás dele. Nate rapidamente vestiu a camiseta, uma das duas que ele teve a sagacidade de vestir naquela manhã: foi o jeito que deu, já que não podia levar bagagem, além de ter servido como amortecimento extra.

A porta da cabine abriu, e Peter foi até a pia, enfiando a camisa polo listrada para dentro da calça.

— Beleza! Parece que a gangue está de volta.

Nate permaneceu em silêncio, observando o cara pelo espelho.

Peter Manner, em tese vinte e seis anos, penteia o cabelo ondulado, depois guarda o pente no bolso da calça de Nate, abrindo um sorriso radiante para o espelho, se admirando.

— Como nos velhos tempos — disse, com um suspiro. Foi então que percebeu o barbeador na mão de Nate. — Por que deram isso pra você? Kerri ainda acha que você vai entrar na puberdade ou o quê? Você nunca teve barba.

— Eu sei. — Nate deu uma risadinha.

— Em compensação, dá só uma olhada em mim. — Peter observou o maxilar quadrado bem-barbeado. — Às vezes, já estou com barba por fazer às nove da manhã. Meu cabelo continua crescendo até depois de eu já estar morto.

— Na verdade, isso é um mito — comentou Nate. — O resto do seu corpo vai murchando e encolhendo, o que faz parecer que o cabelo cresceu.

— Ah — disse Peter, se avaliando com mais atenção para garantir que não havia sinais de envelhecimento ou decadência. — Bom, ainda estou jovem. Aliás — continuou, dando um cutucão em Nate —, as garotas também não estão nada mal, hein?

— É verdade.

— Ah, por favor! Kerri já era gata no colégio; nenhuma surpresa aí. Mas você viu a Andy? — Ele fez um gesto que caubóis provavelmente fazem para se comunicar entre si a longas distâncias. — Para alguém que

odiava parecer uma garota, ela virou o tipo de mulher que chama atenção a quilômetros!

— Você quer dar um pulinho lá fora e falar isso para ela? — desafiou Nate, falando com o fantasma atrás de si, não com o reflexo.

Peter bufou.

— Não, você me conhece. Eu sempre fui meio a fim da Kerri. Você não fica chateado, fica? Vocês são primos, então a combinação tem que ser essa.

Um motoqueiro entrou no banheiro. Peter deu oi, animado. Sem parar, o recém-chegado percebeu a bolsa aberta ao lado da pia, com escova de dentes, gilete e sabonete líquido espalhados, e logo entrou em uma das cabines, respeitando a higiene pessoal de um viajante. Ou talvez tenha percebido a ponta do uniforme amarelo saindo da lixeira, pensou Nate.

Peter ajeitou a jaqueta.

* * *

Kerri e Andy estavam em uma mesa ao lado da janela que dava para o estacionamento dos caminhões, com um grande mapa aberto diante delas.

KERRI: Olha, posso ligar para a minha mãe e pedir que ela transfira o dinheiro; podemos chegar a Portland hoje à noite. Ela vai adorar receber a gente.

ANDY: Eu sei, eu adoraria ver a sua mãe também, mas prefiro ir de carro.

KERRI: Mas por quê? Com a quantidade de combustível que aquela lata velha deve consumir, não vai fazer diferença. E são só seis horas de avião.

ANDY: Eu sei, eu... *(Cansada, ela se aproxima, para confidenciar algo.)* Olha, é que não posso andar de avião.

KERRI: *(Preocupada.)* Como assim, não pode andar de avião?

ANDY: Quer dizer, posso andar de avião, só não posso entrar em um aeroporto.

KERRI: Por quê?

ANDY: Porque... *(Ela dá uma olhada nos motoqueiros do bar e no casal com os filhos em uma mesa distante.)* Então, lembra quando a gente conversou sobre o que fiz nos últimos cinco anos? Bem, deixei um detalhe de fora. Recentemente, também fiquei por um mês... no xadrez.

(Pausa.)

KERRI: Em um clube de xadrez?

ANDY: *(Ela para, sem reação. Dá um suspiro paciente.)* Na cadeia, Kerri.

KERRI: Você estava na cadeia?! Por quê?

ANDY: Nada sério. Uma briga de rua. Danos colaterais. Nós estávamos... discutindo na frente de um restaurante, e eu sem querer estraguei um carro que, por acaso, era de um senador. *(Pausa.)* Com o senador dentro. *(Pausa.)* E joguei o filho do senador no para-brisa.

KERRI: *(Digerindo a informação, com certo esforço.)* Entendi, então... Você não pode viajar de avião por causa disso? Você cumpriu a pena.

ANDY: Ah... Bem, digamos que, depois de algumas semanas, cheguei à conclusão de que já tinha aprendido a lição, então reduzi a minha própria pena.

KERRI: Você fugiu?!

ANDY: Shhh! *(Dá uma olhada em volta de novo.)* Olha, não é nada de mais; foi no Texas, então estou a salvo aqui. Mas o esquema de segurança dos aeroportos usa registros federais, e meu nome lançaria um alerta, então não posso ir ao Texas e não posso entrar em aeroportos.

KERRI: Então, em vez disso, a gente tem que atravessar doze estados naquela merda daquele carro?

ANDY: Hum... treze. É melhor eu ficar longe de Ohio também.

(Nate, com roupas limpas, se junta a elas.)

NATE: A calça coube bem, Kay. Obrigado. *(Ele se senta ao lado de Kerri, de frente para Andy, e espera a conversa recomeçar. A conversa não recomeça.)* O que houve?

KERRI: Andy foi presa!

NATE: *(Para Andy.)* Uau. *(Para Kerri.)* Bem, vocês têm isso em comum, então.

ANDY: O quê?!

KERRI: É completamente diferente.

ANDY: Você foi presa?

KERRI: Eu passei algumas noites em uma delegacia. Uns amigos pagaram a fiança.

ANDY: O que você fez?

KERRI: Nada. Dirigi bêbada.

NATE: Um caminhão betoneira.

KERRI: Perto de um shopping abandonado.

NATE: *Dentro* do shopping.

KERRI: Não foi nada, tá bom? Só algumas noites de castigo.

ANDY: Então, qual é o problema? Eu só passei quarenta e três noites a mais que você!

KERRI: Só porque você fugiu, cacete!

ANDY: Grita mais alto, teve gente que não escutou ainda.

KERRI: *(Para Nate.)* A gente vai ter que ir de carro para Blyton Hills porque a senhorita esquentadinha aqui jogou um cara no para-brisa de um carro e depois fugiu da prisão.

NATE: Beleza. *(Começa a tomar um gole do café, então percebe a surpresa das mulheres diante de sua tranquilidade. Ele olha para cada uma alternadamente.)* Era para ficar chocado? Porque eu fugi de um hospício faz uns quarenta e cinco minutos.

ANDY: Certo, podemos concluir que todos vivemos bem intensamente até agora. Podemos seguir em frente?

KERRI: Ei, eu não sou como vocês, dois detentos, ok? Não fugi de lugar nenhum. Quando fui presa, fiquei lá até me soltarem, como uma pessoa direita.

ANDY: Nossa. Sua mãe deve estar tão orgulhosa.

NATE: Uma vez passei cinco semanas cavando um túnel em uma clínica que me deu alta depois de duas semanas de internação.

ANDY: *(Depois de reler a fala acima.)* Por que você não foi embora depois das duas semanas?

NATE: Eu já tinha começado; odeio deixar coisas inacabadas. Mudando completamente de assunto, por acaso vocês têm algum antipsicótico por aí?

(Kerri e Andy olham uma para a outra, depois para ele.)

KERRI: Você está tendo alucinações?

NATE: Bem, olha só que curioso. Já tinha passado por alguns episódios estranhos antes de Arkham, então eles me deram um remédio, mas agora sempre que não tomo o remédio, as alucinações voltam.

KERRI: Então você está vendo coisas.

NATE: Vendo, ouvindo... dividindo pentes...

ANDY: *(Séria.)* Isso vai ser um problema?

NATE: *(Encarando-a.)* Porra, Andy, sei lá. Diz aí: você está aqui mesmo? *(Continua apesar do revirar de olhos dela.)* Kerri está mesmo sentada do meu lado? Tem um cachorro do seu lado bebendo café quando você não está olhando?

(Kerri dá um tapa no focinho de Tim e tira a xícara de perto dele.)

KERRI: Seu cretino. Você já ingeriu açúcar suficiente para três encarnações.

ANDY: Tudo bem, olha só, é uma viagem de quarenta e cinco horas até Blyton Hills. Vocês acham que vamos ter tempo para avaliar todo o nosso histórico criminal e psiquiátrico nesse período? Porque, se acharem que sim, sugiro que a gente compre uns sanduíches e coloque o pé na estrada.

(Eles consideram a proposta por um segundo.)

NATE: *(Bate na mesa.)* Certo. Vamos nessa.

ANDY: Beleza. *(Para Kerri.)* Para você, refrigerante. Vai dirigir logo, logo.

* * *

Kerri assumiu o volante cerca de cento e cinquenta quilômetros depois, e Andy adormeceu em minutos. Quando abriu os olhos de novo, o sol à frente afundava em uma piscina psicodélica de nuvens roxas, e o Chevy Vega e o elenco estavam tingidos de rosa. Kerri estava como duas noites antes, sob a luz negra da boate, só que dessa vez parecia entediada.

— A gente precisa de um rádio — disse ela, sem nem precisar olhar para saber que Andy estava acordada.

— O carro anda melhor do que parece — comentou Nate, interrompendo as palavras cruzadas. Tim estava com a cabeça no seu colo, tentando ler a tirinha de *Peanuts* na mesma página. — Você mesma o restaurou?

— Mas é óbvio que sim, Nate — retrucou Andy. — Como uma boa sapatão, vesti meu macacão, peguei o cinto de ferramentas e consertei a porra do motor sozinha!

— Meu Deus, calma, cara. Foi só uma pergunta.

— Tá bom. Foi mal. — Ela esfregou o rosto, tentou inspirar um pouco do ar roxo mágico para se acalmar. — Desculpa a grosseria. Não, não fui eu que consertei o carro. Só pintei e mandei trocar a caixa de marchas. Comprei em um leilão de carros apreendidos. E, sim, um rádio viria a calhar.

— A gente pode comprar um amanhã, antes de sair — comentou Kerri.

— Eu consegui dormir, então posso dirigir durante a noite.

— Não, Andy, eu quero dormir em uma cama de verdade. O Lago Adormecido nos esperou por treze anos. Pode esperar por mais alguns dias.

Andy não discutiu. Sua mão, porém, apalpou o volume da carteira vazia no bolso.

— Ainda posso pedir a transferência para a minha mãe — disse Kerri, novamente sem nem olhar para o lado.

— Não, tudo bem. Eu tenho dinheiro guardado.

NATE: É da vez que você roubou um banco em Albuquerque?

ANDY: Não, Nate, é da vez que eu fui modelo de bunda para a sua revista favorita, *Amazonas em armaduras safadas*.

Nate bufou, Kerri sorriu. Andy ficou um pouco orgulhosa disso.

— Ei, na verdade — Nate mudou de assunto —, eu estava pensando que a gente poderia economizar uma grana se parasse em Portland para ver a tia Margo e pegar as chaves da casa em Blyton Hills.

— Não precisa, eu estou com as chaves — comentou Kerri.

Andy assentiu, gostando da ideia. Então pensou melhor. E se deu conta de que aquele intervalo estava se prolongando em um nível constrangedor. Nate estava encarando Kerri pelo retrovisor, que só então começava a perceber a mancada.

— Por que você está com as chaves da casa de Blyton Hills?

— Hum, a tia Margo me deu. Bem, deu pra gente.

— Pra gente? Quando foi isso?

— Sei lá, no Natal passado? Não, no retrasado.

— Eu não passei o Natal retrasado em casa.

— Eu sei. — Kerri claramente estava tentando não fazer alarde. — Mas, enfim, a tia Margo estava tentando vender a casa já fazia mais de um ano e nada, então ela me deu as chaves. Achou que a gente poderia querer passar um tempo lá.

— Você nunca me falou isso — reclamou Nate.

— Eu... Eu só voltei para casa, larguei as chaves na gaveta e não pensei mais nisso.

— Espera aí — interrompeu Andy. — Você tem a casa de Blyton Hills à sua disposição e estava morando com o Tim naquele buraco?

— Olha só — disse Kerri, na defensiva. — Primeiro, eu tenho sentimentos! Segundo, eu não podia simplesmente me mudar para o outro lado do país de um dia para outro. Eu tinha coisas para fazer em Nova York!

ANDY: Tipo trabalhar como garçõnete?!

NATE: E você não me falou nada! Tem noção do tipo de lugar em que morei entre uma clínica e outra? Meus últimos dois colegas de quarto eram terroristas chechenos e *eu* era o suspeito da casa!

KERRI: Ah, claro, até parece que você consideraria se mudar para Blyton Hills só para economizar aluguel!

NATE: Talvez eu considerasse, sim!

ANDY: Tá bom, tá bom, todo mundo cala a boca!

Tim se enrolou no banco de trás, protegendo o pinguim da confusão, todo tenso em uma pose de “Maggie Smith chocada”.

O zumbido do Chevy serviu como uma espécie de música ambiente enquanto os passageiros se acalmavam, desejando um cigarro e calculando mentalmente a distância até Blyton Hills.

— Você tem razão, Nate — disse Kerri. — Desculpa. Eu deveria ter contado.

— Tudo bem. Eu não teria ido mesmo.

Andy deu uma olhada em Kerri. O quebra-sol dividia perfeitamente seu rosto entre sombra e luz; a metade inferior estava lilás e suave; a superior, sombria e insone.

— Nunca pensei que seria assim — comentou Kerri olhando para a estrada.

— Eu entendo — respondeu Andy.

— Entende nada. Quer dizer... — Ela suspirou, impaciente com a própria impaciência. — Desculpa. É que, para nós, Blyton Hills não era só um lugar onde passávamos as férias. A tia Margo e o tio Emmet não

tiveram filhos, mas fizeram quartos para mim e para o Nate. Era a nossa casa. Nunca achei que ficaria relutante... relutante não, resistente a voltar lá — completou ela, apontando para o sol poente.

Andy deixou um silêncio respeitoso seguir aquelas palavras.

— Eu sei. Para mim, não era um lar. Era o paraíso.

Ela deu uma olhada nos outros para ter certeza de que não tinha soado exagerada.

— Blyton Hills era melhor que a minha casa — explicou. — Na minha casa, eu brigava com os meus pais e não podia ser eu mesma. Seus tios eram como uma família para mim. O tio Emmet me ensinou a dirigir quando eu tinha onze anos. A tia Margo me deu meu primeiro absorvente. O que vocês acham que me fazia aguentar os colégios católicos onde me forçavam a usar saia, cheios de caipiras rindo do meu cabelo curto? O tempo todo eu só ficava esperando as próximas férias para juntar as minhas coisas e embarcar no ônibus para Blyton Hills. Até os meus pais pareciam ressentidos com o tempo que eu passava com a família de vocês, mas pelo menos ficavam contentes por eu ter amigos em algum lugar. Se vocês me fizessem escolher entre ingressos para a Disney com qualquer outra pessoa ou Blyton Hills com vocês, eu teria escolhido vocês sem pensar duas vezes.

— Idem — declarou Nate. Então, empurrando o jornal para longe, completou: — Por outro lado, você fala como se em Blyton Hills não tivesse caipiras... Ninguém se lembra do Joey Krantz?

A solenidade se dissolveu em gargalhadas.

— Cacete, ninguém esquece esse babaca! — disse Kerri. — Será que dá para a gente focar nas pessoas legais de Blyton Hills?

— Brincadeira — retrucou Nate. — A gente se divertiu muito.

Todo mundo aproveitou o momento de sinceridade para suspirar, fungar, se ajeitar nos bancos.

— Cara, como eu queria que Peter estivesse aqui.

Foi Kerri quem disse isso.

— Sempre achei que, de nós todos, ele seria o único que teria tomado a iniciativa — continuou.

— Bem, ele tomou a iniciativa — murmurou Nate para o jornal.

— Como assim?

— Ah, você sabe. Suicídio e tal.

— O quê? Do que está falando? A polícia declarou que foi overdose acidental.

— Ah, por favor! — exclamaram Andy e Nate em uníssono. — Kerri, ele se matou.

— Mas por quê? Por que ele se mataria? Era o mais bem-sucedido entre nós, era o único que estava bem! Enquanto você estava pegando carona por aí, e você estava internado, Peter tinha uma cobertura em

Hollywood e estava na capa da *Rolling Stone*! Por que ele ia querer se matar?

— Pelo mesmo motivo que eu estava pegando carona por aí e que Nate estava no hospício! Por causa do que aconteceu com a gente!

— Nem vem com essa! Peter estava... Ele estava bem — discordou Kerri. — Foi o único que escapou sem sequelas.

— Ele só conseguiu escondê-las melhor que a gente — retrucou Andy, amarga, voltando-se para a paisagem lilás e mordendo o nó dos dedos.

Montanhas e florestas fluíam sem parar em direção a lugar algum.

— Ele ligou — disse Kerri, sem tirar os olhos do efeito de luminária de lava do escuro.

— O quê?

— Peter. Antes de morrer. Ele me ligou.

Andy e Nate exclamaram juntos de novo.

— Quando? O que ele disse?

— Eu não sei. Estava tarde e tinha uma festa rolando no meu dormitório, uma gritaria, eu não consegui ouvir direito, então falei que ligaria para ele depois, mas bebi muito e acabei esquecendo. Aí, dois dias depois, li o obituário no jornal.

Todos ficaram em silêncio.

Uma lua em formato de foice apareceu na janela de Andy.

* * *

Eles fizeram check-in em um hotel de beira de estrada que não era dos mais feios, um detalhe bem impressionante, considerando que parecia haver uma competição acirrada entre qual deles conseguia criar a atmosfera mais deprimente a partir de paredes brancas e PVC. Os quartos em estilo country, com móveis de pinho, cortinas de franja e cobertores de retalhos, tinham tão poucos acessórios que até Tim ficou entediado quinze segundos depois de chegar — e estamos falando do cachorro que, certa vez, passou oito horas fascinado por um ovo.

Kerri colocou um pouco de ração no pote de metal que tirou da mala de Tim, que ficava dentro da mala dela, e se sentou na cama mais distante da porta com uma garrafa de cerveja. O hotel estava em silêncio, todos os hóspedes provavelmente ocupados contando dinheiro roubado ou esquartejando cadáveres na banheira.

— Cerveja? — Ela ofereceu a garrafa pelo espaço entre as camas.

— Não, obrigada — respondeu Andy.

— Seu corpo é um templo.

A resposta “Só se for um templo que não segue qualquer código moral das religiões que eu conheço” demorou muito para se formar na mente de

Andy, então ela apenas sorriu.

— Você está gostando disso — percebeu Kerri, um pouco surpresa.

— Disso o quê?

— Disso. O que estamos fazendo.

Andy analisou o tapete em busca de uma boa resposta e, então, deu de ombros.

— Pelo menos estamos fazendo alguma coisa.

Kerri assentiu.

— Você mesma não parece muito assustada.

— Estou bem quando estou com você — retrucou Andy, dando de ombros de novo.

Kerri abriu um sorriso e deixou a garrafa ao lado do remédio para dormir e da carteira de Andy. O quarto estava frio. Ela se acomodou debaixo das cobertas.

Andy não se mexeu, estava alerta e perguntou, tão baixinho que não perturbou o silêncio:

— Por que a sua tia foi embora de Blyton Hills?

— Ela se mudou depois que o meu tio morreu, em 1985. Os negócios iam mal, por causa da crise.

Andy franziu a testa, com vergonha de sua falta de conhecimento de história.

— Teve uma crise?

— Em Blyton Hills, sim. A indústria de lã faliu e a economia da cidade sofreu bastante.

O único barulho entre as falas era de Tim comendo sua ração, preenchendo os intervalos silenciosos em que Andy observava a silhueta desenhada pelo abajur ao lado da cama de solteiro, envergonhada.

— Por que a indústria de lã faliu? — continuou ela, tentando estender aquele momento. — Contrabandistas de ovelha?

— Não. As ovelhas morreram.

— Que merda. Todas?

— A maioria. Na primavera, elas pastavam no vale acompanhando o rio. Um dia, os pastores chegaram e encontraram todas mortas. Lembra daquela indústria química no sul da cidade?

— Sim.

— Eles acham que aconteceu um vazamento no abastecimento de água. Teve um processo imenso. — Ela se virou. — Puta merda, o que eu não faria por uma noite quente.

Andy respondeu prontamente cobrindo Kerri com sua parca. Centenas de cachos ruivos soltaram vários suspiros debaixo da camada de lã.

Ela se sentou ao lado da amiga no colchão. Seu olhar passeou pelas tábuas corridas e pela tentativa malsucedida de criar um estilo rústico.

— Você sabe do que esse lugar me lembra? Acampamento Chippanuck.

Debaixo das cobertas, ouviu-se uma risada debochada.

— Cacete, aquele lugar era muito deprimente.

— Ei, só até nós denunciarmos o dono pelo esquema de artesanato indígena falso.

— Aposto que é melhor agora que as crianças não estão bordando etiquetas de “produto local” em bolsas Cherokee artesanais falsificadas — disse Kerri, fungando.

Andy sentiu o coração se aquecer com a lembrança.

— Foi o nosso primeiro caso, lembra? No final daquele acampamento, você convidou Peter e eu para Blyton Hills.

Em algum lugar debaixo da mão direita, sob a parca, o cobertor e os lençóis, Andy sentiu o ombro de Kerri se mover com a respiração. Seus olhos se perderam em uma chama de cabelo, do mesmo modo que olhares sempre são atraídos por lareiras acesas.

— Você sabe do que eu mais me lembro daquele verão? — perguntou Andy. — Quer dizer, além de toda essa parte do trabalho infantil?

— Rá, rá. Não, o quê?

— De quando eu conheci você. Lembra?

— Uhum.

— Tinha aquela conselheira peituda idiota que nos apresentou.

— Verdade, a que estava transando com o supervisor-geral.

— Nossa, sério?

— Ah, com certeza.

— Tudo bem, então. Ela me arrastou até um grupo de meninas, porque eu não tinha feito nenhuma amiga, colocou a mão no meu ombro e disse: “Kerri, esta é a Andrea.” E eu falei: “Andy.”

— Você resmungou: “Andy.”

— Jura?

— Você estava puta com alguém, ou provavelmente com todo mundo, e estava com uma cara péssima. Parecia uma criancinha do mal daquele filme de terror. *Colheita Maldita*, versão latina.

— É, *Colheita de Coca Maldita*.

Kerri riu, a cara enfiada no travesseiro.

— Isso foi tão racista!

— Eu sei, mas sou latina, então posso falar. Enfim, foi isso, eu resmunguei: “Andy.” E você estendeu a mão, sorriu e disse: “Oi, Andy.” E pronto. Nunca questionou. Nunca me olhou atravessado. E quando a gente encontrou o Nate, você falou: “Essa é a minha amiga, Andy.”

Tim havia terminado o jantar e se deitou aos pés da cama de Kerri.

— Eu lembro — sussurrou Kerri.

— Você não deve saber, com certeza não sabia na época, mas isso é raro. Conhecer alguém que não só respeita, mas acredita na gente.

Os olhos de Kerri estavam fechados, uma expressão tranquila declarada nos lábios.

— É isso que você e Blyton Hills representam para mim — resumiu Andy, baixinho. — E quero isso de volta. Por todos nós.

Folhas estalaram sob os passos leves de um sorriso furtivo.

— Por Joey também?

— Sim, por ele também. Aposto que ele nunca saiu de lá. Deve ser um vagabundo desempregado. Pior que todos nós.

— Que todos nós juntos? — perguntou Kerri, sonolenta. — Ex-prisioneira, maluco e alcóolatra? São muitos pontos aí.

* * *

No quarto ao lado, Nate estava sentado na parte esquerda da cama, sozinho, ouvindo um cantarolar alegre vindo do banheiro.

Peter cuspiu na pia, lavou a escova de dentes (a escova de dentes de Nate) e voltou para o quarto.

— Ah, o quarto dos meninos de novo. — Ele se jogou na outra cama. — Será que a gente deveria fazer um mapa do tesouro antes de apagar a luz? Ou então praticar a nossa linguagem de sinais?

— Sai da minha cama — disse Nate, sem se mexer.

— Quem disse que é sua?

— O que você falou para Kerri no telefone?

— Por quê? Está com ciúme porque me despedi dela e não de você?

— É sério. O que você falou?

— Era particular.

— Você não tem a menor ideia.

— Não tenho a menor ideia do que eu mesmo falei para Kerri no telefone?

— Você não tem a menor ideia porque Kerri não falou com você no telefone — concluiu Nate, e se recompensou com um comprimido do frasco que lhe foi receitado e um gole de Fanta Laranja.

Peter ainda o observava com atenção, ligeiramente desconcertado.

— Para que você toma isso? — perguntou.

— Alucinações.

— Sério? O que você está vendo?

— No momento? Um idiota que ainda usa calça boca de sino.

— Você acha que um comprimido vai me fazer desaparecer? Porque estou avisando, da última vez foi prefivo trinta comprimidos pra me fafer defaparefer.

Nate não conseguiu segurar o riso.

— Boa — admitiu, tampando o frasco. — Mas essa é a questão. Peter morreu. Você não é ele.

— Ah, pera aí! Nós somos o Clube dos Detetives de Blyton — reclamou Peter. — Quando foi que vocês pegaram um bandido sem mim? Vão precisar da minha ajuda.

— Sinto que teremos que nos virar sem você mesmo. Tchau.

Nate se levantou e foi para a outra cama. Peter deu um pulo: a remota possibilidade de alguém entrar e vê-lo na cama com outro homem era totalmente inadmissível. Não importava quem era alucinação de quem.

Ele observou enquanto Nate chutava os tênis para longe.

— Tudo bem que você é o especialista aqui, afinal, já viveu com pessoas loucas por muito mais tempo que eu, mas não pareço consistente demais para ser uma alucinação?

— Na verdade, não. Você ficaria surpreso com a consistência das alucinações das pessoas. Se pudessem ser facilmente desmanteladas, ninguém acreditaria nas alucinações.

— Mas eu pareço comigo. Falo como eu. Sei o que eu sei.

— Não, você não sabe o que você sabe. Você sabe o que eu sei que você sabe. — Ele encarou Peter de novo. — Me diz o que você falou para Kerri no telefone.

Peter se sentou na cama à esquerda, os lábios formando um ângulo estranho.

— Eu disse que a amava.

— Isso é o que eu acho que você falou para ela — respondeu Nate. — Porque estou criando você. Estou produzindo as suas falas. Você é só uma invenção do meu subconsciente tentando me dizer... alguma coisa.

— Dizer o quê?

— Eu não sei, você precisa me perguntar?

Ele se esticou até o abajur e apagou a lâmpada, deitando-se ainda vestido na cama.

— É irrelevante o que você tem a me dizer, porque eu sei, conscientemente, sem qualquer dúvida, que estamos fazendo a coisa certa. Andy está certa. Temos que ir a Blyton Hills, resolver esse caso e ficar em paz. E o primeiro passo para isso é ignorar os truques da nossa mente. Então, sinto muito, mas não vamos precisar da sua ajuda.

Peter continuou sentado, a luz que entrava pela janela contornando sua silhueta de ombros largos.

— Tá bom — começou Peter, com exatamente a mesma voz que usava quando estava bolando um plano, pelo que Nate conseguia se lembrar. — Então eu sou só uma alucinação, uma experiência subjetiva que... O quê?

Nate tinha começado a rir.

— O Peter de verdade nunca teria usado a palavra “subjativa”. Quer dizer, sinto muito, cara, mas você era só o líder. Kerri era o cérebro.

Nate esperou as risadas pararem, depois ficou em silêncio, ainda com um sorriso nos lábios. Quando percebeu que um minuto tinha se passado, ficou curioso. Arriscou uma espiada na outra cama.

A silhueta ainda estava lá.

— Tá bom — disse a sombra. — Vocês não precisam mais de mim. Arrumaram uma nova líder. E sendo só uma invenção do seu subconsciente, o que eu poderia saber, né? Sobre a vida de Peter? Sobre a morte de Peter? Sobre o que espera vocês lá no Lago Adormecido? Sobre o que Peter viu quando vocês estavam apavorados demais para olhar? Sobre o mal terrível e implacável do qual você e seus amigos nem ao menos chegaram perto enquanto enfrentavam um caipira idiota fantasiado? O mal que vai alcançá-los assim como me alcançou, Nate.

— Cala a boca.

— O que eu posso saber sobre o frio, sobre seu corpo nu enterrado na neve, o frio infinito agarrando, queimando e entorpecendo você, entrando pelos seus poros, congelando seus músculos, corroendo o interior dos seus ossos? Sobre a terra tapando seus lábios e suas narinas, sobre lagartas entrando nos seus ouvidos e consumindo tudo lá dentro?

— Cala a boca.

— Sobre larvas vivendo no seu corpo, engordando de tanto comer sua carne de dentro para fora? Sobre gigantescos deuses em forma de verme dormindo encolhidos no centro da terra, quilômetros de algo primordial capaz de devorar sua casa com você dentro e deixar seu corpo afundar até as profundezas inalcançáveis das suas próprias tripas? Sobre você e Andy e a sua linda prima, queimando vivos no inferno?

Nate ligou o abajur antes que a mão fria de Peter tocasse o interruptor. Ainda era Peter, os olhos vazios, pútrido, vermes saindo da boca.

— Ele vai matar todos vocês.

— Nate!

* * *

Nate abriu os olhos no hotel horroroso. Andy bateu na parede entre os quartos mais uma vez.

— Nate? Tudo bem aí? — perguntou ela.

Nate se sentou na cama, as roupas encharcadas de suor.

— Aham — respondeu para a parede. — Pesadelo. Nada de mais.

Ele levou mais um minuto para perceber que estava de volta à cama da esquerda.

Deitado completamente vestido na da direita, Peter cruzou as pernas e ajeitou o cabelo impecável.

— Beleza. Todo mundo junto, então. Vai ser ótimo.

PARTE DOIS

RECAÍDA

Na manhã seguinte, eles compraram um rádio novo para o carro, com toca-fitas, sem CD player, em uma loja de ferragens às moscas em Winter River, Connecticut. No dia seguinte, tiveram que trocar o óleo em um posto de gasolina perto de Brahams, Virgínia Ocidental. O pneu furou naquela tarde, então, no início da manhã, eles compraram um novo estepe em uma oficina nos arredores de Dark Falls, Illinois. Na quarta noite, o cilindro do freio das rodas dianteiras quebrou no meio da estrada, o que quase os forçou a sodomizar uma Kombi, e Andy teve que convencer uma gangue de motoqueiros a levar o Chevy para a oficina deles, a trinta quilômetros de Raccoon City, e trocar a direção hidráulica. Àquela altura, saber se o carro que chegaria ao Oregon seria o mesmo que deixou a Costa Leste estava começando a se tornar uma questão filosoficamente relevante.

* * *

Na quinta manhã na estrada, Kerri saiu do quarto de hotel por volta das nove e meia da manhã e encontrou Andy usando um macacão manchado e uma máscara protetora, arrancando faixas coladas no Chevrolet Vega. Duas listras pretas novinhas em folha corriam pelo capô do carro de olhos arregalados, reluzindo sob o sol da manhã como pó de diamante.

— Os motoqueiros me emprestaram a pistola de pintura — explicou Andy, tirando a máscara. — Gostou?

— Gostei. Quer dizer... Acho que o carro deve ter gostado — respondeu ela.

— Você falou que ia parecer um carro esportivo.

— Falei mesmo. Eu estava meio que brincando, mas... enfim. Ficou legal.

O veículo de duas portas parecia um garoto qualquer de doze anos sem graça enquanto duas amigas da avó elogiavam seu novo corte de cabelo.

A porta do restaurante bateu atrás de Nate e Tim, que vinham pelo estacionamento poeirento. Tim correu para dar um beijo de bom-dia em Kerri, enquanto Nate foi logo oferecer a bandeja com copos de café para Andy.

— Pago o seu almoço se você dirigir na minha vez.

Ele ergueu a mão para proteger os olhos vermelhos do sol.

— Tá bom — concordou Andy.

Nate distribuiu o café da manhã e se enfiou no carro.

— Outra noite ruim? — perguntou Kerri, mas ele já tinha batido a porta e ido para o banco traseiro.

Tim avaliou a tinta nova e intoxicantemente doce do carro.

— Será que ele vai ficar bem?

— Ele está economizando os remédios que comprou em Lexington. Ainda devem durar mais algumas semanas — disse Andy, dando uma olhada em Kerri. — E você, dormiu bem?

— Até que sim — respondeu ela, pensando no assunto pela primeira vez. Estava vestindo a camisa do dia anterior por baixo da camiseta lilás de dois dias antes, lembrou Andy. — Dormi muito bem, na verdade. Sei lá. Talvez esteja ajudando. Não estar sozinha.

Andy assentiu, começando a guardar os acessórios da pintura.

— É você? — perguntou Kerri. — Você nunca fala sobre isso, sobre como lidou com tudo. Não tem pesadelos? Não ficava pensando no que teria acontecido com a gente?

Andy jogou uma lata de tinta spray na caixa e parou, refletindo. Kerri ficou de pé ao seu lado, um halo dourado ao redor.

— Sim. Muitas vezes — confessou Andy.

* * *

Naquele dia, eles cruzaram três estados: Colorado, Wyoming e Idaho. Já tarde da noite, Tim estava no banco do carona, de boca aberta e curtindo o vento, com a cabeça para fora da janela quase virando do avesso. De cinco em cinco minutos, ele voltava para dentro e cuspiam insetos mortos. Kerri e Nate estavam jogando adedanha no banco de trás. No rádio, a versão remix de “Funky Cold Medina” tocava com o volume nas alturas. Andy dirigia, balançando a cabeça no ritmo da música.

Seu relógio da Coca-Cola apitou no painel.

ANDY: Tempo.

KERRI: (*Escrevendo à velocidade da luz.*) Peraperaperapera acabei! Certo, sobrenome de pessoa que se parece com você: Vanessa Paradis.

NATE: Poe. Pela melancolia.

KERRI: Desenhos que você ama: *Pica-Pau*, pontuação em dobro!

NATE: *Pole Position*, em dobro também.

KERRI: Bosta. Lugares em que você já esteve: prisão.

NATE: Hum, Portland? Tipo, o lugar em que a gente morava?

KERRI: Boa, eu devia ter pensado nisso. Lugares que você gostaria de visitar: Porto Príncipe.

NATE: Plutão. Porto Príncipe? Por que não Paris?

KERRI: Porto Príncipe é em dobro, bundão. Coisas em que você é boa: psicologia.

NATE: *Príncipe da Pérsia*, dobro.

KERRI: Droga. Coisas neste carro: pinguim!

NATE: Nada.

PETER: (*Ofendido.*) Obrigado pela consideração, babaca.

Kerri ergueu os braços no maior V de vitória que o espaço no carro permitia.

— Ganhei!

— Estou com frio. Pode fechar a janela, por favor? — pediu Nate.

Kerri se lançou no banco da frente, puxou o cachorro para dentro e girou a manivela. Tim bufou, desgostoso, e passou a explorar os tapetes em busca de Cheetos perdidos.

Andy resmungou ao ver passar o terceiro hotel lotado.

— Não tem um lugar para a gente dormir.

— Ouvi dizer que está na temporada de “detetives adolescentes voltando para confrontar seus fantasmas do passado” — comentou Kerri.

— Prefiro os fantasmas deles aos nossos sem pensar duas vezes — completou Nate.

Kerri checou o mapa.

— Avançamos bastante hoje. Acho que chegaremos em Blyton Hills em... umas oito horas? Por volta das três da madrugada, mais ou menos.

— É melhor pararmos, descansarmos um pouco e continuarmos de manhã — sugeriu Andy. — Quero chegar na cidade de dia.

Kerri ficou pensando naquilo por um momento, depois riu.

— Ah, é? Por quê?

— Para a gente ver que não tem nada a temer ali. Sei lá. Vai mudar a nossa perspectiva.

— Ok. — Ela olhou para o banco de trás. — Nate?

— Por mim tudo bem. Tim?

Tim cuspiu a folha de adedanha de Kerri e abanou o rabo, concordando.

* * *

Eles pararam para um jantar tardio, depois continuaram dirigindo pela noite, passando por mais três letreiros em néon dizendo SEM VAGAS.

A noite os envolveu. Por um tempo, permaneceram na rodovia I-84, seguindo outros conjuntos difusos de luzes brancas e vermelhas que carregavam nos seus minúsculos cubículos de interior sépia outras pessoas silenciosas e fantasmagóricas fingindo ter lugares para ir e vidas a

viver, e Andy as observava enquanto Kerri dirigia, desafiando-as em pensamento a ter uma história melhor para contar.

Mais tarde, até esses figurantes rarearam. Aquela altura, Kerri tinha deixado a interestadual e pegado uma estrada secundária, depois uma rua de mão única, até por fim se enfiar na primeira estradinha de terra, seguir alguns metros pelo mato e estacionar. Eles iam dormir no carro. Nate já estava esparramado no banco de trás havia um bom tempo, e Tim, encolhido no espaço mínimo do chão ao seu lado. Kerri desligou o motor e o rádio.

— Última noite na estrada — falou, abaixando o banco. — A gente tem que fazer isso de novo, em circunstâncias melhores, não acham?

Algo naquele estofamento bege fazia com que o carro parecesse a salinha apertada ainda que aconchegante de um hobbit. Kerri se virou para Andy, abriu um sorriso de boa-noite e fechou os olhos.

Andy observou as constelações de sardas no rosto dela por alguns minutos, depois apagou a luz e seguiu seu exemplo.

Ela, na verdade, gostava de dormir assim — muitas vezes acabava preferindo carros a camas. Em hotéis ou cidades sempre havia barulhos distantes e luzes que distraíam sua consciência, mas em um carro no meio do nada não havia o que pudesse desviar sua atenção, o que ver ou ouvir, e isso significava, de certa forma, que ela poderia ver e ouvir tudo. Em suas noites sozinha na estrada, Andy gostava de afundar naquele vazio. Podia mergulhar no silêncio profundo e nadar na direção que desejasse. Podia navegar para a estrada, ou para uma cidade pequena, ou para uma cidade grande. Podia cruzar fronteiras de estados, sobrevoar o branco e o vermelho do trânsito, atravessar concreto e luzes de néon até encontrar Kerri em uma boate lotada e observá-la por um tempo, depois sussurrar no seu ouvido que estava na hora de ir para casa.

No entanto, ela não precisava fazer isso naquela noite. Kerri estava deitada bem ao seu lado, dividindo aquela concha de metal, sua silhueta cacheada refletida com clareza na janela do motorista. Andy poderia fechar os olhos e facilmente se concentrar na respiração do cabelo de Kerri, no calor do sangue de Kerri, tudo a centímetros de distância. Naquela noite, ela estava sentada exatamente onde queria, nadando em direção ao caminho para o qual sempre desejara nadar.

O resto não importava. Nate não importava, nem Tim, nem mais nada naquela paisagem. Ela ouvia os resmungos das montanhas e dos vales, e das legiões de árvores dominando a Costa Noroeste do Pacífico. Ela percebia o ronco suave da igreja de madeira e das persianas do restaurante de Blyton Hills, as estradas ao norte sob as estrelas e o desinteresse dos pinheiros. Ela sentia a quietude gelada do espelho enluzado que era o Lago Adormecido. Entreouvia a conspiração sussurrada das árvores na ilha solitária, e as paredes neutras e modestas

da casa mal-assombrada. Ela espreitava pelas janelas carcomidas e espiava por entre as tábuas empoeiradas do piso. Afundava até o porão e via a masmorra onde ela e Kerri ficaram trancadas. Podia sentir as paredes e ouvir as coisas do lado de fora, mesmo depois de tanto tempo. Os passos pegajosos, a respiração áspera. As unhas, como agulhas, tamborilando nos tijolos, arranhando o vidro, sentindo o calor das duas, dormindo no carro.

Andy abriu os olhos e se deparou com a criatura batendo no para-brisa, aos berros.

* * *

Ela acordou com um pulo, e só não destruiu o para-brisa com um soco porque o cinto de segurança a impediu, enquanto a criatura voava para longe, apavorada. Provavelmente era uma coruja. Andy teve que tapar a boca para sufocar um arquejo de adrenalina e não acordar todo mundo no carro.

Nate, ela viu, estava todo esticado no banco traseiro; Tim continuava no chão e Kerri seguia dormindo como se sob um feitiço, seu poder de afastar pesadelos ainda intacto. Tinha sido culpa da coruja. Qualquer um teria levado um susto com aquele bicho, concluiu. Quase qualquer um teria tentado socar até a morte a ave do outro lado do para-brisa.

Depois de um tempo, Andy achou que conseguiria sair do carro sem que ninguém despertasse. Ela estava enganada; assim que a porta se abriu com um estalo, Tim saiu e correu para o mato.

Andy deixou que ele fizesse o reconhecimento da área e ficou perto do veículo. As janelas estavam embaçadas, escondendo o interior, mas Andy ficou feliz ao perceber que o mundo exterior não os havia abandonado. Era uma noite agitada, um pouco nublada, mas as estrelas e a lua em quarto crescente iluminavam o suficiente para manter corujas, cigarras e roedores ocupados, a natureza tão inquieta e interessante quanto qualquer metrópole insone. A estradinha de terra pela qual eles tinham chegado subia poucos metros até o topo da colina, e Andy foi até lá, descobrindo que o lugar estava coberto por flores já abertas, brilhando na noite azul.

Ela se sentou, sentindo a terra úmida na calça jeans, e refletiu.

Tim voltou da sua missão de reconhecimento alguns minutos depois e se acomodou ao seu lado. Ele pareceu observar o horizonte com um toque da curiosidade de um astrônomo.

— Amanhã, Tim, estaremos em Blyton Hills. Sabe o que isso significa?

Ela coçou a cabeça do cachorro, humana e cão frente a frente, com os olhos exatamente na mesma altura, e Tim prestou atenção em cada palavra dela.

— Você nunca esteve lá, mas seu bisavô Sean já. É o melhor lugar do mundo. Uma cidadezinha mínima em um vale cheio de casas de veraneio, totalmente diferentes desses subúrbios plastificados. Tem jardins fofos e árvores bem antigas, e as pessoas não são riquinhas de nariz em pé nem caipiras, elas são legais de verdade. E em cada canto, em todas as direções, na floresta verde que cerca toda a cidade, você vai encontrar quilômetros e mais quilômetros de... aventuras.

O suspiro dela e o de Tim flutuaram até as estrelas.

— Montanhas para escalar, rios para atravessar, tesouros por todos os lados. Pântanos onde construímos jangadas, cavernas em que nos abrigamos quando chove, velhos moinhos e celeiros onde vilões maquiavélicos criam planos malignos, lagos com monstros, casas assombradas por fantasmas de piratas.

Ela ficou em silêncio. Tim lhe cutucou com o focinho como se ela fosse uma caixinha de música que parou de tocar.

— Na verdade, é meio assustador — avisou Andy. — Vamos precisar que você fique muito atento, soldado. Contamos com você.

Tim a encarou.

— Mas, se as coisas ficarem ruins de verdade, não precisa se preocupar. Porque o quarto de Kerri na casa da tia Margo em Blyton Hills é o lugar mais seguro do mundo. É tipo um santuário em que a gente pode se recuperar, fazer planos e rir até o medo ir embora. Nada pode nos alcançar lá. Nenhum monstro, valentão ou maldade entra ali, porque é onde Kerri mora. É onde ela dorme e lê, e é o coração da beleza de Blyton Hills, a fonte de onde vem tudo que é macio e feliz e vermelho no mundo. E é para lá que estamos indo. Você vai ver. Tudo vai ficar bem.

— Do que você está falando?

Kerri se aproximou, as mãos nos bolsos, uma trilha de vapor e a chama dos seus cabelos levando as palavras para longe.

— Oi.

Tim se levantou para cumprimentá-la, o rabo causando ciclones lá na Califórnia. Kerri fez carinho no focinho dele.

— Estou atrapalhando? Posso ir embora e deixar vocês curtirem esse momento a sós.

— Não, fica. Já acabamos aqui.

— Não conseguiu dormir?

— Precisava esticar as pernas — respondeu Andy. — Mas não, não consegui.

Kerri se sentou de pernas cruzadas ao seu lado, tomando cuidado para não amassar nenhum dente-de-leão. A paisagem noturna transbordava com constelações imaginárias.

Andy ficou em silêncio, mas os pensamentos dela já tinham saído dos trilhos novamente.

KERRI: (*Achando graça.*) Adedanha?

ANDY: Não. Por favor, sou péssima nisso.

KERRI: Ah, para com isso. Tá certo, vamos jogar uma versão mais simples.

ANDY: (*Envergonhada.*) Não! Eu sou péssima com palavras!

KERRI: Não tem nada a ver com vocabulário. Você precisa manipular a mente do adversário.

ANDY: Você vai ganhar de lavada.

KERRI: Posso explicar como se joga?

ANDY: Tá, vai lá.

KERRI: Normalmente a gente usaria papel e caneta, mas nós duas somos confiáveis. Você pensa em uma palavra, mas só me diz uma letra dela. Qualquer letra dessa palavra, entendeu? Então, eu vou pensar em uma palavra que tenha aquela letra, e vou dizer outra letra desta palavra. Está acompanhando?

ANDY: Aham.

KERRI: Agora, a sua palavra precisa ter essas duas letras. Se não tiver, você tem que pensar em uma que tenha. Aí você vai me dizer uma terceira letra, e eu vou pensar em uma palavra com essas três letras e falar uma quarta.

ANDY: Tá.

KERRI: É isso. Você pode continuar chutando letras, mesmo se não conseguir pensar em outra palavra. Ou pode dizer que estou blefando, e se eu não conseguir dizer nenhuma palavra, você ganha. Ou pode adivinhar em que palavra estou pensando, e se eu não conseguir pensar em outra, você também ganha. Sacou?

ANDY: Então ou eu blefo, ou digo que você está blefando, ou leio sua mente.

KERRI: Isso aí. Quer tentar?

ANDY: Vamos lá.

KERRI: Certo, então eu penso em uma palavra e digo uma letra. X.

ANDY: Putz, sério? X?

KERRI: Não significa que a palavra começa com X, só que tem X na palavra.

ANDY: Tá bom. Hum... E.

KERRI: L.

ANDY: X e L na mesma palavra?

KERRI: Aham. E não se esqueça do E.

ANDY: (*Pensa por um bom tempo.*) Certo, Ç.

KERRI: O.

ANDY: Ah, para. Não existe essa palavra.

KERRI: (*Sorrindo, orgulhosa.*) “Exalação.”

ANDY: Ah, como assim?!

KERRI: O quê? Foi moleza. Eu estava pensando em “exalar”, você me mandou um Ç, então tive que adaptar.

ANDY: Mas você é bióloga, e eu nem sei direito o que isso significa!

KERRI: Não precisa saber, aí é que tá! Você sabe que “exalação” é uma palavra, não sabe? É isso que importa. Você tem que pensar alto! Aliás, exalação é quando uma substância gasosa escapa do solo e se inflama ao entrar em contato com o ar.

ANDY: Ah. (*Confusa.*) Pensei que tivesse a ver com cheiro.

KERRI: É, também pode ser, mas eu não uso perfume e gosto de natureza, então me concentrei na parte que fazia sentido para mim. Mais uma?

ANDY: Certo. Você começa.

KERRI: Beleza. V.

ANDY: V. (*Pensa.*) Posso dizer V de novo?

KERRI: Dois Vs?

ANDY: Aham.

KERRI: Ok, estamos apostando alto aqui. (*Pensa, mordendo o lábio em uma fricativa labiodental.*) Ah, saquei. L.

ANDY: A.

KERRI: Você está pensando em “válvula”!

ANDY: Não. “Vulva.”

KERRI: (*Se jogando para trás na grama.*) Ah, merda! Sua safada.

Andy segurou um sorriso orgulhoso, se certificando de gravar aquele momento na memória para observação posterior.

Kerri se sentou de novo quando Tim tentou lambar seu rosto.

— Boa jogada. Viu, não é tão difícil.

Andy olhou para baixo, escondendo o sorriso.

— Fico feliz por estarmos fazendo isso — comentou Kerri, esperando a amiga fazer contato visual. — O que motivou você? Por que veio nos buscar agora?

Andy arrancou uma folha de grama e deixou os dedos brincarem com ela.

— Tenho pensado nisso desde que Peter morreu. Mas eu precisava falar com Wickley primeiro. Ou talvez não. Ele só me disse o que eu já esperava ouvir.

— Eu queria que você tivesse procurado a gente antes — falou Kerri.
— Era o que tínhamos que fazer mesmo.

* * *

No carro, Nate dormia apesar de Peter ter subido nele para olhar pela janela.

— Dá só uma olhada. As garotas estão sentadas lá fora, rindo e conversando. O que acha que está rolando?

Nate se virou para o outro lado, enfiando o rosto no estofado de couro falso.

— Vou dizer o que acho que está rolando — respondeu Peter retoricamente. — Estou captando uns sinais fortes aqui, Nate. Olha só pras duas. Os sorrisos. A linguagem corporal. Aquela intimidade... Não precisa ser detetive para sacar. Basta ter vivido, conhecido a mente feminina, compreendido o jogo. Acabou de me ocorrer que isso está rolando a semana toda! Até neste carro! (*Aponta os bancos dianteiros.*) Você não notou? As piadas, a química no ar... Quase dá pra sentir o cheiro dos hormônios! (*Orgulhoso.*) Estou dizendo, Nate, estou sentindo o cheiro de uma coisa que conheço bem.

NATE: (*Sonolento.*) Formol?

(*Pausa.*)

PETER: Que grosseria, Nate.

* * *

No sexto dia, Nate mal tinha acordado, e eles já estavam na estrada. Cruzaram a fronteira do Oregon umas duas horas depois. Mais quatro horas ignorando os limites de velocidade e começaram a ver as Cascatas. Mais quarenta e cinco minutos e estavam no Condado de Pennaquick.

O tempo perdeu qualquer importância a partir daquele momento.

A estrada se tornou uma faixa estreita de asfalto entre colinas cobertas de mata fechada, serpenteando para cima e para o oeste com uma convicção desvairada. Um oceano ondulante de pinheiros se espalhava em todas as direções, por quilômetros e quilômetros.

As três pessoas no carro começaram a se perguntar se tinham pegado a entrada correta quando de repente atravessaram a ponte de treliça sobre o Rio Zoinx — uma estrutura azul-cobalto enferrujada acima das corredeiras agitadas. Todos os olhos humanos brilharam ao reconhecerem aquela paisagem.

Na próxima entrada, à esquerda, uma placa azul de madeira dava as boas-vindas a BLYTON HILLS. O “H” havia sido carcomido pela podridão.

Tinha começado a chover.

* * *

Sem uma longa tomada de apresentação, a cidade meio que simplesmente surgiu de cada lado da estrada — algumas cercas de arame primeiro, depois um prédio brotando do mato, aí a Escola de Ensino Fundamental, e então um cruzamento e casas e lojas. Andy teve que confirmar no relógio se era mesmo dia útil. A maioria das lojas na Rua Leste estava fechada — e pelo visto fazia bastante tempo.

O primeiro empreendimento que viram foi um senhor empurrando um carrinho cheio de sucata em frente a um terreno baldio que Kerri jurava que antes abrigava uma loja de materiais esportivos.

Alguns carros estavam largados no cruzamento da rua principal com outra à esquerda, impedidos de chegar aos seus destinos, desanimados como figurantes não pagos. Na outra esquina do cruzamento, o estacionamento da igreja estava deserto.

Duas mulheres, um homem e um cachorro observaram a paisagem pelas janelas do carro, o gosto de cobre na boca.

O sol os havia abandonado, afinal.

* * *

Kerri virou à esquerda na rua principal, se deparando com o primeiro panorama da cidade, uma mistura de telhas azuis e nuvens crispadas de fumaça saindo das chaminés. A lanchonete Ben's Corner estava aberta e funcionando, assim como a farmácia e o mercado do sr. Maxence. A bandeira na prefeitura balançava no topo do mastro, embora fosse uma imagem que dificilmente inspiraria um exército dizimado a retornar ao campo de batalha.

Uma caminhonete passou por eles, e o motorista tocou no boné para cumprimentar as meninas. Foi um gesto irrelevante, mas, por algum motivo, Andy, Kerri e Nate se agarraram àquilo.

— É dessa crise que você estava falando? — perguntou Andy.

— Que crise? — questionou Nate.

— Não sei — respondeu Kerri, apontando para a moldura azul, vermelha e branca da vitrine do barbeiro. — Meu tio me trazia aqui no primeiro dia das férias para cortar o cabelo.

O barbeiro estava sentado do lado de fora da loja, como sempre fizera no passado, embora, daquela vez, não houvesse ninguém com quem jogar conversa fora. Isso não parecia incomodá-lo; na verdade, o homem continuava falando.

O cinema estava fechado, mas isso já era esperado, porque uma locadora de filmes tinha surgido mais adiante na rua.

— Vocês... não estão achando a cidade diferente? — perguntou Kerri.

Dois trabalhadores descarregando um caminhão pararam para descansar naquele exato segundo e ficaram observando de cara feia o Chevy Vega passar a trinta quilômetros por hora.

— Nossa, sim! — exclamou Andy. — Cadê as crianças, cacete?

— A gente só vinha durante as férias, lembra? — explicou Kerri. — Elas devem estar na escola agora.

— E os adolescentes?

— Devem estar perto da escola — sugeriu Nate. — Vendendo crack para as crianças.

* * *

A zona oeste da cidade, uma área residencial de quatro quarteirões no fim da rua principal, não tinha mudado tanto. Placas de madeira com VENDE-SE estavam protegidas da chuva fina sob as árvores, mas as casas que elas anunciavam se erguiam, velhas e solenes, em meio a jardins desolados.

O Chevy Vega se arrastou pelos últimos metros até parar em frente a um muro baixo de pedras com um portão de madeira velho, a tinta cor-de-rosa descascando. Kerri desligou o carro. Chegava ao fim aquela jornada de uma semana.

Andy saiu e, antes mesmo de acariciar o asfalto da rua, ergueu os olhos e observou a casa.

A casa a ignorou. Era séria e resoluta como o Monte Hood, vasinhos com flores e ervas nas janelas como insígnias de patente marcando os ombros, praticamente pegando o carro listrado com a ponta da janela esquerda e murmurando: “Arruaceiros.”

Os arruaceiros em questão estavam parados do lado de fora, as bagagens no chão, sem tirar os olhos do chalé cinza e rosa de pedra e madeira. Flocos rosados nevavam das venezianas, da porta de entrada, da cadeira de balanço, do portão humilde que rangia nas dobradiças por causa da brisa vinda do Pacífico. Andy suspirou a palavra “exalação”.

Kerri pulou o portão — tão baixo que sua presença ali não fazia lá muito sentido —, porque não queria perder tempo procurando a chave certa. Florestas úmidas haviam brotado por entre as pedras irregulares da trilha estreita até a casa.

Andy parou na metade do caminho e olhou para trás, para a rua. Era assim que todas as aventuras começavam. No seu dicionário mental, a definição de “aventura” era ilustrada exatamente por aquela imagem: a caminhada pelo jardimzinho, o portão cor-de-rosa, a imensidão inexplorada que havia além.

Kerri encontrou a chave da porta e despertou a fechadura.

Sua tia Margo lhe dissera que ainda vinha de Portland com seu fusquinha uma ou duas vezes por ano para dar uma olhada no lugar. Assim que a porta se abriu, porém, Kerri soube que eram os primeiros a colocar os pés ali em pelo menos dois anos, desde que recebera as chaves, da mesma maneira que alguém é capaz de perceber quando o seu espaço foi violado nos cinco minutos em que esteve fora. A casa era uma caverna, mas sem fogueiras ou embalagens de barrinhas de cereais espalhadas. Um templo romano sem visitas guiadas. Uma catacumba de sofás cobertos por lençóis.

Até Tim caminhava mais devagar.

Kerri, Andy e Nate entraram na ponta dos pés, apreensivos, agarrados às pequenas bagagens, adivinhando os móveis pelo formato sob os lençóis e percebendo as partículas de poeira que os atingiam entre um raio de sol e outro. As tábuas do piso rangiam historicamente de dor sob as botas de camurça e solas de borracha.

O que mais irritou Andy foi o silêncio completo. Pior do que notas de piano dramáticas, pior do que violinos em pânico. Nada.

Outra coisa a incomodava, mas Andy não conseguia identificar. Tudo estava como ela sempre havia imaginado: cada fotografia emoldurada, os livros nas prateleiras, que ela ainda se sentia jovem demais para ler, o papel de parede, a lareira, a TV pré-histórica. Tudo estava normal, só não... cantava.

— Vamos subir — decidiu, seguindo em frente.

Os degraus agonizavam como atores de filme B.

— Você vai ficar no quarto de sempre, Nate? — perguntou Kerri, ao chegar lá em cima.

— Acho que sim — respondeu ele, observando o corredor como se esperasse que armadilhas nas paredes começassem a lançar dardos venenosos neles.

Kerri ficou a uma distância segura do primo enquanto ele ia até o canto escuro e empurrava a porta. Uma cripta azulada, de certo modo aconchegante, o recebeu.

Então Nate decidiu se arriscar. Cruzou a escuridão e abriu a persiana.

As cores inundaram o cômodo e, como se fossem um desfibrilador, trouxeram o quarto dos meninos de volta à vida: duas camas de solteiro, lado a lado, uma escrivaninha, um alvo para dardos pendurado atrás da porta. Apesar das visitas frequentes à casa da tia na infância, a natureza tímida nunca permitiu que Nate deixasse marcas profundas no cômodo; as paredes não tinham pôsteres e os livros na estante não eram dele.

— Pra mim sempre foi um hotel muito, muito bom — comentou.

Kerri assentiu, parada no batente da porta.

— Espero que seja melhor que os hospitais psiquiátricos.

A voz de Andy soou do outro lado do corredor como um alarme de incêndio.

— Kerri! Que merda fizeram com o seu quarto?

Ela correu até lá, assustando os pratos de porcelana pendurados nas paredes, e escancarou a porta do antigo quarto.

O que Kerri viu foi o teto inclinado e os raios de sol atravessando as persianas em linhas finas. Suas borboletas presas em quadros nas paredes. Seus mapas. Seus livros. Seus bonecos de Lego. Sua escrivaninha, com os lápis de cor em um vaso de barro.

— O quê? O que foi?

Andy estava parada no meio do cômodo, os olhos arregalados.

— Ele encolheu!

Kerri notou a distância entre a sua cabeça e o teto inclinado. Ela precisava se abaixar para olhar pela janela.

— Não encolheu nada. Você disse que isso ia acontecer quando víssemos o lago de novo, lembra?

Andy girou o corpo devagar, no próprio eixo, como a rotação de um planeta, mais especificamente Marte, e começou a inspecionar o lugar. Quando se aproximou de Kerri, seus lábios esboçaram um sorriso.

— Sempre foi assim?

Ela acariciou a colcha de retalhos típica dos anos 1960, olhou para a amiga, como se pedindo permissão, e se sentou na cama. O colchão suspirou de leve.

Um sorriso maior surgiu no seu rosto, e Andy mordeu o lábio, um *uau* silencioso nos olhos.

* * *

Nate entrou, já sem o casaco, com as mãos nos bolsos.

— Então, o que a gente faz agora?

Andy saiu da cama com um pulo, se livrando da embriaguez da felicidade.

— Certo, hum... Temos um caso para resolver.

Os outros dois assentiram.

— Então, hum... Podemos fazer uma reunião do clube. Em, hum... cinco minutos. Na Ben's Corner. Tudo bem para vocês?

— É, sei lá, pode ser.

— Não, é sério, porque... Tipo, não quero ficar no comando nem nada. Acho que temos que ser um time, tomar todas as decisões juntos, sabe? Consentimento.

— Você quis dizer consenso?

— E, isso aí. Então, concordam em se encontrar na Ben's em cinco minutos?

— Beleza.

— Certo, então... Sei lá, desfaçam as malas, vão ao banheiro, não sei.

— Não precisa — disse Nate. — Eu nunca desfaço a mala, só tiro as roupas quando quero usar.

— É, eu também.

— Certo. Daqui até a Ben's Corner a pé dá quanto tempo?

— Cinco minutos.

— Então vamos nessa.

* * *

A Ben's Corner continuava praticamente a mesma, como todo bom estabelecimento humilde, convicto de que não precisa seguir as tendências porque, mais cedo ou mais tarde, estas mudariam por completo, e o lugar antes antiquado voltaria à moda. Porém, a não ser que os Estados Unidos sofressem um ataque nuclear e voltassem vinte anos no tempo, a Ben's Corner não viveria para ver o dia em que voltaria à moda.

O restaurante estava razoavelmente cheio, com beberrões e trabalhadores em horário de almoço, ninguém que tenha percebido a chegada de três viajantes e um cachorro se agitando para se secar e molhando o piso azul. O jukebox não estava mais lá. O rádio tocava "Groove Is in the Heart", porque essa é a forma deles de dizer que não estão nem aí para o clima de uma cena.

Eles se sentaram em uma mesa isolada, perto da janela, Andy e Tim junto ao vidro úmido de chuva. Nate pegou um cardápio, viu que era só mais uma plástica nova do mesmo Michael Jackson de sempre e o deixou de lado.

— Certo, então. — Andy estendeu as mãos na mesa. — O caso Lago Adormecido.

Kerri e Nate se inclinaram para a frente, com um interesse decidido. Tim de repente percebeu que algumas partes do seu corpo não estavam brilhando como deveriam e se pôs a corrigir isso. Andy desejou que eles tivessem um arquivo ou mesmo uma caixa de papelão cheia de evidências, como policiais fazem quando estão reabrindo um caso, mas tudo que havia à mão para remexer era o açucareiro e um frasco de ketchup.

— Bem, a gente pensou que tivesse resolvido o caso, mas não tinha. Porque...

— Porque o menos ferrado da cabeça nesse grupo é o Tim, e ele está lambendo os próprios testículos neste momento — completou Nate.

— Tim! — repreendeu Kerri. — Nada de fazer isso à mesa.

— É isso, Nate — disse Andy. — Então, o que deu errado?

Ninguém respondeu.

— Acho que a gente pode refazer os nossos passos — surgiu ela. — Vamos voltar ao que fizemos em 1977 e descobrir o que deixamos passar. Kerri?

Kerri pigarreou e falou com a confiança de uma pré-adolescente:

— Certo. Então, verão de 1977. Hum, eu já estava na cidade havia algumas semanas; Peter e Nate chegaram depois, acho; por último, você. E... nós ouvimos falar dessa criatura que algumas pessoas viram no lago e contamos isso para você no dia em que chegou. Então, Peter decidiu que deveríamos ir de bicicleta até lá no dia seguinte e pescar e investigar um pouco, essas coisas. A pescaria foi mais uma desculpa para a tia Margo.

— Certo. Então pegamos os equipamentos de pescaria, uma barraca, comida, e fomos para o lago. O que aconteceu depois?

— Bem, chegamos de manhã e estava chovendo, como hoje, com muita neblina. Montamos a barraca e demos uma olhada nos arredores, só que não encontramos nada. Depois, mais tarde, ouvimos um barulho vindo da mata. Quando fomos ver o que era... encontramos a criatura.

— Tá. Mas era mesmo a criatura?

— A gente tinha encontrado o cervo estraçalhado mais cedo — interrompeu Nate.

— A gente não sabe se uma coisa está ligada à outra — retrucou Kerri.

— Diga isso para o cervo.

— Olha, um bilhão de coisas podem ter acontecido com aquele bicho.

— Mas todas ao mesmo tempo?

— Tá bom, tá bom, anotado: achamos o cervo — interveio Andy. — Depois voltamos a isso. Mas quando vimos a criatura na floresta pela primeira vez...

— Era o sr. Wickley com uma fantasia — disse Kerri.

— Será? Temos certeza disso?

A pergunta pairou sobre a mesa por um momento.

Nate respondeu, com uma calma surpreendente:

— Eu acho que era o sr. Wickley mesmo. Porque... Não sei, quer dizer, eu fiquei com medo na hora, mas depois... Foi pior quando vimos as outras, não?

As garotas se entreolharam, pensativas, mas não disseram nada, perdidas nas próprias lembranças. Um silêncio sólido e pesado surgiu na mesa.

— Quer dizer — continuou ele —, as outras nem sequer tinham olhos, tinham?

Um garçom se aproximou, quebrando o gelo daquele terror.

— Oi, bem-vindos à Ben's. O prato do dia é ensopado de carne com cenoura. — Ele ergueu os olhos para o quarto freguês sentado à mesa. — Hum, esse cachorro não deveria estar sentado aí.

Tim bufou, aristocrático, e voltou-se para a vista em preto e branco do lado de fora. Os jovens voltaram de seus flashbacks.

— Eu quero um café, por favor. Puro — pediu Nate.

— Eu também — disse Kerri.

— Vou querer um milk-shake. Pêssego.

— Kerri?

Eles olharam para o garçom, intrigados.

— Kerri Hollis? — O rapaz observou os outros. — Nate. E Andrea! — Ele tirou o boné, balançando e exibindo o cabelo louro longo como se fosse o prêmio ridículo de um programa de auditório. — Joey Krantz!

— Ei — cumprimentou Kerri, sorrindo antes mesmo que seu cérebro dissesse à boca o que fazer. — Joey. Oi.

— O que estão fazendo aqui? — perguntou ele, alto o bastante para chamar a atenção de algumas pessoas no bar. — Como está a sua tia Margo?

— Ótima, ela está ótima. Morando em Portland. A gente só, hum, veio passar o fim de semana. Para lembrar os velhos tempos. Sabe como é.

— Legal! Vocês já devem ter visto que muitas coisas mudaram por aqui, né? Sabem o reservatório de água? Pintaram de branco. E aí, vocês ainda andam por aí solucionando mistérios ou resolveram sossegar o facho? — Ele balançou a caneta para Andy e Nate, que olharam para a mesa, depois um para o outro, e então basicamente para qualquer outra coisa no universo que não fosse Joey.

— E você? Como está? — perguntou Kerri.

— Ah, você sabe... Viajei por aí... arrumei uma namorada em Belden. A gente, hum... A gente terminou há pouco tempo. E desde que meu pai deu um jeito na coluna, sabe, estou dando uma força no negócio da família.

— Legal. Legal.

— Eu também faço trabalho voluntário na delegacia de vez em quando, então quem sabe um dia eu vire um agente da lei que nem vocês. Enfim... Dois cafés puros e um milk-shake, certo? É pra já.

Ele rabiscou alguns pontos e formas básicos no bloquinho e foi embora.

Kerri e Nate se entreolharam, os rostos ainda tensos.

— Tudo bem. Então — prosseguiu Andy —, nós encontramos a criatura do lago, e aí...

— Era pêssego, né? — gritou alguém do balcão.

— Isso! Obrigada! — gritou Andy. — Certo. Nós vimos a criatura do lago, e então o que fizemos?

Kerri e Nate ainda estavam segurando o riso.

KERRI: Nós fugimos.

NATE: Desculpa, “fugimos” no passado ou “fugimos”, tipo, agora? Isso é uma lembrança ou uma sugestão?

ANDY: Pessoal, vamos lá.

KERRI: Ai, desculpa. É que... (*Risinhos.*) Você tem que admitir que isso foi... estranho.

ANDY: Um pouco, mas...

KERRI: Sério? “Como está a tia Margo?” Como assim, cara...

NATE: Como se de repente ele tivesse se transformado na dona de casa fofinha da cidade.

ANDY: É, foi esquisito mesmo.

NATE: Foi engraçado. Ele virou garçom, sabe.

KERRI: Sim! Bem, eu era garçonete até semana passada, então não achei essa parte tão engraçada, mas sei lá... Algo ali chamou a minha atenção, foi engraçado. Só não consigo identificar exatamente o quê, mas...

NATE: Talvez tenha sido porque ele não tratou você como uma nerd dentuça, ou a mim como um idiota qualquer, ou Andy como uma imigrante ilegal.

ANDY: Tá, gente, já entendi que foi engraçado. Mas, sério... dane-se ele.

NATE: Foi o que a namorada de Belden falou.

KERRI: E ele falando: “Viajei por aí”... Sério, acho que dá para ir andando até Belden.

Nate gargalhou, enquanto Kerri tentava voltar ao assunto.

— Então, vamos lá: o que a gente fez depois disso no lago? A gente fugiu.

— Sim, recuamos bravamente, como o Sir Robin.

— Tá — continuou Andy. — E aí?

— Fomos procurar o capitão Al.

Nenhum dos três conseguiu continuar a partir daí, observando aquele nome pairar entre eles, se esvaziando como uma bola e pousando na mesa de fórmica.

— Dois cafés — disse o garçom, na hora certa, servindo os pedidos. — E um milk-shake de pêssego.

— Ei, Joey — disse Kerri. — O capitão Al ainda mora aqui?

— Quem?

— Al. O capitão Al.

Joey franziu a testa, confuso.

— Ah, peraí, você está falando do Al Malucão.

— Hum... talvez.

— Sim, ele ainda mora aqui. Você já viram o velhinho que vende sucata perto da rua principal?

Andy, Nate e Kerri arregalaram os olhos, horrorizados.

— Ah, não, não! Não é ele, não! — corrigiu-se Joey. — Fiquem tranquilos. Não é ele. De qualquer maneira, é só seguir esse cara. É o Al Malucão que compra a sucata dele.

Imagine um clima absolutamente comum para meteorologistas, mas, de alguma maneira, relevante para ambientar a cena em questão. Digamos, chuva fraca e sol; ou talvez trovões ribombantes sem raios.

O Chevy Vega cor de âmbar passava por estradas de terra, jogando ondas de cascalho para trás em alta definição.

Não foi preciso seguir nenhum morador de rua; Kerri sabia aonde ir. Depois que a mina de ouro de Blyton Hills foi abandonada no início dos anos 1960, após um breve período próspero em que o estanho se tornara o principal produto da região, a mesma empresa californiana dona das minas transformou a usina de fundição ao sul da cidade em uma indústria química. O novo empreendimento estendeu a vida útil da economia da região e deu origem a um pequeno bairro residencial para os funcionários mais qualificados, que ficava a mais ou menos um quilômetro e meio do centro da cidade. Nos anos 1980, essa fábrica também foi fechada, e a área residencial nas proximidades logo esvaziou, a população de trabalhadores aposentados cedendo seu lugar para a crescente demanda de lares para sem-teto e de espaço para adolescentes problemáticos.

Ao sul dessa área, começava a se formar o bairro ruim.

Para se livrar das toneladas de lixo tóxico e sucata que a indústria gerava, criou-se um ferro-velho, e uma nova fornalha foi instalada para queimar os resíduos. O incinerador funcionou na capacidade máxima por dois anos — o suficiente para pintar o céu de um cinza-ferrugem — e, depois, também foi fechado. O ferro-velho ainda estava aberto, embora basicamente só servisse para alimentar a esperança de que o resto do lixo impossível de queimar evaporasse de uma vez por todas, para que, assim, a exploração ambiental pudesse recomeçar com tudo. Um funcionário aposentado havia muito ficava a postos em uma torre de vigia apenas aguardando isso acontecer.

Foi ali que Kerri estacionou: a alguns metros da torre, aos pés da qual, aproveitando um fraco raio de sol invernal, em uma rede rasgada, enrolado em um cobertor de lã, usando um boné e com uma garrafa de ácido de bateria de uns doze anos ao lado, estava o velho que eles procuravam.

Dois pares de tênis e um de botas de camurça pisaram na terra amarela, as portas do carro batendo atrás deles.

Os lábios poeirentos do velho tremeram ao falar.

— Caiam fora.

Mais nenhum passo foi ouvido.

A não ser os do cão, que com um resfolegar e um raspar de focinho úmido nos dedos do velho fez com que ele enfim erguesse os olhos. Um microterremoto fez uma mosca pousada no boné voar para longe quando ele encarou o Weimaraner lambendo a terra do nó dos seus dedos.

— Eu conheço esse cachorro.

O velho se sentou, tirou o boné e o cobertor, e observou o festival de cores — cachos ruivos e pretos e âmbar. Os olhos estreitos se estreitaram ainda mais para identificar a mulher de pernas longas à sua frente.

— Kerri.

Um sorriso nasceu como o sol após a guerra.

— Puta merda! Nate! E Andy! Ih, merda! — Ele riu, depois ficou sério e perguntou: — Tudo bem falar palavrões na frente de vocês agora, né?

— Claro que sim, cacete — falou Kerri, ela mesma insegura quanto ao uso daqueles termos.

Eles se abraçaram. Kerri ficou surpresa ao perceber a magreza dele por baixo das roupas velhas e puídas.

— Vamos lá em cima! — chamou ele depois de abraçar todo mundo, acenando para o cachorro. — A limonada acabou, mas vou achar outra coisa.

Eles o seguiram por uma longa escada enferrujada que ameaçava passar tétano ao menor toque. Kerri observou as costas de Al enquanto subiam. Não foram poucas as coisas que ele havia perdido naqueles treze anos; mas o ombro largo não era uma delas.

O cômodo no topo da torre estava quente por causa do aquecedor a gás no canto, perto de um colchão no chão. No meio, havia uma mesa usada como bancada de trabalho, com um motor de avião largado onde outras pessoas colocariam uma cumbuca de frutas falsas. Tim, sentindo o cheiro do colchão, decidiu que pertencia a algum outro animal e saiu de perto. Al deu uma olhada nos armários da parte do cômodo que inexplicavelmente servia de cozinha.

— O que posso oferecer para vocês? Tenho café solúvel... Droga, mas não tenho leite.

— Não precisa — respondeu Kerri.

— Não, espera, acabei de lembrar, vocês já têm vinte e um, certo? — Ele colocou uma garrafa de uísque na mesa e quatro copos que definitivamente não eram do mesmo conjunto. — Sentem-se! Deixem isso aí em qualquer lugar e puxem a cadeira. Cacete, olha só vocês. O Clube dos Detetives de Blyton batendo à minha porta! — Os jovens sentiram os olhos do capitão bebendo a sua juventude. — E cadê o Peter? Não me digam que aquele garotão deixou vocês virem até aqui sem dar cobertura... Onde ele se meteu?

E foi naquele momento, entre todos os possíveis, que ele decidiu parar e esperar por uma resposta.

Em uma questão de segundos, o cérebro de Kerri produziu milhares de histórias plausíveis. Algumas eram até boas. Peter casou e está enrolado, cuidando dos gêmeos. Foi filmar em Paris com Juliette Binoche. No último ano da Academia da Força Aérea em Colorado Springs. Porém, no mesmo instante que o departamento de ficção de seu cérebro disponibilizou todas essas histórias, Kerri as descartou. Ela precisava dizer a verdade para Al. Por uma razão, argumentou ela com a própria imaginação, chocada diante daquela escolha: porque agora precisamos do capitão Al que é capaz de encarar a verdade, não de um homem que precisa ser apaziguado por mentiras.

— Capitão, sinto muito — disse ela. — Peter morreu.

Andy e Nate observaram o sorriso dele se transformar em confusão, depois incredulidade, e então tristeza. Tão suavemente quanto as flores se fechando à noite, quase devagar demais para ser percebido a olho nu, o sorriso ressecou e se foi.

— Não. — Sua voz falhou. — Não não não não não. Como ele morreu?

— Não conta a verdade — implorou Peter, assustando Nate ao surgir ao seu lado. — Por favor, Nate. Não conta a verdade.

Nate nem sequer piscou. Ficou parado, mal notando a presença de Peter pelo canto do olho, avaliando a oportunidade à sua frente. Ele falou antes que mais alguém conseguisse.

— Acidente de carro. — Nate percebeu que as meninas o olharam com espanto, mas também não desmentiram. — Não foi culpa dele. Sinto muito, Al.

O capitão se sentou. Foi o primeiro a se sentar.

Montanhas de metal distantes, contrastando com o céu amarelo, choraram por trás das janelas sujas.

— Cara, isso não está certo — murmurou ele para as ruínas. — Não está certo.

— Capitão — chamou Andy. — Precisamos da sua ajuda.

Al voltou a atenção para ela devagar, como se estivesse muito, muito distante. Sua mão serviu uísque em um dos copos, e ele virou de uma vez só.

— O que posso fazer por vocês?

Não foi um questionamento retórico; foi uma dúvida real e desorientada.

— Estamos com um caso, Al.

— Ah, é? — Ele deu uma risada tristonha. As visitas esperaram enquanto ele se servia de mais uma dose. — Tremel, vilões de Blyton Hills, porque o Clube dos Detetives de Blyton está de volta à ativa. O que é desta vez? Trem-fantasma na antiga ferrovia? Artefatos roubados do

museu? — A cada exemplo ele tinha mais dificuldade de continuar. — Uma... mensagem cifrada deixada por um fugitivo de sobretudo preto?

— Al, o que aconteceu com você? — perguntou Kerri, estupefata. — O quê... E a sua casa?

— Eles tomaram, Kerri — respondeu o homem, alguns decibéis mais alto que o necessário. — Minha pensão de veterano não deu mais conta. E perdi o dinheiro que investi em ovelhas. Mataram todas.

— Mas... — Kerri tentou encontrar uma palavra adulta para desfazer aquele desastre. — E o seguro?

— Não tinha seguro. Fomos à falência. O pouco que tínhamos gastamos brigando com os advogados da empresa.

Al afogou a intensidade do momento no resto da bebida, transformando o clima da cena.

Quando voltou a falar, suas palavras saíram lentas e sombrias.

— Blyton Hills precisa da ajuda de vocês, crianças. (*Erguendo os olhos, com um ar que era dois terços brincalhão.*) Isso se essa merda ainda tiver salvação. Tudo deu errado depois que vocês foram embora.

As garotas ficaram em silêncio. Tim se deitou, sentindo o baixo-astral. As cortinas estavam prestes a se fechar.

Nate permaneceu no palco.

— Que empresa?

— A RH, da Califórnia — respondeu Al. — A que era dona da indústria química.

— E das minas de ouro — lembrou Kerri.

Andy percebeu que seria a última chance de tocar no assunto e aproveitou:

— Al, vamos reabrir o caso do Lago Adormecido. Lembra? Você levou a gente até as minas.

Al assentiu, ou sua cabeça balançou. Os olhos não estavam fechados, mas também não pareciam abertos por vontade própria.

— Lembra que procuramos você depois de encontrarmos o monstro na floresta? E você nos levou até lá no dia seguinte. Não vimos a criatura, mas achamos pegadas que levavam para a mina de ouro abandonada...

— Você se lembra do cervo trucidado? — perguntou Nate.

— Eu me lembro de um cervo morto, sim — murmurou o velho sob o boné.

— Não só morto, capitão; estava estraçalhado. E os pássaros tinham parado de cantar.

Um olho brilhou com um estrondo. Al ergueu a cabeça.

— Tinham?

— Sim. — Nate olhou para Kerri e Andy. — Não lembram? Quando voltamos ao lago, tentamos achar o cervo. Lembro que Peter falou

“escutem”, e a gente prestou atenção, e você — ele apontou para Kerri — disse: “Cadê os pássaros?”

Al se levantou e abriu o armário, tirando de lá uma lata de biscoitos. Kerri estava prestes a recusar educadamente quando percebeu que não havia biscoito ali. O primeiro item que ela reconheceu foi uma página do *Diário de Pennaquick*.

Al pegou os óculos de leitura em cima da pia e deu uma olhada na folha.

— Caramba, Al, você guardou isso tudo? — disse Andy, se aproximando da lata e pegando outro item: uma nota de cem dólares. — É o dinheiro falsificado do caso do contador desaparecido. E isso aqui... Cacete, são os dentes do lobisomem?

— Não mencionam cervo nenhum aqui — apontou Al, lendo a matéria.

— Al, eles nunca deixaram a gente ficar com nada disso. O delegado disse que eram evidências dos casos.

— Ainda tenho alguns amigos por aí — respondeu ele, sucinto.

— Ninguém nunca falou do cervo porque o cervo não tinha nada a ver com a história — disse Kerri. — Como Wickley caçaria e estraçalharia o bicho?

— Ninguém nunca falou do bicho porque não se encaixava na versão deles; não significa que não tem relação — argumentou Nate.

— Provavelmente não tem — comentou Al. — Até porque continuou acontecendo depois, para o seu governo.

Andy, que estava concentrada no conteúdo da lata, voltou à conversa.

— Outros cervos mortos? Perto do Lago Adormecido?

— Isso — comentou Al, não dando muita importância. — Alguns anos atrás. Eu não vi, mas lembro que um pessoal que estava acampando por ali ficou bem assustado. Enfim, não é com cervos destroçados que me preocupo.

Andy, Kerri e Nate se entreolharam, decidindo quem iria questionar aquela afirmação.

— Era comum animais aparecerem mortos — explicou Al —, na beira do lago, sem explicação. Sem mordidas ou sinais de ataque, apenas mortos.

— Envenenados — sugeriu Andy.

— Não era por causa da indústria química, é bem mais pra frente no rio — disse Kerri. — Talvez... Não sei, vazamentos de gases tóxicos das chaminés das minas? Os túneis correm por baixo de toda essa área. Também explicaria a ausência dos pássaros.

— É — concordou Nate —, tipo quando os mineiros levam um canário em uma gaiola para se certificar de que o ar está bom.

PETER: Ei, eu estava pensando na mesma coisa.

NATE: (*Sussurrando.*) Cala a boca.

— As chaminés foram todas fechadas — falou Al. — Assim como a entrada perto do lago. O único acesso que sobrou é um duto de drenagem que dá no rio, saindo da Colina da Sentinela.

— Foi onde achamos as pegadas — lembrou Andy.

— Tenho quase certeza de que eram de Wickley também — disse Nate.

— As minas pertenciam a quem na época? — questionou Kerri. — À RH?

— Isso — respondeu Al, ainda lendo o jornal. — Diz aqui que eles compraram da família Deboën em 1949. Provavelmente custou dois tostões furados. A família estava falida.

— Como ninguém suspeitou da RH em 1977? — questionou Kerri. — O nome deles fica surgindo toda hora.

— As pessoas da cidade não desconfiavam das grandes corporações na época. O ódio delas era voltado aos Deboën. Quando os boatos sobre a criatura do Lago Adormecido ressurgiram nos anos 1960 e 1970, todo mundo culpou a família. A lenda dizia que a criatura do lago assombrava a ilha, então, de certa forma, eram os Deboën que estavam causando aquilo. Sinto dizer que o inquérito oficial não tem informações muito diferentes dessas.

— Talvez a gente devesse ir atrás — propôs Andy, distraído-se da caixa de lembranças. — Do inquérito oficial. Podemos pedir ao subdelegado Wilson para dar uma olhada nos arquivos do caso.

— Wilson morreu em 1986 — comentou Al. — Câncer no pulmão. Copperseed é o novo delegado de Blyton Hills.

— Peraí. O oficial Copperseed? — repetiu Nate. — O que nunca acreditava na gente?

— Ele mesmo. A força policial da cidade foi reduzida a ele e alguns voluntários que trabalham meio expediente. Seu amigo Joey Krantz é um deles. De qualquer maneira, os arquivos do caso são só uma coleção de depoimentos de pessoas que viram a criatura. A maioria acabou sendo ligada a Wickley.

— A maioria — ressaltou Nate.

— Bem, os boatos com certeza já existiam antes de Wickley chegar. Na verdade, foi como ele teve a ideia para a fantasia. O subdelegado Wilson pelo menos teve o bom senso de não acreditar nas maluquices, mas quando foi obrigado a apontar um suspeito, acabou pegando a pessoa errada.

— Dunia Deboën — mencionou Andy na mesma hora. — A última herdeira. Ela ainda está viva?

— Ah, sim. Ainda mora sozinha na mesma casa na Colina da Coruja. Mulher forte. Aguentou muita merda das pessoas daqui.

— A gente pode falar com ela, talvez — sugeriu Kerri. — Perguntar sobre a Corporação RH, como conseguiram o controle das minas. Eles parecem bem imprudentes.

— Se você falar isso para Copperseed, vai ganhar um aliado — comentou Al. — Ele odeia a RH. Há anos diz para fecharmos as minas e destruirmos a fábrica.

— Será, gente? — questionou Nate. — Toda essa história de “corporação do mal poluindo o lago” parece mais coisa do *Capitão Planeta* do que do Clube dos Detetives de Blyton.

— Odeio esse desenho — comentou Andy.

— Ah, não é tão ruim assim.

— Claro que é. O moleque latino ficou com o pior anel. Sério, desde quando “coração” é um elemento?

— Mas é isto: eles queriam tanto um latino que criaram um elemento só para ele.

— Então por que colocaram dois brancos, um americano e uma europeia? De onde eles acham que os americanos brancos vieram, Saturno?

— Enfim — disse Kerri, retomando o assunto —, a RH é uma vilã plausível. Não dá para esperar que seja outro Wickley. Porque... somos adultos agora; nós três contra um bandido mesquinho não parece justo. Uma empresa esquisita com um exército de advogados é um oponente mais à altura.

— É um começo — concordou Andy.

— Sim, mas...

Eles se viraram para o capitão Al. Ele estava de volta à cadeira, o olhar distante outra vez, os dedos em volta do copo vazio.

— Não foi certo — disse ele. — Tudo naquele caso, o jeito como terminou.

As palavras lhe fugiram. Então sua mente pareceu determinada a voltar aos fatos conhecidos.

— A noite em que vocês desapareceram... — começou ele. — A última noite, quando vocês voltaram à casa do lago sozinhos... Estávamos procurando vocês, Wilson e eu, e... (*Um sorriso torto.*) Sua tia Margo estava desesperada. Ela sempre ficava assim, odiava essas aventuras de vocês. Mas eu estava... — Uma palavra flutuou diante dos seus olhos, mas ele hesitou. — ... com medo. Wilson e eu estávamos no barco da polícia, e estávamos com medo. Eu não... E quando encontramos o barco de vocês virado... Por um segundo, temi o pior. Vocês sabiam nadar, eu tinha certeza disso, mas estava tão escuro... Não só pela noite, mas pela névoa, e... merda, estava tudo quieto demais. O mundo nunca deveria ficar tão quieto assim. Nem nos desertos, nem no fundo do oceano.

“E aí, horas depois, contrariando as minhas expectativas, o sol nasceu. E lá estavam vocês, acenando para nós do píer. Então fomos até a ilha e encontramos vocês do lado de fora da mansão, naquele dia lindo, os pássaros cantando, o vento bagunçando os seus cabelos, e lá estava Wickley, amarrado na rede de pesca, caído no píer, se contorcendo naquela fantasia ridícula, e... *(Al os encarou.)* Vocês estavam sorrindo. E então, enquanto Wilson algemava o cara, eu chamei vocês e perguntei: ‘O que aconteceu?’ E ninguém disse nada. Foi Peter que depois falou: ‘Nós resolvemos o mistério.’ E foi isso.”

O público permaneceu em silêncio.

Andy olhou para Kerri. Nate olhou para Peter.

Tim ouvia o capitão, compadecido.

— Quando Wilson ficou doente — recomeçou o capitão —, fui visitá-lo muitas vezes. Conversar sobre os velhos tempos. E vocês... Nossa, vira e mexe a gente falava de vocês. Ele adorava o Clube. Em um dos últimos dias, quando ele já não conseguia mais sair da cama, eu estava no quarto, e o ouvi falar: “Lembra, Al, quando as crianças se perderam no lago, e a gente passou a noite procurando? Lembra quando a gente encontrou os pobrezinhos? Como estavam assustados?”

Al olhou para eles. Lágrimas brilharam nos seus olhos.

— Mas vocês não estavam assustados. Estavam sorrindo.

Treze anos depois, as crianças não se mexeram, não respiraram.

E então, o momento passou.

Al apertou a ponte do nariz.

— Tudo bem? — perguntou Kerri.

— Sim. Me perdoem. Eu estou velho e... a essa hora normalmente já apaguei de tanto beber.

Tim começou a andar para a saída, sacando que a cena estava para terminar.

— Tudo bem — disse Kerri. — Vá descansar, capitão. Por hoje já deu. Obrigada.

Al assentiu, os olhos fechados, e não os levou até a porta.

Tim, Nate e Kerri desciam a escada quando Al chamou Andy.

Ela se virou. O capitão fechou a lata de biscoitos e a empurrou na mesa.

— De jeito nenhum — disse Andy. — Isso é seu. São suas memórias.

— Sempre guardei para vocês — explicou ele, com um olhar melancólico que tinha levado décadas para aperfeiçoar. — Meu plano era dar isso para vocês quando voltassem nas férias seguintes. Mas vocês não vieram. E eu simplesmente... esqueci. — Ele ergueu a cabeça e sorriu, espantando a tristeza. — Mas é de vocês. Vão precisar disso. Não se esqueçam do bom trabalho que fizeram.

Andy pegou a lata. Estava pesada. Tesouros chacoalharam lá dentro.

— Obrigada, capitão.
Ela já estava na porta quando ele a chamou de novo.
— Você ainda gosta de ser chamada de Andy, não é?
Ela sorriu.
— Sim. Obrigada por perguntar.
Andy bateu os tornozelos, prestou continência e saiu da casa do capitão Al.

* * *

Ao descer apressada a escada, Andy percebeu que ninguém tinha entrado no carro. A chuva havia parado, e um raio de sol iluminava o veículo como se os céus estivessem mostrando que a missão deles começava ali.

— Qual o problema?

Kerri lhe entregou um envelope.

— Estava dentro do carro.

— Eu deixei a janela um pouquinho aberta — explicou Nate. — Estava começando a feder lá dentro.

Andy virou o envelope. Na parte da frente estava escrito *CDB*.

— Alguém nos seguiu até aqui? — perguntou ela, observando o ferrovelho.

Montanhas de peças de carros e metal enferrujado se erguiam na tarde ensolarada.

— Podem ter deixado quando ainda estávamos na cidade — supôs Nate. — Estava entre o banco e a porta. Só notei agora.

Andy abriu o envelope. Continha uma única folha de papel, com uma mensagem curta escrita em letras maiúsculas: PAREM DE PROCRASTINAR. VÃO PARA O LAGO.

— E agora? — perguntou Kerri.

— Vamos para o lago — respondeu Nate.

— Só porque uma mensagem anônima nos mandou fazer isso?

— A gente já estava planejando ir mesmo, não estava?

— Também podemos visitar Dunia Deboën, ou falar com o delegado. Temos poucas horas antes do pôr do sol; é melhor deixar o lago para amanhã.

— A gente pode ir hoje e acampar lá à noite — sugeriu Andy.

— Eita! — Kerri olhou para os dois, parando por um segundo para se certificar de que não tinha colocado exclamações demais na frase. — Isso é um pouco extremo, não? Era para irmos com calma, e agora decidimos passar nossa primeira noite logo no lago?

— O que pode ter de tão assustador lá? — perguntou Nate. — Você acha que estamos lidando com uma corporação do mal. O pior que pode

acontecer é aparecer um CEO fantasiado de chupa-cabra.

Kerri se virou para Andy.

— Certo, você decide. O que vamos fazer?

— Eu decido? Não, não, não. Já falei, não sou a líder. A gente decide tudo junto.

— Eu quero ir para o lago, Kerri não. Você tem que desempatar — resumiu Nate. — Então, o que vamos fazer?

De repente, Andy se viu entre Kerri e Nate, os dois de braços cruzados, esperando sua palavra final.

Ela olhou para o cachorro.

— Tim?

O Weimaraner se sentou, obediente, esperando suas ordens, uma brisa de querosene soprando as orelhas.

Andy releu a mensagem.

PAREM DE PROCRASTINAR. Foram essas três palavras que puseram um ponto final no dilema. Andy odiava levar bronca.

— Vamos voltar para o QG e pegar os equipamentos de camping. E, então, partimos para o lago.

A estrada que levava ao Lago Adormecido brotava a noroeste do bairro de Kerri em Blyton Hills, começando com uma via expressa que atravessava fileiras tortas de cedros. Os velinhos costumavam passear por ali, indo até a ponte de madeira se estivessem no clima para se aventurar, mas a estrada ia além do que a maior parte dos moradores se importava em lembrar. Ela seguia para o norte logo depois da ponte e se escondia sob as copas de árvores centenárias e menos civilizadas. Cruzava dois barrancos (ou o mesmo barranco duas vezes), até, por fim, chegar ao cruzamento em que antigamente caminhões carregados de maquinário e mineiros ainda limpos pegavam o melhor acesso até as minas na Colina da Sentinela. O atalho mais difícil seguia a noroeste, circundando as colinas ao subir contra o fluxo da água, se enfurnando cada vez mais na floresta. Em vinte e poucos quilômetros, a estrada perdia quase tudo que a caracterizava: placas e marcações primeiro, depois asfalto, então valetas, o respeito dos animais silvestres, e, por fim, quase dois metros de largura da via. Quando já era basicamente uma trilha de terra batida encolhida e quase invisível serpenteando por entre as imensas raízes retorcidas dos pinheiros, a mata acabava e o sol atingia a última linha de árvores como ondas na praia.

Andy pisou no freio com força, fazendo a lata-velha cor de âmbar derrapar e parar a menos de três metros da água, uma cortina de pó e insetos assustados ao redor do carro. Ela estava indo rápido demais e calculou mal o tamanho da margem do lago.

O sol refletia nos mais de trezentos quilômetros quadrados de água.

— Tá — admitiu Andy. — Não é uma pocinha.

* * *

Tim pulou de sua caravela e correu para conquistar o Novo Mundo.

Os tênis de Andy afundaram na grama macia. Durante suas andanças por aí, ela se lembrava de poucos lugares, incluindo tundras desérticas e parques nacionais, em que o homem tivesse deixado sinais tão escassos de sua presença, e, por alguma razão que Andy desconhecia, um desses locais era o Lago Adormecido. Talvez os pioneiros do noroeste do Pacífico tivessem chegado ali, registrado a existência do lago nas suas anotações e seguido em frente, tentando terminar o mapeamento do Oregon a tempo para o jantar. No entanto, também era possível que o próprio lugar conspirasse para apagar os poucos rastros do passado.

Havia indícios de presença humana — um deque, não muito longe, na margem leste, e a silhueta tímida de uma casa escondida sob os pinheiros na ilha distante —, mas, de alguma forma, o lago parecia tê-los dominado, convencendo os visitantes de que tais construções eram apenas monumentos naturais, esperando para serem descobertos.

Os três humanos saíram do carro e se aproximaram da água timidamente, observando a imensidão que, por incrível que pareça, não havia sido exagerada pela memória infantil. Na verdade, era difícil ter noção do tamanho exato do lago: as margens se desdobravam em cabos e golfos, com penínsulas arborizadas obstruindo uma visão completa do lugar. A margem oposta era tão distante que parecia acinzentada, mesmo em contraste com o céu chuvoso.

No que poderia ou não ser o centro geométrico do lago, uma ilhota alongada era esmagada por árvores colossais, cujas sementes havia muito tinham flutuado da terra firme e pousado com precisão naquele lugar, colonizando-o. Algumas janelinhas elevadas se abriam por entre as copas dos pinheiros.

— Então, aqui estamos — disse Kerri.

Andy observou a amiga, o sol iluminando as sardas e o cabelo ruivo. Sentiu o cheiro das árvores e do orvalho na grama; ouviu a babel de pássaros; notou o topo dos pinheiros balançando devagarzinho no ar frio e úmido, semelhante à imagem que toda árvore tem, independentemente do tamanho, quando se olha de baixo: uma mudinha determinada e sedenta de sol.

— Não parece tão ruim — arriscou Andy.

Kerri soltou apenas um “hum”, estudando a paisagem com os olhos de bióloga. Um besouro rola-bosta iridescente chamou sua atenção.

Nate parecia estar de olho na margem à direita do carro, então Andy foi para a esquerda, para a beira da baía, onde uma pilha de pedras brancas e lisas formava uma escarpa que se inclinava sobre a água. Nas suas lembranças, aquela pilha era tão grande que dava para construir uma fortaleza, mas, na verdade, tinha menos de um metro. Andy pulou para cima das pedras, lagostins pequeninos fugindo dos seus pés e mergulhando na água.

Uma trilha natural surgia dentre as árvores a não mais de dois metros dali. Ela reparou nos arredores, da lama no chão da floresta que o sol havia perdido a esperança de tocar aos pilares escuros daquela catedral viva, com suas abóbadas de galhos entremeados e folhas amarelas.

Nenhum animal morto. Nenhum corpo pendurado.

Algo mergulhou no lago às suas costas, água gelada se espalhando. Tim voltou à margem dando a volta na escarpa, divertindo-se muito, lançando um olhar rápido para Andy que dizia: *Você tinha razão, este lugar é incrível!*

O cachorro então disparou pela margem, esparramando água e lama para todos os lados como uma manada de búfalos, até atingir Kerri, que estava agachada observando alguns insetos de perto. Ela se levantou, resignada, e gritou:

— Se você disser um *ai* na próxima vez que for tomar banho, eu mato você!

* * *

A margem era mais larga e mais seca do lado direito, então foi lá que eles montaram acampamento, e, enquanto arrumavam as coisas para a estadia no lago, o lugar se tornou um pouco mais hostil, como se a terra e as árvores recriminassem a insolência daqueles visitantes por aparecerem sem serem convidados. Andy parou de se incomodar com isso ao martelar as estacas, como se estivesse anunciando aos quatro ventos que estavam ali para ficar. O mal-estar que ela pensou que fosse sentir quando chegasse ao lago pouco se manifestou naquela noite. Em vez disso, o desconforto causado pelo balançar dos pinheiros e pelo burburinho das ondas nos pedriscos aos poucos foi sendo substituído pelo clangor das panelas, pela textura do seu saco de dormir, pelas cores fortes do equipamento desenterrado dos armários de Kerri poucas horas antes. E todas essas sensações se somavam a um sentimento novo que crescia em Andy, algo estranho e inesperado, formigando sob a pele, algo que, por mais estranho que parecesse, tinha todas as características do que as pessoas chamavam de felicidade. Porque, ela começava a se dar conta, Nate, Kerri e Andy estavam acampando em Blyton de novo.

Eles se acomodaram no canto da pequena baía, não muito distante do antigo deque preso às pedras, e aquela estrutura rangente era o único empecilho à felicidade completa de Andy, pois no deque havia uma canoa com remos dentro.

Os três se reuniram na plataforma, ora observando o barco, ora a ilha solitária ao longe.

— Isso é uma dica? — perguntou Nate, por fim.

— Talvez — respondeu Andy. — Você disse que ninguém vem pescar aqui.

— Que eu saiba, ninguém além da gente — disse Kerri.

O barco batia suavemente no deque, quase envergonhado, preso por uma corda apodrecida.

— Vamos dar uma olhada na ilha, então? — sugeriu Andy, seguindo a dica.

— Só gostaria de lembrá-la — começou Nate — que estamos aqui porque um bilhete anônimo nos mandou vir, e agora tem um barco

anônimo nos convidando a sair por aí?

Andy não conseguiu pensar em nada para refutar esse argumento.

Nate se corrigiu.

— Tudo bem, só quero dizer que estou dentro.

— Se o plano é refazermos os nossos passos — comentou Kerri —, devo lembrar que a gente só foi para a ilha no último dia do caso.

— A gente só achou um barco no último dia — disse Andy.

— O que, pensando bem, deveria ter sido um mau sinal.

Tim se aproximou trotando, farejando as tábuas tortas, e encontrou os humanos deliberando em silêncio.

— Será que não está muito tarde? — questionou Kerri. — Leva tipo uns dez minutos remando até lá. Só temos uma hora de luz do sol, talvez menos. Acho melhor esperarmos — decidiu. — Mas vocês podem ir, se quiserem. Eu fico.

— Não, de jeito nenhum — retrucou Andy. — Não vou deixar você sozinha.

— Eu fico com o Tim.

— Não gosto de dividir o time — insistiu Andy. — E não dá mais pra fazer isso. A gente precisaria de um quarto homem.

KERRI: Melhor se fosse uma quarta mulher.

ANDY: Por quê?

KERRI: Porque, se fosse um cara, ele e Nate sairiam para explorar a ilha e você ia ficar toda: “Que saco, por que os meninos podem ir e eu não? Eu consigo fazer qualquer coisa que eles fazem.” Aí acabaria indo com os garotos e me deixando sozinha.

ANDY: Eu nunca fiz isso.

KERRI & NATE: Fez, sim.

Andy tentou pensar em uma réplica, mas desistiu após um segundo.

— Além disso — falou Peter na pausa subsequente —, que história é essa de “não vamos nos separar”? É uma boa estratégia. Dá para descobrir mais coisas assim.

NATE: (*Em voz alta, para as meninas.*) Eu concordo com a Andy. É melhor a gente não se separar.

— Vai se foder, Nate — retrucou Peter. — Aliás — continuou, se metendo entre eles e apontando para Andy com o polegar —, por que ela está no comando agora?

O grupo tinha ficado em silêncio.

— Nate? Não finja que não está me ouvindo. Já é bem triste não ser notado nem pelo cachorro — reclamou Peter. — Vai, me diz: quem morreu e abriu lugar... Não, espera, reformulando: como a gente vai resolver essa merda se...

— A gente não vai resolver nada!

Nate percebeu as garotas franzindo a testa, o cachorro erguendo as sobrelanceiras, os pássaros surpresos.

— Desculpa, me expressei mal. O que quis dizer é que... não vamos resolver isso só observando de longe. A questão aqui não é mais o caso; a questão somos nós. Kerri, mandar alguém na frente não vai ajudar. Você não vai superar isso se não confrontar o problema.

Todos os olhares se voltaram para Kerri, e ela percebeu. Procurando um cigarro nos bolsos, para ter alguma coisa para segurar, acabou colocando as mãos na cintura e olhando para a água que dançava com gentileza pelos espaços entre as tábuas do deque.

Tim bocejou, de forma alguma tentando pressioná-la.

— Tá, tudo bem. Dane-se — rendeu-se ela. — Vamos nessa.

* * *

Kerri tinha levado seus binóculos. Eram os mesmos que ela usava quando criança para observar pássaros, mas eram binóculos de qualidade, que haviam sido tratados com carinho no passado e ainda serviam bem a um adulto. O mesmo poderia ser dito de sua lupa e da bússola, ambas artigos belíssimos feitos com muito cuidado que Kerri guardava desde a infância e ainda se encaixavam nos seus dedos longos. Andy tinha certeza de que havia uma empresa na Inglaterra, provavelmente fundada por uma sociedade de exploradores da era vitoriana, um bando de coronéis Mostarda com chapéus de safári e simpáticas costeletas, que fabricava equipamentos de alta qualidade para crianças, sabendo que jovens exploradores como Kerri não deveriam ter em mãos brinquedos baratos de plástico, e sim ferramentas boas e duráveis que encorajassem sua vocação, certos de que aquelas crianças curiosas se tornariam as grandes desbravadoras do amanhã.

Andy, no comando dos dois remos depois de ter dificuldade de sincronizar as remadas com Nate, deu uma olhada no relógio da Coca-Cola e pensou que precisava comprar um novo assim que tivesse dinheiro.

A superfície do lago pouco se abalava com a passagem do barco. A luz do sol fazia surgir listras brilhantes na água. Kerri baixou os binóculos, o cabelo banhado em um vento solar cor de tangerina. A mão direita confortava Tim, deitado aos seus pés, que não gostava mais tanto do lago agora que não estava mais a um pulo da terra firme.

— Pelo menos o tempo está bom — comentou ela.

Nate, agachado na proa, com o sol batendo nas costas, mergulhou um dedo na água.

— Talvez não seja o melhor momento para falar isso, mas o tempo também não estava ruim da última vez. — Ele esperou as reações por um momento. — Sei o que o jornal falou. Só estou dizendo o que lembro. Não foi o mau tempo que virou o barco.

Andy observou o lago. Não dava para ver nada lá embaixo.

— O segundo lago mais profundo, depois do O'Higgins, no sul do Chile — comentou ela.

— Na verdade, a parte funda deve ficar pra lá — comentou Kerri, apontando para o oeste, onde o lago parecia se expandir bem além de uma enseada. — Afinal, tem túneis da mina conectando a ilha à cidade.

Andy concluiu que a viagem ainda levaria mais uns cinco minutos. Ela respirou fundo e remou com mais força para tentar fazer em quatro.

— Então, qual é a história da casa mesmo? — perguntou ela.

— Você conhece tão bem quanto eu — respondeu Kerri.

— Ah, vamos lá. Só um resuminho rápido antes de chegarmos.

Kerri suspirou, e seu cabelo pediu silêncio e se acalmou, preparando-se para ouvir a importante história que viria a seguir.

— A casa foi construída por Damian Deboën, um garimpeiro que veio para Blyton Hills durante a Corrida do Ouro na década de 1840. Ele teve sorte, fez fortuna, construiu as minas e basicamente fundou a cidade de novo, que era um vilarejo na época. Os Deboën viveram aqui por mais de um século, quando um incêndio destruiu parte da mansão em 1949.

— Ah, por favor — reclamou Nate. — Você está pulando as melhores partes.

— Tipo a história de que ele era um pirata? — perguntou Andy.

— Isso pode ser verdade — afirmou Kerri. — Existem registros de um capitão Deboën escapando da força na Flórida e navegando pelo Pacífico.

— E a história de que ele era um bruxo que viveu cento e cinquenta anos — disse Nate.

— Um bruxo? — Andy olhou para um amigo e depois para o outro.

— Pelo menos ele aprendeu alguns truques de vodu enquanto viajava pelo Caribe.

— Engraçado... só os *seus* livros falam disso, Nate — disse Kerri, tirando sarro.

— Boatos circulavam na cidade dizendo que a casa era cheia de poções e artefatos misteriosos.

— O cara era um engenheiro da mineração, e o povo nunca tinha visto equipamentos químicos na vida — contestou Kerri.

— Viviam em uma ilha escondida, quase nunca ia ao centro, nunca foi à igreja — insistiu Nate.

— Até parece que você bate cartão na missa todo domingo.

— Morava sozinho, nunca se casou nem flertou com ninguém.

— Nate, é melhor parar de me dar argumentos tão fáceis de refutar. Não tem medo de passar vergonha?

— E ele não envelheceu nem um pouco durante o tempo em que morou aqui.

— E com certeza não foram cento e cinquenta anos.

Andy ouvia com atenção os argumentos disparados pelos dois — o leitor ávido de fantasia e a cientista cética.

— Não tem registro disso? — perguntou ela.

— Não — respondeu Nate, com um tom de *Que bom que você perguntou*. — Mas vamos fazer as contas: ele chegou em 1840, como você disse, aparentando ter o quê, quarenta anos? Não podemos esquecer que ele já estava zanzando por aí antes disso. Enfim, vamos supor que ele tivesse trinta, quarenta anos. Então, ele construiu as minas... Me permitam apontar que é preciso muito ouro para construir uma mina de ouro. Esse cara não era só um caçador de fortunas qualquer que veio para o oeste com os bolsos vazios e uma pá; ele deve ter trazido algum dinheiro dos seus dias de pirataria. Na minha opinião, essa mina de ouro era uma operação de lavagem de dinheiro. De qualquer maneira, o negócio dá certo, a cidade prospera, de repente as pessoas começam a se dar conta de que o velho Deboën não envelheceu nada desde que chegou. Isso é só uma piada na primeira década, uma estranheza na segunda, uma loucura depois de cinco. E é aí que o cara, com ao menos oitenta anos, pelas nossas contas, mas ainda com carinha de quarenta, volta para a Costa Leste dizendo que tem que cuidar de outros assuntos, e deixa tudo nas mãos de um funcionário de confiança chamado Allen. Ninguém ouve falar de Damian Deboën por anos, até que, em algum momento dos anos 1920, um jovem chega à cidade dizendo ser Daniel Deboën, filho de Damian, que havia falecido pouco antes, em Massachusetts.

— Então ele chegou aos cem, sendo bem generosa — disse Kerri.

— Depois de ter um filho aos oitenta — argumentou Nate. — E isso se você acreditar que Daniel era mesmo filho dele. Porque, de acordo com os anciãos da cidade, o garoto por acaso era igualzinho a Damian, só que mais jovem.

— Então eles não viam Damian havia vinte anos, mal o viram quando ele ainda morava aqui, mas todo mundo se lembrava dele perfeitamente.

— Ele envelheceu? — perguntou Andy. — O cara novo?

— Ele não teve a chance — disse Kerri —, por causa do que aconteceu em 1949.

Ela apontou para a frente, e Andy se virou para observar a ilha que se aproximava e a silhueta sombria e mutilada da Mansão Deboën.

O barco e a sombra da ilha enfim se encontraram, e só então foi possível distinguir o que era vegetação e o que era casa. Andy logo percebeu que a construção, como o lago, era imune ao encolhimento pós-

infância. Continuava imponente, tão grande que assustava, como fungos e besouros imensos — um tamanho que nada que cresce sozinho na floresta jamais deveria alcançar.

Na área para a qual Kerri apontava, a parte superior da ala leste estava destruída, vigas de madeira rasgadas como folhas de grama, o buraco aberto coberto por silveiras como plaquetas impedindo uma hemorragia.

Kerri olhou pelos binóculos.

— A gente trouxe corda? Não tem no deque.

— Tudo bem, eu puxo o barco até a areia — disse Andy.

— Posso ajudar.

— Não pode, não. — Andy indicou, com um gesto da cabeça, as botas de camurça. — Você sempre se arruma demais para acampar.

* * *

Andy pulou quando estavam a poucos metros da praia, a água batendo nos joelhos. Tim a seguiu e nadou o mais rápido que pôde, mais uma vez se tornando o primeiro do grupo a chegar ao novo ambiente.

Andy ainda puxava o barco para a praia quando percebeu pegadas na lama. Ela checou a sola dos sapatos.

— Essas pegadas são recentes.

Kerri e Nate saíram do barco e deram uma volta pela área, notando que havia algumas pegadas fundas de um sapato grande.

— Que engraçado, elas estão se afastando da água — disse Nate.

Todos ergueram os olhos e encararam a casa depois dessa observação. Adiante, atrás de salgueiros triste, e carvalhos encurvados, a mansão surgia, imensa e repleta de detalhes, com janelas, balaustradas, varandas, torres e chaminés se desdobrando em formas assimétricas, recortadas por janelas elevadas, salamandras de pedra escalando pelas paredes, junto com salamandras vivas. Hera cobria quase toda a construção, das fundações cheias de mofo até as telhas, escondendo as ruínas na ala leste, se espalhando pelas janelas e pela varanda de colunas. Erva daninha brotava das abóbadas de pedra. Bolotas de carvalho apodreciam nas escadas. Pinheiros se postavam como sentinelas muito acima do telhado mais alto, guardando a casa, saudando a escuridão.

A comitiva humana de Tim o seguiu pelo matagal, passando por alguns galhos caídos, até chegar à clareira abandonada em frente à varanda da entrada. Ele passou seu escâner farejador pelo mofo que crescia na pilastra da direita enquanto os outros três estreitavam os olhos para o cume elevado da casa, observando a construção em toda a sua grandiosidade.

— Bem do jeitinho que a gente deixou — disse Andy, com um suspiro quase resignado. — Eu meio que torci para que alguém tivesse demolido essa casa.

— Eu também. E construído um McDonald's no lugar — concordou Nate.

— Ainda dá tempo — falou Kerri.

Andy respirou fundo e foi em direção aos degraus antes que alguém pudesse impedi-la. A indiferença do cachorro a cenas grandiosas a havia inspirado. Com uma coragem repentina, ela subiu as escadas, tábuas de carvalho estalando sob seus pés, e se aproximou da porta principal.

— A gente não vai entrar, vai? — Andy ouviu Kerri perguntar.

— Não — sussurrou ela, observando a corrente e o cadeado que prendiam as maçanetas da porta dupla. Cobertos de lesmas, os restos semidigeridos de um adesivo amarelo diziam alguma coisa sobre risco de desabamento. — A casa está trancada — informou Andy aos outros. — Há anos, pelo que parece.

— Talvez eles não quisessem mais nenhum pirralho xeretando — comentou Kerri.

— Mas e as pegadas? — perguntou Andy. — Alguém esteve aqui recentemente. Talvez ainda esteja por aí.

Kerri pensou por um segundo e não encontrou nenhum argumento racional que a impedisse de gritar:

— Olá! Tem alguém aí?

Um corvo voou para longe, as reclamações logo desaparecendo enquanto se afastava. Então, o silêncio pousou sobre eles como uma bola se esvaziando. Tim espirrou em algum lugar.

— Se a pessoa ainda estivesse aqui, teríamos visto um barco — comentou Nate.

— A não ser que fossem duas pessoas, e uma tenha voltado.

Andy desceu a escada da varanda às pressas, sentindo a careta de desaprovação da casa às suas costas.

Tim espirrou outra vez, depois bufou duas vezes, balançando a cabeça vigorosamente.

— Tim? Por favor, não me diz que você inspirou uma lesma de novo.

Kerri se abaixou para checar, mas o cachorro se afastou, ocupado em limpar os dutos nasais. Ela acabou percebendo algo no chão. A terra estava úmida e escura, coberta por várias camadas de folhas caídas, mas alguns pontos amarelo-néon se destacavam.

Kerri pegou um punhado de terra, cheirou e depois limpou os dedos e o nariz.

— Enxofre.

— Então quer dizer que... Satã deu uma passada por aqui? — questionou Andy.

— Não, enxofre é usado como fungicida em jardinagem.

Nate olhou em volta. Quase dava para sentir o mofo invadindo suas narinas.

— Não está funcionando muito bem.

— Já está aqui há algum tempo — explicou Kerri. — Parece seguir uma linha.

A trilha, não tanto uma linha pontilhada e mais uma sequência vaga de pontos em que as ervas daninhas cresciam com um pouco menos de entusiasmo, levou-os para longe da casa, o mais distante que a ilha permitia: o extremo oeste ficava a uns cinquenta metros da construção. A alguns metros da água, eles se depararam com uma árvore imensa, um pinheiro. O tronco grosso exibia uma ferida úmida na frente, um pouco acima da linha de visão deles, expondo um buraco grande na madeira.

De início, o machucado na árvore os distraiu do símbolo pintado logo acima. Parecia algum tipo de monograma, mais complexo que uma letra, de certa forma mais simples que um ideograma chinês, embora houvesse semelhanças visuais entre os dois, um glifo complexo desenhado com pinceladas simples em vermelho.

— Isso é...? — perguntou Andy.

— Tinta — respondeu Kerri.

Nate engoliu em seco, parecendo forçar uma bola de tênis goela abaixo.

— Eu já vi esse símbolo.

Andy se virou para ele e percebeu que o amigo estava branco como um iceberg, os olhos vidrados na marca vermelha.

— Viu aqui na ilha, certo? Treze anos atrás? — questionou ela.

— Não. Talvez. Sei lá.

— Cara, você está bem?

Nate balançou a cabeça para sair do transe, surpreso ao ver Andy preocupada.

— Aham. Estou ótimo.

— Ótimo — repetiu ela. — Vamos seguir a trilha de enxofre para o outro lado. Kerri?

Ela estava em frente à árvore, observando as minúsculas larvas que se alimentavam das beiradas da madeira.

— Kerri, o que foi?

Ela levou algum tempo para reunir coragem e enfiar a mão no buraco. Seus dedos mergulharam em uma piscina de resina grudenta. Depois, encontraram algo peludo. Um besouro preto gordo correu pelo seu braço.

— Eca — disse Andy.

Kerri pegou alguma coisa, então tirou o braço lá de dentro, balançando-o para espantar os insetos, e observou o embrulhinho de

palha e raminhos na mão — algo como um ninho de passarinho redondo.

Ela o desembrulhou com cuidado. Por fim, seu rosto se rendeu e formou uma careta.

— Merda.

— Ai, meu Deus — gemeu Andy. — Isso é humano?

Eles se aproximaram para ver o tesouro nas mãos de Kerri. Era um dente — pequeno demais para ser um molar humano, pensou ela, mas grande demais para pertencer a um animal entocado ou à presa de um pássaro.

— E agora? O que faremos? — perguntou Andy.

— Não sei.

Kerri enrolou o dente de volta no ninho e o jogou no buraco da árvore.

— Você vai devolver?

— Por que não?

— É uma pista.

— Não quero ficar carregando um dente por aí e não tenho como saber de onde veio. Se precisarmos dele de novo, sabemos onde está, certo?

— Hum, é, acho que sim — concordou Andy, em dúvida. — Tem mais daquele enxofre para cá e para lá. Vamos seguir as trilhas.

Eles tentaram fazer isso, mas os caminhos eram inconsistentes demais, e, em ambos os casos, as trilhas pareciam levar direto para a água. Porém, ao seguir a trilha na direção contrária, eles encontraram mais dois monogramas em vermelho.

Um estava pintado em um toco de árvore ao sul, de frente para a mata, espreitando uma cerca de arbustos desfolhados. Era tão ilegível quanto o primeiro, mas sem dúvida diferente.

Dali, o grupo descobriu outra trilha que seguia para o leste, cruzando a praia por onde passaram quando chegaram. Um salgueiro decrépito, escondido por uma cortina formada pelos próprios galhos envergados, se inclinava com audácia em direção à água. Andy afastou os galhos e entrou no buraco. Ali se deparou com uma lápide de mármore que já tinha sido branca, mas que com o tempo ficara manchada de lama e musgo, para sempre protegida da luz do sol.

— O túmulo de Daniel Deboën — explicou Kerri. — Morto no incêndio em 1949 e enterrado aqui na ilha, de acordo com o seu testamento.

— Eu me lembro disso — falou Andy.

— Mas acho que não chegamos a reparar nisso da última vez — disse Nate, apontando para o terceiro monograma pintado no tronco da árvore. Também em vermelho.

— Essas marcas são antigas — observou Kerri. — Talvez já estivessem aqui e não vimos porque estava escuro demais... — Ela se virou para Nate. — Onde mais você poderia ter visto isso?

— Em um livro — respondeu ele, raspando a tinta com a unha. Então, olhou para Kerri e completou: — O meu tipo de livro, não o seu.

Andy soltou a cortina de galhos, e os três se afastaram do salgueiro como se estivessem diante de um velho estranho oferecendo doces.

Kerri ficou perto da praia, certificando-se de que o barco não se moveria até Andy decidir que estava na hora de ir. Nate passou alguns minutos copiando os monogramas em um papel.

Andy pegou os binóculos de Kerri emprestados para dar mais uma investigada nos arredores da casa. Com as portas trancadas e as janelas do primeiro andar tapadas, não havia muito a explorar. Ainda assim, a ilha tinha os próprios esconderijos. Uma fileira de pedras pequenas e afiadas circundava o local. Uma forma solitária nadava, distante de tudo, a uns cinquenta metros da margem norte. A noite caía rápido demais, mas, com a ajuda dos binóculos, Andy concluiu que era uma boia.

— Ei, Nate. Vem ver isso aqui.

Nate estava virado para a casa, parecendo estudar a parte de trás da arquitetura, mais especificamente a janela circular no topo.

— Nate. Tudo bem?

O que a deixou nervosa não foi o amigo encarando fixamente a janela. Foi Tim, ao lado dele, fazendo o mesmo.

— Nate!

— Oi! — disse o rapaz, ao sair do devaneio. — Foi mal. É que eu me lembro daquele cômodo.

— Eu também — concordou ela, lembrando. — Foi onde a gente montou a armadilha com o carrinho de bebidas e a rede de pesca. O “Expresso da Falsa Criatura do Lago”, não era?

— Era uma boa armadilha — comentou Peter, entre os dois. — Mecânica simples, resultados impressionantes. Um clássico instantâneo. O nome também era bacana.

— Pena que pegou o cara errado — disse Nate para Peter, embora tenha acabado se dirigindo a Andy.

Ela olhou para o amigo estreitando os olhos e com a testa franzida, uma expressão que muitos pacientes psiquiátricos reclamam de ver nas sessões de terapia em grupo.

Tim tinha perdido o interesse na casa e trotou até o píer para se juntar a Kerri.

— Ei, dá uma olhada naquele negócio ali na água — disse Andy, caminhando com Nate até a margem e lhe entregando os binóculos.

— É, é uma boia — concluiu ele na mesma hora. — Talvez para sinalizar um recife ou algo que possa representar perigo aos barcos.

Ele não tentou parecer convincente, mas Andy não conseguia pensar em explicação melhor.

— O nome é *Necronomicon*.

— Neco quê? — Andy franziu a testa. — Do que você está falando?

— O livro. Onde eu vi os símbolos. É um grimório. — A testa de Andy se franziu ainda mais, então ele explicou melhor. — Um livro de feitiços, um manual de bruxaria, escrito mil anos atrás. Quase todos os exemplares foram queimados; a maioria das pessoas acha que ele nem existiu de verdade, mas existiu. Tinha uma edição na casa, no sótão.

Andy se esforçou para assimilar todas aquelas informações, assentindo ao conseguir.

— Não conta para a Kerri — pediu Nate.

— O quê? Por quê? Não quero compartimentalizar informações.

— Compartimentar.

— É, isso aí. Não podemos esconder nada um do outro, temos que estar de acordo em tudo.

— Olha, Kerri está focada nessa história de ecovilão agora. Não está disposta a acreditar que aconteceu algo sobrenatural aqui, mas é a verdade. Sempre foi. A criatura. Os corpos pendurados. O que quer que tenha virado o nosso barco.

— Nate, quantas vezes a gente achou que estava perseguindo ou sendo perseguido por monstros e fantasmas? E era sempre um cara fantasiado.

— Sim, eu sei, a gente era criança. Mas Damian Deboën era real. O livro era real. E os símbolos, o enxofre e o dente não são pegadinhas para assustar criancinhas. São sinais de uma ciência muito antiga. E não a que Kerri aprendeu na faculdade.

Andy se virou de novo para a janela redonda do sótão. O vidro escuro e resistente olhou para ela com um olhar duro e perigoso.

— Entendo — falou Andy, para acalmá-lo. — Vamos voltar, está ficando tarde.

* * *

Alguns guaxinins tinham se aproximado da barraca durante a ausência deles e estavam admirando, impressionados, aquela maravilha da engenhosidade humana quando os detetives voltaram. Tim se divertiu mais do que deveria ao expulsá-los do acampamento. O sol ainda não tinha se posto, mas já havia levado embora todo o calor. A prioridade se tornou encontrar lenha para a fogueira e preparar o jantar, o que os ocupou por mais algum tempo.

A noite estava fria mas gentil, uma metáfora proibida para menores de idade. Estava agitada também, repleta de corujas, vaga-lumes e galáxias distantes. Com exceção das últimas, todas essas coisas mantiveram Tim alerta durante a refeição, até que ele decidiu que havia seres vivos demais para caçar e achou melhor se contentar em impedir que nenhum deles roubasse sua comida, estratégia também adotada pelos humanos, que comiam feijão em silêncio. Andy, que passara mais tempo se alimentando de comida enlatada que alguns sobreviventes do apocalipse nos livros de ficção científica de Nate, se surpreendeu ao confirmar que o feijão mais gostoso do mundo era o cozido nas panelas portáteis de alumínio de Kerri. Aqueles coronéis Mostarda sabiam mesmo o que estavam fazendo.

— Então... — Essa foi a palavra escolhida por ela, que ainda terminava a refeição, para retomar a conversa depois de quase uma hora de silêncio absoluto. — Nada mau para o primeiro dia. Conseguimos algumas pistas.

Kerri e Nate mastigaram um pouco mais devagar e não falaram nada.

— Talvez estivesse meio tarde para ir à ilha — disse Andy —, mas acho que foi uma boa ideia mesmo assim, para provar que não há perigo iminente. Podemos voltar amanhã de manhã e continuar procurando. Ou talvez o dono do barco apareça e nos dê alguma informação.

Kerri olhou para ela de soslaio, com a boca cheia, e assentiu.

— Então, o que vocês acham? — instigou Andy. — Qual foi a informação mais importante que descobrimos hoje?

Nate baixou o prato e o garfo, limpou a boca e pensou bem na resposta.

— Que Joey Krantz teve uma namorada?

Kerri fez questão de terminar de engolir a comida e depois deu uma risadinha, enquanto Nate fisgava o último pedaço de bacon.

— Não é surpresa para mim, mas é meio triste. Me faz perder a fé na humanidade, sabe?

Andy sorriu e considerou a reunião terminada. Tinha sido um bom primeiro dia.

* * *

Uma brisa maliciosa soprou do lago depois do jantar, e o grupo resolveu apagar a fogueira e entrar na barraca. Lá dentro certamente ficaria quente o bastante, porque onde antes dormiam duas crianças agora dormiriam três adultos e um Weimaraner. Nos velhos tempos, Peter também levava sua barraca para Blyton Hills, providenciando um lugar para os meninos. Felizmente, a tia Margo tinha sacos de dormir extras e havia guardado o antigo cobertor de Sean. Tim se deitou nele, abraçando seu pinguim de

plástico e sussurrando no seu ouvido como o mundo fora da barraca iluminada pelo lampião à querosene era perigoso.

KERRI: Vamos lá, você começa.

ANDY: Certo... Hum... U.

NATE: *(Na mesma hora.)* U.

KERRI: U.

ANDY: *(Encara Kerri.)* Três Us? Puta que pariu!

NATE: *(Pensando.)* Caraca, você está ficando muito boa nisso.

(Andy sorri, se dando conta.)

KERRI: Era “urubu”, mas tudo bem, essa mereceu. *(Entra no saco de dormir e tira o casaco.)* Nate, sua vez.

NATE: Tá. P.

ANDY: “Peitos.”

(Silêncio.)

NATE: *(Observa Andy, surpreso.)* Cacete... Isso foi incrível!

KERRI: *(Para Andy.)* Nem era a sua vez! *(Para Nate.)* Por que você está pensando em peitos, seu tarado? Nós somos primos!

NATE: Olha, eu estava preso na ala masculina de um hospital psiquiátrico até semana passada, tá bom? Estou redescobrando as maravilhas da educação mista. O que posso dizer? Está quentinho aqui, o cheiro é bom, sou só pensamentos positivos agora. Nunca entendi por que vocês queriam tanto ficar na barraca dos meninos.

ANDY: Eu nunca quis ficar na barraca dos meninos!

KERRI: Tá bom, gente, chega. Vamos apagar a luz antes que Nate decida que consanguinidade é uma boa ideia e queira dar início a uma dinastia comigo.

NATE: *(Entrando no saco de dormir.)* Sei, sei. Não vem se chegando pro meu lado durante a noite quando sentir frio.

KERRI: Se você sentir algo do tipo, pode ter certeza que é o Tim. *(Ela apaga o lampião; a escuridão toma conta.)* Boa noite.

NATE: Boa noite.

Andy desejou um boa-noite silencioso, se ajeitou no saco de dormir e fechou os olhos.

* * *

Ela ainda não tinha adormecido por completo quando sentiu o saco de Kerri se mexendo. A claridade a surpreendeu: dava para discernir as silhuetas de todo mundo contra a lona azul da barraca — formas simples e retas, exceto o padrão fractal infinitamente complexo do cabelo de Kerri.

— Ei — sussurrou Andy para a amiga, as cabeças das duas muito próximas. — Não consegue dormir?

Ela ouviu um sorriso.

— Eu nunca mais vou ter uma noite tão quentinha assim — disse Kerri.

Um zíper se abriu alguns centímetros. Andy não conseguia ver direito no escuro, mas, de alguma forma, percebeu uma das mãos de Kerri em seu campo de visão. A mão ficou parada ali, pousada no chão da barraca, a centímetros do seu rosto. Andy também esticou a mão. Os dedos se entrelaçaram como plantas se enroscando.

Andy fechou os olhos. A mão de Kerri era quente, branca e de uma maciez tão rara quanto uma das únicas três espécies de flores nativas da Antártica.

— Vai ficar tudo bem — murmurou Andy.

A onda sonora voou dos seus lábios rosados como uma folhinha ao vento, atravessando um oceano de trinta centímetros, sobrevoando uma ilha de árvores entrelaçadas, e mergulhou no ouvido de Kerri, sem que ninguém mais no universo inteiro percebesse.

* * *

Quando Andy abriu os olhos de novo, ela soube na mesma hora que não estava tudo bem.

Se ainda segurava a mão de Kerri, não percebeu; já estava sentada quando esse pensamento lhe ocorreu. A luz do lado de fora da barraca era branca, embora mal parecesse luz. Luz tem brilho; aquilo só existia, como água parada. Andy chegou a cogitar que a barraca tivesse sido jogada no lago, o que também explicaria o silêncio total. Tim estava acordado, com as orelhas erguidas, esforçando-se ao máximo para captar insetos, pássaros, vento. Em vão.

Kerri estava envolta em um sono pesado. Assustadoramente pesado.

O saco de dormir de Nate estava vazio.

Andy vestiu o casaco e começou a balançar Kerri. Tim já cogitava cavar um túnel para fora da barraca.

— Kerri! Acorda! Acorda!

— O quê... — murmurou Kerri, desnordeada, abrindo os olhos e os esfregando com força, tentando remover o mundo desperto deles. — O que está acontecendo?

— Se veste, rápido.

Andy não sabia o que estava acontecendo, só sabia que estava acontecendo de novo.

Ela abriu o zíper da barraca.

O lago, as montanhas, o céu tinham desaparecido.

Uma névoa branca havia se alastrado pelo acampamento. Os equipamentos de plástico coloridos e a própria barraca não tinham serventia alguma naquele momento. Tim saiu de fininho, e Andy já não conseguia vê-lo um metro à frente. A grama, a terra, as pedrinhas minúsculas desapareciam mais adiante, apagadas da existência.

Ela calçou os tênis de qualquer jeito, esmagando a terra. Kerri saiu da barraca engatinhando, já totalmente desperta e assustada.

— Cadê o Nate?

— Não sei.

— Andy, cacete!

— Calma! É só névoa, tá bom?

Em algum lugar, Tim explodiu em latidos desesperados.

— Tim! Vem cá!

Andy observou os arredores, respirando fundo, tentando compreender a situação. A boa notícia era que talvez a ilha de visibilidade delas não fosse tão pequena; Andy conseguia ver a primeira linha de árvores a uns dez metros atrás da barraca. Pela primeira vez, ouviu um som conhecido: o barco batendo no deque de madeira ao ritmo das ondas.

Uma notícia não tão boa assim era que os latidos de Tim haviam se transformado em rosnados. E bem aterrorizantes.

— Tim! — gritou Kerri, dando um passo à frente.

Andy a puxou pelos ombros.

— Vai para o carro.

Kerri deu um giro de 360 graus, o cabelo assustado demais para balançar com graciosidade.

— Cadê o carro?!

Um novo som começava a sobrepujar os rosnados de Tim, ganhando forma como um vagão do metrô chegando à estação ou o murmurinho de uma multidão raivosa. Era um som odioso e familiar, embora “familiar” talvez fosse a palavra errada para descrever algo tão estranho. Parecia uma respiração, mas distorcida, torturada, difícil. Tinha características que não deveriam ser associadas a respirações. Era viscosa, afiada, larval.

Tim reapareceu, determinado a defender as garotas, rosnando em uma atuação exagerada de ferocidade. Andy viu a confirmação nos olhos de Kerri: elas duas conheciam aquela respiração. Já tinham ouvido aquele som antes.

Ela tentou achar algo que pudesse ser usado como arma. Um taco de sinuca. Um galho. Uma pedra não muito pequena. Só a frigideira era vermelha e chamativa o bastante para capturar a sua atenção. Ela se abaixou para pegá-la, e seus joelhos falharam, derrubando-a no chão. Andy teve que forçá-los a se erguerem, trincando os dentes: *De pé, mocinhos.*

Foi então que ouviu um rugido inesperado. Principalmente porque, tinha certeza, o som viera de Tim.

O cachorro disparou neblina adentro novamente, e elas ouviram um *crunch*, algo sendo mordido e mastigado, o rosnado inacreditável do cachorro, o som de carne sendo dilacerada e uma respiração chiada seguida pelo som de uma serra atravessando metal. Levou muito tempo para a mente delas aceitar que aquilo tinha sido um grito de dor.

Mais latidos altos e apavorantes foram ouvidos. E passos que pareciam perto demais. E algo mergulhando na água.

Kerri conseguiu se forçar a gritar:

— Tim! Vem cá!

A resposta foi aquele chiado de novo, mas diferente dessa vez. Mais áspero, oco, surpreendentemente claro. Talvez porque, como as garotas perceberam — as duas ao mesmo tempo, horrorizadas —, o som viesse de menos de dois metros de distância, atrás delas.

A coisa surgiu da névoa e entrou no campo de visão das duas. Kerri e Andy viram na hora, mas não reagiram. Levou algum tempo para os seus cérebros humanos compreenderem. Alguns fatos eram nítidos: a coisa andava, ou se arrastava, em duas pernas. Os membros superiores, por mais articulações que tivessem, poderiam ser chamados de braços. Os membros no meio eram mais difíceis de classificar. A coisa guinchava — uma respiração borbulhante e estalada —, mas era difícil definir por qual fenda do torso emaciado, abaixo de costelas arrebetadas, os ossos projetados para fora da pele. E também tinha um rosto, ou quase isso. A maior parte da cabeça, balançando de forma bizarra em um pescoço cheio de tendões retorcidos, era lisa, com a pele cinzenta de uma salamandra; um único traço, um corte profundo como se feito por arame farpado, ia de orelha ausente a orelha ausente, manchada de sangue negro, aparentemente marcando onde a boca deveria estar.

Andy se deu conta de que precisava reagir muito antes dos seus reflexos. Ou do seu coração. Seu corpo inteiro estava literalmente paralisado. Literalmente, “literalmente”.

— É um sonho — sussurrou Kerri para si mesma.

— Não é, não — retrucou Andy.

— É um sonho!

— Kerri, abre os olhos, cacete!

A coisa respondeu ao seu grito com um rugido, desmentindo a impressão equivocada de Andy a respeito daquele rosto ao mostrar que a mandíbula móvel era a superior. Nada que saísse daquela garganta, nem mesmo o berro de estourar os tímpanos, teria deixado Andy mais impressionada que a visão daquela centena de dentes longos e finos como agulhas, sujos com o sangue da própria criatura.

Pelo menos três daqueles dentes quebraram quando o braço direito de Andy enfim reagiu e deu uma frigdeirada na cara daquele ser.

Tim entrou na cena, latindo, fazendo de tudo para afastar aquela coisa. Andy recuou e puxou Kerri, só depois se dando conta de que não tinha verificado se havia algo atrás delas. Não lembrava mais onde tinham montado a barraca. Estava perdida.

A criatura deu um passo para a frente, a pata membranosa de dois dedos por fim fazendo Tim se acovardar, e lançou as garras na direção do rosto de Andy, que pulou para trás, as pernas prestes a cederem de novo, mas conseguiu se manter de pé com muita dificuldade e chutou. Deu certo: o monstro sem olhos urrou e encarou Andy, incrédulo. Então suas mandíbulas se abriram de novo, o grito revelando a boca verdadeira que existia entre elas.

E aí a cabeça da coisa explodiu.

Sangue negro e pedaços de cartilagem voaram no rosto e no casaco de Andy.

A criatura sem cabeça se balançou e caiu no chão, os membros intermediários ainda tremelizando.

Nate baixou a espingarda fumegante, observando aquele corpo, boquiaberto. Então confirmou com as garotas:

— Vocês também estão vendo isso, né?

* * *

Andy tentou lembrar como se respirava. Ela se voltou para Kerri, de pé logo atrás, ao lado da barraca (lá estava!), catatônica.

Tim farejou o corpo estendido no chão, depois pulou o monstro e correu até Nate, o rabo erguido indicando extrema preocupação. *Ora, finalmente*, comunicou, enfático. *A gente poderia ter morrido aqui! Sorte que a cabeça desse troço explodiu.*

— De onde veio essa arma? — perguntou Andy.

— Era do tio Emmet. Eu tinha colocado no porta-malas. Fui até o carro pegar os meus remédios.

— Vou desmaiar — anunciou Kerri.

— Não, não — pediu Andy, segurando a amiga. — Kerri, respira fundo. É só respirar. — Ela tentou demonstrar, mas falhou miseravelmente. Até os seus pulmões estavam se rebelando. — Certo, está tudo bem, todo mundo está bem, ok? Então, o próximo passo é...

Ela tentou definir qual seria o próximo passo. Seus olhos não conseguiam superar o corpo cinzento estendido no chão, os membros embolados, o volume tridimensional, o espaço que aquilo roubava do mundo real.

— Puta merda — concluiu ela, e caiu de joelhos.

Nate tapou a boca com a camiseta e falou:

— O próximo passo é dar o fora daqui.

— Certo — respondeu Andy.

O vento começou a soprar, e a visibilidade estava melhorando. Ela identificou um borrão marrom que só podia ser o Chevy Vega. O carro estava ridiculamente perto, todo aquele tempo.

— Cuida da Kerri e arruma as coisas. Mas só pega o que conseguir levar com você no banco de trás — prosseguiu ela.

— O quê? Por quê? Espera... — perguntou Nate, já vislumbrando a resposta. — A gente vai... A gente vai levar isso?!

Andy olhou para ele, a adrenalina que não havia conseguido usar momentos antes transpirando pelos poros.

— Essa coisa quase nos enlouqueceu nos últimos treze anos. Nem Deus vai conseguir me impedir de colocar isso na primeira página do *Diário de Pennaquick*.

* * *

O ataque tinha acontecido de manhã bem cedinho; a névoa os havia enganado e dado a sensação de crepúsculo. O sol ainda começava a sair acima dos desfiladeiros de sucata quando o carro listrado fez uma parada rápida no ferro-velho. Nate pulou do carro e subiu a escada bamba da torre de vigia três degraus por vez, batendo com força na porta lá em cima.

Andy, sentada no carro ainda ligado, viu Nate voltando um minuto depois com o capitão Al logo atrás — usando o que parecia ser um roupão, com sorte com uma calça por baixo, correndo descalço pelo chão sujo.

— Pronto, ele está vindo — avisou ela a Kerri. — O capitão vai cuidar de tudo agora, como fazia quando a gente era criança.

Kerri não tinha dito uma única palavra desde que havia sido colocada no banco do carona. Tim não sabia mais o que fazer para chamar a sua atenção.

Andy observou pelo retrovisor enquanto Nate abria a mala onde tinham enfiado o corpo sem cabeça da criatura sibilante enrolado em uma lona. Quando o rapaz bateu a porta, o capitão Al estava transfigurado, a ressaca banida do seu corpo.

— Delegacia — ordenou ele, entrando no carro.

— A gente nunca envolveu a polícia tão cedo na investigação — comentou Nate.

— Vocês nunca tinham explodido uma cabeça antes.

* * *

Eram muitos os boatos sobre a vida do delegado de Blyton Hills, Sam Copperseed, antes do mesmo dar início à sua carreira no Departamento de Polícia do Condado de Pennaquick, em 1964. Ele era conhecido por fazer parte da tribo dos Walla Walla, criado em uma comunidade tradicional no nordeste do Oregon. Seu primeiro uniforme fora o preto e verde dos guardas-florestais, mas a conclusão de que o descaso humano era a maior ameaça ao meio ambiente fez com que ele o substituísse por uma farda que lhe daria a chance de prender alguns idiotas. Essa motivação para entrar na polícia determinou o tipo de agente da lei que ele se tornaria. Como assistente do delegado Wilson, e equilibrando a estratégia mais calorosa do seu superior, Copperseed cultivava a imagem do policial sério e rigoroso cujo apreço pela ordem jamais seria influenciado por apelos à amizade ou a memórias de uma juventude em comum. Era até mesmo historicamente plausível que Wilson e Copperseed tivessem assumido tais papéis com naturalidade, e ele não via problemas nisso, certo de que não ser o favorito do público não o impediria de ser o melhor policial. De fato, tinha sido por causa de Copperseed que o Clube dos Detetives de Blyton, em seus dias áureos, hesitava em levar os casos à polícia, por medo de que o simpático Wilson estivesse na rua fazendo a ronda e eles fossem obrigados a dividir suas suspeitas infantis com o policial sisudo, que não se impressionava com nada que vinha deles.

Contudo, daquela vez, Andy tinha certeza de que seriam bem-sucedidos. No minuto em que ela, o capitão Al e Tim subiram os degraus da modesta delegacia, cruzaram a recepção vazia, passaram pela porta da sala do delegado e desenrolaram a lona no chão, expondo aquele pesadelo sem cabeça, ela soube que tinha alcançado um novo patamar na sua carreira de entradas dramáticas.

Copperseed, embora alerta, permaneceu atrás da mesa durante toda a performance, inclinando-se para decifrar a abominação apenas depois de a desembrulharem, a mão protegendo o nariz do fedor. Andy percebeu pela careta do homem como era difícil, primeiro, compreender aquela loucura e imaginar onde a cabeça ficava e, em segundo lugar, aceitar a ideia de que tal monstruosidade existisse nesse mundo de Deus.

Quando ergueu os olhos para a mulher totalmente vestida, o idoso seminu e o Weimaraner cinza-azulado, porém, ele já parecia ter criado uma imagem razoavelmente precisa da situação.

Copperseed se recostou na cadeira e proclamou:

— Estão vendo? É por isso que nunca bebo água da bica.

Andy sorriu, se identificando com aquela pose de durão indiferente do policial.

Copperseed pegou o telefone e discou.

— Bom dia. Delegado Copperseed, Blyton Hills. Tenho um quatro-um-nove-Charlie. Vamos precisar de uma equipe forense e talvez de um biólogo consultor.

Andy interrompeu:

— Ei, a gente tem uma bióloga bem aqui...

Al só precisou tocar seu braço.

— Sim — disse Copperseed ao telefone. — Sim, do governo estadual. Talvez. Obrigado.

Ele desligou e olhou para o capitão.

— Al. Bom ver você.

— Delegado — respondeu Al, ajeitando o roupão.

Copperseed olhou para Andy.

— Me conte exatamente o que aconteceu.

Ela levou dois minutos e quarenta e sete segundos para explicar a situação. Não hesitou nem uma vez. Lidava bem com autoridades; e a certeza absoluta de que era inocente daquela vez só facilitava as coisas. Assim como o fato de Copperseed parecer o tipo de policial que ela teria escolhido para lidar com a situação. Andy sempre pensou que ele fosse apenas um policial mal-humorado que não tinha lugar na simpática Blyton Hills, mas, nos últimos treze anos, a cidadezinha havia se tornado um lugar que precisava menos de policiais como Carl Winslow e mais de um caubói com cara de poucos amigos. E o delegado Copperseed de 1990, com a pele castigada pelo sol e um sorrisinho cínico, trazia ao lugar bem-vindos ares de dureza à la Clint Eastwood.

Depois que terminou suas anotações, o policial perguntou:

— Você ainda está se hospedando na casa da sra. Shannon?

A pergunta pegou Andy de surpresa. Ela não pensou que ele seria capaz de reconhecê-la depois de treze anos, ligá-la a Kerri, ou lembrar o sobrenome de casada da tia Margo.

— Estou.

— Como ela está?

— Ótima — respondeu Andy. — Vou dizer que o senhor perguntou por ela.

Copperseed assentiu, depois voltou a atenção à terrível profanação estendida no chão.

— Vocês podem me ajudar a levar isso para o freezer?

* * *

Uns dez minutos depois, Andy e o capitão se dirigiram à varanda da delegacia de tijolos vermelhos. A chuva escorria pela placa suja exibindo o brasão do condado.

— O que vocês vão fazer agora? — perguntou Al.

— Vamos para casa — disse Andy, com um suspiro.

A ideia de que ela teria que tentar dormir de novo em algum momento da sua vida a angustiava.

Andy olhou para o ex-policial, os pelos brancos do peito escapando pelo roupão.

— Quer uma carona?

— Não, vou voltar lá para dentro, trocar uma palavra com Copperseed. Ele me deixa em casa depois.

Andy observou o Chevy Vega estacionado à frente. Não parecia nem um pouco um carro esporte, ela percebeu.

— Acho que a Kerri pifou — comentou ela.

— Então vai lá consertá-la — mandou Al, sem se abalar. — Já temos muitas coisas quebradas por aqui.

* * *

Kerri não deu um pio no caminho para casa, e também não parecia notar nada ao seu redor, embora eles tivessem passado por vários pontos de Blyton Hills cuja transformação merecia algum comentário. Andy estava tão concentrada na amiga que quase atropelou dois pedestres em uma viagem de cinco minutos.

Quando parou no último sinal antes da rua de Kerri, Andy se virou e falou as primeiras palavras desde que tinham saído da delegacia:

— Kerri. Eu só preciso que você me diga que está bem.

— Eu estou bem — obedeceu Kerri, o olhar perdido na direção do painel.

Seus dedos coçavam a cabeça de Tim, desatentos. Nate estava no banco de trás, roendo as unhas.

Quando eles estacionaram em frente à casa da tia Margo, tiveram que ajudar Kerri a sair do carro. As chaves tilintaram na sua mão.

— Deixa eu pegar isso rapidinho — disse Andy, percebendo que Kerri apertou seu braço com mais força quando ela abriu a porta.

— Não tem nada aqui. Estamos seguros.

Tim comprovou isso entrando na casa sem nem pensar duas vezes, aliviado por estar no quartel-general de novo. Ele precisava refletir.

Nate tirou as bagagens do carro e subiu.

— Vou tentar dormir um pouco — disse, sem dar muita chance a objeções. — Vocês vão ficar bem?

Andy assentiu pelas duas. Kerri ainda não tinha soltado seu braço.

Ela continuou ancorando a amiga enquanto subiam a escada. A casa, com exceção do piso de madeira, permaneceu em silêncio. Uma música calma e delicada teria vindo a calhar.

Kerri estremeceu um pouco quando Andy abriu a porta do quarto.

— Tudo bem, está vendo? Chegamos. — Andy a ajudou a entrar. — Tudo tranquilo por aqui.

Kerri ainda não estava pronta para se soltar. Andy acompanhou seu olhar vagando pelo quartinho florido: a cama, a pequena escrivaninha, o guarda-roupa.

— Kerri. Olha. Não tem nada aqui.

— Não, não...

— Só quero te mostrar. — Ela abriu o guarda-roupa, uma explosão de camisetas, casacos e bermudas infantis gritando “olá”. Ela puxou a cadeira da escrivaninha, o barulho abafado pelo tapete grosso. Andy fez questão de se ajoelhar e olhar debaixo da cama. — Viu? Nada aqui, só a cama. Vem. Pode se sentar.

Kerri se sentou devagar na beira da cama de cobertor colorido, se esticando um pouco para fechar e trancar a porta. Sua atenção se voltou para a parede oposta.

— Pode colocar alguma coisa na frente da janela?

Andy estava de joelhos, puxando a cama debaixo.

— Kerri, nada vai entrar pela janela.

— Eu sei. Mas pode fazer isso, por favor?

— Kerri...

— Por favor!

Parecia mais uma ordem que um pedido, mas, mesmo assim, a atitude fez uma lágrima escorrer pelo seu rosto.

Andy foi até lá e empurrou o guarda-roupa para a frente da janela. As cores do quarto soltaram um muxoxo e ficaram chateadas.

— Certo — bufou Andy. — Vamos dormir agora, ok?

— Não, por favor...

— Eu quis dizer que você vai dormir, Kerri. Tá bom? Vou ficar vigiando. Não vai acontecer nada. Mas você tem que se deitar e descansar.

— Não!

— Kerri, fica calma, por favor! — Ela segurava o braço da amiga com uma das mãos e puxava a cama com a outra. — É só deitar.

— Não me deixa sozinha!

— Eu não vou deixar você sozinha, vou ficar aqui. Você só precisa deitar um pouco. — Ela tentou se afastar, mas Kerri se agarrava a ela. — Kerri, você está tendo um ataque de pânico. Eu preciso que relaxe e se deite na cama.

— Não me deixa sozinha!

Andy quase havia conseguido fazer com que a amiga se deitasse, mas Kerri ainda a segurava com tanta força que ela teve que segurar os braços da amiga para controlar os tremores.

— Kerri! Por favor, olha para mim. Olha nos meus olhos!

Os olhos aterrorizados de Kerri de repente encontraram os de Andy, a dez centímetros de distância. Andy tentou soar o mais tranquila possível.

— A gente vai ficar bem. Eu prometo. Tá bom? Este é o seu quarto. Nada de ruim pode acontecer aqui.

Kerri engoliu uma pedra engasgada na garganta. Os tremores estavam diminuindo.

— Promete que não vai embora.

— Não vou a lugar algum. Mas você está machucando um pouquinho as minhas costas.

Com os olhos ainda fixos nos de Kerri, Andy percebeu que o aperto nos seus ombros se afrouxou um pouco, como se os dedos de Kerri estivessem permitindo um pouco de circulação de novo, tentando ser mais gentis com o pescoço de Andy. Ela colocou a amiga na cama como se fosse um passarinho machucado.

— Não vai embora — pediu Kerri em um tom quase inaudível.

Andy olhou em volta para avaliar a situação. Estava inclinada a centímetros de Kerri, um joelho afundado no colchão, o outro pé ainda tocando o chão, em respeito às aparências.

— Vou ficar na outra cama.

— Não, não vai embora!

— Tá bom, tá bom — aceitou ela, assustada pela quantidade de exclamações. — Não vou embora. Só vou...

— Fica aqui!

— Kerri, eu não posso ficar nessa posição, vou acabar sufocando você.

— Não tem problema! Puxa o cobertor logo!

— Tá bom, pronto!

Ela obedeceu à ordem da amiga, cobrindo as próprias costas. Andy esticou as pernas, mexendo os pés na ponta do colchão, se ajeitando naquela toca de coelho apertada sob um campo de edredom.

— Viu? Estou protegendo você. Nada vai acontecer. Agora eu preciso que você respire fundo e fique calma, tá bom?

Kerri relaxou um pouco e forçou os pulmões a inspirarem. Andy fez o que pôde para ajeitar o peso sem causar um ataque de pânico; conseguiu ficar apoiada nos cotovelos e nos pés, seu corpo mal tocando no de Kerri.

— Sabe, na última vez que fiquei tanto tempo nessa posição estava fazendo flexões no treinamento do Exército, me perguntando qual seria a utilidade disso na vida real — brincou Andy.

Kerri não pareceu achar graça de tão ocupada que estava tentando controlar a respiração.

— Respira pelo diafragma — aconselhou Andy. — Inspira fundo. Assim. Agora, expira. Muito bem.

A próxima respiração foi igualmente profunda, mais lenta e pausada. Em pouco tempo, sob a observação atenta de Andy, o ritmo foi de frenético a *vivace*, depois a *piano*, e, a cada minuto, foi ficando mais tranquilo, aos poucos se misturando ao silêncio e à penumbra.

Elas estavam deitadas em uma casa silenciosa, em um quarto silencioso, em uma toca silenciosa de lã, algodão e borboletas. E foi aí que Andy começou a perceber as muitas sensações excitantes que tentavam chamar a sua atenção. Mil cachos ruivos caindo no sono. A respiração de Kerri no seu pescoço. Seus seios e os de Kerri, se encaixando agradavelmente apesar das roupas.

Seus bíceps tinham começado a perder a força havia algum tempo.

— Isso é meio... estranho — sussurrou Andy.

— Eu acabei de te ver brigando com uma criatura grotesca no Lago Adormecido. Não sei do que está falando, mas duvido que seja pior que isso.

— Certo.

Ela tentou acomodar a mão esquerda em torno da cabeça de Kerri, mergulhando entre os cachos sem acordá-los.

— Aquela coisa podia ter matado a gente — continuou Kerri.

— Mas não matou.

— Podia ter matado Nate ou Tim. Tinha mais de uma.

— É, tinha mesmo — admitiu Andy, a cabeça se encostando na de Kerri, bochecha contra bochecha rosada.

— E se você não tivesse acordado, e se elas tivessem nos cercado? Podiam ter nos matado durante o sono.

Andy olhou para ela e a beijou.

O universo congelou por um segundo.

Então ela se afastou para ver o que acontecia, o gosto do sol depois de um banho, amoras e do mês de agosto nos lábios embriagados de felicidade.

— Elas podiam ter matado a gente e arrastado os corpos para a água, e teria sido o fim — disse Kerri, os olhos nublados pela fantasia.

Então, bem devagar, suas pupilas perdidas encontraram os olhos de Andy, flutuando sobre ela como se a amiga fosse a primeira coisa que viram depois de um coma.

— Você me beijou?

— Hã... sim.

Nenhuma das duas se mexeu. A língua de Kerri discretamente avaliou os lábios.

— Por quê?
— Pareceu... o momento certo — balbuciou Andy. — Mas talvez não fosse. Não sou muito boa nisso.
— Entendi.
— Quer que eu saia?
— Não — respondeu Kerri na mesma hora.
— Certo.
Um parágrafo sem importância em *time-lapse* passou voando.
— Então... você gosta de mulher? — perguntou Kerri.
— É. Bem, não. Quer dizer... é mais de você, acho.
— Ah. — *Pausa.* — Hummm... Talvez seja porque a gente passou esses últimos dias juntas...?
— Não, eu... eu sinto isso já faz um tempinho.
— Quanto?
— Não sei, desde que eu tinha uns... doze anos? Doze anos é cedo demais?
— Não, acho que é a idade normal.
— Talvez onze.
— Uau.
Foi o “uau” mais silencioso da história.
— Isso te... choca? — perguntou Andy.
— Não — afirmou Kerri. — Não, é só que... eu não sabia que você era...
— *L?*
— *A...*
— *O...*
— Hum, espera, me perdi.
— *Louca por você.*
Ao redor delas, o cabelo de Kerri estava acordado e à espreita.
Kerri avaliou suas condições. Seu coração estava batendo mais devagar. Sua respiração estava tranquila. Seus seios sentiam a pressão leve dos de Andy, mas até aí não havia nada do que reclamar. Ela não estava nem um pouco chocada.
— Andy, eu... Quer dizer, é fofo, mas... Eu não gosto de mulher, acho.
— Você já experimentou?
— Não. Mas também nunca pulei de paraquedas e tenho quase certeza de que não é a minha — disse ela. — Quer dizer, não, espera, isso não foi... — Kerri suspirou. — Isso foi babaca da minha parte. Desculpa, Andy. Me dá um desconto, eu estava pirando um minuto atrás.
— Eu sei.
— Talvez não fosse o momento certo.
— Eu sei — disse Andy, se dando conta, mas o amargor daquela revelação não conseguia estragar o perfume doce que a envolvia. — É só

que... você estava tipo... me abraçando, de frente para mim, e eu pensei que não seria justo com você, porque você não sabia como eu me sinto.

— Você quer sair?

— Não.

— Tá bom.

Kerri se mexeu um pouco, as mãos abraçando Andy com um pouco mais de gentileza, trazendo-a para perto. Andy se deu conta de que seu coração estava começando a acelerar. Ela fez um esforço consciente para se acalmar.

— Só pensei que... seria menos estranho se eu beijasse você. — Ela parou um segundo e pensou a respeito. — Bom, acho que não funcionou muito.

— Ei.

O cabelo de Andy levou um susto quando Kerri acariciou o seu rosto.

— Não quero você se punindo por isso, ouviu?

Elas estavam perto demais para ver o rosto inteiro uma da outra, mas Andy percebeu que os olhos de Kerri estavam sorrindo.

— Fico feliz que tenha me contado. Além disso, você conseguiu me acalmar.

— É. Não sei se era o meu objetivo, mas tudo bem.

— Andy, me escuta — começou ela, com cuidado. — Eu acho que não gosto de garotas. Mas gosto de você também. Demais. E preciso muito, muito que você esteja aqui comigo agora. Pode fazer isso?

O treinamento militar de Andy entrou em jogo.

— Sim. Claro.

— Pode mesmo?

— Posso. Estou aqui. Em cima de você.

— Sim, em cima de mim. Isso vai ser um problema?

— Não, eu consigo.

— Que bom.

— Posso mexer a minha mão? Está doendo um pouco.

— À vontade.

As duas se ajustaram um pouco, ajustando aquele abraço mútuo, os braços de Kerri pousados nas costas de Andy, as mãos de Andy mergulhadas em pura euforia ruiva, as pernas intercaladas, os seios ainda vestidos, mas formalmente apresentados.

Quando Andy olhou de novo, Kerri estava de olhos fechados. Um sorriso infantil tranquilo surgira no rosto dela.

— Kerri.

— Hum.

— Você preferiria que eu fosse um menino?

— Não. Você não estaria comigo aqui no quarto se fosse.

— Eu gosto muito deste quarto — disse Andy. Borboletas e estampas cochilavam em torno da toca delas. — Eu estava com medo de que, se contasse, você não fosse mais querer que eu ficasse aqui.

— Pode ficar tranquila — sussurrou Kerri, os dedos acariciando a nuca de Andy. — Nada de ruim nunca vai acontecer neste quarto.

Andy fechou os olhos e apoiou a cabeça ao lado da de Kerri, o rosto afundado no cabelo ruivo aconchegante feito algodão-doce.

* * *

— Bem, essa foi uma reviravolta interessante — disse Peter para o teto do quarto ao lado, deitado no beliche superior. — Nada de homem de máscara dessa vez. Assim espero.

— Cala a boca — reclamou Nate na cama de baixo.

Peter pulou do beliche, o tênis fantasma pousando suavemente no tapete.

— Fala sério, cara, eu estou dando os parabéns por fazer um bom trabalho. Levar a arma do tio Emmet... foi esperto.

Do porta-lápis na mesa, ele pegou um punhado de dardos e encarou o alvo na porta.

— Foi você que me falou para levar a arma — lembrou Nate.

— Ah, é, verdade, falei mesmo. Euzinho aqui.

Ele jogou um dardo; Nate cobriu as orelhas com o travesseiro.

— Mas enfim, foi um tiro no escuro — continuou Peter. — Quer dizer, não o tiro em si; eu ter te falado para levar a arma. Porque aquelas criaturas do lago aparecerem foi... (*Um dardo acerta o alvo.*) Bem, não totalmente inesperado, mas ainda assim uma bela de uma reviravolta. Havia uma chance de que elas estivessem lá, mas era para estarem adormecidas, certo?

Nate largou o travesseiro e encarou Peter, que estava de pé bem na sua frente, o sorriso convencido e o cabelo perfeito imunes ao estresse pós-traumático.

— Nós não acordamos as criaturas — disse Nate.

— Claro que não. Foi você que acordou — insistiu Peter, apontando um dardo para ele. — Naquela noite, em 1977, quando Kerri estava presa no porão, Andy foi procurar por ela lá embaixo, e eu tive que salvar as duas. É o que você ficou fazendo no sótão o tempo todo?

— Até parece que você não sabe! — gritou Nate. — Você está na minha cabeça!

Por pouco, o outro intruso na sua cabeça não foi a ponta de metal de um dardo. O projétil passou a um centímetro da sua testa e se cravou com um *tum* na cabeceira do beliche.

— Pior que sei! — disse Peter, se divertindo. — Caramba, Nate, contar do *Necronomicon* para a Kerri já vai ser bem difícil, mas o que você acha que as meninas vão falar quando descobrirem que você não só viu o livro como também *leu* aquela porra na Mansão Deboën? Em voz alta? Seu burro do cacete!

PARTE TRÊS

COLAPSO

O bunker foi perturbado alguns minutos depois das dez da manhã. Andy acordou e se viu mergulhada em cachos ruivos, que cobriam seus olhos, ouvidos, nariz e boca. Ela se afogava com prazer no cabelo de Kerri, a fragrância e a maciez atingindo seus sentidos como o exército mongol derrubando os portões de Bagdá. Aquela sensação tão real, tão fisicamente real, estava além de qualquer dúvida filosófica. Andy inclusive foi capaz de reconhecê-la, naquela noite, treze anos antes, em que abraçou Kerri em uma masmorra seis metros abaixo do chão, na escuridão sufocante, quando os soluços de terror e o barulho das criaturas do lago arranhando as paredes a impediram de perceber a alegria do momento. Mas ali, na cama, ela percebeu. Durante a noite, as duas tinham mudado de posição, formando uma espécie de conchinha superprotetora, o rosto de Andy mergulhado em um êxtase real, alimentado por um combustível à base de arco-íris.

Uma certeza que, em toda a sua glória, não conseguia abafar outra verdade: o que a acordara foi o som de paredes sendo arranhadas.

Andy voltou sua concentração para o papel de parede ao lado da cama, tentando descobrir alguma pista na luz baixa do quarto, acalmado o cabelo de Kerri. Nada aconteceu.

Até um minuto depois, quando algo arranhou a porta.

Andy se levantou, por algum motivo tomando cuidado para não acordar Kerri, e olhou ao redor à procura de uma arma. Ela sabia muito bem que não encontraria ali. Armas não eram bem-vindas no quarto de Kerri; aquele era um território livre de guerras, uma civilização utópica sem espaço para a ganância, o fanatismo e a selvageria que havia ao redor.

A porta rangeu nas dobradiças, cedendo à força das garras do lado de fora.

Andy sentiu o coração mergulhar no caos. O arranhado era ensurdecedor. Não dava para acreditar que Kerri não conseguia ouvir. Não dava para acreditar que a criatura do lado de fora não tinha ouvido sua pulsação disparada. Desesperadamente, ela mandou que a mente se acalmasse e avaliasse as opções. A janela estava bloqueada; ela faria menos barulho revirando o armário de Kerri em busca do antigo taco de beisebol. Ela precisava traçar uma estratégia. Precisava controlar o coração e pensar: o que mais tinha dificuldade de fazer.

Andy foi até o armário, pegou o taco e o girou na mão direita enquanto abria a porta.

Tim entrou, assentindo para Andy com um agradecimento digno da realeza britânica, e foi cheirar a mão de Kerri.

Andy cambaleou até o corredor, por um segundo, tapando a boca para impedir um jato de vômito de puro ódio, e fechou a porta do quarto. Ela se apoiou na parede, ofegante, gritando internamente para seu corpo se acalmasse. A casa estava tão quieta quanto estivera todos aqueles anos, uma máquina do tempo de persianas fechadas e móveis cobertos.

Depois de um minuto, ainda ensopada de suor, ela voltou para o quarto.

— Tim. Uma palavrinha, por favor.

O cachorro a seguiu para o corredor, como se convocado para uma reunião, e Andy se ajoelhou para falar com ele.

— Nunca mais faça essa merda. Está me ouvindo? Não arranhe portas ou paredes. Nunca. Se estiver preso do lado de fora, é só latir. Ouviu bem?

Tim fez sua melhor cara de positivo.

— Vamos tentar. Late — mandou Andy. — Por favor. Late.

Kerri abriu a porta e mandou:

— Fala!

Tim latiu sem questionar.

— A ordem para latir é “fala”. “Late” é muito parecido com “parque” — explicou ela, ajoelhando-se para fazer carinho. — Não é, Tim? Você é um garoto muito esperto, a gente só precisa pedir direito, não é mesmo?

Ela parou a brincadeira por um instante ao se dar conta da expressão de Andy.

— Que taco é esse?

Andy ia falar alguma desculpa esfarrapada quando foram interrompidas pelo toque analógico do telefone na sala. Ela correu até o andar de baixo e atendeu.

— Alô?

— Você disse que conhecia um biólogo?

Andy demorou um pouco para diferenciar a voz de Copperseed da estática e um pouco mais para entender que ele estava se referindo à última conversa que tiveram.

— Sim, por quê?

— O governo estadual só vai conseguir alguém amanhã. Acho que a gente não tem tanto tempo.

— Não? — perguntou ela, envergonhada pela confusão.

— Dei uma olhada no corpo agora, está se decompondo rápido. Acho que o freezer não é frio o bastante. Se você conhece alguém, temos que examinar esse troço agora.

Andy deu uma olhada em Kerri, que estava no topo da escada.

— Não sei se ela está pronta — sussurrou Andy no telefone.

— Pronta para o quê? — perguntou Kerri.
Andy cobriu o fone.
— Tem alguma coisa errada com o corpo do sibilante. Copperseed está dizendo que temos que examiná-lo antes..
— Deixa comigo.
— Tem certeza?
— Aham. — Ela cruzou os braços, contraiu os lábios, tirando forças das meias do Dom Pixote recém-encontradas. — Eu sou bióloga.
— Mas, sabe, é uma autópsia em..
— Dissecção. É uma criatura do lago. Fauna local — interrompeu Kerri. — Uma simples descrição científica. É como uma nova espécie de borboleta. Posso até batizá-la em homenagem a vocês.
— Prefiro esperar pela borboleta — comentou Andy, e voltou ao telefone. — Delegado? Tudo certo. Ela vai fazer.

* * *

Meia hora depois, eles estavam de volta à delegacia. Foi o tempo de tomar banho e pegar alguns instrumentos nos armários da cozinha e a antiga Polaroid de Kerri. Quando chegaram, Copperseed assentiu, pulando as formalidades, e os levou por uma rampa até o necrotério subterrâneo. Em uma repartição sem laboratório forense, o lugar não passava de um cubículo do tamanho de uma despensa, com uma pia e duas gavetas refrigeradas para armazenar corpos, o que muitas vezes vinha a calhar, já que Blyton Hills não tinha uma funerária. Os garotos ainda estavam se acostumando com aquele lugar deprimente quando Copperseed abriu uma das gavetas.

Tim reclamou vigorosamente do cheiro, e todos os outros se viraram, tapando o nariz com as mangas, mencionando diversos personagens bíblicos de formas não muito respeitosas.

A coisa estava de barriga para baixo, sem a cabeça: não podia ficar de barriga para cima por causa dos membros intermediários localizados embaixo das omoplatas. Kerri, que evitara o corpo enquanto Andy e Nate o estavam empacotando, de imediato percebeu detalhes que tinham passado despercebidos até então: os dedos ligados por membranas, a pele escamosa, as estruturas semelhantes a anêmonas que cresciam de buracos sob as costelas.

Copperseed pegou uma caneta e cutucou um dos braços superiores. A carne cedeu como cera morna.

— Como assim? — reclamou Andy. — Estava bem mais firme algumas horas atrás.

Nate tirou uma fotografia da coisa e sacudiu a polaroide. Tim ainda gania, indignado por todo mundo já ter superado o cheiro.

— Tim não pode ficar aqui — disse Kerri, forçando o jantar da noite anterior a voltar goela abaixo e se aproximando do espécime. — Levem ele para fora.

— Nate, pode ficar de olho nele? — perguntou Andy.

— Vocês dois — insistiu Kerri. — Isso é um laboratório agora.

— Mas não quero deixar você sozinha com essa coisa — protestou Andy.

— Não vou ficar sozinha, o delegado vai me ajudar — disse ela, acenando para Copperseed e pegando uma tesourinha do kit. — Podem ir, encontro vocês na Ben's em duas horas.

Copperseed lhe passou uma máscara, colocou outra e se preparou para um dia de trabalho como o assistente de laboratório mais durão deste lado do Mississippi.

* * *

Nate, Andy e Tim se viram de volta à porta da delegacia um minuto depois, aproveitando o ar puro.

Nate se sentou em um dos degraus, esfregando a boca. Andy percebeu que o amigo estava com olheiras.

— Tudo bem? — perguntou.

— Tudo. — Ele deu uma olhada em Andy. — E você?

— Tudo.

— Certo, todo mundo está bem! — exclamou Peter, chutando uma latinha na calçada. — Luz, câmera, ação! Preparar, apontar, fogo! QRV! Eu nem sei o que isso significa.

Nate tomou um comprimido e guardou o frasco no bolso. Considerando que Andy estava esperando o momento certo de perguntar o que eles deveriam fazer, ele sugeriu:

— A gente podia visitar a Dunia Deboën.

— Por quê? — perguntou Andy. — Estamos com a criatura do lago ali. O que ela teria a ver com aquilo?

— Sei lá. Não falamos com ela da última vez. Já que estamos reabrindo o caso, acho que vale checar todas as fontes dessa vez.

— O que diríamos para ela? “Oi, a gente acabou de capturar uma das criaturas do Lago Adormecido; como neta do pirata que praticava magia negra, o que a senhora tem a dizer sobre isso?”

— Se ainda fôssemos crianças, o que faríamos? Ficaríamos aqui sentados, esperando, ou iríamos visitar a casa da bruxa?

Tim já estava na metade do quarteirão, virando-se para trás para chamar: *Ei! Onde a bruxa mora mesmo?*

* * *

A bruxa morava na zona nordeste da cidade, em uma rua sinuosa que seguia o riacho aos pés da Colina da Coruja. Todos os quintais daquela rua davam para uma enorme mata deserta, que começava com um ímpeto surpreendente, a três metros das cercas, às vezes até dentro dos quintais. Os jardins, reduzidos a depósitos de lixo e placas de VENDE-SE, tinham perdido fazia muito tempo um aspecto de manutenção. As casas ficavam imprensadas entre os dois, semidigeridas pela floresta.

Andy e Nate se lembravam de cochichar e apontar para a casa dos Deboën quando passavam por ali de bicicleta. Ela se erguia um pouco mais orgulhosa que as outras, tendo, aparentemente, chegado a um frágil pacto de não agressão com a floresta invasora. O jardim da frente quase poderia ser descrito como belo, até que um olhar mais atento revelasse que a maioria dos brotos brancos e azul-claros que eram, na verdade, flores silvestres que, sem qualquer auxílio de jardineiros, mostravam sua exuberância de início de primavera. *Juniperus* e arbustos de amora coexistiam pacificamente com postes de ferro, uma fonte para pássaros, bancos e mesas de jardim cobertos por musgo, e a arquitetura de Browstone se esforçava para não estragar o estilo gótico da colina.

Corvos empoleirados em uma figueira anunciaram a chegada dos visitantes. Um esquilo fugiu correndo pelo caminho de pedra ao ver Tim. Quando abriram o portão, Nate observou que o nome na caixa de correio era Morris.

Eles resolveram bater à porta mesmo assim e pedir informações.

Andy limpou o azinhavre dos dedos enquanto esperavam na entrada.

— Então, é assim que é a casa de uma bruxa? — perguntou ela, dando uma olhada nos ornamentos espiralados das lâmpadas da varanda e do corrimão, no sino dos ventos de bambu, silencioso, na guirlanda natalina ressecada pendurada na porta. — Parece a casa de uma velhinha solteirona.

— É isso que os puritanos chamam de bruxa — retrucou Nate, e bateu à porta de novo.

Tim se cansou de importunar a anormalmente densa fauna local do jardimzinho e subiu na varanda; para ele, a viagem já tinha valido a pena. Já Andy e Nate questionaram em silêncio a relevância daquela visita.

Eles estavam descendo quando uma figura envolta em um tornado de casaco e chapéu florido entrou arrastando os pés pelo portão, carregando sacolas de compras e se esforçando para atravessar o caminho traiçoeiro

do jardim nas botas de salto. Um rosto de olhos fundos surgiu por debaixo do chapéu.

— Posso ajudá-los? — indagou ela, com o exato tom de quem estava pronta para completar: *Sim, já ouvi falar desse tal de Jesus Cristo, mas não quero votar nele.*

— Sra. Deboën? — perguntou Nate.

— É Morris agora — retrucou a mulher, passando por eles depressa e subindo os degraus para deixar as bolsas no chão. Depois avaliou os visitantes enquanto pegava um chaveiro. — E vocês são?

Sua voz era fraca e aguda, gentil mas cansada. Andy se forçou a deixar a confusão para lá.

— Hum, meu nome é Andy Rodriguez e esse aqui é Nate Rogers. Nós estamos... hum, fazendo uma pesquisa histórica sobre Blyton Hills. Gostaríamos de saber se a senhora poderia conversar conosco por alguns minutos, responder algumas perguntas?

— Sobre o quê?

— Sua... Quer dizer, a família Deboën.

A mulher conseguiu encontrar uma chave que concordou em entrar na fechadura e abriu a porta. Um aroma nada sutil de tabaco e tomilho se espalhou.

— Não sei se sou a pessoa mais indicada para falar sobre isso. Por que não perguntam, sei lá, para qualquer outro dessa cidade?

— Já fizemos isso — mentiu Nate, bloqueando a porta disfarçadamente. — Ouvimos umas fofocas pouco favoráveis e gostaríamos de escutar o lado da senhora.

— Certo. Meu pai era tão estranho que, só por carregar seu sobrenome, tive que comer o pão que o diabo amassou e há trinta anos sou obrigada a cortar o meu próprio cabelo. Está bom para vocês?

Ela encarou Andy, e Nate reparou que, na sacola de compras, a senhora levava a marca favorita de macarrão com queijo enlatado dele. Então todos olharam para Tim. Ele já estava com metade do corpo dentro da casa, inspecionando cuidadosamente os guarda-chuvas ao lado da porta.

— Que tipo de pesquisadores vocês são? — questionou a mulher.

Seus olhos eram grandes, como os de personagens de mangá, exagerados pelo rímel.

— História.

— Folclore — disse Nate pouco antes de Andy. E continuou: — Estamos interessados nas lendas do Lago Adormecido.

A mulher os examinou de novo, estreitando os olhos. A compreensão desencadeou um sorrisinho volátil e passageiro no seu rosto.

— Vocês são aquelas crianças — falou ela. — Os detetives adolescentes que pegaram o monstro do Lago Adormecido.

— Sim — concordou Andy, meio envergonhada. Essa era a única espécie de carteirada que ela poderia dar na vida. — Podemos fazer algumas perguntas sobre a casa da ilha?

Tim já estava no hall de entrada, pronto para preparar umas torradas assim que encontrasse a cozinha.

— Certo, podem entrar — disse a senhora, indo na frente.

A casa era menor que a de Kerri e bem mais cheia. Só no pequeno hall parecia haver centenas de móveis — todos de madeira escura e com toalhas antiquadas —, mas a sensação era a de que cada peça tinha um motivo para estar ali. Andy sentiu que estava na presença rara de uma acumuladora com bom gosto. Parecia mesmo a casa de uma bruxa — poderia inclusive ser capa da edição de outono de 1968 da revista *Casas do interior*.

— Fiquem à vontade, volto em um segundo — disse a bruxa enquanto brotava do casaco maltrapilho e do chapéu, revelando-se pelo menos duas vezes menor, o corpo uma pequena ampulheta vestindo um suéter apertado e calça de couro, perfeitamente adaptado para se mover com graça pelo espaço apertado.

A palavra “voluptuosa” veio à mente de Andy, basicamente porque, para ela, era outra forma de dizer “sexy” décadas antes, enquanto observava a mulher baixa carregando as compras para a cozinha.

Uma treliça de ferro separava o hall da sala de estar, e a sensação claustrofóbica aumentava através de almofadas imensas com estampa de animais e uma aglomeração de plantas digna de uma floresta tropical. Andy chamou o cachorro, afastando-o de objetos que ela mesma gostaria de estar farejando. Nate se aproximou das prateleiras de livros — volumes encadernados em couro, antigos e empoeirados, flanqueados por suportes em formato de máscaras havaianas e plantas luxuriosas. Olhando mais de perto, viu que ela tinha apenas edições em capa dura de romances sobrenaturais.

— Vocês querem alguma coisa? — gritou a mulher. — Café? Chá? Sopa de olho de sapo?

— Não, obrig... — Andy parou de falar, entrando em modo alerta, a sobancelha erguida.

A anfitriã surgiu no batente da porta.

— Brincadeira. Tenho que manter a minha reputação, sabe.

Ela fechou a geladeira e foi para a sala se juntar a eles.

— Por favor, sentem-se. Onde estão os outros dois?

Os convidados se entreolharam, confusos.

— O grupo era de cinco, não? — questionou, se ajeitando em um pufe grande e abrindo um maço de cigarros. — Três meninos, uma menina e um cachorro?

Andy sorriu, pensando em como aquilo teria deixado a sua versão adolescente orgulhosa.

— Só mais um veio, ela está seguindo outra pista — respondeu Nate.

— Que gracinha — disse a mulher, soprando a tragada inaugural do cigarro. Ela puxou uma mesa de centro que parecia uma tora de sequoia, trouxe para perto um cinzeiro de bronze e cruzou as pernas com as botas de couro marrom. — Como posso ajudá-los?

Andy desviou os olhos das coxas da mulher e encarou Nate, que pareceu aceitar a liderança.

— Sra. Deboën...

— Morris. Ou simplesmente Dunia.

— Dunia. Você deve conhecer bem a área do Lago Adormecido.

— Nem tanto, não sou muito de natureza.

— Mas já morou na Mansão Deboën.

— Só até os cinco anos. Sabe, uma casa em cima de uma mina e um lago a dez metros da porta não são muito seguros para crianças.

— Sem mencionar os experimentos do seu pai — comentou Nate, tentando pegá-la de surpresa.

— Prefiro não falar sobre isso — retrucou ela, com elegância. — Ele me mandou para um colégio interno na primeira oportunidade que teve, depois comprou esta casa para a minha mãe. Acho que ficou feliz de se livrar de nós.

— Por quê? — indagou Andy.

— Bem, de acordo com a teoria mais popular, meu pai só se casou com a minha mãe e me teve para fugir da fama de eremita, como o pai dele — explicou ela, sem esboçar qualquer reação. — Foi o que se pode chamar de jogada de marketing.

— Você acredita nisso?

— Talvez. Eu mesma me casei com um homem que não amava só para pegar o sobrenome dele emprestado, então acho plausível. — Como se fizesse uma confidência a Andy, ela completou: — Nunca funciona.

— Por que você não saiu da cidade? — questionou Nate.

— Tudo que tenho é esta casa. E não encontro ninguém interessado em comprá-la. Acho que deveria ter ido embora assim mesmo, pegado a estrada quando ainda era jovem e destemida. O problema é que nunca fui destemida. Só agora, mas infelizmente estou velha demais para ser stripper.

As palavras “Nunca é tarde demais!” foram duramente impedidas de sair da boca de Andy por um segurança desgostoso e envergonhado. Então, ela perguntou:

— O que você faz?

— Escrevo romances eróticos — respondeu ela, apontando para a pequena escrivaninha com computador perto de uma janela. Em seguida,

completou, com um sorriso malicioso: — Sim, são pessoas como eu.

Tim espirrou em resposta aos hormônios exacerbados.

— Mas a sua família devia ter muito dinheiro — observou Nate. — Vocês tinham uma mina de ouro, que já foi uma empresa grande. Devem ter feito uma fortuna.

— Eu não recebi nada depois que os meus pais morreram. Quer dizer, depois que o meu pai morreu no incêndio. E com certeza não estava esperando receber nada quando a minha mãe decidiu desmaiar ao volante. Isso foi... três anos depois do meu pai?

— Em 1952? — sugeriu Nate. — A mansão pegou fogo em 1949.

— É, por aí. Eu tinha sete anos quando ele morreu. De qualquer maneira, os advogados que cuidavam dos negócios aceitaram uma oferta ruim pela mina e usaram o dinheiro para me manter em um colégio em Eugene. Então, depois que me formei, eu tinha esta casa, nesta linda vizinhança que tanto me ama, e nada mais. — Ela parou, coçando a cabeça do Weimaraner distraidamente, então continuou: — Se conheço o meu pai, ele guardava a fortuna dele escondida na casa; não era do tipo que faz investimentos. Provavelmente pegou fogo junto com o resto. As pessoas procuraram, na época.

— Claro. Era o ouro que Wickley queria encontrar.

— Quem?

— Hum, Thomas X. Wickley — disse Andy. — Da criatura do lago.

— Ah, sim. — A mulher suspirou, como se estivesse lembrando um personagem coadjuvante de uma série de TV.

— Aliás — Nate mudou de assunto, tateando os bolsos do casaco —, você deve ter ouvido boatos de que foram vistas criaturas no lago de novo.

— Não, mas era de se esperar. Essas histórias existem há décadas; a prisão de um cara fantasiado não ia estragar a brincadeira.

— Bem, nós fomos caçar essas criaturas ontem à noite, e encontramos isso — respondeu ele, pegando uma polaroide e estendendo a fotografia para Dunia. — Temos... noventa por cento de certeza de que não era um cara fantasiado.

* * *

O corpo sem cabeça e com membros demais soltava uma camada viscosa de líquido, o peito aberto. Kerri evitava olhar para ele enquanto fazia anotações em um bloco oficial da Polícia do Condado de Pennaquick. Um odor fétido atacava as máscaras que ela e o delegado Copperseed usavam.

— Ele provavelmente respirava pelos orifícios nas laterais do corpo, embora a função das formações ciliares na parte interna não seja clara — ditou ela para si mesma ao anotar na sua caligrafia nervosa e pontuda, que já abrira mão de ser compreensível páginas atrás. — O que antes denominei como pulmões mais provavelmente serviam como bexigas natatórias. Porém, a criatura rugiu pela boca. — Ela explicou para o delegado: — Anfíbios nascem com guelras e desenvolvem pulmões depois. Essa criatura parece ter as duas coisas e ainda assim respirava com dificuldade quando nos enfrentou. Talvez as bexigas ajam como reservas de ar quando ela está fora d'água.

Copperseed permaneceu atento, a máscara permitindo que fizesse caretas à vontade por conta do cheiro sem afetar a pose de mau.

— Não há possibilidade de que essas coisas sejam resultado de resíduos tóxicos, há? — questionou ele com um toque de ressentimento.

— Não é uma mutação, se é o que está perguntando — respondeu Kerri, pegando uma faca e raspando suavemente uma das costelas para fora do peito. Era fácil tirar amostras do osso; o esqueleto estava derretendo. — Isto é diferente em todos os sentidos. A composição química... Nada com base em carbono entraria em decomposição tão rápido.

Ela deu um passo para trás, buscando uma visão mais ampla. O fedor era inacreditável. Aquela imagem, mesmo morta, desafiava a razão.

Papel e caneta aguardavam ansiosamente na mesa ao lado, se perguntando se poderiam fazer algo para ajudar.

Algumas respirações profundas depois, Kerri tirou uma das luvas de cozinha e aproximou o dedo nu a um centímetro do ombro superior e seguiu ao longo do braço que pendia para fora da mesa, desceu até o pulso, passou pelas mãos membranosas e as garras longas e pretas. Então ela o tocou.

Foi o golpe final: o toque sólido e frio; a química estranha e orgânica; a complexidade microscópica daquela criatura, impossível de falsificar. Seu pesadelo invadindo o mundo real.

O delegado a segurou pelos ombros, indicando que era hora de fazer uma pausa, enquanto Kerri continuava falando para um gravador inexistente:

— Isso não deveria existir. O corpo está se decompondo em um ritmo assustador; não sobrevive muito tempo no ar. Amanhã, não restará nada sólido!

No final daquela frase, ela já estava sendo levada para o pátio por Copperseed. O sol e o canto dos pássaros lavaram o seu rosto.

Kerri arrancou a máscara, engolindo o ar fresco.

— Se bem que faz sentido — disse ela, mecanicamente. — A decomposição acelerada explicaria por que nunca vimos um desses antes.

De outra forma, mesmo que evitassem humanos, mais cedo ou mais tarde se encontraria ao menos uma carcaça. Ainda assim, algumas dessas características são coisas sobre as quais só li em paleobiologia. Essas criaturas devem existir há... muito mais tempo que nós, mais que cordados!

Ela emergiu das reclamações por um segundo e se viu sentada no meio-fio, encostada em uma cerca de ferro. O céu estava com um tom forte de azul. Seus dedos contaminados aproveitavam as carícias agradáveis do chão de cimento e da grama. Os pombos que brigavam por migalhas na caçamba de lixo ali perto nem se incomodavam com o burburinho do trânsito de Blyton Hills.

Copperseed estava de pé a uma distância confortável, sem a máscara, as mãos nos bolsos do uniforme.

— Os primeiros nativos — soltou ele, como se fizesse uma citação.

Kerri olhou para ele, protegendo os olhos do sol. O delegado falava como se estivesse lendo um teleprompter no céu.

— Antigamente, na época da Segunda Batalha Celestial, quando os Walla Walla se estabeleceram primeiro nas colinas, descobriram um povo misterioso que se escondia nas encostas enevoadas e nos desfiladeiros sombrios perto da nascente do Rio Zoinx. Esse povo fugia do sol e da lua, vivendo apenas próximo ou na água, em cavernas por onde rios subterrâneos correm, e venerava Thtaggoa, o deus do submundo, na Montanha do Trovão. Os Walla Walla sabiam que era melhor não incomodar os primeiros nativos, pois quem se aventurava rio acima acabava enlouquecido de horror ao ver aqueles seres desfigurados e ferozes, e quem se arriscava a andar pelos vales mais profundos era morto e tinha o corpo pendurado nas árvores como um aviso aos outros. Por muitos anos os Walla Walla respeitaram os limites e não se aproximaram da Montanha do Trovão nem caminharam pelos vales abaixo dela. Mas então Thtaggoa desejou mais poder, e a terra tremeu, e a névoa do lago se espalhou, matando as florestas e os animais, afogando as aldeias. Sob a névoa os primeiros nativos marcharam, matando a nossa gente. Os Walla Walla lutaram bravamente, com lanças e escudos, mas os primeiros nativos eram resistentes e seu número parecia não diminuir. Assim, quando o deus subterrâneo rugiu na Montanha do Trovão, os Walla Walla reuniram os clãs e cantaram juntos, pedindo ajuda aos Pais. Em resposta, das Neves Quentes veio um xamã poderoso chamado Raposa Cinzenta. E Raposa Cinzenta caminhou até o sopé da Montanha do Trovão com quatro guerreiros corajosos, e lá, em um círculo de fogo, cantou o feitiço, fazendo a montanha vir abaixo, e jogando Thtaggoa e sua prole no abismo, e o rio preencheu o lugar com sua água. Mas Thtaggoa é imortal e ainda dorme no fundo do lago, esperando para ser despertado e reinar novamente.

Os pombos arrulharam e saíram voando. Kerri levou um tempinho para retornar ao pátio branco sob os seus dedos, ao sol no rosto e ao céu azul sobre a cabeça.

— Beleza, até aí tudo bem — disse ela. — Essa é a versão Walla Walla do cataclismo que deu origem ao Lago Adormecido. Em que época aconteceu a Segunda Batalha Celestial? Mil e quinhentos, dois mil anos atrás?

Copperseed deu de ombros como se concordasse.

— Certo — prosseguiu Kerri. — Temos evidências geológicas de que o Lago Adormecido é a caldeira colapsada de um vulcão que entrou em erupção por volta dessa época. O vulcão era a Montanha do Trovão. E as Neves Quentes de onde o xamã veio deviam ser as Cascatas. O xamã e esse troço de Tatatoga provavelmente são personificações de forças da natureza. Talvez os primeiros nativos também. — Ela parou, esperando o contraponto. — Por outro lado, temos aquela coisa no necrotério.

Kerri levou um minuto para fazer uma revisão das anotações mentais, depois recomeçou:

— Bom, vamos supor que aquele troço seja mesmo um desses primeiros nativos que você mencionou. De acordo com essa mitologia, eles desapareceram. Agora, aquele ali não estava exatamente nos evitando. Onde estavam se escondendo até hoje?

— Eles não estavam se escondendo — retrucou Copperseed. — Recebemos relatos de aparições e pegadas desde 1950.

— Ainda assim, são só quarenta anos. Por que nada foi visto antes disso?

Eles se entreolharam e falaram em uníssono:

— A gente não cavava minas antes disso.

— Eu cheguei a essa conclusão antes de você, não me venha querendo nenhuma estrelinha — avisou ela. — Você tem um freezer? Pode ser de cozinha mesmo, não preciso guardar a coisa inteira. Vou extrair algumas amostras de tecido e congelá-las. O resto provavelmente vai se desfazer até amanhã, mas as amostras e as fotos serão suficientes para chamar a atenção da comunidade científica. — Ela se levantou e respirou fundo o ar puro ali do lado de fora pela última vez antes de voltar ao trabalho. — Sejam crias lendárias do demônio ou só um erro grotesco da natureza, precisamos lidar com elas.

* * *

Dunia empurrou a polaroide de volta na mesa de sequoia.

— Que horror — disse, antes de avaliar as expressões deles. — Vocês querem saber se já vi uma coisa dessas revirando o lixo na Mansão

Deboën?

— Não — respondeu Andy, envergonhada. Ela não imaginava que Nate ia mostrar a foto. — Quer dizer, você não viu, né?

— Não. Mas meu pai ficaria muito interessado. É uma pena que eles não tenham se esbarrado.

— Como assim? — questionou Nate.

Dunia bateu o cigarro no cinzeiro sem se importar muito em acertá-lo, deu outra tragada e se recostou na cadeira.

— Daniel Deboën estava convencido de que seres misteriosos se escondiam sob as colinas — explicou ela. — Feras antigas e esquecidas pela ciência moderna. Ele procurava por elas, na verdade.

— De onde você acha que ele tirou isso?

— Livros. A família tinha uma coleção enorme de obras de antigos cientistas e filósofos, tão antigas que a maioria do conteúdo é mito. Mas o meu pai acreditava que havia um quê de verdade por trás de toda lenda, que as terras distantes descritas pelos alquimistas persas e teólogos andaluzes eram regiões reais deste continente, vislumbradas ou intuídas por exploradores pré-colombianos. Os Deboën apreciavam esse tipo de sabedoria antiga.

— Você ainda tem esses livros? — perguntou Nate.

— Não. Talvez ainda estejam na casa, no sótão. Era onde ficava o laboratório de alquimia do meu pai. Ele praticamente morava lá.

— Só para esclarecer — questionou Andy —, quando você diz “alquimia”, quer dizer...

— Química primitiva. Física com toques de magia. Ciência que considerava encantamentos e fases da lua como parte da equação. Basicamente o que qualquer hippie velha maluca defenderia com um sorriso no rosto hoje em dia, mas que pega mal na boca de homens que ainda por cima moram sozinhos no meio do mato — explicou, pontuando a piada com uma batida do cigarro. — Meu pai tinha certeza de que havia algum conhecimento perdido e revolucionário na arte dos primeiros filósofos. Ele tinha mil produtos químicos, amostras e cartas celestes, e tentava recriar os experimentos.

— Será que foi um dos experimentos dele que causou o incêndio em 1949?

— Talvez. — Ela deu de ombros. — Mas o sótão não foi muito afetado, pelo que ouvi. A polícia disse que um acidente estranho fez o tanque de óleo explodir, destruindo a ala leste e matando o meu pai. Ele foi enterrado na ilha, conforme seus últimos desejos. Talvez vocês tenham visto o túmulo — completou, ao ver Andy assentindo.

— Dizem por aí — começou Nate, de um jeito que poderia ser considerado gentil, já que ele estava acostumado à falta de tato dos

pacientes do Arkham — que o pai do seu pai, Damian Deboën, era um feiticeiro.

— Já ouvi isso. Ele também era pirata. — Dunia deu um sorrisinho. — Ah, e você sabe por que ele foi para o mar pela primeira vez? Estava fugindo depois que a mãe dele, uma bruxa, foi julgada e queimada em Salém.

— Mas que cacete, de novo essa merda de Salém — reclamou Nate.

— Também existe uma teoria — mencionou Andy — de que Damian e Daniel eram a mesma pessoa.

— Essa não é tão original — falou Dunia. — Quer dizer, nada mais é do que o clichê do vampiro, pensem bem. Deixar o país e voltar como o próprio filho... Já vi muitas vezes. — Ela descartou a ideia junto com o cigarro, depois recruzou as pernas e completou: — De qualquer forma, ele não me parecia ter cento e cinquenta anos. Eu bem queria saber onde foram parar esses genes imortais.

— Sra. Morris — retomou Nate —, quando estávamos investigando o Lago Adormecido treze anos atrás, passamos uma noite na sua casa.

— A casa não é minha.

— Na Mansão Deboën. Foi nessa noite que pegamos Wickley, que se passava por uma criatura do lago enquanto procurava a sua... a fortuna do seu pai na mansão.

— Sim, eu li a matéria.

— Certo. Bem, não importa o que os jornais disseram, nós temos certeza de que vimos algumas... coisas estranhas.

Dunia os encarou com um olhar aterrorizante de produtor de Hollywood.

— Coisas como aquela na foto?

— Não — respondeu Nate, se dando conta de que Andy tinha falado “sim” ao mesmo tempo. Ele precisou de vários segundos para reformular a frase. — Eu passei algum tempo no sótão naquela noite. Vi o laboratório do seu pai. Os livros. Eu até... Bem, eu tinha onze anos, mas me achava um detetive, então fiz o que encarava como o meu trabalho: fuzei tudo aquilo. E... encontrei coisas que não combinam, nem com os conceitos mais abrangentes de química, nem de alquimia.

Sem se abalar, Dunia o encarou do outro lado da mesa de sequoia, fumando como a grande esfinge de Gizé.

— Quer dizer, as amostras biológicas que vi... — continuou Nate. — Eu ficaria surpreso se soubesse que foram conseguidas por meios legais. Os símbolos e as imagens desenhados no chão não tinham nada a ver com astronomia; eram pentagramas, tipo... cabines telefônicas metafísicas designadas para se comunicar com outros planos. E os livros que li não eram tratados filosóficos comuns; metade era tão antiga que não existem

peessoas vivas capazes de lê-la. Pelo que dizem, exploram a sublimação da vida e a suspensão da morte.

O relógio sobre a lareira cronometrou os minutos de silêncio que se seguiram.

Sentada no pufe, Dunia encarou os visitantes um de cada vez, Nate se manteve firme, sem recuar, Andy desconfortável com o couro apertado nas coxas da anfitriã.

Por fim, a mulher descruzou as pernas e se inclinou para a frente.

— Bem, vocês já sabem que ele era um feiticeiro, não? A cidade toda sabe disso.

Tim passeou entre eles, ignorando a tensão. Andy tentou amenizar a situação:

— Não era a nossa intenção...

— A cidade toda não sabe de nada — reclamou Dunia. — Se soubesse, já teriam colocado fogo naquela merda com o Deboën dentro, e todo mundo estaria melhor assim. Eu não podia ir ao laboratório. Nunca abri aqueles livros. Só espiei um dos seus frascos fechados uma vez, mas até eu sei que a alquimia dele não tinha nada a ver com a pedra filosofal ou com chumbo transformado em ouro. Ele estava trazendo os mortos de volta à vida. Não era um feiticeiro; era um necromante.

Até Tim ergueu a sobrancelha, cético, ao ouvir isso. Andy e Nate se entreolharam. A garota buscou uma explicação melhor.

— Você diz “de volta à vida” como se ele de fato...

— Ele falava com os mortos — interrompeu Dunia, em um tom quase desequilibrado. — Tinha urnas de cinzas humanas guardadas. Não sei como conseguia essas coisas, mas à noite entoava feitiços, palavras em línguas mortas que só de ouvir me davam calafrios; depois, começava a falar. E eu ficava no andar de baixo, deitada na cama, apavorada, porque o que chegava até mim não podia ser pior do que o que estava acontecendo lá em cima, a coisa com que o meu pai falava, com que ele *gritava*. A coisa que às vezes respondia. E respondia *com medo*.

Andy conseguiu falar a primeira sílaba de um pedido de desculpas.

— Vocês deveriam ter perguntado à minha mãe! — gritou Dunia. — Perguntado como a viúva de um mineiro poderia ter sido chantageada a se casar com um Deboën que teve acesso a segredos comprometedores que apenas seu marido morto sabia. Como acham que ele aprendeu a ler livros que ninguém vivo sabe ler?

Ela se virou para Andy, forçando a jovem a encarar seus olhos fundos e atormentados.

— Você acha que ele viveu cento e cinquenta anos? Pois eu duvido até de que ele esteja morto! Fiquei cansada de ouvir advogados e procuradores lamentando que o meu pai não tivesse tomado as devidas

providências antes de morrer. Mas tenho certeza de que tomou sim, só não a meu respeito! Se fez alguma coisa, foi acertar a própria volta!

— Como? — perguntou Nate, percebendo que seria a última pergunta que conseguiria fazer. — Como ele voltaria? Quem o traria de volta por livre e espontânea vontade?

— Você acha que aqueles que o meu pai trouxe de volta para interrogar se submeteram a ele por livre e espontânea vontade? A livre e espontânea vontade é supervalorizada!

Andy se levantou, indicando que estava na hora de eles irem. Tim pegou a deixa antes mesmo de Nate, correndo para a porta.

— Sra. Morris, odeio ter que pedir isso, mas... se pudermos pegar a chave da sua casa emprestada...

Dunia o interrompeu pela terceira vez:

— A casa não é minha e eu não tenho a chave. De jeito nenhum vou voltar lá. Se ele estiver morto, já foi tarde; se não, é melhor para todos nós que ninguém descubra.

* * *

Antes que percebessem a pausa narrativa, eles já estavam na varanda de novo, o jardim sombrio e abandonado olhando de cara feia para o grupo. O sino dos ventos de madeira pendurado acima deles começou a balançar suavemente no exato momento da sua deixa.

Andy fechou o casaco, perguntando:

— Quando a gente era criança, Blyton Hills só tinha maluco assim mesmo?

Nate não respondeu. Tim já estava no portão, esperando um mordomo abri-lo e entregar seu casaco e seu chapéu. Os humanos o seguiram, e Andy parou ao lado da caixa de correio enferrujada.

— A sra. Morris recebeu correspondência. Não, espera. Não é para ela.

Ela pegou o envelope branco com as iniciais *CDB* escritas na frente.

Olhou de um lado para o outro, procurando na rua vazia e nos jardins abandonados. Rasgou o envelope e tirou de dentro uma única folha de papel, com uma linha escrita à mão em letras maiúsculas:

NÃO DEEM OUVIDOS A ELA. VÃO PARA A CASA.

— Mas que merda é essa? — xingou Andy, dando o papel para Nate. — Não sei quem está fazendo isso, mas não vou seguir essas ordens de novo. Nem pensar. Quase morremos no lago por causa disso. Só sendo muito idiota para cair de novo, não é?

Depois de ler a mensagem, Nate ergueu o rosto. Estava pálido.

— Aliás, ainda bem que você tocou no assunto.

Uma brisa carregando os rumores distantes de antigas batalhas celestiais fez o sino dos ventos tocar mais uma vez e bagunçou seu cabelo.

— Lembra aquela noite, treze anos atrás? Acho que fiz uma merda monumental.

Nate colocou mais duas fichas no telefone público e se enfiou atrás de um grupo de trabalhadores rodoviários que almoçava no balcão para tentar abafar o barulho do restaurante enquanto ele discutia com a telefonista.

— Não, senhora, Arkham é a cidade. Ark-ham, Massachusetts, é onde a clínica fica — disse ele ao telefone. — O nome do paciente é Acker.

Joey Krantz apareceu no outro lado do balcão, recolhendo copos sujos e lhe passando um punhado de fichas. Nate fez um gesto de agradecimento, meio assustado com o sorriso de Joey, e continuou a falar ao telefone:

— Não, Acker. Não lembro o primeiro nome. Wilmarth ou qualquer coisa tão ridícula quanto isso.

Joey andou pelo restaurante com sua bandeja, deixando algumas cervejas pelo caminho, e seguiu para colocar um prato do dia e um uísque sem gelo na mesa dos detetives ao lado da janela, onde o Weimaraner estava sentado, ereto, avaliando os pratos das outras pessoas feito um crítico profissional.

— Aqui está, arroz com feijão — anunciou Joey, servindo o prato do dia para Kerri enquanto ela mesma pegava o uísque na bandeja. — Mais alguma coisa?

— Obrigada — respondeu a mulher, esboçando um sorriso singelo. — Está tudo certo.

Andy, sentada de frente para Kerri, esperou que Joey se afastasse para continuar o discurso motivacional.

— Enfim, acho que estamos indo muito bem — disse enquanto Kerri engolia o uísque, mal dando chance para o líquido tocar sua língua. — Quer dizer, não faz nem vinte e quatro horas que chegamos aqui e olha onde já estamos.

— À beira de um colapso nervoso?

— Sim, isso também, mas... com o que conseguimos tirar de Dunia, e Copperseed, e a dissecação, fizemos bastante progresso.

— Não fizemos nada. Só obedecemos a uma mensagem anônima, uma criatura do lago quase nos matou e depois cutucamos o troço com um palitinho. — Ela ergueu o copo vazio. — Preciso de outra dose. E de um cigarro.

Andy decidiu adiar o papo motivacional e ficou quieta, observando Kerri, que roía as unhas encolhida no assento, ignorando a comida fumegante que Andy tinha pedido e, dessa forma, deixando Tim indignado.

Nate voltou à mesa depois de uns cinco minutos, perguntando a Kerri:

— Como se soletra Thtaggoa? *T-h-t*?

— Sei lá, Nate. Era o Copperseed falando, não tinha nenhuma líder de torcida ali para soletrar a palavra.

— Certo. Olha, acabei de falar com o professor Acker no Arkham.

— Ele é o seu psiquiatra? — perguntou Andy.

— Não, ele não trabalha lá, é um dos malucos. — Ele espalhou na mesa os guardanapos com as anotações que tinha feito. — Dava aula de antropologia, entende dessas coisas e já ouviu esse nome. Esse treco, Thtaggoa, e as criaturas do lago existem mesmo. Quer dizer, nos livros.

— Existem macacos voadores nos livros, Nate — interrompeu Kerri. — Nos livros existem até escritores de terror que transam.

— Dá pra me escutar por um segundo, cacete?! — gritou ele, acabando com aquela conversa e mais duas em mesas próximas.

Tim ergueu a sobrancelha, reprovando. Nate continuou, a voz baixa abafada pela trilha de fundo: os 40 hits de pop mais tocados.

— Acabamos de matar algo que nenhum de nós, provavelmente ninguém fora de um hospital psiquiátrico, acreditaria que existe. Você acabou de passar uma hora examinando o corpo. É tão difícil assim aceitar que talvez existam outras coisas desse tipo por aí?

— Tá bom, Nate — apaziguou Andy. — Pode falar. Estamos ouvindo.

Nate engoliu em seco, se aproximou e baixou tanto a voz que parecia um mafioso italiano planejando um assassinato.

— Então... Existe um tipo de movimento literário, uma série de textos soltos escritos em diferentes lugares e épocas, desde os tempos de Gilgamesh, que reconta eventos supostamente anteriores aos primeiros registros históricos, sobre raças que vagaram pelo mundo e calamidades que aconteceram antes da era dos homens. Isso é comum, na verdade; todas as civilizações têm seus mitos de origem. O estranho é que muitos desses textos mencionam o nome dos mesmos deuses caídos e lugares sagrados, tanto em fontes milenares do Crescente Fértil quanto em escritos modernos de alquimistas vigaristas, feiticeiros criminosos, adoradores do demônio e lunáticos em geral. E nessas fontes citam algo chamado Thtaggoa. É uma raça de monstros anfíbios chamada “prole de Thtaggoa” também.

Ele respirou, surpreso por ter chegado àquele ponto sem interrupções. Pela testa franzida das garotas, diria que elas estavam concordando.

— Você já leu algum desses textos? — perguntou Kerri.

— Não. Tentei, mas os mais antigos exigem fluência em grego helenístico ou línguas uto-astecas, e outros só existem em raras coleções particulares. Muita coisa foi destruída por ser “perturbadora demais”. Mas, na virada do século, quando o ocultismo estava em alta, vários autores de alta fantasia e terror nos Estados Unidos e na Europa

descobriram esse material enquanto pesquisavam referências mitológicas obscuras que pudessem usar nas suas obras. Eles pegaram nomes e outros fragmentos emprestados, reproduzindo-os tanto de forma literal quanto totalmente distorcidos. Aí outros vieram incorporando essas estruturas nas próprias criações, e, assim, detalhes dessa história mitológica acabaram em livros pulp.

— Mas era exatamente essas coisas que você gostava de ler — comentou Andy.

Um segundo depois, ela se deu conta das pontas soltas que podiam ser conectadas.

— É por isso que você lia *Ninfas canibais de Plutão* e *Conan no deserto de Shub-Niggurath*? — perguntou Kerri.

— De certa forma, sim. Na Mansão Deboën, vi vários desses livros. Eu não sabia na época, mas eram raríssimos, praticamente míticos, todos proibidos: há menos de duzentos anos, ter uma coleção dessas colocaria a pessoa na fogueira. Então, enquanto estava lá, li alguns nomes, decorei algumas palavras. Depois, quando voltei para casa no fim do verão, tínhamos prendido Wickley e tudo deveria estar bem, mas não estava, e acabei me enfiando na biblioteca, porque era isso que você faria — disse ele para Kerri —, e você é a mais inteligente de nós. Minha pesquisa me levou a ocultistas vitorianos que mencionavam esse material, e a autores góticos que citavam os ocultistas em nome da verossimilhança, e a escritores de pulp que citavam os góticos, e a quadrinhos baseados nesses livros, e a jogos de videogame baseados nos quadrinhos, e por aí vai. Existe toda uma subcultura muito forte em torno dessas coisas. Muitos aficionados tentam montar esse quebra-cabeça. Sem contar que acabei gostando desse universo mesmo — admitiu ele, desviando o olhar.

Tim bocejou e apoiou a cabeça na mesa, desejando que alguém lhe desse atenção ou um prato do dia, de preferência as duas coisas.

— Minha nossa. — Kerri estreitou os olhos para o primo como se ele fosse uma porta que ela nunca tinha percebido na própria casa. — Eu sempre achei que você só... tinha se trancado no seu mundinho de *Dungeons & Dragons* porque era a sua forma de lidar com tudo.

— E era. Kerri, tudo que gente faz na vida é arrumar um jeito de lidar com as nossas questões. A forma que encontrei para lidar com as minhas foi estudar. Tipo quando você não gostava de insetos aos seis anos e começou a ler tudo sobre o assunto e acabou virando bióloga. Eu fiz a mesma coisa.

— Não foi assim que eu lidei com o Lago Adormecido — disse Kerri. — Eu só fugi.

— Eu fugi também — falou Nate, tentando confortá-la. — Estudar é uma coisa; voltar ao mesmo lugar é outra. Olha, só estou tentando ser racional aqui. De acordo com Copperseed, os Walla Walla têm uma

história sobre o Lago Adormecido com participação especial de Thtaggoa. E estou dizendo que Thtaggoa também aparece em contos de Bob Howard, em um livro censurado de um monge suíço do século XVII e em uma cripta maia em Palenque.

— Mas o que é Thtaggoa? — perguntou Andy, tentando pronunciar o nome corretamente.

— Sei lá — respondeu Nate, dando de ombros. — Um deus deposto. Um alienígena caído. De acordo com os autores de terror, uma das várias entidades caóticas primordiais que dominavam o planeta e que agora vivem no submundo, depostas por espíritos rivais, em uma cidade de pesadelos que a sua raça asquerosa de escravos construiu sob o local que foi revelado a um árabe possuído como o Mar de Yottha: o que a gente chama de Lago Adormecido. E lá dorme Thtaggoa, preso pela magia, esperando o dia em que será invocado e libertado, e quando esse dia chegar... — Ele desistiu da frase.

— O quê? — questionou Kerri. — O que vai acontecer?

Nate deu de ombros de novo, erguendo as mãos vazias.

— O apocalipse, acho.

Houve um intervalo de conversas paralelas, e Cyndi Lauper deu ênfase à palavra.

— Apocalipse — repetiu Kerri, arranhando o antebraço para se livrar de uma coceira imaginária. — E pensar que um dia a gente cuidou de um contrabandista de ovelhas.

— Espera — interrompeu Andy. — Você disse “invocado”. Quem faria isso?

— Pois é... — Nate suspirou, procurando inspiração. — Cara, eu não sei. Cultos demoníacos, magos enlouquecidos, nazistas... os Illuminati... Se você quer nomes, Damian Deboën me vem à cabeça.

— Só porque ele tinha uns livros?

— Digamos que, se ele quisesse invocar um leviatã primordial do seu sono milenar, ele tinha a bibliografia perfeita para isso.

— Mas você disse que não tinha ninguém vivo capaz de ler aqueles livros — argumentou Andy, tentando aliviar o clima pesado. — Não é? Talvez Deboën até pudesse fazer isso, mas ele está morto.

— É, bem, sobre isso — falou Nate, se ajeitando no assento. — Hum... Eu talvez tenha trazido ele de volta.

— Agora sim. Cartas na mesa — falou Peter, recostando-se na cadeira, um sorriso estampado no rosto quadrado.

As garotas levaram um minuto para digerir a fala de Nate.

— Entendi — disse Kerri, devagar. — Hum, acho que vamos precisar de mais explicações.

— Sem problemas — respondeu ele com um suspiro. — Olha, um dos livros que vi naquele sótão treze anos atrás era o *Necronomicon*. É...

— Já ouvi falar — interrompeu Kerri com frieza.

— Legal. — Ele começou a explicar para Andy então: — Foi escrito por um árabe que tinha visões de... um mundo antigo e dos seres que o regiam. De acordo com o Velho Acker, em teoria esse livro continha instruções de como se comunicar com entidades além do nosso plano existencial. Ele ensinava a erguer um espírito a partir dos sais destilados de restos humanos: necromancia teórica. No laboratório de Deboën tinha um pentagrama...

— Pintado com sangue! — interrompeu Andy, ao recordar.

— Não — retrucou Nate, para decepção da amiga. — Pentagramas só precisam do que chamam de “assinatura de sangue”, tipo um identificador de chamadas, um pedaço de si que a pessoa usa para dominar aquele pentagrama. Não é preciso desenhar com sangue, isso é mito.

— Ainda bem que você esclareceu isso — comentou Kerri, as pernas esticadas no assento. — Odeio quando as pessoas misturam superstição com demonologia séria.

— Olha, só estou dizendo como a parada teoricamente funciona. Dunia contou que o pai dela falava com pessoas no laboratório, que dava para ouvi-lo fazendo perguntas. E faz sentido: para aprender tudo que fosse necessário para dar forma a Thtaggoa, Deboën tinha que consultar muitos que vieram antes dele. E acho que foi como ele conseguiu: encontrando restos mortais, destilando os sais e invocando espíritos. Enquanto eles estivessem presos ao pentagrama, ele podia torturá-los e coagi-los. Eu vi as urnas e o pentagrama. Mas a questão é que se ele era capaz de invocar os mortos assim tão fácil, o que o impediria de tomar providências para ele mesmo voltar caso algo desse errado? Ele pode ter deixado tudo pronto em vida para ser trazido de volta. Como uma chave de segurança, um plano B.

— Ele ainda precisaria de alguém para trazê-lo de volta — respondeu Andy.

— Certo. Então, lembra a última noite do caso Wickley, quando a gente estava na mansão, procurando pistas?

— Sim — disse Andy. — A gente tinha se dividido. Eu estava com você e com Sean, e Peter estava com Kerri... *(Ela aponta para a amiga.)* Mas aí Peter perdeu você de vista.

— Eu caí em um alçapão secreto — lembrou Kerri. — E acabei nas caldeiras, onde a criatura do lago, quer dizer, o bosta do Wickley fantasiado, me pegou e me amarrou.

— Peter subiu correndo, dizendo que tinha perdido você, e a gente se separou para procurar. Foi ideia dele. Eu te encontrei, mas uma criatura do lago...

— Wickley.

— Não — retrucou Andy. — Uma criatura do lago estava me perseguindo, então fui com você para as masmorras e trancamos a porta. — Andy engoliu em seco, a boca ressecada como se ela tivesse acabado de escalar uma montanha. — E não era só *uma* criatura. Era uma horda.

Kerri baixou o rosto, a mão esquerda instintivamente buscando Tim. O cachorro percebeu e deu uma lambida suave na sua palma.

— Bom, certo. — Nate retomou a conversa, impressionado com o progresso feito. — Enquanto tudo isso estava acontecendo no andar de baixo, eu tinha encontrado o sótão e o laboratório de Deboën. Lá havia uma bancada cheia de potes com pó dentro, um pentagrama no chão e o *Necronomicon* aberto em um atril no meio da sala. O livro estava escrito em árabe, se não me engano, mas tinha anotações em inglês feitas à mão nas margens, como um guia fonético, e comecei a ler... E talvez tenha feito isso em voz alta.

As garotas despertaram do feitiço e por um segundo ficaram de boca aberta, tentando compreender as implicações daquelas palavras.

— Espertão, Nate — disse Andy.

— Peraí, calma — falou Kerri. — Nate, você está especulando.

— Não, escuta, eu juro que alguma coisa aconteceu. Saiu uma fumaça verde-escura de uma das urnas e senti uma presença perto de mim.

— Nate, isso é loucura!

— Como você pode... Você acabou de dissecar um monstro, porra!

— O monstro existe de verdade, você está falando de mágica.

— Ei, “o quê” existe de verdade?!

A mesa toda, o canídeo incluído, se virou para Joey Krantz, que tinha proferido aquela última frase. No instante seguinte, outra ficha caiu: eles tinham voltado a falar alto demais.

As conversas ao redor recomeçaram.

— Desculpa interromper — disse Joey. — Eu estava a fim de perguntar desde cedo: é verdade que vocês encontraram uma parada no lago?

O que mais confundiu Andy não foi o tom animado da pergunta, e sim a preocupação.

— Quem falou isso? — perguntou Kerri.

— Ah, todo mundo está sabendo. Copperseed falou pro sr. Quinn, que falou pra Irene, que falou pra Anne Surda, que falou pro Will Martin, que falou pro sr. Moretto, se não me engano.

Kerri parou para se perguntar como a informação continuou a se espalhar depois de chegar a alguém chamado “Anne Surda”, e Nate respondeu:

— É, a gente pegou a criatura do lago.

— Tá brincando — sussurrou Joey, animado. — Então é verdade! Tem mesmo alguma coisa lá! — Ele não conseguia parar de olhar para

cada um na mesa. — Vocês estão bem? Copper disse que era horrível.

— Estamos, sim — disse Kerri. — Nate atirou nele.

— Sério? — Joey deu um soquinho amigável no ombro de Nate. — Que bom. O mistério sempre dá um jeito de alcançar vocês, hein?

O elogio flutuou sobre a mesa sem que ninguém se dispusesse a aceitá-lo.

— É, então, olha, eu queria ter falado isso antes, mas... — Joey suspirou, se empertigou e tirou a bandeja do caminho. — É claro que o Clube dos Detetives de Blyton está de volta. Isso não é só um reencontro, vocês vieram resolver um caso.

Kerri, Nate e Tim desviaram o olhar, dois por modéstia, um por indiferença.

— E eu só queria dizer que... tipo, sei que vocês estão com um a menos. Eu li o que aconteceu com Peter Manner. Uma pena mesmo.

— Eu não sabia que o meu obituário tinha saído no *Caipira Diário* — debochou Peter, revirando os olhos.

— E, bem — continuou Joey —, eu só queria falar que, se precisarem de ajuda, podem contar comigo. Não tenho experiência, mas... tenho um carro. E um barco! Meu pai às vezes vai pescar lá em cima no rio, a gente pode levar o barco com a caminhonete até o lago. Então... É isso.

Kerri e Nate se entreolharam, decidindo quem falaria daquela vez.

— Hum... A gente já tem um carro — comentou Kerri.

— Eu sei, eu sei, é só que... Olha, sei que a gente não era lá muito próximo antes. Quer dizer, eu era um pentelho, tenho noção disso. Mas... respeito o que vocês faziam aqui. Cara, sem vocês patrulhando as ruas de Blyton Hills, a cidade foi pros infernos. Então, se precisarem de qualquer coisa, já sabem.

Ele estava olhando para Kerri. E Kerri olhava para ele. Por mais de dois segundos seguidos. Mais de quatro.

— Ah, poxa, obrigada, Joey.

— NÃO! — gritou Andy, tudo em maiúscula.

Todas as cabeças se viraram para ela, e Andy as encarou como a única defensora da sanidade em uma mesa costuma fazer.

— Mas nem pensar! Que merda, cara, você acha que pode chegar treze anos depois e apagar tudo com um “sei que a gente não era lá muito próximo”? Você infernizava a nossa vida! Nos atacava com as piores coisas em que podia pensar! Implicava com Kerri porque ela era nerd, com Nate porque era fracote, me chamava de machona e enchia o meu saco porque sou menina e não sou branca. Você nos atrapalhava em todos os casos que apareciam! E agora acha que está tudo bem só porque deixou isso para trás? Você só deixou isso para trás porque estava por cima!

Kerri e Nate permaneceram sentados durante o discurso, ignorando os queixos caídos. Tim se escondeu embaixo da mesa.

Joey gaguejou, sem saber o que dizer, antes de retrucar com uma força surpreendente:

— Caramba, Andy, desculpa! Desculpa mesmo, mas... Eu não estava por cima de nada! Vocês eram os bonzinhos, não eu! Eu tinha inveja e não sabia lidar com isso! Meu Deus, eu era só um moleque!

— E desde quando isso é desculpa? — berrou Andy. — Por que todos os bullies acham que podem se safar com esse papo de “eu era só um moleque”? Quer saber? Eu também era criança, e não fazia ninguém se sentir uma merda! Você não era um moleque, era um babaca!

Peter comemorou, gritando com as mãos em volta da boca como se alguém que importasse pudesse ouvi-lo.

JOEY: Tá bom, eu era mesmo! Eu era um babaca, mas não sou mais! Eu cresci! Você cresceu também ou quer que a gente passe a vida toda brigando que nem criancinhas?

(Andy agarra o avental de Joey e o puxa para baixo, enfiando a cara dele no prato do dia.)

Os outros se levantaram, Nate para fugir dos feijões espalhados, Tim para comer os que tinham caído no chão, Kerri para salvar sua parca e impedir caso Joey tentasse revidar, o que não aconteceu.

— Certo, está na hora de ir embora — disse ela. — Joey, agradecemos a oferta, ok? Não precisa se preocupar, pode deixar que a gente procura você. *(Para os outros.)* Vamos.

Ela colocou uma nota de dez dólares na mesa e eles foram embora, puxando Tim para longe da boca livre.

— Tá bom — gritou Joey, já de costas, arroz nevando do nariz, sob os olhares pouco simpáticos dos outros clientes. — Quando quiserem.

* * *

Eles estacionaram em frente à casa de Kerri cinco minutos depois. Tim pulou para fora como se o silêncio no carro fosse pesado demais para respirar. Andy saiu logo depois, mas não se sentia melhor. A mesma estática preenchia o ar ao redor deles: parecia mais um ataque nuclear prestes a acontecer do que uma tempestade se aproximando. Estava frio e ainda assim ela suave; o ar estava parado e ainda assim sussurrava em seus ouvidos. Ela sentia os pinheiros observando o grupo, cautelosos, conforme os detetives se aproximavam da casinha.

A parte de dentro mal havia se acostumado à presença humana. Kerri largou as chaves e subiu a escada.

— Ei, pessoal — disse Nate. — Temos que conversar sobre...

— Me dá uns cinco minutos? — interrompeu Andy, seguindo a amiga.

— Mas...

— Nate! — ameaçou/implorou ela. — Cinco minutos, por favor!

Ela subiu correndo até a porta que Kerri tinha acabado de bater.

Peter se jogou no sofá.

— Claro, levem o tempo que quiserem — gritou. — Sem problema. Afinal, a gente só estava contando que Nate ressuscitou um bruxo centenário, mas, por favor, fiquem à vontade para resolver problemas de garota. Prioridades! Vão lá fazer coisas de mulher, conversem, se abracem, experimentem sutiãs.

(Ele e Nate ficam ali, olhando para o segundo andar.)

PETER: Você acha que elas estão fazendo isso mesmo?

NATE: Cala a boca!

Tim se levantou, atento, se perguntando: *Desculpa, eu disse alguma coisa?*

* * *

Andy bateu baixinho à porta do quarto e a abriu alguns centímetros.

— Ei.

Kerri estava sentada na cama, o cabelo ruivo cantarolando e brilhando no quarto escuro. O guarda-roupa ainda bloqueava a janela.

Andy não ousou entrar sem ser convidada.

— Estamos bem?

Kerri ergueu o rosto, surpresa, e deu uma resposta positiva tão automática e vazia quanto esse tipo de pergunta sempre suscita. Então parou e pensou por um momento, consultou o coração e respondeu de novo:

— Estamos bem. Pode entrar.

— Quer que eu coloque o guarda-roupa no lugar?

— Não, está bom assim.

Andy se sentou ao lado de Kerri. A simples visão da manta de retalhos a confortava como mais nada no mundo. Aquele quarto fazia milagres.

— Você não deveria ter atacado Joey tão rápido.

— A gente não precisa dele.

— Estamos com uma pessoa a menos. Joey tem um barco. E sabe atirar. Caçava com o pai. Está acostumado a usar uma arma.

— Essa... é a última habilidade que você valorizaria em alguém. Você odeia armas!

— Odeio mesmo. A chance de eu querer andar com um maluco armado é de uma em um milhão. Mas estamos vivendo essa uma.

Enquanto Andy considerava o argumento, disse outra coisa:

— Não quero substituir Peter.

— Eu também não. Mas Peter sabia fazer uma coisa que nenhum de nós sabe.

— Eu também sei atirar.

Kerri a observou com um olhar vazio.

— Sei, sim — insistiu Andy. — Fiz o treinamento básico da Força Aérea, lembra? Aprendi lá.

— Por que não me disse antes?

— Porque você não gosta de armas.

Tim entrou no quarto, cheirou o tapete, o pé da cama, a magia no ar, e decidiu se deitar.

Kerri ficou sem reação diante da honestidade infantil e direta daquela última resposta. Ela bufou e olhou para os pés, enquanto Andy a observava feito uma criancinha.

— Você sempre fala essas coisas para as mulheres ou eu que sou boba de cair nesse papo?

Andy titubeou por um segundo, depois respondeu depressa:

— Você não é boba.

— Certo — disse Kerri. — Se eu começar a relembrar nossas conversas da última semana, vou encontrar muitos momentos assim?

— Por favor, não faça isso — implorou Andy. — Por favor, por favor.

— Tá bom. — Ela sorriu. — Não vou fazer. Para ser honesta, você é melhor que Peter.

— Eu sou... o quê?

— Em dar cantadas — explicou Kerri, puxando as pernas para cima da cama. — Peter me chamou para sair.

— O quê? Ele... Quando?

— Naquele último verão. Ele tinha treze anos, né. Puberdade começando. É biológico.

— Você deu um fora nele?

— Hum, não... Não explicitamente. A gente nunca conversou sobre isso. Eu não enxergava ele assim, nem ninguém na época. E ele era tão gente boa que não forçou a barra. Aí... — Suas mãos tentaram comunicar algo com bastante urgência. — Você sabe, depois do caso do Lago Adormecido, nunca mais falamos daquela época. Mas ele tinha interesse. Até me mandou umas cartas. Olha.

Kerri pulou da cama e ligou o abajur laranja na escrivaninha minúscula e muito organizada, onde sua bússola, suas lupas e seus dicionários de bolso aguardavam, ansiosos, para trabalhar no caso. Ela abriu a primeira gaveta, cheia de cartões-postais, envelopes coloridos e folhas pautadas preenchidas com sua caligrafia de colégio gritando por atenção, e tirou um envelope com um selo do Bicentenário Americano.

— Quando acabou o recesso de primavera, ele me mandou algumas cartas, para Portland, e depois, quando vim para cá em junho, encontrei isso.

Ela estendeu o envelope para Andy, que não o pegou.

— Acho... Acho que isso é particular.

— Não é nada escandaloso. Ele era um bom garoto.

— Eu sei. É só que... prefiro evitar. — Por mais que Andy quisesse fugir do assunto, de repente, ela se lembrou: — A ligação. Você disse que ele ligou um dia antes de...

— É. — Os olhos de Kerri, pesados com a lembrança, se voltaram para o tapete. — Ele devia estar precisando... conversar.

Andy engoliu em seco, sentindo um gosto ruim na boca. Mesmo naquele quarto, era um momento amargo demais para engolir.

Tim se aproximou da porta entreaberta, prevendo a entrada do próximo personagem. Nate bateu à porta.

— Desculpa — disse ele. — Reunião do Clube, por favor?

Kerri aproveitou:

— É, vamos. Reunião do Clube.

Ela guardou a carta no bolso de trás do jeans, e eles se sentaram de pernas cruzadas no tapete. A luz alaranjada no bunker agregava à cena um ar ainda maior de mistério. Andy sentiu certo conforto naquilo. Certificou-se de guardar aquela imagem antes de começar a conversa.

— Certo. Então. Novidades no caso do Lago Adormecido: no fim das contas, existe mesmo uma criatura no lago.

— Existem várias — acrescentou Kerri, sombria.

— Sem mencionar um antigo pirata, magnata da mineração e necromante nas horas vagas na Mansão Deboën — completou Nate.

— Não temos certeza disso — argumentou Kerri.

— Bem, deveríamos pelo menos considerar a possibilidade.

— Sim, e também levar em conta que talvez o céu seja de gelatina!

— Por que você sempre... — falou Nate, mas logo desistiu, irritado demais. — Cara, eu estou parecendo um menininho assustado? Eu estava no sótão, com um livro em um atil, em um pentagrama no meio da sala...

— Era falso!

— Era uma armadilha! — gritou Nate. — Eu senti quando li aquelas palavras, vi fumaça saindo de uma urna! Eu fiz aquilo!

— Nate, não podemos confiar no que vimos treze anos atrás, é por isso que voltamos! — Kerri ergueu as mãos, impedindo o rapaz de retrucar antes mesmo que ele tentasse. — Jure, por tudo que é mais sagrado, que você acredita totalmente em tudo que vê ou escuta.

— Rá! — gritou Peter, de pé. — Que coisa mais ridícula! É claro que ele acredita em tudo que vê. Fala pra ela, Nate.

Nate ficou parado, em um doloroso conflito interno para evitar fazer contato visual com ele.

— Nate? Pera aí. É claro que você pode... (*Volta-se para Kerri.*) É claro que ele acredita no que vê ou escuta! Nate! Por favor, fala pra ela!

Tim deitou a cabeça de novo depois de um breve momento de interesse.

Peter, ignorado por todos, baixou a cabeça.

— Ah, vai todo mundo se foder. (*Indo para a porta.*) Vou para o quarto dos garotos de verdade.

Nate suspirou, assentiu, deu o braço a torcer e se deitou, exausto. Tim prontamente foi atrás lambeu seu rosto.

Kerri continuou:

— E Dunia, como ela mesma admitiu, era uma criança assustada. Não podemos confiar no seu depoimento. Mas que merda, não precisamos... Já temos muita coisa pra resolver.

— Os sibilantes — interpretou Andy.

— Sim. Eles mesmo — concordou Kerri, não aprovando muito o novo nome. — Mas não é preciso um feiticeiro para criar essas coisas; Copperseed e eu discutimos isso. Se elas vêm das cavernas sob as montanhas e já estão lá há milhares de anos... o que é muito, mas posso aceitar, porque não encontrei evidências de que precisem de comida ou ar... elas não foram libertadas por magia. As pessoas vêm cavando minas nessas montanhas faz um século e parece que foram longe demais.

— E de quem foi a ideia de furar aqui em primeiro lugar? — observou Nate, se metendo de novo. — Por favor, um cara vem para o Oeste durante a Corrida do Ouro na Califórnia, acaba no Oregon, encontra um lago com uma ilha do tamanho de um acre no meio e começa a cavar justo ali? Não é possível que ele estivesse procurando outra coisa?

— Mas ele encontrou ouro — comentou Andy.

— Encontrou mesmo? Ou só usou o ouro dos seus dias de pirataria?

— Ele parou, depois falou para Kerri: — Pensa no seguinte: há quanto tempo as aparições são registradas?

— Segundo Copperseed, desde o início dos anos 1950.

— Volte um ano: o que aconteceu em 1949?

A data veio à mente deles na fonte pesada do *Diário de Pennaquick*.

— O incêndio na Mansão Deboën — falou Andy.

— Um “acidente estranho”. — Nate citou Dunia. — Eu acho que o acidente foi o velho Deboën acordando os caras errados.

O quarto, já escuro, ficou ainda mais sombrio com a imagem que essas palavras criavam: esboços vagos de criaturas cegas tropeçando na escada em meio à escuridão, aos gritos; uma luta e uma explosão; uma nuvem de cinzas acima do lago silencioso.

— Certo, digamos que isso seja verdade — retomou Kerri, balançando a cabeça para despertar. — O que a gente deveria fazer?

— Bem, se sabemos que os sibilantes vivem no subterrâneo e que usam as minas para sair... precisamos fazer exatamente o que já estávamos fazendo — concluiu ele, apontando para Andy, surpresa. — Refazer nossos passos. Quando voltamos ao lago com Al, encontramos pegadas seguindo para as minas abandonadas, e, alguns dias depois, Al nos levou até lá. Então é isso que temos que fazer agora.

— As minas? — Kerri deu um gritinho agudo. — Vamos até os sibilantes?

— Tecnicamente, já poderíamos ter esbarrado com eles da última vez, mas não aconteceu. Encontramos mais pegadas, mas podiam ser de Wickley também. Agora vamos ter certeza. Se os sibilantes estão usando as minas para sair, é só explodir os túneis.

— Mas é perigoso demais! — reclamou Kerri. — Gente, por favor, não podemos apenas... chamar a polícia?

— Já fizemos. Quando eles chegarem aqui, todas as evidências que teremos vão ser algumas polaroides e uma piscina de gosma no porão de Copperseed. — Nate apelou para Andy de novo. — Vamos colocar da seguinte maneira: quando se trata dessas criaturas, nós somos os especialistas. Quem mais enfrentou uma delas e viveu para contar a história? Nós vamos para os subterrâneos da Colina da Sentinela de novo, mas, desta vez, armados. Al tem armas. Uma coisa nós sabemos: elas não são imortais.

— Nossa, essa fala saiu direto de um filme B — reclamou Kerri, afundando o rosto nas mãos. — Melhor eu me enfiar logo em um vestido curto e começar a ensaiar os meus gritinhos.

Nate a ignorou, se concentrando em quem podia desempatar a situação:

— Tudo que precisamos fazer é encontrar evidências de que os sibilantes estão lá embaixo. Só isso.

Andy sentiu um peso real nos ombros. Consultou Nate, depois Kerri, ainda escondendo o rosto, então Tim.

Ela repassou o plano na cabeça: entrar em uma mina, lutar, talvez explodir algumas coisas. Em se tratando de estratégias, aquela na verdade parecia calculada de acordo com suas habilidades limitadas.

Além disso, Kerri tinha mencionado um vestido curto.

— Está bem, nós vamos — declarou ela. — Amanhã de manhã. Vamos resolver esse mistério de uma vez por todas.

Um canário de verdade, empoleirado na gaiola, ignorava o dragão da sorte gigante que bufava entre as grades. Tim não se importava nem um pouco com as outras coisas que o capitão Al ainda tirava da picape.

— Bastões luminosos... Sinalizadores... Marcadores de fósforo...

— Capitão, onde você guarda tudo isso? — perguntou Andy, já preocupada com o trambolho estacionado na calçada.

— Eu moro em um ferro-velho, Andy — disse Al, com tanto orgulho quanto qualquer pessoa sã conseguiria usar ao dizer aquelas palavras. — A única vantagem é que você tem à mão praticamente todas as ferramentas ou instrumentos de que precisar. Isso se não tiver medo de contrair tétano, claro. — Ele terminou de desembalar mais um utensílio. — Walkie-talkies. Duvido que funcionem debaixo da terra, mas, qualquer coisa, é só jogar fora; tenho uma pilha desses.

Nate deu um passo para trás, pegou o radinho que o capitão jogou e, com isso, sem querer chutou a gaiola do canário, que piou, reclamando como um motorista ofendido. Tim se aproximou ainda mais, os olhos de microbiólogo britânico vidrados na bolinha de penas dentro da gaiola, o rabo produzindo energia eólica suficiente para abastecer uma pequena cidade.

O pinguim de plástico na sua boca apitou.

A ave respondeu com outro pio.

Tim deu um passo para trás, chocado, e procurou sinais de aprovação do público que tinha acabado de testemunhar aquele marco na comunicação animal.

— Melhor não se apegar muito, Tim — aconselhou Kerri. — Ele vai ser o primeiro a morrer.

— Não é bem assim. O bicho não cai morto de repente — explicou Al. — Se encontrarem gás, ele vai começar a piar e a se debater na gaiola. E aí ou vocês dão meia-volta, ou, se não tiver jeito, colocam a máscara e soltam o pássaro. Ele vai procurar a saída instintivamente.

— Essas máscaras vão servir para alguma coisa? — perguntou Nate, tocando o elástico da máscara como se fosse uma corda de violão.

— Essas aí devem ser usadas o tempo todo para manter a respiração livre do pó de sílica. Se o ar ficar ruim, é preciso trocar por estas.

Al abriu uma das sacolas e mostrou a eles máscaras enormes, com visores que lembravam olhos de insetos e probóscides longos e flexíveis conectados a um tanque do tamanho de uma garrafa de água de ciclista. Andy já havia experimentado uma dessa na academia da Força Aérea;

Kerri e Nate só tinham visto algo parecido no rosto de Tom Cruise em *Top Gun*.

— Não se preocupem, essas não são do ferro-velho — garantiu Al. — Eu fui até a base aérea de Umatilla ontem e peguei emprestadas. Já com essa aqui, a história é diferente... Tive que usar uns bons contatos para conseguir.

Ele pegou uma bolsa de couro cáqui em forma de cone com as letras EI2R8 aplicadas com estêncil e tinta preta. Abriu a aba e pegou uma quarta máscara. Andy estreitou os olhos, analisando a distância entre o filtro de ar e os visores até se dar conta do formato da cabeça que caberia naquela máscara.

Todos se viraram para Tim, ainda muito entretido pela comunicação interespecie para se importar com os preparativos da missão.

— Pararam de ser fabricadas depois da Segunda Guerra Mundial, *mas* — disse Al em itálico para conseguir a atenção merecida — ela não vem com oxigênio, então o cachorro vai ter que ficar com o pássaro. E os tanques só duram uns vinte minutos, então se precisarem usar, é melhor serem rápidos.

Kerri girou a máscara canina de um lado para o outro, tentando entender como prendê-la, enquanto Al pegava o último mas não menos importante equipamento.

— Munição. — Ele jogou uma caixa de cartuchos para Nate, que já estava com a espingarda do tio Emmet.

Nate admirou a embalagem, adornada por uma ilustração assustadoramente realista de um urso pardo atacando.

O capitão se virou para Andy:

— Acredito que você saiba usar isto.

Ele girou a pistola M1911 na mão, segurando-a pelo cano e lhe entregando-a da forma correta.

Andy sentiu o mal-estar de Kerri piscando na sua visão periférica como uma sirene laranja. Olhou para o capitão, esperando um sorriso reconfortante. Não recebeu.

Ela guardou a pistola e a munição na parte de trás da calça jeans, dizendo:

— A gente usava a Beretta M9, é o padrão agora. Mas, para falar a verdade, prefiro a ação simples.

O capitão pegou um último equipamento com revestimento de couro e o entregou para Kerri.

— Sei que você vai se recusar a pegar uma arma, então pelo menos fique com isso até Andy convencer você a usar uma pistola.

Ele estendeu a mão com uma faca militar embainhada, sem pressionar Kerri a aceitá-la, mas também sem recuar.

Kerri a pegou e a puxou alguns centímetros da bainha. A lâmina de aço brilhou, orgulhosa, por um segundo, até ser coberta de novo.

Al chutou algumas sacolas vazias e apoiou o pé no estribo da picape. Era o mesmo carro que os levara para as minas treze anos antes.

— Então. O que mais posso fazer por vocês?

— Mais uma coisa — disse Andy. — Coloca tudo isso de volta no carro e nos leve até as minas. Não quero subir a Colina da Sentinela com o meu carro.

— Achei que nunca fosse pedir.

Ele sorriu pela primeira vez.

* * *

Nate foi no banco do carona, Andy, Kerri e Tim, na caçamba da picape, pulando enquanto o carro passava pela estrada esburacada do lago que levava às minas na Colina da Sentinela. Kerri ainda estava com a faca na mão direita, segurando-a com todo o cuidado, como se fosse um escorpião.

Andy ficou observando, considerando se deveria colocar a mão no ombro de Kerri. Elas não tinham se tocado na noite anterior, um feito surpreendente, considerando o tamanho da cama que dividiram. O ataque de pânico de Kerri não se repetira; em suas palavras, ela estava em pânico demais para isso. Eles passaram a noite se preparando para a expedição, pesquisando sobre as minas de ouro na biblioteca local e exumando equipamentos dos baús esquecidos da casa da tia Margo. Andy ficou devendo o discurso motivacional antes de se recolherem. Kerri tomou banho e se deitou depois dela; Andy se ofereceu para usar a cama de hóspedes, mas Kerri recusou. O único contato entre as duas foi uma chicotada do cabelo ruivo, ainda quente do secador, quando Kerri pulou Andy para ficar com a parte de dentro da cama. Daquele momento em diante, um paralelo 38 N foi traçado ao longo do colchão, e Andy não ousou atravessá-lo.

Mas ali no carro ela encontrou coragem e tocou o ombro de Kerri — bem no centímetro quadrado que o casaco e a camiseta não cobriam. Seus dedos tremeram de alegria.

— Você pode guardar a faca na calça. Olha só, isso prende no passador de cinto. Não, assim não, do outro lado, para conseguir desembainhar rápido. (*Guiando-a, pulsos brancos queimando nas suas mãos, sem desembainhar a arma.*) Assim, com a ponta para cima. Nunca faça que nem o assassino do *Halloween*, tem que ser de baixo para cima. Entendeu? A ideia não é acertar nas costas, isso é mais difícil. É para acertar o abdome, com sorte perfurar um órgão. Também é bom girar o

pulso quando tirar a faca, mas, de qualquer forma, sempre tire a faca, ou vai dar uma arma de graça para o cara.

— Acho que os sibilantes não conseguem manusear armas.

— Não estou falando só de agora. Essa é uma dica para a vida.

Ela se abaixou para prender a arma no cinto de Kerri e espiou seus lábios em meio aos cachos ruivos.

— Kerri — chamou ela, baixinho, a mão conquistando a perna da outra. — Vai ficar tudo bem.

— Você não para de falar isso.

— Por enquanto estou acertando.

— Também está me pressionando bastante — reclamou Kerri, erguendo o rosto.

— Porque sei que você consegue! — retrucou Andy, se rendendo a uma risada. — Kerri, duas noites atrás, eu disse que sou apaixonada por você desde que tinha doze anos, e você nem piscou. Sabe o que isso significa? Você nos meus pensamentos, nas minhas fantasias, durante toda a puberdade. É tudo que sempre guardei para mim, engasgado na garganta por treze anos, e você recebeu com um sorriso. Depois disso, aguenta qualquer coisa.

Um sorrisinho discreto no canto da boca de Kerri destruiu a infelicidade impecável estampada em seu rosto. Vestiu a sua mais transparente, honesta e declarada expressão; Kerri não era boa com disfarces.

— Você não falou nada sobre fantasias.

— Ah, bem. Estava implícito.

Andy desviou o olhar para as colinas nuas, mas Kerri não tirou os olhos dela.

— Andy, quando você voltou para a minha vida e disse que tínhamos questões inacabadas... de que questões exatamente estava falando?

Andy pensou por um momento e respondeu:

— De tudo.

O rosto de Kerri se entristeceu um pouco.

— Andy, talvez eu não consiga resolver *tudo*.

Ela assentiu, tranquila.

— Tudo bem. Vamos lidar com os monstros subterrâneos primeiro e com o resto depois, combinado?

* * *

Ninguém tinha se dado ao trabalho de trocar a corrente e o cadeado que o capitão Al havia cortado treze anos antes. Ferrugem e lama seca eram os únicos elementos que mantinham o portão de ferro fechado e

provavelmente de pé. Depois de subir devagar por mais dois minutos, a estrada chegava ao topo da Colina da Sentinela e se abria em um pátio sem saída abandonado, com o maquinário amarelo todo manchado nos cantos e robôs esquecidos feito garotas tristonhas no baile esperando um convite para dançar. Al parou a picape e os detetives entraram na arena. Foram recebidos por uma Manhattan de placas caindo aos pedaços com cores chamativas gritando alertas de perigos bem evidentes, como desmoronamentos e passagem de veículos — a última das preocupações dos jovens.

Algumas coisas tinham mudado desde a última visita: o túnel para o qual as pegadas das criaturas levavam e que eles tinham usado para entrar nas minas da última vez estava fechado: o vão tinha sido selado, e a estrutura de madeira havia desabado. Nada fora do previsto.

— Certo, atenção — chamou Andy, abrindo a cópia das plantas em cima do capô da picape. — Estamos aqui, na Colina da Sentinela. (*Indica um ponto do mapa com o dedo.*) Esta é a base, a trinta metros de profundidade. Vamos entrar por aqui. (*Indicador segue uma linha horizontal fina.*) Esse é um acesso, um duto de drenagem de água e resíduos que desemboca no Rio Zoinx. A abertura deve ser por ali.

Ela apontou para o panorama de colinas escuras e sombrias ao redor deles, todas marcadas por pontos desmatados, as cicatrizes da exploração humana.

— Agora, uma vez que estivermos lá embaixo — continuou ela, chamando a atenção dos outros para as plantas de novo —, o complexo da mina é imenso, mas fizemos o nosso dever de casa. Tudo ao sul desta linha foi perfurado pela Corporação RH depois de 1949. E a maior parte do que está deste lado foi abandonada bem antes disso. O único poço em uso na época era este: o Poço Allen. Fica a dois quilômetros e meio naquela direção. (*Aponta vagamente para as colinas a leste.*) Quando chegarmos lá, vamos descer o Poço Allen até esta galeria e dar uma olhada nestas estações. (*Muda para outro mapa, em escala maior.*) A N-3 é a mais profunda; depois N-4, N-5 e E-6.

— O que são essas coisas? — perguntou Nate, apontando para as formas geométricas escuras pairando perigosamente perto dos túneis.

— Água. Provavelmente rios subterrâneos ligados ao lago.

O capitão Al tomou a palavra:

— Um aviso: a mina tinha eletricidade. Vou ficar aqui fora e tentar fazer o gerador funcionar. Só que, quanto mais fundo vocês forem, piores serão as condições; sem luz, sem placas, sem degraus, maior risco de desabamento. Além disso, vocês vão ficar sem comunicação quando entrarem. Se não me derem nenhum sinal de vida depois de exatamente seis horas, vou considerar que estão perdidos e chamar o resgate. Entendido?

Andy deu uma olhada no relógio da Coca-Cola.

— Entendido.

— Aquela trilha vai levar vocês ao acesso. Boa sorte.

Eles pegaram os equipamentos, as mochilas e a gaiola do passarinho, e então começaram a caminhada seguindo uma cerca de arame farpado enferrujada e manchada de chuva pela qual dentes-de-leão se entrelaçavam e buscavam o sol.

* * *

A trilha era mais uma série de desmoronamentos que desaparecia poucos metros depois do topo da colina. Tim liderou o grupo por boa parte da caminhada, encontrando as rotas mais convenientes pela vegetação baixa que ficava mais fechada e mais alta conforme eles desciam, aos poucos se aproximando da face leste da montanha, em um vale íngreme e escuro.

Dez minutos depois, eles avistaram o barulhento Rio Zoinx. Passava a mesma impressão que ao norte do Lago Adormecido: frio e furioso.

Não muito distante, um declive acentuado de pedra cinzenta ia encosta abaixo até as águas turbulentas que saíam da boca do acesso. Era menos impressionante que as entradas de minas em filmes de faroeste: um buraco aberto na encosta, apoiado por três imensas placas de concreto. Nenhuma alma artística havia pintado um assustador NÃO SE APROXIME em uma tábua de madeira improvisada; não havia urubus ou caveiras esquecidas para compor o cenário. Porém, quando nossos detetives se aproximaram da entrada, estavam convencidos de que nenhum detalhe seria capaz de torná-la mais sinistra. Um simples retângulo emoldurado pelo escuro, ponto que o sol não alcançava e de onde a escuridão não escapava. Um túnel de manutenção direto para o centro da Terra.

Andy encarou o time, e até Tim se sentou, estalando a língua para o canário que não prestava atenção.

— Certo, escutem: não vamos fazer nada que não fizemos treze anos atrás. Lembrem-se disso. Aos doze anos enfrentamos todos os riscos de entrar na montanha para procurar pistas, o tempo todo convencidos de que havia uma criatura do lago rondando.

— Na verdade, era Wickley, então a gente era burro — observou Nate.

— Exato. Foi burrice nossa, ou seja, estamos ainda mais preparados desta vez. Vamos.

Eles entraram, iluminando o caminho com as lanternas e espiando os fios nas paredes, os trilhos no chão e o traseiro de Tim indo na frente.

Um minuto depois de entrarem no túnel, Kerri deu uma olhada para trás, para o mundo da superfície. Não viu nada além de um quadradinho de luz que uivava ao longe.

* * *

As lâmpadas abastecidas por eletricidade na parede da esquerda magicamente se iluminaram após uma pausa narrativa, sinalizando a vitória de Al sobre o gerador e fazendo o canário soltar um único pio de breve alegria, no segundo entre ver a escuridão retroceder e perceber que a situação pouco havia melhorado. A linha de luz terminava à frente, onde o túnel se abria em uma caverna maior e mais iluminada.

O rádio estalou, dando a deixa para Al.

— De nada, câmbio.

— Obrigada, capitão. — Andy sorriu. — Já estamos embaixo da Colina da Sentinela. Vamos chegar ao veio logo. Câmbio e desligo.

O grupo seguiu em frente, saindo do ádito e entrando na estação dos trilhos. A claustrofobia aliviou um pouco naquele lugar amplo e plano que ficava exatamente abaixo da estrutura de suporte do poço da mina, e, de certa forma, Andy reviveu parte do fascínio da primeira visita. Uma luz amarela antiga pintava as rampas, os deques de carregamento, as passarelas, os carrinhos e os equipamentos.

— A gente vai andar de vagonete desta vez, né? — disse ela.

— Acho que já bati a cota de clichês de videogame — comentou Nate, examinando as rodas enferrujadas de um dos vagões.

Ao que parecia, seria mais fácil mover a montanha.

Fazia quarenta anos que aqueles carrinhos não carregavam mais os materiais que continuavam por ali: pedras, ferramentas, maquinário hidráulico, tanques de gás.

Ele perdeu um tempo a mais pensando naquele último item: tanques de gás.

— Oxigênio? — questionou, ajoelhando-se para ler as letras gravadas com estêncil na lateral de um dos tanques de tamanho industrial. — O que isso está fazendo aqui?

O restante do time se aproximou, e Tim foi dar uma fungada nos objetos para formular sua opinião técnica.

— Talvez não seja assim tão estranho — supôs Andy. — A gente mesmo está levando oxigênio.

— Tanques portáteis. Esses aqui poderiam abastecer um ônibus espacial.

— Talvez usassem para encher os tanques menores.

— E engraçado... — comentou Kerri, em um tom sombrio. — Não sabia que mineradores usavam tanques de oxigênio quarenta anos atrás. Aliás, que eu saiba, não usam nem hoje em dia.

Tim bufou para o tanque, concluindo sua avaliação — *Confirmado, é um troço enorme de metal* —, enquanto Andy e Nate esperavam Kerri dar seu parecer. Mas ela só deu de ombros.

— Acho que vou ter que dar um pulo na biblioteca.

Andy espiou as galerias que se abriam do outro lado.

— Esta é a nossa porta. Agora são dois quilômetros e meio até o Poço Allen. Uns vinte minutos.

* * *

Aqueles vinte minutos acabaram se tornando os mais longos na história dos minutos. O caminho tinha alguma iluminação, então não precisaram das lanternas, mas havia muito pouco para se ver. A empolgação de encontrar paredes de pedra, e não de concreto, tinha perdido a graça mais rápido que as piadas do *Saturday Night Live*. Os trilhos seguiam pelo chão; Kerri tropeçou neles duas vezes, a mente anestesiada pela paisagem de pedra infinita e monótona.

— Por que cavaram aqui? — Nate se ouviu perguntar por puro tédio. — Quer dizer, saíram cavando em uma direção aleatória torcendo para achar ouro?

— Eles seguiam um veio de quartzo — explicou Kerri. — *Este* veio de quartzo. — Ela apontou um veio vermelho escuro na parede do outro lado das luzes.

— Isso é quartzo? Em uma mina de ouro?

— É. No século XIX, o ouro era encontrado em riachos ou em veios de quartzo. Foi essa última descoberta que deu origem à Corrida do Ouro.

— Então você acha que tem mesmo ouro aqui embaixo...

— Bem, acho que Deboën não seria capaz de manter uma empresa funcionando por cem anos se ele mesmo estivesse plantando o ouro. Além disso, veios de quartzo surgem quando a pedra se racha e o espaço é preenchido pela formação de cristais. — Ela parou apenas para um minuto de apreciação, pois havia voltado a fazer suas explanações. Então continuou, porque era bom estar de volta. — Alta atividade vulcânica significa tremores; tremores significam rachaduras. De forma que estas montanhas não são um lugar ruim para procurar.

— Se a gente encontrar ouro, a primeira coisa que vou fazer é comprar umas boas botas de caminhada para você, Kerri — brincou Andy, dando uma olhada nas botas de camurça afundando na terra.

A ideia caminhou alegremente com eles por alguns segundos, até que o ar rançoso e as luzes purulentas empoleiraram nela e a dissolveram.

Dois quilômetros e meio, vinte minutos, 880 lâmpadas e 1.763 encaixes de trilhos depois, Kerri achou que estavam atingindo um novo marco do tédio, até perceberem a grade de ferro sob seus pés, as vigas de aço e o corrimão à frente. Eles tinham chegado a outra galeria.

Ela se debruçou no parapeito. Uma sombra completamente negra, inimaginável e desesperadora coagulava abaixo deles.

— Capitão? — chamou Andy pelo rádio. Uma explosão de estática respondeu. — Capitão, está na escuta, câmbio? — Com a mão livre, ela puxou Kerri para longe do abismo. — Capitão, não estamos ouvindo você. Estamos no Poço Allen. Temos um probleminha. Câmbio.

— Que problema? — sussurrou Kerri.

Nate apertou dois botões gordos em um painel de controle amarelo.

— Era para ter um elevador aqui.

— Al? Não estou ouvindo o senhor; de qualquer maneira, vamos descer pela escada. Vamos seguir o plano. Repito, vamos seguir o plano.

— Que escada? — perguntou Kerri.

Nate apontou a lanterna para a parede do lado oposto ao poço. Uma frágil passarela de ferro levava a uma fileira de degraus de metal fincados na rocha, com pedaços de teias de aranha balançando entre um e outro.

— Qual a distância até lá embaixo?

— Cento e cinquenta metros.

— Minha Nossa Senhora — murmurou Kerri, abaixando os fios de cabelo. — Como o Tim vai descer esses degraus?

— Não tem como — disse Nate. — Ele vai ter que ficar aqui.

— Não — disse Andy. — A gente não vai se separar. Eu carrego o Tim.

— Sério?

— Sim. — Ela parou para avaliar o tamanho do Weimaraner. — Tudo bem, ele tem o quê? Vinte quilos? Já carreguei esse peso quando estava treinando na Força Aérea.

— Quase trinta — falou Kerri, com uma careta.

— Certo — concordou Andy. — Tudo bem. Era o que os caras carregavam. — Ela deu um sorrisinho de pura ironia. — Posso fazer tudo que os meninos fazem, não posso?

* * *

Tim não reclamou nem uma vez sequer quando foi enfiado em uma mochila vazia como um filhote grande, protegido pelo casaco de Andy, sem lugar para colocar as patas e com todas as correias da mochila bem

apertadas para mantê-lo em segurança. Seu constante ar de resignação mal se intensificou quando Andy o ergueu e colocou a mochila nas costas, como se ele compreendesse que havia um bom motivo para passar por tudo aquilo. Talvez sua maior decepção tenha sido se dar conta de que seu amigo canário ficaria lá em cima junto com a maior parte do conteúdo da mochila. Mesmo quando ela segurou o primeiro degrau de ferro, frio de doer, e começou a longa jornada até lá embaixo, Tim permaneceu totalmente quieto, a cabeça para fora da única brecha deixada pelo zíper, tão sério e determinado a não olhar para baixo quanto um oficial do *Titanic*.

Andy também não vacilou. Estavam todos presos por uma corda, com ela descendo por último, depois de Kerri, e Nate na frente. Eles tinham feito uma pausa de dez minutos antes de começar a descida, para comer barrinhas de cereal e beber água. Até Andy teve dificuldade em tirar qualquer felicidade daquele piquenique, considerando a iluminação da década de 1940 e sessenta metros de rocha sólida acima deles.

— Tem outra plataforma aqui se vocês quiserem descansar — anunciou Nate.

A cada cinco minutos eles encontravam uma.

— Eu estou bem — disse Kerri, de mau humor. — Prefiro descansar em terra firme.

Andy se perguntou quanto mais teriam que descer para chegar lá. Já tinha perdido a noção do tempo. Seus braços estavam ardendo havia muito tempo. Tim podia ser pequeno para um Weimaraner, mas trinta quilos com certeza aumentavam qualquer desafio. Por outro lado, ela sabia que Kerri e Nate estavam aguentando firme: mesmo que tivessem deixado os equipamentos lá em cima, as mochilas não estavam leves.

— Fico mais cansada só de pensar que depois vamos ter que subir isso tudo. — Kerri tentou descontraír.

— Mas é uma questão a se pensar, não? — comentou Nate.

— Como assim?

— Bem, se o elevador não está lá em cima, e os cabos parecem bons... Ou a última pessoa que desceu subiu por essa escada ou ainda está lá embaixo.

Kerri tentou pensar em uma resposta sarcástica para quebrar aquela ideia, mas não conseguiu.

— Atenção, tem outro degrau faltando aqui — avisou Nate. — Putz. Espera aí. São dois seguidos.

Andy parou, esperando instruções, fazendo força para ignorar a dor nos ombros.

— Nate? — chamou Kerri.

— Espera, acho que estou vendo o chão. Eu consigo... Merda!

— *Nate!*

Na mesma hora, Andy prendeu um dos braços no degrau, se preparando para o tranco da corda que nunca veio. Tudo o que chegou até elas foi um estrondo.

— Nate? — chamou Kerri para a escuridão, se segurando com uma das mãos e com a outra tentando iluminá-lo com a lanterna. — Nate, você está bem?!

Ela conseguia ver o chão (tábuas de madeira e uma nuvem de pó) e um buraco nele.

— Nate! Diz alguma coisa!

— Merda — gemeu Nate lá de baixo.

— Certo. — Kerri suspirou. — Bom menino.

Ela chegou ao último degrau e se pendurou em uma viga na parte de cima do elevador. Nate tinha caído pelo teto. Kerri desamarrou a corda, passou pelo buraco e encontrou o primo sentado no chão, olhando para um ponto acima dela.

— Hum... Acho que encontrei quem fez a última viagem lá para baixo.

Kerri se virou e iluminou o teto. Andy vinha logo atrás, deslizando para a estrutura de madeira naquele momento, e enquanto passava pelo buraco, sob a lanterna de Kerri, viu de quem estavam falando. Olhos nos olhos. Isso é, se os dele ou dela não tivessem apodrecido fazia muito tempo.

O mais impressionante do cadáver não era a caveira quase totalmente exposta, balançando-se frouxa das roupas que um dia cobriram o corpo. Nem a ausência de alguns membros era lá tão assustadora. Esqueletos quebrados é o que se espera das profundezas da crosta terrestre, como ossos de dinossauros. Porém, imagina-se que estejam deitados, caídos. Ao contrário daquele, que estava pendurado. Em um gancho no teto do elevador. Pela base do crânio.

— Puta merda — cumprimentou Andy, em sua apresentação.

Tim se agitou, tentando sair da mochila, e caiu no chão, ansioso para que reconhecessem seu bom comportamento até perceber o foco da atenção dos outros. Rapidamente passou a compartilhar do fascínio dos humanos.

— Isso parece um minerador para vocês? — indagou Andy. — Há quanto tempo vocês acham que está aqui embaixo?

— Pelo menos dez anos — disse Kerri. — Mas não mais de vinte. — Ela percebeu a surpresa de Andy, então apontou para o pulso exposto do cadáver. — Relógio digital.

— Ah.

— É igual ao corpo que achamos na floresta — apontou Nate.

Seu comentário teve uma recepção estranhamente fria.

— Perto do Lago Adormecido — esclareceu. — Estava exatamente assim. Eu sempre disse a mim mesmo que era falso. Peter também. Ficava

em um lugar tão alto que nunca conseguimos verificar.

— É um aviso — comentou Kerri. — Uma mensagem aos aventureiros. “Invasores, fiquem ligados.”

— Mas quem poderia ser? — questionou Nate. — Não houve mortes ou desaparecimentos ligados à criatura do lago.

— Um homem acampando sozinho? Talvez um mendigo? — disse Kerri.

— E este cara aqui?

Andy engoliu em seco, se não por mais nada, para ganhar tempo e se certificar de que tinha entendido a dica, então deu um passo à frente e verificou as roupas do morto.

A jaqueta de couro estava ressecada e dura, ao contrário da camisa de veludo cotelê por baixo, manchada com o que deveriam ter sido fluidos corporais. Ela se concentrou primeiro na calça — na perna que ainda estava presa. Uma carteira saiu facilmente do bolso perto do fêmur solto. Andy vasculhou o conteúdo.

— Carteira de motorista do Oregon. Vencida em 1980. Nome: Simon Jaffa. Data de nascimento: 1/6/1943.

Na carteira, sete dólares e sessenta e quatro centavos, chiclete, um crachá.

Da Corporação RH.

— Os ecovilões — lembrou bem Nate.

— Talvez ele tenha sido enviado para inspecionar as minas — sugeriu Kerri. — Tim, para com isso.

Aquela altura, Tim estava pulando e golpeando o saco de ossos como se fosse uma *piñata* de Halloween. Seu último pulo fez com que mais alguns papéis caíssem da jaqueta do morto.

Andy catou e desdobrou tudo com cuidado, consciente de que seria mais fácil despedaçá-los que abri-los. Parecia uma cópia feita à mão do mapa da mina. Havia palavras rabiscadas com um garrancho nas áreas em branco. Pouca coisa fazia sentido: “Blyton Hills”, “Allen”, “Poço Deboën”, “onde”, “não há saída”. O resto era uma confusão de letras e números, provavelmente coordenadas. “Do O, S-5, L-2, fundo.”

Andy checou o verso do papel, e nada. Tinha certeza de que não havia nenhuma galeria S-5 na sua planta. Mas, enquanto comparava aquele mapa às suas plantas, outra coisa começou a incomodá-la.

— Temos um problema. Este mapa parece mais atualizado que o nosso. Acho que calculei mal o comprimento dos túneis que vamos inspecionar.

— De quanto é a diferença? — perguntou Kerri, se preparando para a resposta.

— Explorar um deles com cuidado levaria duas horas. E... nos resta quatro horas e precisamos de duas para voltar até a superfície.

Os três giraram as lanternas para longe do morto e iluminaram o platô em que estavam. Iluminaram mais sinais de presença humana do que ousavam esperar: sacos de dormir, ferramentas simples, vagonetes cheios de livros. Em várias aberturas, lâmpadas a bateria piscavam.

— Certo, vamos raciocinar aqui — sugeriu Nate. — Eu acho que Deboën estava cavando para achar Thtaggoa. (*Encarando Kerri.*) Você diz que ele só queria o ouro.

— Olha em volta. Eles seguiram os veios de quartzo o tempo todo — argumentou Kerri, apontando a lanterna para a ferida vermelha na rocha bem ao seu lado.

— Está certo, mas esse poço foi nomeado como Allen, em homenagem ao cara que Deboën deixou no comando quando foi para a Costa Leste como Damian e voltou como Daniel.

— Certo. Então as pessoas que ele deixou no comando estavam mesmo procurando ouro. Portanto, o túnel que não estiver seguindo o veio de quartzo...

— ... é o que devemos seguir.

Andy apontou a lanterna para o outro lado da estação, acompanhando a cicatriz carmesim que serpenteava verticalmente pela parede norte. Três túneis, nomeados N-3, N-4 e N-5, se abriam naquela parede. Os três eram indicados por placas enferrujadas e tinham fiação, embora as lâmpadas não estivessem funcionando.

Então, ela se virou para o outro lado: a galeria se expandia despreziosamente para o leste, como se tivesse sido escavada por forças naturais e não por maquinário, formando uma descida para a escuridão total.

— Ali — concluiu, amargamente. — O túnel rejeitado.

* * *

Do equipamento de mineração enterrado na estação — como um tesouro pouco provável encontrado dentro de uma pirâmide ou de portais demoníacos próprios para personagens de videogame —, Andy pegou alguns itens que considerou úteis. Dois lampiões a querosene pareciam estar em boas condições; ela acendeu ambos e deixou um perto do elevador. A decisão de levar ou não algumas bananas de dinamite gerou uma nova polêmica: Nate argumentou que, se encontrassem a entrada para o esconderijo dos sibilantes, precisariam de explosivos para destruí-la; Kerri se opôs à ideia de detonar dinamite no subsolo sem nenhuma medida de segurança. Andy ficou com o voto de minerva de novo, uma vez que Tim tinha perdido o interesse na discussão quando percebeu que não ia poder carregar as bananas de dinamite na boca. No fim, ela

encerrou a questão permitindo que Nate levasse os explosivos e proibindo-o de carregar o lampião ao mesmo tempo. Então, lamentando mais uma chance perdida de tomar partido de Kerri, ela conduziu o grupo rumo ao túnel E-6.

De certa forma, o lampião de querosene se provou melhor que as lanternas; embora a luz não fosse nem um pouco mais forte, seu halo era maior, permitindo que eles vissem tanto por onde tinham vindo quanto para onde estavam indo. Também permitia que Tim tivesse mais liberdade de movimento para andar um pouco à frente. Não havia trilhos; a impressão que dava era que as galerias tinham sido cavadas havia pouco tempo, ou melhor, nem isso: pareciam mais cavernas naturais, convenientemente do tamanho certo. Com a exceção de algumas passagens flanqueadas por inúmeros pilares e tapumes nas paredes, as marcas de atividade humana estavam diminuindo; fazia tempo que não viam placas indicando perigo; equipamento de mineração abandonado era raro. E mesmo isso foi muito antes de a galeria se afunilar em um túnel mais baixo e estreito, com uma inclinação acentuada e uma anotação desleixada de giz na rocha indicando E-6.

Nate fez cara feia para a crueza da recepção. No idioma da mineração, aquilo significava: “Abandonai as esperanças, vós que entraís.”

Os degraus tinham sido escavados sem o menor cuidado ou foram se formando naturalmente, tão altos e irregulares que os visitantes nem por um segundo desconsiderariam a ajuda das mãos. Os detetives tinham que se sentar e se arrastar em fila indiana, um degrau por vez, degraus esses que iam ficando mais e mais estreitos. Em certo ponto, Andy se levantou e percebeu que o teto estava impressionantemente próximo.

Kerri percebeu isso também, mas já tinha decidido que não ia reclamar antes de Tim. E Tim não reclamou. Que filho da mãe corajoso! Continuou pulando de patamar em patamar sem nem mesmo um choramingo.

Perto da linha dos 1.500 metros, conforme mais uma anotação feita com giz em uma chapa de basalto, o peso de dez mil toneladas de pedra enfim caiu sobre eles. Kerri olhou para trás e não conseguiu ver nada depois de dois metros de distância. O lampião que tinham deixado no elevador era uma memória distante. Luz do sol era um sonho. Ela tentou esticar os braços: as mãos encontraram paredes que, Kerri sabia, tinham quilômetros de espessura. Ela percebeu que aquele lampião de querosene com eles era a primeira coisa a iluminar aquele canto do planeta em cinquenta anos, uma bolha de luz e ar em um raio de um quilômetro e meio de matéria sólida tridimensional. E a escuridão continuava a inundá-los.

— Que barulho é esse? — perguntou Nate.

— Água corrente, talvez — sugeriu Andy.

— Talvez?

— Estou chutando. A gente pode estar perto de um rio subterrâneo.

— Andy, não consigo respirar — disse Kerri.

Andy ergueu o lampião perto dela. Mal conseguiu ver o cabelo ruivo nervoso.

— Consegue, sim.

— Não, é sério, não consigo.

— É só ansiedade. Olha, todos nós estamos...

— Essa caverna não é segura. Tem água do outro lado desta parede! Pode desabar em cima da gente!

— Isso não vai acontecer, Kerri. Está de pé há milênios.

— A gente pode ser enterrado vivo. A gente já está enterrado vivo!

— Não está, não. A gente veio por ali e vai voltar por ali!

— Não tem como!

— Kerri!

— O que está acontecendo com a luz? — comentou Nate, com cuidado.

A luz estava fraca, quase transparente. As garotas conseguiram olhar bem dentro da chama, que foi ficando azulada e tímida, o halo diminuindo, rastejando para longe do rosto de Andy.

E se apagou.

Escuridão... uma escuridão pesando um milhão de toneladas de pedras e fria como Netuno tomou conta.

A vida, a luz no universo, parou de existir.

* * *

Nate ligou a lanterna, o facho de luz branco histérico iluminando o retrato do pânico primordial na nova Era da Luz. Andy procurou nos bolsos a caixa de fósforos, tentou riscar um, mas o deixou cair. Trincou os dentes, ordenando que as mãos se controlassem, e tentou de novo.

Vendo o fósforo acender, Kerri teve uma breve explosão de felicidade, que durou só até que a chama se reduzisse a uma gota azulada, delicada, apática e fina como uma voz distorcida pelo gás hélio.

E se apagou.

KERRI: Máscaras! Coloquem as máscaras! Não tem oxigênio!

Na mesma hora, eles largaram as mochilas, espalhando o conteúdo no chão enquanto procuravam as máscaras e os tanques de oxigênio. Kerri mal deu o primeiro suspiro de O₂ e já estava colocando a máscara em Tim.

— Como você sabia? — perguntou Andy, ajudando Nate com as válvulas, a voz abafada atrás do bocal. — É grisu, como nas minas de carvão?

— Não, grisu teria explodido em contato com a chama — explicou Kerri. Ela percebia a força retornando aos braços e às pernas, a sensação de opressão diminuindo. — O gás mais suscetível a substituir o oxigênio sem que a gente perceba ou que Tim sinta o cheiro é... — As engrenagens da sua mente pararam, emitindo um clique. — CO₂: dióxido de carbono.

— Ela apertou o peito. — Como estão os batimentos cardíacos de vocês? Andy verificou o próprio pulso.

— Rápidos.

— Suando?

— Sim.

— Enxergando bem?

— Melhor que há um minuto.

— E suas mãos estavam tremendo ainda há pouco. Tudo isso é sintoma de hipercapnia, envenenamento por CO₂. O corpo não reage porque o CO₂ está sempre no ar, é o que expiramos. Mas, em altas concentrações, a pessoa pode perder a consciência sem nem se dar conta.

— Foi o que senti ontem — comentou Andy. — No lago, quando encontramos a criatura na névoa. Minhas pernas cederam, eu não consegui ver mais nada. A mesma coisa devia estar acontecendo agora há pouco.

— O gás deve sair das fissuras nas paredes — disse Kerri, e a paisagem de pedra de repente ganhou muita importância. — Afinal, estamos em solo vulcânico... Quer dizer, a gente está dentro de uma formação rochosa vulcânica. É isso que...

Ela mergulhou nas reticências por um momento, depois emergiu.

— Ferrou — disse ela, pois foi o único palavrão em que conseguiu pensar. — É isso. Eles respiram CO₂. Os sibilantes. Tudo faz sentido! Quer dizer, sentido não faz; nenhum animal catalogado respira CO₂, mas... é assim que eles conseguem viver no subterrâneo e é assim que conseguem ir até a superfície. O mito dos Walla Walla diz isso: a névoa trouxe os primeiros nativos. Mas não é névoa. É CO₂ emergindo do subterrâneo que permite que eles saiam.

Nate avaliou a escuridão à frente.

— Então estamos no caminho certo. Temos que continuar.

— Não, temos que voltar — discordou Kerri.

— Agora?!

— Al disse que se a gente precisasse das máscaras era melhor voltar!

— Não é à toa que estamos trazendo oxigênio! (*Balança o tanque de ar ligado ao bocal.*)

— O Tim não tem oxigênio! (*Aponta para a máscara do cachorro.*) Isso só evita que ele seja envenenado, mas, mesmo assim, ele precisa respirar!

O Weimaraner tinha decidido deitar em uma das saliências na rocha, claramente infeliz com o novo acessório.

NATE: Merda. Beleza, você está certa. Leva ele para cima, a gente continua.

ANDY: Não. A gente não vai se separar.

KERRI: Então vamos todos voltar!

NATE: A gente ainda não encontrou nada que já não soubesse! (*Ele rouba as plantas do bolso de Andy.*) Olha, a última marca de profundidade que passamos foi a de 1.500 metros, e o túnel termina em... (*Lendo o mapa.*) Ah.

Ele baixou o mapa, voltou à prosa normal.

— Estamos exatamente no final. Isso aqui é território inexplorado. — Ele se virou para as garotas. — Temos que nos separar.

A máscara insetoide amplificou o suspiro de Kerri, que, por si só, já foi profundo e dramático.

— Tá bom, você leva o Tim de volta. Andy e eu seguimos.

— Não, você leva o Tim; nós vamos — argumentou Nate.

Nenhum olhar voltou-se explicitamente para Andy daquela vez (as máscaras impediram), mas ela sabia que, como sempre, a decisão era sua.

— Isto é território inexplorado — avaliou ela. — Então... é coisa de maluco, não de cientistas.

Ela pegou a pistola e a ofereceu para Kerri junto com a munição extra.

— Leva isso; a gente fica com a espingarda. Você aciona a trava de segurança... Ei! — Ela percebeu que a máscara à sua frente estava encarando o seu rosto, não a arma. — Presta atenção, é importante. Você aciona a trava de segurança, assim, para destravar, mira e atira. Para recarregar, aperta aqui para soltar o cartucho, enfia o novo aqui, puxa isto, mira, atira. Certo?

— Certo.

Andy se virou para Nate.

— Dez minutos e a gente volta, aconteça o que acontecer. Vamos.

Ela mal ouviu a voz de Kerri às suas costas chamando Tim, mas, mesmo através do bocal da máscara, Andy percebeu que ela estava chateada.

* * *

As marcações a giz indicando a profundidade pararam depois de 1.700 metros. Passados mais alguns minutos, Andy percebeu a ausência de vigas de suporte. O teto muitas vezes os obrigava a se abaixarem; a passagem, no entanto, nunca deu espaço para que abrissem os braços. A condensação na pedra não era tão grande antes, mas, de repente, surgiam cada vez mais pocinhas de água no chão. A ligeira desconfiança de que, já havia tempos, tinham deixado para trás um túnel feito por humanos e adentravam em uma fenda aleatória na superfície da Terra aos poucos se tornava um fato evidente entalado na garganta.

Andy ergueu a máscara por um segundo, só para sentir algo que lembrasse ar no rosto. Não sentiu. O reflexo de respirar foi mais forte, o mesmo que às vezes faz com que pessoas acordem de repente durante um vazamento de gás antes que desmaiem e morram durante o sono. Ela vestiu a máscara de novo e agradeceu pelo oxigênio entubado.

Nenhum dos dois disse uma palavra até chegar à antecâmara.

Nate teve que inspecionar o espaço apertado para se dar conta de que a abertura continuava. Ela se estreitava como o gargalo de uma garrafa ou um ralo de pia, e mantinha uma altura que permitiria que engatinhassem por ali, e olhe lá.

Sem falar nada, ele tirou a mochila e o casaco. O rapaz que restou, usando uma camiseta do Conan e uma máscara de aviador, encarou Andy com uma pose não muito confiante.

— Estou pronto.

Andy tirou a mochila, já quase vazia, e entrou primeiro.

Ela nem se preocupou com teias de aranha ou insetos — a não ser que Kerri estivesse enganada, nada próximo de vida animal poderia sobreviver ali. A luz da lanterna encontrou o outro extremo, inesperadamente próximo, e refletiu, ofuscante, bem nos seus olhos. O gargalo tinha menos de um metro e meio de comprimento, dando em uma última câmara pequena.

Foi ali que a jornada deles terminou: em um cômodo do tamanho de uma cabine telefônica nas entranhas do mundo.

A única característica digna de nota era a escrita.

Alguém havia literalmente coberto as paredes de palavras, por toda a câmara, de baixo a cima, de cima a baixo na rocha, orbitando um único desenho que ficava bem de frente para a entrada: um círculo com inscrições de linhas ou constelações geométricas e, em volta, alguns bonecos de palitinho infantis assustadores com os braços erguidos. Aquele era o segredo que havia sido escondido no fim do buraco de minhoca.

Nate se levantou na caverna apertada iluminada de branco, pegou um lápis e começou a rabiscar no verso das plantas.

— Puta merda — comentou Andy. — Isso é... pré-histórico?

— Não.

— Como você sabe?

— Bem, para começar, o alfabeto latino só chegou às Américas com Colombo. E esses símbolos — ele apontou para os monogramas em torno do círculo — são do *Necronomicon*.

— Então, ao lado de Colombo... deve ser o Deboën?

— Acho que sim.

Andy tocou o desenho, só então percebendo como a pedra era lisa.

— Como essa parede pode ser tão reta?

— Acho que não é uma parede — disse ele, erguendo os olhos das anotações. — Acho que é uma porta.

O perigo, ou a necessidade de ter uma visão mais ampla, a afastou ao máximo dentro daquele ovo de caverna. A parede era um pouco perfeita demais para ser natural; devia ter sido escavada. Mas então havia os cantos. Um trabalho feito pelo homem deixaria ângulos retos, mas, avaliando com atenção, não era o caso ali; os ângulos eram tortos, em alguns graus, só o suficiente para dar a sensação desconfortável de que eram calculadamente errados.

— O que tem do outro lado? — perguntou ela.

— Alguma coisa grande — falou Nate, em um sussurro significativo.

— Uma cidade. Um deus. Mas o que quer que seja, não foi feito para ver a luz do dia.

— Como se abre isso?

— Acho que não é para abrir. É para bater.

— Foi isso que Deboën fez? Em 1949? (*Pensando.*) E os sibilantes atenderam.

— É, e ele provavelmente não esperava. — O lápis apontou para o desenho na frente deles. — Acho que este esquema contém as instruções. Olha só, é um pentagrama.

— Para mim, parece um círculo.

— Mas um pentagrama é basicamente isso... um campo circular com alguns símbolos em volta. O poder vem do feiticeiro. Está vendo esses cinco bonecos de palitinho? Eles formam o pentagrama, cinco sacerdotes para invocar o monstro. — Ele deixou a luz da lanterna passear pela câmara. — E esses feitiços devem ser o equivalente a uma campainha — disse ele, e começou a anotá-los. — Acho que é aqui que começa... “Ngaïah Metraton...” Isso é um G?

— Acho que é um Z.

— “Zariat...”

— “Zariatnatmik” — tentou Andy.

— “Zariatnatmik, Thtaggoa kchak’ui...” — Ele anotou. — E aí “Mflughua Mr, mflughua Ling, khtar mglofk’ui, nokt nrzuguk’ui...”

— Nate?

— “Ia Thtaggoa gnasha uikzhrak’ui htag zhro...”

— Nate!

Ele congelou, de repente percebendo a chuva de pedriscos caindo do teto da caverna.

— Você estava lendo os feitiços em voz alta! — gritou Andy, máscara a máscara, sobrepondo-se ao som crescente das rochas se agitando acima e abaixo deles. — DE NOVO!

Então o maior dos tremores chacoalhou a câmara, feito um trovão, só que soando dentro dos ouvidos deles. Era como se a caverna tivesse se transformado em uma coqueteleira.

— Para fora! — berrou ela, chutando Nate para o gargalo. — Correl Sai daqui agora!

Eles engatinharam pelo vão de meio metro entre quilômetros de rocha vertical e encontraram a antecâmara vazando. Gotas d’água escorriam de fissuras antes secas. E novas fissuras se abriam embaixo das mãos de Nate enquanto ele se arrastava.

Peter estava sentado no degrau onde tinham deixado as mochilas, balançando-se graciosamente junto com a rocha.

— Mandou bem, Nate.

— Cala a boca!

— Tudo bem. Todo mundo meio que já esperava que seria um erro seu que destruiria o clube mesmo.

No segundo seguinte, Nate passou voando por cima da alucinação sentada, impulsionado por um chute no traseiro. Era Andy correndo para pegar as duas mochilas.

— Vai, sobe, vai vai vai!

Outro choque raivoso de placas tectônicas a jogou no chão. Ela não se importou, teria que subir engatinhando mesmo.

— Kerri! — gritou ela, em meio ao barulho catastrófico. — Sobe! Até onde conseguir!

Andy não sabia se Kerri estava ao alcance da sua voz, sobretudo com o mundo desabando, mas, na velocidade dela, chegariam lá em questão de segundos. Nate sentia que, se tivessem caído pelo buraco feito Alice e o coelho branco, não seriam tão rápidos quanto estavam sendo enquanto escalavam. Isso, em grande parte, era graças a Andy, que basicamente o puxava pela mão, fazendo com que ele pensasse que a própria parte deveria ser bem fácil. Ainda assim, quando chegaram ao nível em que vigas de suporte e degraus escavados na rocha voltaram a ser vistos por todo canto, seus braços e suas pernas gemiam de exaustão. Uma corrente de água na altura dos tornozelos descia cascadeando pelo túnel.

Na primeira pilha de equipamento abandonado que encontraram, Andy parou para pegar uma picareta, que jogou na parede, em um tapume que cuspiá água neles.

— Mas que merda você está fazendo?!

Andy continuou batendo, duas, três vezes, até que o buraco vomitou uma violenta onda de água e terra, seguida por um pedregulho do tamanho de Utah, que escorregou até atingir a parede lá embaixo com um estrondo titânico, passando a centímetros do seu rosto.

Ela se virou para Nate, a máscara dividida por uma mecha de cabelo preto, cuspidando lama por entre os dentes, e gritou:

— Agora está fechada!

Ela empurrou Nate para cima, e foi preciso que ele mandasse os músculos pararem de choramingar e se moverem de novo. Quando ele teve a sensação de voltar a respirar, deram de cara com Tim e Kerri, que esticavam o pescoço túnel abaixo.

— O que aconteceu?! — perguntou Kerri, puxando Nate para cima. — O que foi isso?!

— Sobel! — mandou Andy ao sair engatinhando da boca do E-6. — De volta para a superfície, AGORA!

Ela estava no meio da frase quando percebeu que não havia necessidade de gritar.

Andy tirou a máscara. O tremor havia passado. Ela não lembrava quando. Eles estavam correndo demais para perceber que a terra tinha parado de se mover.

— O que vocês viram? — perguntou Kerri. Ela estava tão nervosa quanto eles. — Foi um deslizamento?

— Mais ou menos — explicou Andy. — Coloca a máscara de novo. Essa vai ser a escalada da sua vida, um pouco de oxigênio será útil.

* * *

Eles já estavam subindo o Poço Allen antes que Andy se desse conta de que, na pressa, tinham deixado de lado algumas medidas de segurança. Tinham esquecido de se prender uns aos outros. Tinham tirado a máscara de Tim, mas não o embrulharam tão apertado na mochila de Andy; ela sentia o cão balançando toda vez que erguia o peso deles na vértebra metálica seguinte no interior daquele longo trato vertical. Nate estava na frente de novo, embora não tivesse sido muito eficiente ao prender a lanterna no cinto. Se ele perdesse o equilíbrio e caísse, acertaria Kerri, e os dois derrubariam Andy. Ela rangeu os dentes e se certificou de segurar cada degrau com o máximo de força que o ferro aguentava.

Tudo em que conseguia pensar era na vingança dolorosa que os seus músculos estavam planejando para a manhã seguinte, a qual Andy aceitaria de bom grado. Se chegasse viva até a manhã seguinte, estaria no lucro.

Seus dedos tocavam os tornozelos de Kerri cada vez mais.
— Tudo bem aí, Kerri?
— Acho que vou vomitar.
— Tudo bem — respondeu Andy, com calma. — Por favor, vira para a direita.
— Estou vendo luzes — anunciou Nate lá de cima.
Andy bufou. Esperava que as luzes já tivessem sido avistadas bem antes.
— Como Tim está? — perguntou Kerri.
Tim se ajeitou no seu casulo e latiu alto, feliz pela lembrança.
— Bom garoto.
Houve um estalo de estática.
— Merda. — Andy parou, prendendo um braço no degrau, e pegou o rádio. — Al, está me ouvindo, câmbio?
A única resposta foi ruído branco.
— Al, não consigo ouvir, mas estamos subindo. Repito, estamos bem e voltando. Câmbio e desligo.
Ela prendeu o rádio ao cinto de novo, ignorando a estática.
— Vamos lá, Kerri. Só mais um pouquinho.
— Falta pouco — gritou Nate, mais à frente do que ela esperava. — Só mais uns cinco ou seis andares.
— Viu, estamos quase chegando — completou Andy. — Estamos começando a captar o sinal do Al. Isso é bom.
— Por que o som está picotado assim? — perguntou Kerri.
— Não sou eu, é Al. Vamos encontrá-lo logo.
— Não, o que perguntei foi por que ele só não fica segurando o botão para falar?
Andy franziu as sobrancelhas, então dedicou uns dez segundos à questão. Durante cinco, o rádio zumbiu sem parar; pelos outros cinco, estalou em intervalos curtos.
— Código Morse — concluiu Andy.
— O quê?
— Ele está se comunicando através do chiado. Isso é um S... E... G... U... R... O... — O sinal voltou a se estabilizar em um zumbido contínuo. Ela pegou o rádio de novo. — Al, transmita de novo, câmbio.
— Ele disse que é seguro — concluiu Kerri.
— Ele não precisaria dizer isso. Acho que estava dizendo que *não* é seguro.
A estática voltou em explosões de pontos e traços.
— Estou quase chegando — falou Nate lá de cima.
— Nate, espera! — chamou Kerri.
— Estou quase na plataforma, está tudo bem! Estou ouvindo o canário.

— Nate, espera, por... — Kerri parou, deu uma olhada para a escuridão abaixo onde supôs que Andy estava. — Ele falou “canário”?

Andy estava decodificando o código Morse. A maior parte da mensagem tinha se perdido para interferência real, mas Andy tinha certeza de que a palavra antes de “seguro” era “não”.

— Nate, se o pássaro está cantando é sinal de que estamos fodidos! — berrou Kerri.

— Sobel! — ordenou Andy, trocando o rádio pela pistola e empurrando Kerri; Ela quase conseguia distinguir sua silhueta na contraluz das lâmpadas febris acima. — Rápido, rápido, rápido!

Kerri fincou o dente no próprio lábio e espremeu sem dó nem piedade a última gota de energia dos músculos, exigindo que não cedessem.

Os músculos não cederam.

No entanto, o degrau, sim. A rocha ruiu e cedeu só alguns centímetros, mas foi o suficiente para fazer Kerri perder o equilíbrio e cair.

Andy estava perto demais para perceber que aquilo ia acontecer, mas compensou na rapidez para agarrá-la quando Kerri colidiu. Naquela fração de segundo, soltou a pistola, perdendo-a para a gravidade. Kerri foi em seguida.

A mão de Andy alcançou o antebraço de Kerri, automaticamente deixando uma das alças da mochila escorregar do ombro. A bolsa se inclinou, deixando Tim cara a cara com a profundidade total do abismo; pela primeira vez o cão ganiu, em pânico, ao ver Kerri pendurada no vazio, arranhando as costas de Andy com as garras dianteiras.

— Ah, puta merda! — berrou Andy, o braço esquerdo aguentando o peso de duas pessoas e um cachorro, as fibras dos músculos se rompendo. — Kerri! Apoia o pé em algum lugar!

KERRI: Tim, não cai!

ANDY: Kerri, o pé, por favor!

Andy se balançou para empurrá-la na direção da parede, os pés e as mãos de Kerri finalmente encontrando os degraus de novo e permitindo que ela se segurasse. Andy se segurou com as duas mãos e acertou a mochila nos ombros, enquanto Tim gritava nos seus ouvidos.

— Calma! Tim, calma! — Ela olhou para Kerri, abaixo. — Fica perto de mim!

Kerri assentiu, o medo controlado sob a máscara, e tentou acompanhar Andy, que corria degraus acima.

Andy se jogou na passarela de barriga para baixo, e Tim imediatamente disparou da mochila para longe do buraco, a mente determinada a nunca mais se submeter a uma bolsa de transporte daquela forma. Andy correu para ajudar Kerri antes mesmo de se dar ao luxo de respirar fundo.

Assim que Kerri pôs os pés na passarela, ela tirou a máscara e perguntou:

— Mas que merda Nate está fazendo?

Andy observou a cena na qual tinham acabado de entrar. Nate estava a alguns metros, de frente para o poço, agachado, procurando algo na mochila.

Um pouco mais perto, o pássaro na gaiola sofria uma convulsão.

— Nate? — chamou Andy, indo até ele e tirando a máscara. — Nate, o que houve?

Ela entendeu o que Nate estava fazendo — colocando cartuchos na espingarda do tio, as mãos tremendo como as de um velho eremita defendendo a sua cabana de invasores alienígenas. Tim estava do seu lado, latindo sem parar para o poço do qual tinham acabado de sair.

Um clangor uivante e cacarejante atravessava o distante túnel de dois quilômetros e meio.

— Eu tenho doze tiros — gaguejou Nate, engatilhando a arma. — Quantos você tem?

Os dedos de Andy buscaram o seu bolso traseiro vazio. Ela se perguntou se a pistola já tinha chegado ao fundo do poço.

Nate percebeu.

— Você perdeu a arma?!

— Eu fiquei sem mão!

Peter estava de braços cruzados à direita de Nate, contemplando a horda que se aproximava.

— Engraçado, quem será que conjurou esses caras?

— Precisamos de outra saída — percebeu Andy.

— Quer dizer, parece até que alguém leu um feitiço ou coisa assim e os convidou até aqui, não é?

— Cala a boca — sussurrou Nate.

— O respiradouro! — indicou Andy, pegando a gaiola e indo para onde Kerri estava vomitando. — Tinha um túnel de serviço com um respiradouro aqui, a gente pode tentar subir por ele!

PETER: É, boa ideia, tenta essa porta aí mesmo.

NATE: (*Olhando naquela direção.*) O quê? NÃO! Andy, essa porta, não!

O grito chegou só um décimo de segundo depois que Andy já tinha triunfantemente conseguido abrir o portão de metal coberto de avisos em amarelo e preto sobre desabamentos na parede de pedra.

E cada anfíbio desfigurado dentro do túnel de serviço, cada sibilante de quatro braços, zero olhos e crânio invertido, gritou de júbilo sanguíneo.

Andy garantiu mais um segundo de vida esticando o braço instintivamente para bloquear a onda de garras e dentes afiados e usou a única coisa que tinha à mão, no caso, a gaiola. Por coincidência, esta era do tamanho exato do túnel estreito e ficou entalada, impedindo por um segundo inteiro que as criaturas saíssem, e o pássaro dentro gritou com

um terror jamais visto saindo de bicos de pássaros em geral, e Andy avaliou, pelas barras da gaiola, quantos inimigos estavam do outro lado. Alfa, Beta, Gama, Delta, Seja-lá-qual-fosse-a-quinta-letra-do-alfabeto-grego, todos rapidamente dando um jeito de atacar o obstáculo por cima e por baixo, destruindo a calma de Andy.

Em troca do próximo segundo ela empunhou como arma o que quer que estivesse no seu cinto. Primeiro o walkie-talkie, que se revelou uma péssima escolha, pois ricocheteou na cabeça de um sibilante e, em seguida, outro o destruiu com os dentes. O segundo item era a picareta usada para selar o túnel E-6. Foi útil para acertar algumas cabeças e manter a barricada por mais outro segundo, enquanto Tim, finalmente despido daquela máscara idiota e pronto para morder, chegava bem a tempo de interceptar Beta, que rastejava por baixo da gaiola.

Andy tirou a gaiola do caminho, enfiou a picareta na têmpora de Alfa e chutou o corpo para longe, pisou no crânio de Beta e bloqueou Gama com a gaiola de novo.

— Nate, arma!

— Não tenho linha de tiro!

Gama dilacerou ao meio o corpo de Alfa, que bloqueava a passagem, e os quatro braços de alguma forma conseguiram evitar os golpes de picareta.

ANDY: Nate! Arma!

NATE: Você está na frente!

ANDY: Me dá. A porra. Da ARMA!

Nate jogou a espingarda para Kerri, Kerri, para Andy; Andy mirou e tentou priorizar os alvos.

E então atirou no teto.

O *bang* do tiro ecoou e silenciou os sibilantes por um momento, as cavidades rasas no crânio onde os olhos deveriam cintilar encararam o fantasma da explosão que se desfazia, e logo responderam com um guincho dez vezes mais alto, um ataque com vinte vezes mais garras, dentadas um milhão de vezes mais afiadas, e um grito de guerra de perfurar os tímpanos, inflamado por um ódio psicótico, sangrento, massacrante e hiperadjetivado.

E aí o túnel desabou sobre eles.

Tudo que Kerri viu foi uma gaiola, uma picareta e Tim e Andy voando do túnel como destroços expelidos de uma explosão trovejante, e o som ainda nem havia se reduzido a eco quando Andy, mal tocando o chão, já tinha rolado e ficado de pé, não dando ao próprio corpo nem um segundo de descanso antes de partir para a próxima. Cambaleou até Nate e arrancou as plantas da mão dele, cuja atenção foi capturada pela onda de sibilantes saindo da névoa, lentamente devorando as lâmpadas amarelas como um Pac-Man dos infernos.

— Não é possível que não tenha uma saída! — gritou ela para o mapa.
— Uma dessas galerias tem que dar na superfície!

Kerri se juntou a ela, bússola em mãos.

— Vamos para noroeste! Só me indica o túnel marcado como “Ilha Deboën”.

Andy mal tinha assimilado a frase inteira e já se pôs a vasculhar as plantas.

— A ilha? — gritou Nate. — Nem pensar!

— Essa é a rota que sabemos que está aberta, foi usada por Wickley em 1977!

NATE: Para chegar à casa mal-assombrada!

ANDY: Em uma ilha, Kerri, vamos ficar encurralados!

KERRI: (*Desesperada.*) Dá pra confiar em mim uma vez na vida? Que merda!

Andy olhou de um lado para o outro. Mais uma vez tinha conseguido ficar entre os primos, literalmente. Ela se perguntou por que sempre se ferrava na marcação do palco.

NATE: Andy, olha pra mim: tem algo naquela casa. Eu não estou alucinando.

PETER: Não está mesmo!

KERRI: Andy. (*Segura Andy pela gola da camisa, literalmente pausando o tempo.*) Eu tenho como tirar a gente de lá.

E seu cabelo ruivo olhou surpreso para sua comandante.

Andy engoliu em seco.

— Tá bom. Me ajudem a achar o caminho no mapa, e eu vou...

E foi aí que a energia acabou.

Por uma breve era das trevas que durou alguns segundos, só a histeria contínua do pássaro quebrava a absoluta ausência de som ou luz. Isso, e a cacofonia cada vez mais próxima de anfíbios raivosos que saíam do poço.

De repente, as lâmpadas piscaram por um instante rápido demais, a luz nem sequer teve tempo de chegar às paredes.

E piscou de novo, e dessa vez por uns instantes a mais, o suficiente para criar um falso alívio.

— Alguém falou “Podia ser pior”? — perguntou Nate.

As luzes continuaram piscando, Kerri e Andy lendo nos olhos uma da outra a mesma revelação.

— Morse!

— O que ele está dizendo?

— Hum... “Andy”... — decifrou ela. — Depois S... A... L...

— L?

— Não, I, merda, por que sou tão ruim nisso?! S... A... I... D... A...

— Rápido — implorou Nate, apontando a espingarda para o túnel piscante. Quando a luz acendeu no momento seguinte, Peter estava bem

em frente ao cano duplo.

PETER: Ei, Nate, eu estava pensando sobre esses remédios que você está tomando só para, olha que engraçado, parar de me ver...

NATE: Cala a boca!

PETER: (*Mais perto.*) A bula não dizia algo sobre ataques epiléticos?

NATE: Cala a porra da boca!

PETER: (*Mais perto ainda, cuspendo minhocas.*) Não dizia, Nate?

— *N, O, 2!*

— Pronto! — resolveu Kerri, apontando para um túnel escuro. — Noroeste, segundo túnel, vamos! Tim, vamos!

Tim correu para Kerri e Andy puxou Nate pelo casaco, e na fração de um segundo antes de empurrá-lo para o túnel, ela viu o inimigo. Os sibilantes preenchiam o poço como água fervente subindo por um gêiser — um enxame de demônios cinzentos se arrastando de quatro (ou melhor, de seis), mandíbulas estalando, garras arranhando, debandando e rolando uns por cima dos outros.

Ela fugiu, agarrando a gaiola do canário no caminho, e mergulhou no túnel para a Ilha Deboën.

* * *

— Estamos quase lá — Kerri tentou gritar, mas saiu apenas um sussurro. Segurando a lanterna em uma das mãos e as plantas na outra, descia correndo um túnel mal acabado em que lutavam para ficar em pé. — Depois daquela curva, a galeria sobe por algo chamado “Escadaria Deboën”!

— Escadaria? — reclamou Nate, arfando. — Por favor, não me diga que vamos ter que escalar de novo!

Não tiveram.

O túnel os jogou em uma caverna natural quatrocentos metros abaixo, dividida por uma imensa rachadura, de uns quatro metros e meio de largura e de profundidade inconcebível. Um lembrete da força da natureza que a criara, magma brilhava, rubro, lá embaixo. A margem do outro lado era quase quatro metros mais alta do que aquela na qual estavam. Uma estrutura de ferro enferrujada, tão corroída que atingia uma cor que ferro algum deveria ter, ligava uma superfície à outra. Consistia de duas vigas presas à rocha, uma de cada lado, com uns vinte degraus para cima conectando-as, e um corrimão do lado esquerdo. O corrimão do lado direito provavelmente tinha mergulhado na lava séculos antes.

Antes que Kerri sequer tivesse tempo de parar e apreciar a vista, Tim passou correndo por ela e subiu a escada, e só lá em cima foi que se lembrou de se virar para dar uma olhada no abismo.

— Uau — julgou Nate quando ele e Andy pararam a dois passos da queda. — Corrimão e tudo. Que luxo!

— Vai aguentar — afirmou Kerri, pisando no primeiro degrau e jogando o peso nas vigas de suporte.

Ela subiu com toda a sua graciosidade, tentando ser rápida para poupar os degraus que reclamaram mais do que pequenos mamíferos reclamariam, ignorando as veias vermelhas do planeta lá embaixo. Em segurança do outro lado, suas botas de camurça quase beijaram a pedra empoeirada de novo.

— Viu? Tranquilo — disse ela, dando tapinhas no corrimão, que cedeu depois do segundo tapa.

Três corações, o de Andy, o de Nate e o de Tim, deram um salto sincronizado ao verem Kerri recuperar o equilíbrio, depois os seus olhos se voltaram para a barra de ferro capotando pelo abismo, ressoando dolorosamente a cada batida.

— Certo — avaliou Andy, tirando dos ombros a mochila de Nate. — Jogue a mochila primeiro, depois o pássaro, depois você vai — disse ela, montando guarda na boca do túnel.

Ainda ofegante por causa da última corrida ou da tonteira atual, Nate colocou um pé no primeiro degrau, depois o outro no segundo, pegou a mochila das mãos de Andy e a jogou para o outro lado. Ela caiu no décimo degrau, e Kerri logo a recolheu.

Então Nate parou para verificar a ave na gaiola. O canário estava escondido embaixo do recipiente de água como se tentando se segurar para não sair chacoalhando de novo; Nate viu o peitinho emplumado subindo e descendo quase à velocidade máxima, o coração do tamanho de uma ervilha prestes a explodir. A gaiola inteira não podia pesar mais de cinco quilos. Ele decidiu dar uma trégua ao passarinho e carregá-lo até lá em cima.

O penúltimo degrau considerou aquela uma péssima decisão e demonstrou isso despencando quando Nate pôs o pé nele.

Ele caiu de cara no chão, metade do corpo pendurado à beira do abismo; a gaiola voou das suas mãos direto para os cuidados de Tim, enquanto Kerri mergulhava para pegar o braço do primo.

O primeiro tiro de Andy reverberou pela caverna. Ela abandonou o posto e galopou escada acima, pulando dois a cada três degraus podres e catando Nate no caminho. Quando chegou do outro lado, virou-se para receber sua aclamação sibilante.

Uma horda surpreendente de silhuetas disformes entupiu a saída do túnel. Pescoços retorcidos e braços com ângulos estranhos se atracavam antes de retroceder ao som do segundo tiro, enquanto Tim rosnava, raivoso, desafiando os sibilantes a se aproximarem. Nate se arrastou até a mochila e pegou uma banana de dinamite e um isqueiro.

ANDY: Nate, munição!

NATE: Foda-se! (*Jogando a dinamite acesa para o outro lado do abismo.*)

KERRI: NÃO!

Uma explosão de rochas iluminou a caverna por um segundo, deixando um zumbido nos seus ouvidos e espalhando pedaços de pedra e de corpos pelo chão.

Então, depois da eternidade que o barulho levou para se dissipar, tudo ficou em silêncio.

E aí a ovação retornou, duplamente mais alta, duplamente mais nervosa, vindo da saída esfumaçada da caverna.

KERRI: Explosões de dinamite geram imensas quantidade de CO₂.

NATE: Merda.

ANDY: Corram.

NATE: Eu não sabia!

ANDY: CORRAM!

Um tumulto cresceu na nuvem de fumaça e uma segunda onda de criaturas emergiu, quase que orquestrada, pulando para a ponte enquanto Andy quebrava seu próprio recorde de recarregamento de energia. Ela deu uma coronhada na mandíbula do primeiro sibilante e atirou no segundo, deixando as costelas saírem voando, enquanto um terceiro ignorava a escada, dava um superpulo atravessando o abismo e agarrava a borda, enfiando as garras de cinco centímetros na rocha. O rosto sem olhos se ergueu sobre a beirada do precipício, mas não por muito tempo, pois logo Kerri passou a faca pelo braço da criatura, cortando todo o tecido conectivo, e jogando-a no abismo.

— Vai! — berrou Andy, indicando o túnel de saída. — Qualquer lugar que vá para cima!

A última fuga foi na escuridão quase total, os feixes das lanternas tão nervosos que não paravam em ponto algum, e, quando eles encontraram as raízes de uma escada em espiral, subiram à toda velocidade, impedindo qualquer tentativa de rebelião dos seus músculos, a pulsação disparada e os pulmões em chamas ofuscavam todo o resto: a exaustão, o medo, a cegueira, o instinto de sobrevivência. Eles não pararam nem para verificar a distância que conseguiram tomar dos sibilantes quando chegaram a um patamar, e continuaram subindo outra escada, menor, até irromperem em um alçapão, dando em um cômodo — um cômodo de verdade, um porão. Fecharam o alçapão depois que todos entraram, e Andy jogou duas estantes em cima dele para bloquear a passagem.

Nate estava caindo de joelhos quando Kerri agarrou o seu braço e o puxou para a saída.

— Lá em cima! A gente tem que encontrar uma janela!

A escuridão era de certa forma reconfortante, pensou Kerri; pois os impedia de constatar que estavam na Mansão Deboën, onde lembretes de uma noite aterrorizante aguardavam para trazer memórias ruins. Ela se concentrou em não esbarrar em nada enquanto subia a escada, chutava uma porta e encontrava um vislumbre de luz natural, a primeira de um período que parecia ter durado toda a Idade Média. Ela não parou; liderou o grupo pela escadaria principal, dando meia-volta no segundo andar, prestando atenção nos passos de Andy e de Nate logo atrás dela; os amigos seguiam em piloto automático pelo corredor do segundo andar — ignorando os móveis, o papel de parede embaçado e as pinturas vigilantes murmurando *Por que a pressa, crianças?*, de olho neles. Dos doze últimos degraus à porta do sótão, até o momento em que a sua mão girou a maçaneta final, ela podia dizer que não havia, em treze anos, tocado na Mansão Deboën.

A luz do sol, que se esparramava violentamente no sótão, surpreendeu a todos. Kerri correu e abriu uma das grandes janelas circulares, depois tirou uma pistola de sinalizador da mochila e atirou.

* * *

Os pinheiros antigos e narcisistas em torno do espelho d'água do Lago Adormecido ouviram um *bang* baixinho, viram a trilha de fumaça saindo da casa e então uma explosão brilhante de faíscas vermelho-estrôncio estragando a paleta de cores da paisagem.

* * *

Encostada na parede, Kerri escorregou até o chão, as pernas finalmente tomando a palavra no congresso do seu cérebro e planejando uma extensa interdição em protesto contra as bárbaras condições a que tinham sido submetidas nas últimas seis horas.

Uma brisa agradável vinda do lago acariciou o seu rosto. Seus dedos arranharam as tábuas do piso, sujas de poeira, folhas e galhinhos que entraram voando — sujeira saudável e banhada pelo sol.

— Recuperem o fôlego. Vamos sair em alguns minutos.

— A gente não tem barco — reclamou Andy, sentando-se, ou melhor, desabando ao lado dela. — Seu plano é nadar até a margem?

— Vamos tirar cinco minutinhos. Nate?

Nate estava de pé no centro do palco, estudando a cena. Luz do dia e um silêncio bom, típico de ambientes cercados por montanhas e insetos, preenchiam o sótão.

Ele esperou por alguma reação da pele, mas nada aconteceu. Ao redor dele, partículas de poeira flutuavam nos feixes de luz do sol, desviando dos seus movimentos, delineando as prateleiras e a bancada de trabalho, esculpindo os livros e a miríade de frascos, jarras e potes no laboratório. Tudo tão inócuo quanto madeira, argila e vidro.

O lugar não parecia assombrado, perigoso ou arrepiante. Não minas, não depois das entranhas da Terra. Perto daquilo, o lugar era diáfano.

Ele poderia atribuir essa mudança de percepção ao fator envelhecimento, mas era outra coisa, algum toque estético muito sutil tirava a estranheza do laboratório de alquimia abandonado.

Foi aí que ele percebeu: o sótão não parecia nem um pouco abandonado.

Tim, que havia inspecionado o cômodo assim que chegaram como se achasse que tinha negligenciado de forma imperdoável suas obrigações odoríficas, estava parado à porta fechada por onde haviam entrado, olhando para cima, a pata dianteira direita erguida como a mão de um detetive particular segurando seu cachimbo.

Nate se aproximou da bancada, as tábuas noticiando seu peso, e deu uma olhada em um livro empoeirado aberto na mesa.

— Nate — disse Andy —, se você ler uma única palavra em voz alta, juro que vou grampear sua boca.

— Por mais estranho que pareça, vocês não concordam que esse lugar não tem cara de abandonado? — perguntou ele.

A brisa assobiou em alto e bom som dessa vez, trazendo o cheiro de pinho e uma nota gentil de marimbas.

— Como assim? — questionou Andy.

Kerri abriu os olhos. Bancada, livros, potes. Então ela apontou a lanterna para o teto.

— Ah, Deus.

Gaiolas. De todos os tamanhos, de todos os tipos de metal — dezenas de gaiolas penduradas nas vigas altas do teto.

Andy não precisava ver todos os pássaros, bastou avistar o primeiro esqueleto de asa pendurada para fora para concluir o restante. Kerri olhou para o chão de novo e se deu conta de que tinha se confundido: os galinhos eram, na verdade, ossos de ave.

Tanto ela quanto Andy voltaram um olhar de raio laser para a gaiola que eles carregavam desde o início da aventura.

O canário piou uma vez, ressentido, empoleirado em um canto e lambendo as feridas.

— Ele está bem — disse Andy, aliviada.

Tim latiu para a porta.

— Essas gaiolas estavam aqui da última vez? — perguntou Kerri.

— Não sei — disse Andy, sem olhar para trás.

O livro aberto na bancada tinha chamado a sua atenção. Era um volume grosso, com capa dura, e as páginas tinham cor e possivelmente textura de finas camadas de osso humano.

— Nate, eu estou avisando... — começou Andy.

— Eu não consigo ler — interrompeu ele. — Ninguém conseguiria. Só as anotações nas margens. A tradução do Deboën.

Tim insistiu, acrescentando alguns rosnados.

— Da última vez, era esse o livro que estava no atril. — Ele examinou o chão: restos de giz vermelho reunidos traziam à memória um desenho no chão, estendendo-se para baixo da bancada e dos seus pés. — Aqui, está vendo? É o círculo. Eu estava bem aqui! E escuta isso.

— Nate...

— Tim!

— Não tem problema, escuta — disse ele, lendo: — “Assim, o Avatar existirá apenas dentro do Círculo de Luz, e deverá tentar se derramar em um Receptáculo vivo, pois somente em um Receptáculo ele pode existir além do Círculo, e será somente revelado sob o Feitiço de Zur...”

— Tim, qual é o problema?

Andy coagiu suas pernas mortificadas a se levantarem, engatilhou a espingarda e se aproximou da porta com cuidado.

— “... mas cada transferência terá um alto preço ao Avatar, pois, uma vez que tenha poluído um Receptáculo, nunca mais poderá se derramar por completo de novo, e cada Receptáculo permanecerá poluído até que o Avatar alcance sua Fonte.”

Tim calou a boca quando Andy escancarou a porta, apontando a arma para o lado de fora.

Ninguém. E, mesmo assim, Tim continuou latindo para o corredor vazio.

— Hum. Andy... — chamou Kerri do canto.

Ela percebeu um segundo depois. Havia uma folha de papel pendurada do lado de fora da porta aberta, balançando na brisa. Embora estivesse sem o envelope, a caligrafia no recado era familiar.

Dizia apenas: ADEUS.

Não se sabe ao certo qual dos eventos veio em seguida.

Na disputa, de um lado estava o canário se debatendo na gaiola.

Do outro, o leve tilintar de algumas tampas nos potes do laboratório, seguido do tinido de vidros e do chacoalhar dos livros, as gaiolas de cobre, latão e ferro marimbando, e então um rugido grave e visceral da Ilha Deboën espantando um bando de corvos das suas árvores.

— Vamos embora! — anunciou Andy.

Nate mal teve tempo de pegar o grimório antes de as garotas o puxarem, junto com a gaiola e as mochilas, capotando o último lance de escada até o saguão de entrada. Os livros estavam um a um se jogando

das prateleiras, retratos e móveis titubeando com a fúria da casa despertando.

— O buraco na ala leste! — gritou Kerri para o restante do grupo, segurando e protegendo a bússola da poeira que chovia das vigas no teto.
— Vamos para lá!

Eles correram até o fim de um corredor, o ombro de Andy na frente, motivado por pura fé de que encontraria uma porta e não uma parede de concreto. Ela desabou dentro do cômodo, em um tapete iluminado pelo sol. O céu branco brilhava por entre o esqueleto carbonizado do telhado, como um poder divino atravessando um vitral.

Kerri pulou Andy e escalou a pilha de destroços para espiar pelo buraco na parede.

— Por aqui! Vem, Tim! Você vem comigo!

O cachorro pulou alegremente nos braços da dona, mas reconsiderou ao ver a queda quase vertical do outro lado do buraco. Kerri não lhe deu a chance de se acovardar: ela o abraçou com força e se jogou, os dois rolaram como uma avalanche pela encosta de entulho até o chão, onde se reviraram até ficar de pé e correram na direção do som de um barco a motor que se aproximava.

— Um barco?! — gritou Andy, sem acreditar, enquanto descia com as mochilas e a gaiola. — Mas que...

— Quem se importa?! — berrou Nate, escorregando também, agarrado ao grimório, tentando descer devagar e falhando terrivelmente, mas mesmo assim contente ao chegar à terra firme.

O barco nem mesmo chegou a atracar; Joey Krantz se aproximou da praia e deixou Kerri pular do píer para o assento do carona. Tim veio logo em seguida, apresentando-se com um latido enquanto pulava e aterrissava no colo de Joey.

— Rápido, todos a bordo! — chamou Kerri. — Nate! Vem logo!

Andy parou no píer, observando Nate mais uma vez paralisado em frente à mansão, encarando a janelinha do sótão do qual haviam acabado de fugir.

Ela seguiu a direção do seu olhar. Viu a mansão imponente, grande e orgulhosamente alta, a hera escalando a parede e emoldurando a janela redonda no meio da fachada. O tremor tinha parado. Nada se movia. Nada nem sequer estremecia. Nem as folhas de hera, nem os batentes, nem a figura corvina de capa preta em pé no sótão onde eles estavam sessenta segundos antes.

— Ah, não — murmurou Andy para si mesma.

Uma buzina soou.

— Nate! Andrea! Subam a bordo! — gritou Joey.

Andy saiu do transe, agarrou Nate e olhou de novo para a casa na expectativa de que a figura tivesse desaparecido naquele intervalo, mas ela

continuava ali, impertinente como só coisas nascidas humanas podem ser. Eles subiram no barco no segundo em que Joey pisou no acelerador e girou a direção para voltar à terra firme.

A casa flutuou para longe, escondendo-se atrás das árvores da ilha. As placas tectônicas haviam se acalmado. As águas também começavam a fazer o mesmo, perturbadas apenas pelo caminho que o barco abria, levando os detetives de volta à terra firme.

Andy se ajeitou na pilha de mochilas e animais assustados e encarou Joey.

— O que você está fazendo aqui?!

— Eu o chamei — explicou Kerri. — Pedi que ficasse de guarda na margem do lago caso a gente precisasse fugir por este lado.

— Por que não me contou?

— Porque sabia que você não aprovaria, Andy! Nós vamos precisar de ajuda, de toda a ajuda que conseguirmos!

— Mas e aí, o que houve? — perguntou Joey. — Aquilo foi um terremoto? Foi isso que virou o barco de vocês da última vez?

Kerri tentou se lembrar de todas as novas pistas que tinham conseguido, mas aquele novelo de pontas soltas era grande demais para desatar; parecia escorregar por entre os dedos. Ela jogou o cabelo para trás e observou o horizonte.

Andy de repente percebeu o canário demonstrar descontentamento nos termos mais harmoniosos possíveis. Ela abriu a gaiola, se dando conta de que poderiam ter libertado o pássaro séculos antes, e o pássaro pulou, inseguro, na soleira da portinha, então tentou voar contra o vento e não conseguiu. O canário acabou se abrigando no banco de trás, onde o couro estava rasgado e uma espuma confortável saía do estofado, e se encolheu ali, piando mensagens inconfundivelmente raivosas para cada membro do time: *Vai se foder! E você, e você, e você, e você principalmente!*

E Tim latiu para ele, esfuziante por ter feito um novo amigo.

Kerri trocou as lâminas sob o microscópio, prendendo o fôlego por causa do cheiro destruidor que vinha das amostras. Andy estava de papagaio de pirata, empertigada em um banco alto atrás dela, na primeira fila da sala de aula.

ANDY: Mas então, não estou chateada por você ter chamado Joey. Quer dizer, eu não sei como teria reagido se você tivesse me contado, mas tudo bem, porque não preciso dar autorização para tudo que vocês fizerem. Ninguém está no comando. *(Pausa; vê Kerri fazendo anotações.)* O que houve?

KERRI: Oxidação das células da medula.

ANDY: Certo. *(Pausa.)* Mas, sabe como é, o mais importante é a gente continuar sendo uma equipe e dividir informações. Tá bom? Eu não estou puta, só estou dizendo que se começarmos a *(falando com cuidado)* comparar-ti-men-ta-li-zar informações, vamos ser menos eficientes. *(Pausa.)* O que foi agora?

KERRI: *(Para de escrever.)* Tem alguém falando comigo enquanto eu tento me concentrar.

Andy sabiamente guardou para si um “ok” desnecessário e calou a boca. Tinha sido ideia de Kerri ir para a biblioteca, como nos velhos tempos, mas as demandas do caso atual iam muito além daqueles outrora vastos recursos oferecidos pelo acervo de livros da Escola de Ensino Fundamental de Blyton Hills. Por isso, ela havia decidido usar o melhor equipamento de sexto ano que a sala de química dispunha para analisar as amostras do sibilante que Copperseed tinha congelado.

A queda brusca na população de Blyton Hills após o fechamento da indústria química estava impactando a verba governamental da cidade; por conta disso, previa-se que a escola seria fechada no ano seguinte, e as crianças, enviadas de ônibus até Belden, como já acontecia com os alunos do ensino médio. Andy nunca estivera ali antes, só na biblioteca. Gostou mais daquelas salas de aula do que das salas dos colégios internos em que havia estudado, mas talvez fossem só os seus olhos de adulta, imune às monstruosas tabelas periódicas e pôsteres de taxonomia vegetal.

— Você se lembra da casa dos Bloom? — perguntou Kerri, sem tirar os olhos do microscópio.

Ela esperou, mas a resposta não veio.

— Pode falar agora, Andy.

— Lembro, claro — respondeu ela na hora. — Eles tinham uma piscina que matava a gente de inveja.

— Me faz um favor, vai até lá e pede para o sr. Bloom o medidor de pH emprestado. Aquela coisinha que mede a acidez da água, sabe?

— Tá bom.

— E leva o Tim com você. Não consigo impedir que ele coloque na boca tudo o que vê.

Tim vestiu a carapuça, cuspiu o girino de volta ao aquário, e veio, rabo assentindo, se encontrar com Andy à porta.

— Hum... Quer alguma coisa para comer? — perguntou Andy.

Em algum lugar atrás da cortina de estalactites ruivas cacheadas cobrindo o microscópio, Kerri deu um microssorriso.

— Uma Coca.

Andy saiu e fechou a porta. O capitão Al, o delegado Copperseed e Joey Krantz estavam vindo na sua direção; ela os interrompeu.

— Não atrapalhem Kerri. Podem contar as novidades para mim — disse e continuou andando.

Os três seguiram ao seu lado, o capitão Al reportando primeiro:

— A Colina da Sentinela está liberada. As criaturas que vocês encontraram devem ter saído daquele poço. Depois que eu as ouvi e mandei o aviso em código Morse para vocês, fiquei de guarda na boca do acesso por um tempo, mas nada apareceu.

— O ar era puro demais para elas — supôs Andy, ressentida.

— Acabei de verificar a ilha — completou Joey. — Não vi ninguém.

— Por que você está de uniforme? — interrompeu ela.

— Hum... Sou voluntário na delegacia.

— Ah, é verdade. Você entrou na mansão?

— Não, o buraco de onde vocês pularam é impossível de alcançar sem uma escada ou algum equipamento. Não dá para entrar.

— Bem, tinha alguém lá dentro. E o barco a remo?

— Ainda está naquele píer na margem do lago, está lá há mais de dez anos. Tem certeza do que viu, Andy? Vocês inalaram gases, correram, escalaram... Talvez tenha visto um fantasma.

— Um fantasma não deixa recadinhos por aí — argumentou Andy. — Alguém está de sacanagem com a nossa cara desde que chegamos. Descubra quem é. E verifique se a RH perdeu um inspetor na mina de ouro.

— Já fizemos isso... Eles dizem que não.

— Então quem é esse maldito Simon Jaffa? — perguntou Andy, com raiva, pegando o crachá e batendo-o no peito uniformizado de Joey.

— Espera aí. — Copperseed fez todos pararem, leu o crachá, depois voltou-se para Al. — Aquele advogado pilantra que defendeu Wickley, o nome dele não era Jaffa?

— Wickley? — repetiu Andy. — A defesa de Wickley foi feita por um advogado da RH?

— Aquele cara, advogado da RH? — debochou o delegado. — Aquele era o maior advogado de porta de cadeia que já vi na vida. Ele aceitou o caso depois de ler a história de vocês no *Diário*.

Andy deu uma olhada pela porta da próxima sala de aula. Estava na hora de uma reunião.

— Os Bloom ainda moram aqui?

— Ele sim, a esposa não. Eles se separaram — disse Joey.

— Você pode ir à casa dele e pegar o kit de teste de acidez da piscina emprestado? — pediu ela ao capitão. — Kerri está precisando para a análise. E, delegado, você pode verificar nos seus arquivos se estamos falando do mesmo Jaffa?

— E eu, o que posso fazer? — perguntou Joey.

— Comprar uma Coca para Kerri.

— É para a análise também?

— Deve ser. Podem ir.

Ela observou os três homens marchando pelo corredor, então deu uma batidinha à porta da sala, abriu e entrou com Tim.

— Oi, Nate.

Nate deu um aceno fraco, olhos fixos no livro semifossilizado que estava aberto na mesa do professor. O quadro-negro atrás dele e um segundo, móvel, à sua direita, formando um ângulo reto, estavam cobertos de símbolos místicos e escrita da direita para a esquerda.

— Não se preocupe, estou de boca fechada — disse ele, virando uma página dura e calcificada.

— O que é isso no quadro-negro?

— Feitiços de proteção. Só por via das dúvidas.

Vazava pelas janelas uma rara luz noturna difusa, com a qual apenas detentos frequentes estão acostumados. E Andy a conhecia bem.

— Nós o vimos, Andy — murmurou Nate. — Ele estava de pé bem ali.

— Era um cara fantasiado, Nate. Nada novo.

Ela deu uma olhada na página que Nate estudava: tinha recortes de papel amarelado mais novo presos às margens do pergaminho antigo.

Andy teve um raro momento de inspiração. Ela remexeu nos bolsos, pegou o bilhete de despedida que tinham deixado para eles na mansão e o colocou no livro aberto.

— Você acha que é a mesma letra? — perguntou ela.

Nate examinou a breve missiva e a comparou com as anotações no livro. Elas eram testemunhas de uma época em que se valorizava uma caligrafia elaborada, com uma inclinação romântica, adornada por experiência mas não por capricho. As letras maiúsculas no bilhete eram altas, retas e finas, mas no geral comuns.

— Não é a mesma letra — declarou Nate. — Mas isso não prova nada. O Deboën que escreveu essas anotações não é o mesmo que voltou.

— Um é o Damian, o outro é o Daniel?

— Não exatamente. Um estava vivo, o outro foi trazido de volta à vida. Dos seus sais essenciais. Não sei nem se ele pode ter um corpo físico.

— Mas nós vimos um homem na janela.

— Antes você estava chamando de “um cara fantasiado”. Eu prefiro ter cautela e dizer que era “algo usando uma capa”.

A expressão era vaga o bastante para que as possibilidades causassem um calafrio em Andy.

— O que o seu amigo do Arkham diz?

— Não consegui falar com o Velho Acker, o hospital cortou seu direito a ligações. Parece que ele tentou reproduzir o Selo de Zur e sem querer colocou fogo nas cortinas.

Andy assentiu, admirada, e pensou que, se havia uma área que o Clube dos Detetives de Blyton poderia melhorar no futuro, era sua rede de consultoria externa.

— Certo. Pega o livro — mandou ela, indo para a porta e estalando os dedos para chamar a atenção do Weimaraner.

— Por quê? Aonde vamos?

— Visitar o segundo melhor especialista que temos.

Nate pegou o livro e suas anotações e saiu da sala de aula e da escola, tranquilizado e até satisfeito pelo incômodo profundo que o tomo sombrio sentiu diante da luz do sol. O Chevy Vega cor de âmbar brilhava para eles como um galã de Hollywood — o único veículo de quatro rodas estacionado em frente à escola. Tim pulou para o banco traseiro e Nate ficou no banco do carona. Andy deu partida e saiu cantando pneu para a Colina da Coruja.

— Ei, olha lá — disse Peter, enfiando a cara perfeita na janela. — A clínica do dr. Thewlis fechou.

Todo mundo no carro o ignorou ou fingiu ignorá-lo.

— O dr. Thewlis? O dentista? — insistiu Peter. — Ele era legal. Um dos melhores que eu conheci.

— Simon Jaffa não era da RH — contou Andy para se distraírem durante a viagem. — Ele era advogado do Wickley.

— Sério? — Nate franziu a testa, considerando as implicações daquilo, mas a sua memória de curto prazo estava cheia demais e o forçava a deixar a tarefa esperando na lista de coisas a fazer. — Ele não devia ser lá essas coisas, né? Na verdade, sempre me perguntei como ele pegou treze anos por...

— Wickley se declarou culpado — interrompeu Andy. — Ele me contou.

Nate olhou para ela pela primeira vez neste capítulo.

— Você falou com Wickley? Quando? Onde?

— Antes de ir para Nova York atrás de Kerri.

— Ah. E aí, como ele estava?

— Hum... normal, acho — resumiu ela, derrapando na entrada da rua Klondike. — Até começar a falar em uma língua desconhecida enquanto eu o enforcava.

Nate absorveu aquela informação, então relaxou um pouco as mãos que apertavam o grimório, enquanto Andy estacionava em frente à casa da sra. Morris.

— Interessante — considerou Nate quando saíram do carro. — Será que tem algum jeito de saber por onde Wickley anda?

— Sim. Copperseed pode ligar para o agente da condicional e perguntar se ele deixou de dar notícias nas últimas quarenta e oito horas. Por quê? Você acha que ele pode ser o homem da capa?

— Não, meu plano era só zoar o seu alto conhecimento do sistema penitenciário caso você soubesse essa resposta.

Os passos ficaram naturalmente mais lentos no caminho estreito pelo jardim, a natureza selvagem atrapalhando a caminhada. Andy tocou a campainha. Uma luz verde acendeu na janela da frente.

— Ela vai adorar ver a gente de novo — profetizou Nate.

Passos se aproximaram, trancas estalaram, a porta se abriu os completos dez centímetros que a corrente permitia.

— Vocês de novo? — falou Dunia pela fresta.

— Sra. Morris, precisamos da sua ajuda — disse Andy com a sua voz de policial boazinha.

A mulher soltou a corrente, abrindo a porta o suficiente apenas para deixar Tim entrar desfilando pela casa, o rabo indicando: *Estou sentindo cheiro de chá fresco...* Dunia se concentrou em impedir a entrada dos outros dois. Andy percebeu o que ela estava vestindo — era irrelevante, mas chamou a atenção mesmo assim.

— Seu amigo, capitão Urich, andou fazendo perguntas sobre mim — disse Dunia, ressentida. — Queria ter certeza de que eu tinha passado a manhã na cidade. O que aconteceu?

Ela se referiu ao capitão pelo nome real, evitando o apelido mais comum, Al Malucão. *Honra entre exilados*, pensou Andy.

— Nós estivemos na sua casa de novo — disse Nate.

— A casa não é minha.

— Alguém está morando lá.

Dunia dispensou seu direito de resposta, olhos negros e frios focados em Nate. Então percebeu o livro nas mãos dele.

— Eu vou devolver — explicou Nate —, mas primeiro preciso fazer algumas perguntas.

— Não quero esse troço na minha casa! Você sabe o que acontece com quem lê esse livro?

— Eu não consigo lê-lo, só estou repassando as anotações do seu pai e preciso de ajuda.

Aquela altura, Nate tinha conseguido levar o livro para dentro, Dunia no seu enalço. Andy entrou por último e fechou a porta. Enquanto suas pupilas se ajustavam à melancolia do papel de parede, ela percebeu algo novo no hall bagunçado — uma caixa grande deixada perto da porta. Uma ficha de envio rasgada pela metade dizia “Livros Banidos, São Francisco”. Ela abriu uma aba da caixa e tirou de lá um livro com a palavra “Vampiresca” na lombada.

Na capa, uma mulher sedutora de cabelo escuro inclinava-se por cima de outra mulher em uma cama de dossel, uma cachoeira de cabelo ruivo caindo no colchão. *Paixão imortal*. Sétimo volume da série *Sororidade vampiresca*.

De repente, ela percebeu que a conversa na sala tinha sido interrompida. Dunia a observava da porta, um novo cigarro nos dedos.

— Desculpa, eu... — Então Andy percebeu o nome da autora se escondendo em um canto embaixo dos lençóis bagunçados: Dunia L. Morris. — Ah. É o seu livro novo?

— É.

Andy manuseou o exemplar.

— Posso ficar com um?

— Claro — disse Dunia com um suspiro.

(*Estendendo o livro para ela.*)

— Autografa para mim?

Dunia a fez esperar um segundo, o cigarro preso entre os dentes. Ela o acendeu, deu a primeira tragada pelo nariz, depois pegou o exemplar. Foi com Andy para a sala e parou na escrivaninha ao lado da janela. Um abajur de cúpula verde iluminava outra pilha de livros, um caderno e um computador. Dunia pegou uma caneta preta.

— Seu nome?

— Andy Rodriguez.

Ela rabiscou uma linha na folha de rosto e devolveu o livro para Andy. Nate se aproximou, carregando o *Necronomicon* embaixo do braço.

— Preciso conversar sobre as providências do seu pai.

— Vou repetir: eu não me dava bem com o meu pai — disse Dunia, ressentida, se encolhendo no seu pufe.

(Em um parágrafo paralelo, Andy pôs o bilhete anônimo de despedida sob a luz do abajur e comparou com a dedicatória no livro: *Para Andy Rodriguez — não se esqueça de dividir, coração, assinatura de um traço. Não batia.*)

— Mas você disse que ele conseguia trazer os mortos de volta à vida — insistiu Nate. — Muitos livros na Mansão Deboën descrevem o processo alquímico para destilar os sais essenciais dos restos mortais das pessoas, e, desses sais, é possível erguer avatares...

— Vou ter que interrompê-lo — disse Dunia. — Eu já li esses livros. — Ela percebeu a reação desconfiada de Nate, então explicou-se: — *Evocações sombrias*, de Bob Howard.

— Você já leu Bob Howard?

— Sim! Nossa, você também gosta de terror pulp? — indagou ela, a voz se afastando do tom de sarcasmo. — Finalmente uma pessoa com um pouco de cultura. Já estou de saco cheio dos desclassificados dessa cidade!

— Certo, Howard escreveu um livro sobre os sais, mas você disse que o seu pai conseguia fazer isso, ele conseguia ressuscitar os mortos!

— Não, eu disse que ele conseguia falar com os mortos. Um avatar é isso. Um fantasma, a sublimação de um espírito a partir dos seus restos mortais.

— Sim, mas só enquanto você o mantiver dentro do pentagrama. — Nate jogou o grimório na mesa de sequoia.

— Não... — Ela recolheu as pernas, fazendo uma careta ao ver os símbolos torturados na página. — Não vai me abrir essa porra de livro aqui!

— Howard dizia o mesmo que o seu pai anotou nessa página: que o avatar tentaria se “derramar em um receptáculo vivo”. O que apenas é a boa e velha possessão. E se o seu pai deixou os próprios sais essenciais preparados antes de morrer e depois esperou alguém erguer seu avatar para então possuir a pessoa?

— E que idiota intrometido seria burro o bastante para fazer uma coisa dessas?

Andy se meteu bem nessa hora, em modo contato-visual-significativo. Nate percebeu e engoliu a resposta que estava na ponta da língua.

— Digamos que Wickley — disse ele por fim.

— Quem? O imbecil da salamandra?

— Sabemos que ele passou algum tempo na casa. Ele lê alguma coisa que não deve, o avatar surge, ele é possuído.

— Wickley não estava possuído — zombou Dunia, na voz um tremor tão sutil quanto um fio de cabelo ao vento. — Disso eu sei. Conheço o meu pai; ele não estava em nenhuma parte daquele homenzinho patético.

— Certo. E eu? Eu poderia estar possuído por ele?

— Não.

— Como você sabe?

— Você saberia. Lutaria contra isso. Ninguém carrega a alma de outra pessoa dentro de si sem saber, sobretudo se a alma for de Deboën. Ele se

faria... notar.

— Mas ele não estaria mais em mim. Estou dizendo que já tem outra pessoa na casa. E se eu fui só um receptáculo?

— Ainda assim você saberia. Porque o receptáculo fica poluído. — Dunia deu um sorrisinho. — A mesma coisa aconteceu na história de Howard, lembra? O segundo astronauta?

Nate parou, virou as páginas do grimório até achar de novo as anotações que tinha visto no sótão.

— “Mas cada transferência terá um alto preço ao Avatar, pois, uma vez que tenha poluído um Receptáculo, nunca mais poderá se derramar por completo de novo, e cada Receptáculo permanecerá poluído até que o Avatar alcance sua Fonte” — disse ele de novo, lendo em voz alta.

— O que isso quer dizer? — perguntou Andy. — Se alguém foi um receptáculo para Deboën, como esse alguém saberia?

O olhar de Dunia ficou distante, perdido em devaneio, o cigarro que tinha devorado durante a conversa já quase no final.

— Não sei. A pessoa se sentiria... violada. Como... como se tivesse uma mancha no coração que não conseguisse limpar, sempre ali, deixando o mundo ao redor mais sombrio, deixando tudo com um gosto amargo. Teria pesadelos toda noite. Alucinações. Visões do mundo dele. Se renderia ao álcool ou às drogas para amenizar a dor, e mesmo assim não passaria de uma sombra vagando pela vida. Se sentiria... perdida, sem propósito. Na melhor das hipóteses, esqueceria os objetivos que teve, se tornaria uma fracassada. Na pior, não sei... Prisões. Hospícios. Suicídio.

Ela olhou de novo para Andy. Andy olhou para Nate, do outro lado da mesa, e Nate, para o sofá, à direita, onde Peter estava sentado, ouvindo.

PETER: Cacete. Acho que já vi isso em algum lugar. Mais alguém?

— Mas poderia ser pior, claro — comentou Dunia com um sorriso amargo.

Verdadeiramente surpresa, Andy perguntou:

— Poderia?

— Sim, porque... o problema não é carregar um pedaço ruim de uma alma. O problema é que ela não pertence a você. E algum dia o dono pode querer esse pedaço de volta.

Ela apagou o cigarro e, por um momento, pareceu só contemplar o próprio cenário, enquanto Nate e Andy ficavam ali, encarando um ao outro, os dois sentindo as entranhas murcharem e morrerem.

— Obrigada — soltou Andy depois de um longo minuto, na mesma hora pegando o livro incômodo e chamando Nate com um gesto. Um refluxo ficou preso na sua garganta, dificultando a saída das palavras seguintes: — Estamos indo agora. Você foi muito gentil.

Até Tim achou aquela visita estranhamente curta, mas ninguém pediu a opinião dele. O cão passou trotando pela anfitriã, meio culpado, e

Dunia mal teve tempo de reagir e levá-los até a porta.

Não tinham se passado nem dez segundos quando eles se viram no jardim da sra. Morris, seguindo em passos rápidos para o Chevy âmbar, que, pela primeira vez, não pareceu tão chamativo aos olhos de Andy. Um gosto de chumbo pesava em sua língua. A garota tentou cuspir, mas a boca estava seca.

Ela ligou o motor, pisou no acelerador e ouviu Nate dizendo:

— Ai, meu Deus.

Andy deu uma olhada nele depois da primeira curva — seus olhos azuis faiscavam, o grimório largado entre as pernas.

— É impossível — disse ela, se surpreendendo de imediato com a própria voz, que soava tão desesperadamente errada. — Nate, nós não estamos possuídos.

— Mas estávamos. Nós fomos os receptáculos vivos — murmurou.

— Não fomos, não! Você disse que o avatar não pode sair do pentagrama!

— Eu estava no pentagrama. Talvez. Não lembro onde o atril estava. Os sais estavam na bancada à esquerda, dentro do pentagrama também. Quando invoquei o avatar, ele se instalou em mim. Tudo foi organizado para que isso acontecesse.

— Mas e a gente?! Eu nunca entrei naquele pentagrama!

— Não foi preciso. Já estava em mim — disse Nate, esfregando as sombras perturbadoras no rosto. — Vamos repassar os acontecimentos. Depois que li o feitiço, vi a fumaça subindo, fiquei com muito medo, e aí... um tremor.

— A gente percebeu, lá embaixo.

— Quando dei por mim, Peter estava me acordando e me puxando pelo braço. — Ele esfregou o ombro direito. — Foi aí que se transferiu para ele.

— Eu tinha encontrado Kerri quando o tremor aconteceu — disse Andy. — Eu a soltei, mas então surgiram as criaturas. A gente se escondeu em uma masmorra, ou um porão, sei lá. — Andy recobrou memória por memória, e teve que desviar bruscamente de uma van que já buzina para eles fazia dois quarteirões. — Dava para ouvir elas arranhando as paredes.

— Nós ouvimos vocês duas chorando. Quando Peter e eu chegamos, as criaturas tinham sumido. Peter abriu a porta.

— Kerri abraçou Peter.

— E aí o espírito tomou Kerri. E de alguma forma...

— Eu segurei a mão dela. — Ela mordeu o lábio, a ideia dando uma bofetada no rosto com treze anos de energia potencial retida. — Mas por quê? Por que possuir a gente?

— Não, nós fomos só os receptáculos. O espírito estava tentando chegar à fonte.

— Que fonte?

— O corpo, Andy! O corpo de Deboën! Estávamos na mesma ilha que ele.

— Mas a gente nunca viu ou tocou no corpo de Deboën — argumentou Andy, embora a força do argumento, como a da sua voz, havia muito tivesse começado a falhar.

Um receptáculo vivo é uma definição muito ampla; só requer imaginação. Uma árvore é um receptáculo vivo. Minhocas são receptáculos vivos. De repente, cada artéria de hera trepada na escada e no telhado, cada erva daninha no jardim, ganhou importância. Cada folha de grama estava a uma brisa de distância das outras, cada arbusto conectado a outro, cada raiz de árvore fazia parte de uma rede subterrânea servindo a um único propósito.

E ali, sob uma lápide de mármore simples escondida na sombra de um salgueiro, a fonte esperava.

— Nós fomos apenas uma ponte — resumiu Nate. — O espírito passou por nós. — Ele engoliu em seco, o pescoço se arrepiando com a visão da gota de suor gelado que escorria. — Eu fiz isso com a gente.

Peter estava sentado tranquilamente no banco de trás, as pernas abertas, ignorado pelo cachorro.

PETER: Não tem problema chorar, Nate. Todo mundo aqui sempre soube que você é um maricas.

NATE: Cala a boca! Cala a porra da boca!

ANDY: Nate! *(Entra na rua principal, ultrapassando um caminhão, que buzina.)* Puta merda, cara, com quem você está falando?!

NATE: *(Enfiando o rosto nas mãos.)* Cala a boca! Meu Deus, só fica quieto!

ANDY: Nate, qual é, cara! A gente vai dar um jeito nisso!

(Tim enfia a cabeça entre os bancos dianteiros, tentando acalmar o rapaz.)

ANDY: A gente só entrou lá. Era uma armadilha, Nate. A gente só... caiu nela. Poderia ter acontecido com qualquer um. A gente... *(A mão dela tenta capturar uma palavra, não consegue e cai de novo, batendo no volante.)* A gente era só um bando de garotos intrometidos.

(O rosto de Nate aparece de novo, olhos injetados.)

— Nate, por favor, fica calmo, tá? — implorou Andy. — A gente precisa de você. Por favor.

— Eu matei o Peter.

— Não matou, não.

— Vamos dizer que trinta comprimidos para dormir, uma garrafa de vodca e Nate mataram o Peter — sugeriu Peter.

— Nate, você não matou o Peter — corrigiu Andy. — Ele se matou, tá bom? Todos nós fomos usados por...

Foi então que a última peça se encaixou, e a imagem que se formou não poderia ser mais assustadora.

— Então o cara da capa...

— É Deboën — completou Nate. — No seu antigo corpo. E ele quer o resto da alma de volta.

Um carro cantou pneu a cinco centímetros da janela de Andy quando eles passaram pela placa da escola. Ela pisou no freio. O Chevy Vega fez um giro de 180 graus, jogando Tim na janela, e derrapou até parar bem em frente à escola.

Andy desligou o motor, seu coração batendo quase tão forte quanto os pistões.

Joey Krantz bateu na janela dela. Andy percebeu a lata de Coca na mão dele.

— Ei. Tem certeza de que você sabe dirigir?

Nate e Tim cambalearam para fora do carro. Andy pegou o refrigerante da mão de Joey e liderou as tropas até as escadas da entrada da Escola de Ensino Fundamental de Blyton Hills.

— Então, qual o plano agora? — questionou Joey.

— Eu não sei — respondeu Andy.

— O que vamos fazer em relação às criaturas do lago?

— Eu não sei.

(As portas da escola se abrem com estrondo, o elenco marcha corredor adentro.)

JOEY: Eu estava pensando que poderia levar vocês de volta ao lago e...

NATE: A gente nunca mais pode voltar ao lago.

JOEY: Por que não?

NATE: *(Ignorando-o, aperta o passo até se aproximar de Andy.)* Ele quer a gente. É por isso que está nos mandando mensagens. Ele precisa da gente lá, na casa. Só conseguimos fugir da ilha hoje porque ele não contava com a presença do Joey.

ANDY: Eu não contava com a presença do Joey!

JOEY: Quem está atrás de vocês?

(Eles param no meio do corredor, Tim, sem perceber a deixa, continua andando antes de se dar conta.)

ANDY: *(Para Joey.)* Daniel Deboën talvez ainda esteja... *(Ela dá uma olhada em Nate, depois tenta de novo.)* Daniel Deboën está vivo.

JOEY: Não é possível! *(Surpreso.)* Minha nossa! Vocês sabiam que ele era descendente de uma bruxa que foi queimada em Salém?

NATE: QUE SE FODA SALÉM!

ANDY: *(Voltando a andar.)* O que você acha que a gente deve fazer?

NATE: Fugir. Fugir e nunca mais voltar. Esse tempo todo ele está se fortalecendo, e as únicas coisas que faltam são os pedaços dele dentro de nós. Temos que ficar longe daqui. Peter fez a coisa certa.

ANDY: Peter?! Peter fez a coisa certa?! Ele se matou!

NATE: E esse é um pedaço da alma que Deboën nunca vai recuperar.

Eles tinham chegado ao laboratório de química, mas Andy ainda não estava pronta para incluir Kerri naquela conversa.

NATE: Tá, talvez tenha sido um pouco drástico, mas... De qualquer forma, temos que ficar o mais longe possível de Deboën. Deveríamos ir embora de Blyton Hills hoje mesmo. Sem dúvida alguma é melhor nunca mais voltar para aquela casa.

(A porta se abre, Kerri sai.)

KERRI: Temos que voltar para aquela casa.

(Os três a observam, admirados com o timing exato. Andy timidamente entrega a Coca-Cola.)

ANDY: O capitão foi pegar o teste de pH.

KERRI: Não precisa, tinha um na sala. Eu só precisava dar alguma coisa para você fazer; estava me deixando louca lá dentro.

(Ela pega a Coca e volta pelo corredor.)

JOEY: Nate acabou de dizer que não podemos voltar para aquela casa.

ANDY: Ele disse que *nós* não podemos voltar.

KERRI: Temos que voltar. Temos que impedir esse cara.

NATE: Você sabe quem é?

KERRI: Irrelevante.

NATE: É o Deboën, Kerri!

KERRI: Irrelevante. Temos que impedi-lo antes que ele tente despertar Tatatoga de novo.

JOEY: Quem?

NATE: Thtaggoa. Uma entidade primitiva que...

KERRI: Não importa, ele também não é o problema.

NATE: Ele não é o problema?!

ANDY: As criaturas são o problema.

KERRI: Não, não são.

JOEY: Pessoal!

(Eles param.)

JOEY: Qual é a merda do problema?!

Em vez de responder, Kerri balançou a lata de Coca, depois a abriu bem embaixo do nariz dele. Nate e Andy quase não conseguiram fugir da explosão de refrigerante que acertou a cara de Joey.

Tim correu para lambar a poça mágica de caféina se formando no chão enquanto Joey, todo molhado, limpava espuma da testa. Kerri ficou observando, sem se abalar.

— Por que isso aconteceu? — indagou Kerri em tom professoral.

Joey considerou a pergunta, Coca pingando do rosto.

— Porque você é uma babaca.

— Não — tentou Andy. — Porque... Hum... Refrigerante. Água gaseificada. CO₂.

— Isso — assentiu Kerri. — Coca-Cola é gaseificada com CO₂ em uma mistura de água e xarope, mas CO₂ é um gás e a água é um líquido. Para o gás se prender ao líquido, ele precisa estar pressurizado. Quando abrimos a lata, estamos despressurizando-a: é daí que vem o barulhinho *psst*; aí as moléculas de gás começam a se soltar e a flutuar para a superfície devagar. Mas se balançamos a lata antes de abri-la, as ligações são rompidas, e o gás se separa do líquido. Se a lata for despressurizada logo depois, todo o gás solto explode.

Ela apontou para o rosto perplexo de Joey como prova.

— Certo — comentou Andy. — Mas o que isso tem a ver com...

— A água do lago — chutou Nate. — Ela contém CO₂.

— É carbonatada — explicou Kerri — porque está sobre um vulcão. A gente viu o CO₂ vazando nas minas. Vazamentos semelhantes no fundo do lago estão injetando CO₂ na água. Acabei de concluir isso pelas amostras do sibilante, a acidez é altíssima.

— Então... O Lago Adormecido é de refrigerante? — perguntou Joey, confuso.

— Mas o lago não é pressurizado — argumentou Nate.

— É, sim, lá no fundo, por causa do peso de toda aquela água em cima. Em condições normais, as correntes fariam a água do fundo subir e despressurizar devagar, soltando o gás em proporções seguras, mas, se for balançado primeiro...

— E como se balança um lago? — insistiu Joey.

— Terremotos — sugeriu Andy.

— Que, de alguma forma, são causados toda vez que alguém lê um feitiço em voz alta — concluiu Kerri. — Já vimos os efeitos. Estamos em solo vulcânico; pequenos tremores são frequentes. Quando ocorrem sob o lago, uma quantidade incomum de água gaseificada sobe, liberando CO₂.

— E o CO₂ traz os sibilantes — comentou Nate.

— E o CO₂ causa envenenamento, deixa você fraco — completou Andy.

— É provavelmente por isso que os indígenas deram esse nome ao lago, para começo de conversa — comentou Kerri. — É o que mata os animais nas margens e faz os pássaros fugirem. Mas se o terremoto for intenso o bastante, o lago inteiro vai explodir feito uma lata de Coca. —

Ela parou para respirar. — E um fenômeno natural incrivelmente raro chamado erupção límnic. Quatro anos atrás, aconteceu no lago Nyos, em Camarões, e a nuvem de gás resultante flutuou até áreas povoadas e matou 1.700 pessoas.

— E se isso acontecer aqui... — começou Andy.

— Considerando que não tenha vento para dispersar a nuvem, que seria bem maior que a de Camarões, a nuvem naturalmente flutuaria, descendo a montanha, porque é mais densa que o ar, seguindo o único caminho lógico: o vale do Rio Zoinx, até chegar a...

— Blyton Hills — completou Andy. — São quase mil mortes.

— Aí passaria por nós até o Zoinx se juntar ao Willamette em Belden...

— Três mil mortes.

— E, se o vento continuar sem soprar e a nuvem for grande o bastante, acho que pode até seguir pelo Willamette até chegar a Portland. — Ela não deixou Andy comentar nada. — Não me importa quantas pessoas morem lá, eu gosto bastante de algumas delas para arriscar perdê-las.

No fim do corredor, as portas principais se abriram; o capitão Al e Copperseed marcharam até eles, com novidades.

— Seu Jaffa é o mesmo Jaffa — anunciou Copperseed. — Mas o crachá é falso, a RH afirmou que ele nunca foi funcionário da empresa. A polícia estadual declarou seu desaparecimento em 1980, seu carro foi encontrado no estacionamento do hotel Saginaw com a bateria arriada. O atendente disse que o motorista era um inspetor de minas e mostrava o crachá para quem quisesse ver. No último dia, ele fez o check-out, pagou em dinheiro, saiu para caminhar dizendo que voltaria para pegar o carro e nunca mais apareceu. — Ele percebeu o público de estômago embrulhado e uma poça marrom borbulhante no chão. — O que aconteceu?

Os membros do Clube dos Detetives de Blyton esfregaram os olhos, trocaram o peso de um pé para o outro, lamberam Coca do nariz.

— A polícia estadual também disponibilizou uma equipe de busca — acrescentou o capitão Al. — Só precisamos fazer uma solicitação.

— Essa questão não é mais... prioridade — disse Nate, diplomático.

— Certo — concordou o capitão. — O que querem fazer?

Kerri encarou o delegado Copperseed.

— Precisamos evacuar a cidade. Algo grande vai acontecer, e talvez a gente seja capaz de evitar, mas se falharmos... Existe um plano de evacuação?

— Existe — confirmou o policial, em um tom que indicava que as boas notícias acabavam por ali —, mas foi feito quando havia de três a cinco postos de polícia em Blyton Hills; agora sou só eu e um voluntário.

— Ele indicou Joey com a cabeça. — Posso ligar para o delegado de Belden, mas, ainda assim, não teríamos homens suficiente.

— A forma mais rápida seria chamar o Exército — sugeriu Kerri, virando-se para o capitão Al. — Talvez os seus amigos em Umatilla?

— Não posso chamar o Exército, Kerri — respondeu o capitão, nervoso. Ele pareceu chateado de verdade por desapontá-la. — Tenho amigos na base aérea, mas não tantos assim.

— Olha, existem pessoas que podemos chamar em caso de emergência — disse Copperseed —, mas elas só virão com urgência quando a emergência estiver de fato acontecendo ou se apresentarmos evidências concretas de que vai acontecer. A coisa morta no freezer não vai adiantar.

— Não se trata mais das criaturas — disse Nate. — O que está em jogo é um desastre natural. — Ele sublinhou a palavra “natural”.

O delegado parou, e a preocupação estampada na sua testa franzida acendeu uma chama em Nate lá no fundo. Era bom enfim ter conseguido despertar a preocupação do policial mau.

— Bem, olha, talvez eu possa convencer as pessoas a largarem as suas casas e virem comigo e com Joey — disse Copperseed. — Mas só com um motivo concreto. Do que estamos com medo?

— É, faz sentido — começou Kerri, jogando o cabelo para trás e desejando ter uma lata de Coca fechada à mão. — É uma história meio longa, mas...

ANDY: Espera um segundo.

(Todos esperam.)

ANDY: Não seria mais rápido dar às pessoas uma emergência de verdade?

PARTE QUATRO

PÂNICO

Andy subiu em uma viga de metal, arrancou um pedaço longo de fita adesiva e prendeu as últimas quatro bananas de dinamite na junção entre a viga e o pilar, de onde a explosão secundária tinha mais chance de atingi-las.

Abaixo dela, o delegado Copperseed, responsável pelo controle de danos, levava o último carrinho de materiais inflamáveis para fora enquanto o capitão Al terminava de mexer no quadro de luz perto da entrada; este, quando ativado, enviaria a carga de disparo no fusível.

— Acho que está pronto — disse Al com a lanterna presa entre os dentes, se virando para inspecionar a área de explosão, já quase vazia. — Esses barris ficam aqui mesmo? Prefiro não causar um desastre ecológico real, se puder evitar.

— Estão todos vazios, já chequei — disse Copperseed, limpando as mãos e parando ao lado de Al no meio do vasto compartimento de carga, iluminados pelas claraboias. — E também achei que seria uma boa ideia ter alguns destroços.

Andy deslizou da viga e caiu agachada no chão entre eles. Os três conferiram os explosivos que tinham posicionado estrategicamente no compartimento de modo que disparassem em uma reação em cadeia. Não estavam mexendo com explosivos de alta potência, mas cada carga havia sido plantada em pontos estruturais importantes para aumentar os danos e disfarçar o trabalho deles. Foi basicamente uma demolição, mas sem o conhecimento necessário ou a responsabilidade civil.

— Sabe — começou o capitão —, a rapidez com que você teve essa ideia me assusta um pouco, Andy.

— Imagino, foi quase tão assustador quanto a sua facilidade de construir um detonador com sucatas de um ferro-velho, capitão — retrucou ela, vendo um sorriso se esboçar nos lábios finos de Copperseed. — E você também entrou na onda do vamos-explodir-a-fábrica-de-produtos-químicos perturbadoramente rápido, delegado.

O policial aceitou a brincadeira, mas não tirou os olhos da obra-prima deles.

— Sempre odiei esse lugar — falou. — Corporação maldita, construiu o que bem entendeu na cidade, depois fechou as portas, sem nunca voltar para arrumar a bagunça deixada para trás. Sem contar que estão ferrando com a gente no tribunal.

— Ah. — Andy franziu a testa, captando uma ponta solta no ar. — Na verdade, se você está se referindo ao processo da morte das ovelhas, Kerri disse que provavelmente não foi culpa da RH. Há chances de que uma

nuvem de gás tenha sido produzida no lago por um terremoto, descido o rio até o pasto e matado as ovelhas.

Os três ficaram em silêncio por um momento, admirando o nó perfeito que foi feito daquela ponta solta.

— Hum — começou Copperseed. — Ainda assim, eles já deveriam ter desmontado isso aqui há anos. Talvez agora eles acordem, se sobrar alguma coisa para ser desmontada.

— Ah, vai sobrar — disse o capitão Al com um sorriso de falsa modéstia. — Não vamos demolir tudo. Vai ser só um belo show de fogos.

Andy mordeu o lábio ao se lembrar de uma coisa.

— Merda. Capitão, sinto muito, mas eu... perdi sua pistola no fundo do Poço Allen. Desculpa.

Al prendeu uma risada, dando um tapinha no ombro dela.

— Ei. Nunca chore por uma arma. Infelizmente, é uma das coisas mais fáceis de se encontrar neste país. Vamos nessa?

Eles se despediram uma última vez antes do trabalho daquela noite, depois saíram, enquanto o capitão desenrolava o fio pelo caminho. Estavam indo de encontro aos resquícios do dia.

— Vocês sabem o que aconteceria se descobrissem que fomos os responsáveis por isso, certo? — questionou o capitão conforme saíam quase em marcha pelo terreno plano e árido em torno da fábrica.

Primeiro, Andy sorriu pela lealdade subentendida naquela primeira pessoa do plural, então respondeu:

— Provavelmente seríamos acusados de... Sei lá, incêndio culposos?

— Está mais para terrorismo — comentou Copperseed. — Isso é sério. Mais que escapar de uma prisão no Texas.

A displicência do comentário não lhe escapou. Mesmo assim, Andy continuou andando.

— Há quanto tempo sabe disso?

— Procurei informações sobre vocês assim que saíram da delegacia. Não se preocupe, eu não entreguei você. O capitão me garantiu que vocês eram confiáveis, e isso é suficiente para mim.

O capitão Al não disse nada. À frente, eles já estavam vendo as silhuetas dos outros esperando no topo da colina, à contraluz do crepúsculo, uma chama alaranjada brilhando entre o grupo.

— Eles sabem? — perguntou Al.

— Sim — respondeu Andy. — Não guardamos segredos uns dos outros.

* * *

Kerri estava sentada na grama terminando o detonador, com Joey atrás dela espiando de um lado, tentando dar sugestões na montagem, e Tim do outro, irritando-a ainda mais. Nate estava sentado sozinho, queixo apoiado nos joelhos, observando as primeiras estrelas. Andy, o capitão e Copperseed se aproximaram, e o capitão entregou a Kerri o final do fio, que ela conectou ao interruptor comum transformado em detonador de demolição.

— Temos potencial de destruição suficiente? — perguntou Nate, sem parecer muito envolvido.

Ele poderia citar o nome de pelo menos uns três pacientes psiquiátricos que tinham sido internados por atos bem menos impressionantes que aquele, do qual ele estava prestes a se tornar cúmplice.

— Aham. Vão ser uns fogos de artifício bem legais — disse Andy, ajudando Al a completar o circuito, conectando o interruptor a uma antiga bateria de carro, que forneceria a energia mínima necessária para a explosão.

Bombas são mesmo dispositivos muito eficientes, considerou ela.

A silhueta imensa e escura da fábrica de repente ficou menos impressionante: ornamentada demais com canos tortuosos e escadas de emergência, e, ao mesmo tempo, feia e abandonada, sem imaginar o que estava por vir. Andy tinha a sensação de que em minutos ia jogar uma bombinha nos pés de uma senhora.

— Certo, vamos repassar o plano uma última vez — convocou o capitão. — Quando acionarmos o detonador...

— Eu volto para a delegacia — disse Copperseed — e ligo para o delegado de Belden, reportando uma grande explosão na fábrica abandonada da Corporação RH. É uma emergência ambiental. Todos entram em pânico. O delegado chama o prefeito, o prefeito chama a Agência de Proteção Ambiental em Seattle, eles notificam a Agência Federal de Gestão de Emergências e pedem que a cidade seja evacuada. E nós já vamos estar fazendo isso.

— Uma vez que a emergência for declarada, meus amigos na base de Umatilla têm autorização para vir ajudar — disse Al. — Eu conheço dois oficiais de alta patente que já sabem que a emergência ambiental é um disfarce e que estaremos lidando com uma ameaça biológica. As fotos e anotações da sua autópsia ajudaram nesse ponto — acrescentou ele para Kerri. — Mas eles não podem sair da base até a Agência de Proteção Ambiental declarar a emergência. Deve levar umas... quatro, cinco horas.

— Vamos começar à meia-noite — disse Andy. — Quando os seus amigos chegarem, leve-os direto para o lago. Vigie as margens; se não receber notícias nossas até o amanhecer, ou se vir fogos, é melhor ocupar a ilha.

— Vou lembrá-los de trazer calções de banho.

— A essa altura — disse Copperseed —, a agência já vai ter determinado um perímetro, dado instruções sobre abrigos e enviado uma unidade de avaliação de danos para esta área. Pelos meus cálculos, leva de seis a oito horas.

— De uma forma ou de outra, a essa altura nós quatro já teremos voltado — disse Andy.

Joey levou um susto quando percebeu que o quarto membro do grupo a que ela se referia era o cachorro.

— Você quer dizer nós cinco.

— Não, nós quatro.

— Ah, por favor! Depois de tudo que eu... O que mais posso fazer para provar...

— Joey! — interrompeu Kerri, tão decidida que Tim se levantou por engano. — Você não precisa provar mais nada. Precisamos de você aqui. Blyton Hills precisa de você aqui. As pessoas confiam em você, vão ouvi-lo. Leve todos para um lugar seguro, a vida deles depende disso.

Ela esperou que Joey compreendesse a gravidade das suas palavras. Ele entendeu.

— Se falharmos hoje — retomou Kerri — e houver um novo tremor sob o lago, a população de Blyton Hills pode acabar como as ovelhas. Então, é essencial que todos saiam da cidade e que as autoridades estejam prontas para evacuar uma área maior, caso a gente faça merda. A explosão de uma fábrica de produtos químicos vai deixá-las em alerta. — Ela encarou Joey até que os olhos azuis concordassem. — Ao amanhecer, atravesse o perímetro, vá de caminhonete até o lago e monte guarda do lado do nosso carro. Pode ser que a gente precise de você.

— Saquei — disse ele. — Mas por que vão com o carro? A caminhonete subiria melhor.

— Porque vamos fazer umas modificações nele — resumiu Andy, deixando maiores explicações para a consultora de ciências.

— Se uma nuvem de gás se formar, todos os motores de combustão interna vão parar de funcionar. O combustível precisa de oxigênio para queimar — falou Kerri. — Vamos ligar um dos tanques de oxigênio que sobrou ao carburador, caso o pior aconteça. Isso pode nos dar tempo suficiente para fugir da nuvem. — Ela olhou para o capitão Al, com quem havia discutido a viabilidade do plano. — Pelo menos torcemos para isso.

O capitão assentiu, tranquilo, e estendeu o detonador. O cabelo de Kerri deu um tradicional arrepio de ansiedade quando ela pegou o aparelho, sua mente considerando as fabulosas consequências de um único clique.

— Depois de acionado, não tem volta. — Ela ofereceu o detonador para Andy. — Quer fazer as honras?

Andy não se mexeu. Sentia-se como naquele primeiro dia da viagem de carro. Nunca havia imaginado que Kerri e ela um dia explodiriam uma fábrica e, se fosse o caso, imaginaria que teria sido em um cenário mais festivo, não em uma missão de vida ou morte. Era um pensamento estranho.

— Juntas.

Ela segurou a mão de Kerri, com tanta força que as pontas dos dedos ficaram sem ar e flutuaram até o interruptor por um segundo, esperando uma terceira mão.

— Nate?

O rapaz continuava sentado a alguns metros, perto o bastante para ouvir, embora absorto em pensamentos de tal forma que não se via desde a sua fuga do hospício.

— Nate — repetiu Andy. — A gente nunca vai se separar. Prometo.

Nate respirou fundo, então se aproximou, segurou a mão da prima e engoliu o nó amargo na garganta.

KERRI: No três. Um.

NATE: Dois.

ANDY: Três.

Eles acionaram o interruptor.

Quatro segundos se passaram.

Então seis.

O capitão Al ficou de pé. Andy, de testa franzida, fez o mesmo, e então o clarão da primeira explosão aconteceu, dessincronizado com o *bum* de fazer o chão tremer, até que as explosões e os sons subsequentes se misturassem em uma bola de fogo trovejante invadindo o céu estrelado.

Andy tirou os olhos de lá por um segundo e confirmou que Copperseed estava com um belo sorriso no rosto, o brilho vermelho dos danos colaterais embelezando as feições sérias e cansadas.

Eles continuaram na colina por um tempo, sob o feitiço de tudo indo pelos ares em uma bela noite.

Tim já estava cansado de todos os passeios de barco, e passou aquele último encolhido no banco do motorista com Kerri, a cabeça largada na coxa dela, na esperança de receber algum afeto. O Departamento de Polícia do Condado de Pennaquick tinha contribuído para o arsenal do Clube dos Detetives de Blyton com dois rifles de repetição, um novo par de walkie-talkies e bastante munição, que Andy enfiou em todos os bolsos disponíveis, junto com caixinhas de fósforos especiais que se acendem em qualquer lugar para fazer testes de chama. Kerri ainda tinha a faca. Todos carregavam lanternas e respiradores pendurados no pescoço.

Um último objeto familiar jazia entre as bolsas vazias no deque depois que Andy terminou de arrumar o equipamento: a picareta que ela pegara nas minas e esquecera no barco de Joey na tarde anterior. Andy a girou no ar, verificando o peso, e decidiu prendê-la no passante da calça.

— Nunca é demais — comentou. — Vou trocar a espingarda do tio Emmet por um rifle, tá bom, Nate?

Nate estava sentado lá atrás, no escuro, tomando cuidado para não deixar o braço para fora do gradil.

— Nate — disse Peter ao seu lado. — A tenente Ripley está falando com você.

— Estamos fazendo a mesma merda de novo — murmurou Nate, para ninguém em especial.

Andy não sabia dizer se foi uma direta ou indireta para ela, mas respondeu mesmo assim.

— Estamos refazendo os nossos passos — reformulou ela. — Depois do lago, depois de explorar as minas de ouro, nós falamos com testemunhas, fomos à biblioteca, passamos pela conexão entre as minas e a mansão, imploramos para que alguém nos levasse até a ilha, até que, por fim, em uma noite explorando as margens, encontramos o nosso barco, e aqui estamos. Chegamos à noite em que pegamos o vilão.

— Ah, claro, porque deu muito certo da última vez — retrucou Nate. — Refresca a minha memória, por favor. O que tem de diferente?

Andy simplesmente abriu a jaqueta e deixou as armas falarem por ela.

— Estamos preparados. Sabemos quem estamos procurando. — Uma brisa gelada jogou a franja escura, desaparecida havia muito tempo, no rosto dela. — É eu, pelo menos, estou furiosa.

Ela saiu para ajudar Kerri a carregar o barco, e Nate ficou ali sentado, saboreando suas palavras.

— Ela está sempre furiosa — comentou Peter.

* * *

Eles estavam encostando no píer quando Andy, de corda na mão, percebeu outra amarrada ao poste. Kerri desligou o motor, e o som oco do barco a remo ebiamente batendo no píer ficou evidente. Os imponentes pinheiros da Ilha Deboën permaneceram em silêncio, ansiosos.

Eles desembarcaram, e as garotas atracaram o barco enquanto Nate avançava ilha adentro para enfrentar a mansão.

No topo da casa, na janela redonda do sótão, uma luz amarelo-clara pulsava.

Os três jovens e o cachorro ficaram parados em silêncio diante da escadaria principal, na poça de luz difusa daquele único cômodo iluminado. Treze anos, e a Mansão Deboën não havia perdido sua arrogância.

Andy enfiou um rifle na mão de Nate, jogou outro para Kerri e ficou com a espingarda do tio Emmy, de mão única.

Kerri, a visão focada na janela iluminada, disse:

— Ninguém atira até ver a cara dele.

Andy tentou desvendar as minúcias na expressão de Kerri no escuro.

— Tá falando sério?

— Sim. Já encontramos caras fantasiados pelo caminho e sempre tivemos o bom senso de desmascará-los em vez de matá-los. Atirar primeiro, perguntar depois pode ser o procedimento padrão da polícia de Compton, mas não vai ser o meu.

— Vocês falam como se desse para matá-lo — discutiu Nate.

— É claro que dá, Nate — afirmou Andy. — Os sibilantes já fizeram isso uma vez. (*Aponta na direção da ala leste destruída.*) Se aquele necrobabaca acha que sou menos perigosa que um bando de aranhudos de merda, vai receber uma edição especial urgente do *Diário de Pennaquick* bem na fuça.

— Essa foi uma boa fala — admitiu Peter.

Andy deu um passo à frente e se virou para os amigos. Da perspectiva de Tim, que era a mais baixa, o disco de fumaça amarelada que saía da janela do sótão brilhava ao redor da cabeça dela como uma auréola, formando a imagem de um anjo munido de espingarda e picareta.

— Olha só, isso aqui não tem nada a ver com a última vez. *Nada* — falou ela, desafiando a equipe a dizer o contrário. — Da última vez, éramos crianças. Chegamos com medo e cheios de boas intenções querendo resolver um mistério. E Daniel Deboën nos usou. Ele nos fez de otários.

Ela soprou a franja do rosto, depois mudou de ideia e baixou a cabeça para colocá-la de volta no lugar. Aquela era uma noite especial.

— Não somos mais crianças. Não estamos entrando na casa mal-assombrada em busca de abrigo. Vamos lá para quebrar a cara dessa assombração e acabar com isso. Vocês estão comigo?

Enquanto diversas vizinhas se erguiam de seu cabelo gritando “é isso aí” como um refrão do Rage Against the Machine, Kerri ergueu o rifle, lábios cerrados para não deixar o ódio escapar.

Nate se empertigou, pegou sua arma e inspirou todo o medo de uma vez.

Tim latiu tão alegremente quanto cães sempre latem.

O interior da Mansão Deboën piscava, despertando assustado com o primeiro pé na porta, e os retratos e as armaduras observavam, incrédulos, a entrada: golpes de picareta destruindo a maçaneta, e a luz entrando pela rachadura. Com um chute, Andy abriu as portas duplas e entrou com o luar e a fúria, a porta atrapalhando a decoração enquanto ela gritava para a mobília, embasbacada:

— Aqui é a porra do Clube dos Detetives de Blyton. Tem alguém em casa?!

Kerri e Nate entraram logo depois, um de cada lado, rifles apontados para a casa mal-assombrada e chocada.

Tim passou por eles, atravessou o saguão como se fosse dono do lugar, parou ao lado de uma armadura decorativa e mijou nela.

KERRI: É assim que se faz, garoto.

* * *

A lanterna de Nate varreu a área enquanto Andy acendia um fósforo. Uma chama corpulenta e vigorosa. A escada acarpetada olhou para eles com desdém, como bancários do Velho Oeste olhariam para ladrões sujos e barulhentos.

— Ninguém mais acha estranho que tenha alguém morando aqui e a porta continue trancada por fora? — questionou Nate.

— Sei lá. — Andy deu de ombros. — Isso importa?

— Apita o radar detetivesco da “porra do Clube dos Detetives de Veraneio de Blyton”, não?

— É mesmo. — Ela assentiu. — Bem, vamos pedir que ele nos explique na hora do discurso do vilão. Subindo.

— Espera!

Andy congelou na metade do passo.

KERRI: Esse cara quer que a gente suba e encontre ele.

ANDY: É. Basicamente o meu plano, por coincidência.

KERRI: Não deveríamos fazer o que ele quer. Ele sabe que estamos aqui; está com a luz acesa para nos atrair. Está nos esperando. Deveríamos fazer alguma coisa diferente, pegá-lo de surpresa.

ANDY: Boa ideia. Nate?

NATE: (*Dá de ombros, aponta distraído para Kerri.*) Ela é o cérebro.

ANDY: Certo. (*Dá uma olhada em volta.*) Certo, combinado.

Ela se afastou da escada e os conduziu para a sala de visitas. Cortinas mortas penduradas nas janelas e a mobília envergonhada estreitavam os olhos para as lanternas dos detetives.

Andy acendeu um fósforo, aprovou a chama, depois percebeu um lampião a óleo sobre a lareira e decidiu aproveitar o fósforo. As cores do cômodo (tons vivos, quase alegres) despertaram na luz trêmula.

— Legal — disse de Kerri, com sarcasmo. — Bom estar de volta.

Embora a casa tivesse sido oficialmente abandonada em 1949 (com a exceção de um período de ocupação ilegal de Wickley em 1977), claramente a decoração havia ficado para trás bem antes disso, com elementos que deviam ter sido moda em 1920. O inquilino atual não parecia interessado em modernizar o ambiente. Na verdade, a sala inteira estava assustadoramente idêntica à lembrança dos garotos. Kerri poderia jurar que os últimos a ficarem parados sob o lustre que balançava devagar com o vento tinham sido eles mesmos na forma de adolescentes aterrorizados — e a sensação não havia mudado. A familiaridade arrepiante era mais perturbadora que qualquer clichê de casa mal-assombrada.

Nate até levou um susto quando deu uma olhada para trás e reconheceu o rosto acima da lareira morta: uma sombria pintura a óleo de Damian Deboën, o patriarca. Era o retrato do homem em uma pose exagerada típica dos anos 1860, apoiado em uma espada de lâmina curva, como um símbolo ambíguo, ainda que orgulhoso, da carreira prévia que lhe garantiu status. Ele era a única coisa na sala que não parecia intimidada pela presença deles. Ainda assim, Nate conseguia detectar o escândalo em seus olhos negros: o olhar odioso e criôgenico que um cavalheiro da era da Reconstrução dos Estados Unidos reservaria para lésbicas e punks.

A aparência dele, porém, não era nem de perto tão assustadora quanto havia sido para o Nate de onze anos — nem mesmo à luz fraca do lampião que Andy acendera. Eram só pinceladas em uma tela. E a sala, ele percebeu, não era tão grande. Encolhimento pós-infância.

Kerri observou a pintura, depois olhou para o outro lado da sala, para um escudo decorativo pendurado na parede. Sua memória visual, ou sua imaginação, havia colocado duas espadas cruzadas no topo do escudo, parecidas com as do quadro, mas só restava uma ali. Ela iluminou o escudo e distinguiu a sombra da espada gêmea impressa na poeira.

Ela ia comentar aquilo quando viu Andy tirando um disco de vinil da capa. Delicadamente, ela o colocou no gramofone (um daqueles com uma corneta para fora, algo que um personagem de Tolkien sopraria para convocar cavaleiros para um resgate), deu corda no aparelho, ajustou a agulha e a pousou com cuidado na primeira faixa.

Já parecia um milagre que a geringonça caindo aos pedaços emitisse qualquer som — fosse de poeira, arranhões ou da agulha de tungstênio tossindo. Quando a música saiu, mal conseguia competir com o ruído, mas ainda assim saiu uma versão soprano de *Tessera*.

— O que você acha que está fazendo? — perguntou Kerri em nome de quase tudo vivo ou não na casa.

— Aposto que ele não estava esperando por isso — respondeu Andy, confiante.

Ela apoiou a espingarda ao lado do sofá e se sentou, levantando uma nuvem de poeira insatisfeita para o cosmos. Tim não hesitou em copiá-la.

Estava escuro e o ambiente era hostil, completamente assustador, mas eles já tinham acampado em lugares piores. Até morado em lugares piores. A ópera arranhada começava a virar música ambiente, e Andy não desperdiçava uma oportunidade de acampar.

Nate deu uma olhada nas estantes, escolheu um livro antigo e ao mesmo tempo inofensivo, e o levou até a nova poltrona.

Andy pegou outro. Kerri, sentada de frente para ela, apontou a lanterna para a quarta capa.

— Por que você está lendo “mais uma sequência inspiradora da melhor série gótica pop de todos os tempos” segundo a *Sapphic Readers Quarterly*?

— Foi um presente — explicou Andy.

Então Tim ergueu o rosto.

O soprano vibrou.

Os livros convulsionaram nas prateleiras, as janelas chacoalharam, as pinturas cavalgaram na parede e a mobília relinchou, pateando o chão furiosamente.

E, então, tudo parou.

A agulha do gramofone tinha escapulado do disco. Quatro pares de olhos se entreolharam.

— Certo. A folga acabou — considerou Andy.

— É isso? — perguntou Nate para Kerri. — A erupção límnica?

— Não sei — respondeu ela. — Eu estava esperando algo mais dramático.

Ela puxou uma das cortinas e deu uma olhada pelas venezianas. A vegetação luxuriante da ilha bloqueava a visão do lago. Andy teve mais sorte na escolha da janela. Viu a marola suave ondulando a água.

— Achei bem calmo. Deveria explodir como a latinha de Coca, certo?

— Eu nunca vi acontecer — disse Kerri. — Acho que ninguém viu.

— “Deveria explodir como a latinha de Coca” — repetia Peter da poltrona em frente a Nate. — Sério, cara, por que ela está no meu lugar?

— Que barulho foi esse? — perguntou Kerri.

— Quer dizer, Kerri seria a escolha lógica. É bonita e inteligente, não dá para negar.

— Que barulho? — retrucou Nate, tentando ignorá-lo.

— Sabe, eu entenderia até se *você* tivesse virado o líder — continuou Peter. — Mas Andy? Sou obrigado a admitir que ela tem iniciativa, mas...

Tim rosnou para a janela; Kerri na mesma hora se ajoelhou ao seu lado e segurou seu pescoço.

— Shh. Quietos, Tim. Quietos.

PETER: Tá vendo? Até o cachorro é mais esperto.

NATE: (*Se aproximando dele, sibilando.*) Mas será que dá pra calar a porra da boca?!

ALGUMA COISA: Ggguh.

Nate deu um pulo. Kerri ergueu os olhos para ele, assentindo. *Esse barulho.*

Andy, espiando pelas venezianas, murmurou:

— Ah, bosta.

Da margem meio indistinta entre a vegetação e as águas paradas, meio alfabeto grego de figuras cinzentas e disformes emergia, e o que elas tinham de dificuldade tinham de determinação. Então, aos tropeços, ainda na dúvida sobre qual par ou pares de membros usar de apoio, aproximavam-se da mansão.

Andy se afastou da janela na ponta dos pés, apontando a espingarda.

— Entrada — sussurrou ela, chamando os amigos com os dedos.

Eles retrocederam até o saguão de entrada, onde Andy pegou uma cadeira e, em silêncio, prendeu a maçaneta da porta enquanto Kerri e Nate miravam os rifles para fora. O sibilo tímido e inconstante tinha se transformado em um clamor rouco de um hino doloroso mas implacável.

(*Tudo em sussurros.*)

ANDY: (*Olhando de soslaio para a sala de onde tinham saído.*) Merda. As luzes.

KERRI: Não tem problema. Eles vivem no subterrâneo, não enxergam nada aqui.

PETER: Sério? A Super-Machona nunca tinha pensado nisso?

NATE: (*Chocado.*) Eu nunca tinha pensado nisso!

TIM: (*Encara a porta como se tivesse a visão de raios X do Superman, todos os músculos prontos para pular e atacar.*)

Esse impasse durou mais que o esperado. Andy conseguiu contar duas gotas de suor escorrendo por todo o seu rosto enquanto ela havia ficado ali encarando a maçaneta da porta, desafiando-a a se mexer.

A maçaneta ficou parada. Mas os sibilos não. Eles se tornaram cada vez mais barulhentos, mais asquerosos, mais roucos que nunca.

Andy não conseguia mais identificar de onde estavam vindo.

Ela se afastou das portas e sinalizou para que os outros fizessem o mesmo, as tábuas rangendo traiçoeiramente com os passos.

— De onde eles estão saindo? — perguntou ela a si mesma.

— Do fundo do lago — disse Kerri. — Eles seguem o CO₂.

— E do fundo da ilha também?

Essa foi a deixa para um sibilante irromper pela porta debaixo da escada e agarrar Nate pelo pescoço, tentando arrancar a cabeça dele a mordidas. Por pouco não conseguiu, mas Nate conseguiu enfiar o rifle na boca da criatura. Pena que enfiou o lado errado.

Tim foi mais rápido que as meninas e puxou Nate pelo jeans, mas o rapaz já estava sendo arrastado para o porão. Em um único segundo, Nate gritou pedindo ajuda, sua calça rasgou, escapando dos dentes de Tim, ele foi puxado pela escada, e a porta bateu com um estrondo de novo.

A porta permaneceu fechada pelo intervalo quântico que levou até que Andy a abrisse, mas naquele ínfimo momento tudo em torno da porta tinha desaparecido. Figuras engalfinhadas e gritos. Luzes e sons. Kerri, Andy e Tim se viram observando um retângulo de escuridão e ouvindo um silêncio interplanetário.

— Vai se foder — cuspiu Andy para o suposto fim do capítulo, puxando a pistola de sinalizador do bolso e atirando na escuridão.

Um sibilante no início da escada abriu a horrenda boca para gritar, e, como se tivesse sido ensaiado, o sinalizador entrou pela sua garganta bem na hora e queimou o torso do bicho, as chamas de rubídio brilhando dentro da carne viscosa e translúcida, que ficou parecendo uma abóbora de Halloween dolorosa e fumegante.

Naquela luz, Andy decidiu pular lá embaixo, atirou em um segundo sibilante que corria na sua direção, viu o rifle de Nate no chão, arrebentou metade do crânio de um terceiro, deixou o Weimaraner que vinha atrás finalizá-lo e correu atrás de Nate, que estava sendo arrastado para o canto escuro do cômodo, a criatura preferindo garantir uma última refeição antes de lutar.

Se Nate não tivesse visto uma pilastra com a luz do sibilante-lâmpião, que ainda se retorcia e gritava no chão, e se segurado nela, não teria atrasado a criatura o suficiente para que Andy subisse nas costas dela, enfiasse o cano da espingarda na coluna onde seus quatro ombros pareciam se unir e puxasse o gatilho, explodindo o concreto embaixo.

Tim estava preso à perna do terceiro sibilante, só esperando que Kerri descesse e acertasse a cabeça da criatura. Uma boa parte do crânio se soltou do corpo dessa vez.

O sibilante-lâmpião tinha parado de se mexer. Uma luz vermelha reluzia muito forte da sua barriga, a pele pálida e cheia de veias.

Andy voltou o rosto de Nate para cima.

— Nate. Nate. Olha pra mim.

Ele estava com um tom pálido nunca visto em pessoas vivas, ou mesmo nas que acabaram de morrer. No entanto, sangue ainda corria em suas veias, vazando pela camiseta em grupos de três cortes paralelos no peito e no pescoço. Andy procurou sinais de sangramento arterial, mas não encontrou. Kerri o estimulava a falar.

— Nate. Consegue andar? — perguntou, erguendo-o. — Nate? Nate, fala comigo!

— CO₂ — soltou Nate em um suspiro.

— O quê?

(Olhando para Kerri, tremendo.)

— Sinalizadores... produzem CO₂.

Uma mudança na iluminação indicou que o sibilante-lâmpião de repente estava de pé, luz vermelha escorrendo pelos buracos no torso e pela boca. A coisa soltava um guincho abrasador, sedenta por vísceras e

alimentada por dióxido de carbono, e se lançou em uma corrida rastejante nas seis patas até eles.

Andy e Kerri ergueram as armas, apontaram de qualquer jeito e atiraram. O lampião explodiu, como qualquer lampião faria, espalhando entranhas e membros decepados nas paredes.

— Subam — mandou Andy, ajudando Kerri a carregar o primo, os tênis esborrachando polpa de monstro.

A entrada estava segura. A porta da frente, ainda de pé.

Mesmo assim, os gorgolejos de gelar a espinha das criaturas estavam por toda parte.

Na penumbra, Andy acendeu um fósforo. O papel de parede amarelo de flor-de-lis ondulou diante da chama ainda vigorosa. Ela engatilhou o rifle e, em silêncio, fez um gesto militar para que subissem a escada. Tim o compreendeu perfeitamente e foi na frente, enquanto Andy ajudava Kerri a levar Nate para cima.

O cachorro parou no sexto degrau, o rabo espichado em posição de DEFCON 1. Duas da dezena de vozes dos sibilantes ao redor deles ficaram mais altas e se manifestaram, pulando no andar de cima, nas seis patas.

ANDY: Varredura do contrabandista de ovelhas!

(Na mesma hora, Kerri agarra o tapete da escada e puxa, fazendo os sibilantes escorregarem e rolarem escada abaixo até os pés de Andy, que pega a arma e explode a cabeça do primeiro enquanto foge das garras do segundo, pisando em seguida no seu peito e atirando dentro da sua boca.)

PETER: Por que ela não falou só “tapete”?! Como se esse bicho fosse entender!

ANDY: Corre! Para o segundo andar!

Eles subiram correndo, cruzaram o corredor e reviraram as lanternas pelos cômodos freneticamente, tentando encontrar os sibilantes invisíveis que clamavam e rastejavam ao redor, por baixo, por cima e pelos lados da casa, um coro estereofônico de êxtase homicida.

Andy trincou os dentes e limpou as tripas de monstro do rosto para encarar o inevitável: só havia um lugar para ir.

Ela disparou pela escada do terceiro andar e se jogou na porta do sótão, que não abriu.

— Ah, não!

A trilha sonora de sibilos ao seu redor cresceu, lembrando uma gargalhada sádica.

— AH, NÃO! *(Esmurrando a porta.)* Abra, seu filho da puta! Estamos aqui! Abra a porta!

— Andy! Aqui!

Ela deu meia-volta, correu para o segundo cômodo no andar e fechou a porta. Nate estava ali, e Tim, e Kerri, a lanterna iluminando objetos

peculiares.

Tanques de oxigênio. Dezenas, de tamanhos variados; os menores eram do tamanho de extintores de incêndio, já outros não passariam pela porta caso tivessem alguns centímetros a mais.

— O quê...? — gaguejou Andy. — São do mesmo tipo que encontramos na Colina da Sentinela. Ele está trazendo oxigênio para cá? Por quê?!

— Olha. — Kerri apontou para um close-up. Um dos tanques maiores estava conectado a um cano que entrava em um respiradouro no canto. — Ele está oxigenando o sótão. Vai se esconder aqui enquanto o lago explode em gás!

Um guincho exageradamente agudo se destacou do coro; Andy e Kerri se viraram para olhar. Os fachos das lanternas iluminaram uma parede lisa.

No outro extremo do cômodo, Nate escorregou pela parede florida, a respiração acelerada quase abafada pelo pandemônio.

PETER: (*Sussurrando.*) A gente vai morrer aqui, Nate.

NATE: (*Muito alto.*) Você já está morto!

— O quê?! — gritou Kerri. — Nate, do que está falando?

Tim rosnou para a porta, garras prontas para arrancar as tábuas do piso.

— Eles estão ali — anunciou Andy, mirando a arma.

— Estão vindo pela ala leste — disse Kerri.

— Nate. — Peter também estava hiperventilando, como se realmente tivesse algo a perder. — Me escuta. A gente não vai conseguir.

Nate sentia ao mesmo tempo o suor gelado e o sangue em ebulição escorrendo pelas costas. As vozes dos sibilantes também reduziram o volume, o grito de guerra deu lugar a tambores rufando.

— Olha isso, cara. Esse era o plano dela? Entrar no marco zero e lutar? É loucura!

Andy empurrou Kerri para longe e deixou Tim se posicionar no meio do cômodo ao seu lado, os dois encarando a porta com dentes arreganhados e de olho na maçaneta, prontos para o ataque.

A maçaneta nunca se moveu. Sibilantes não movem maçanetas.

Eles derrubaram a porta mesmo.

Andy deu um tiro de boas-vindas no líder da comitiva, trocou a arma pela picareta e deu um pulo para a frente, ela e Tim rugindo como dois guerreiros de cara pintada. Na mesma hora, a porta foi tomada por uma nova criatura, que rasgou o batente com as garras, e depois mais outra, e outra e outra.

Andy e Tim pararam a meio caminho da porta, incrédulos, observando os cinco sibilantes que tentavam entrar ao mesmo tempo. Um número ridículo de braços se debatia, mandíbulas estalando no ar.

— Presta atenção — disse Andy para Tim. — As pessoas se perguntam por que os bandidos atacam Jackie Chan em fila única. É por isso.

Em resposta, os sibilantes criaram duas novas passagens, uma em cada lado da porta.

As criaturas babonas, barulhentas e mortais entraram no cômodo feito uma onda de ácido sulfúrico.

Andy viu, impressionada, Tim pular no primeiro sibilante e ser jogado do outro lado do cômodo enquanto ela própria atirava com a espingarda em uma criatura ao mesmo tempo em que acertava a picareta no olho de outra, isso sem tirar os olhos de Kerri que, com um bastão, ia defender Nate da segunda onda.

— Kerri! Isso é uma arma! (*Picareta atravessa as costelas de algo.*)
Atira!

Kerri empurrou o sibilante mais próximo, abrindo espaço para mirar o rifle e atirar.

A ação congelou por uma fração de segundo para admirar o tiro que atravessou nada menos que três demônios guinchantes, fazendo com que calassem a boca na hora e caíssem de joelhos, depois tombassem feito dançarinos de paletó mergulhando em sequência na piscina.

Nate, com muito esforço, levantou-se, engatilhou o rifle e avançou pelo terreno que Kerri havia conquistado da horda de criaturas que se reagrupava, mas aí algo atravessou a lucarna à sua direita. Dentes curvados em forma de chifre erraram a sua bochecha por centímetros. Caindo no chão, Nate atirou, e o disparo jogou o sibilante de volta pela janela do telhado.

Andy aprovou em silêncio enquanto atirava no Lambda, sentiu Mu agarrando o seu casaco e se esquivou, prendeu Nu na parede com a picareta, com um chute giratório surpreendeu Omicron, que reclamava por Xi ter ido primeiro, atirou na cabeça de Xi, abaixou para se esquivar de Mu de novo e agarrou um dos membros intermediários no meio do trajeto, encaixando-o na ponta da picareta que saía de Nu, empalado quatro linhas acima.

KERRI: Nate! Munição!

A arma de Andy engatilhou, mas sem bala. Ela jogou a espingarda em uma cabeça sem olhos, agarrou um tanque de oxigênio já acabando, firmou os pés e o girou, derrubando Pi e Rho, e continuou, perdendo o equilíbrio e o controle, sabendo que, mais cedo ou mais tarde, cairia, com sorte não sem antes ter quebrado pelo menos outro pescoço, e de fato ouviu o grito interrompido pelo som do tanque atingindo o crânio de Sigma.

— Abaixa! — gritou ela ao soltar o tanque, que por pura sorte atingiu Tau bem na hora em que Kerri criava um rombo no abdome da criatura.

KERRI: Nate! Munição, agora!

Andy não esperou recuperar o equilíbrio para mergulhar na direção da espingarda, já com um cartucho na mão. Ao cair em cima da arma, um enésimo monstro guinchante pulou nela. Andy rolou para não ser fatiada por três garras, arrancou a picareta da parede, pregou a mão do último sibilante no chão e, por fim, recarregou a arma para transformar a cabeça do monstro em meleca.

KERRI: Nate! NATE!

Andy levou um segundo para se recompor. Seis sibilantes ainda estavam entalados na porta, tentando arrancar os braços uns dos outros a dentadas para abrir caminho. O cômodo estava coberto de muitas camadas de gosma preta de criaturas mutiladas. Levou um tempo para ter certeza de que não havia corpos humanos ali no meio. Ela pulou os mortos até chegar à janelinha destruída.

Ele não estava no chão. Kerri o viu primeiro, no final da ala oeste, pendurado do telhado.

As duas o chamaram.

— Não dê ouvidos a elas! — gritou Peter. — Vamos nessa!

Nate se pendurou na hera trepada nas paredes, agarrou um tronco mais grosso e desceu por ele, galhos e ramos afiados cortando suas mãos. As garotas o viram pousar quase caindo no telhado da estufa, rolar pelas telhas e cair no chão em algum lugar entre os arbustos.

Kerri parou de respirar por um segundo, apertando o braço de Andy, até vê-lo se levantar. Então houve um alívio efêmero antes que seus olhos convencessem o cérebro de que, na verdade, Nate estava correndo para o deque.

— Nate?! O que você tá fazendo?!

Ele pulou no barco, foi para o leme e apalpou os bolsos. Kerri estava com as chaves.

— Que se foda! — gritou Peter, já no barco a remo. — Vamos!

— Não, Nate! — berrou Kerri da janela, quando ele trocou de barco, soltou a corda e pegou os remos. — Nate!

Andy puxou Kerri para dentro um segundo antes que um sibilante, subindo pela fachada da casa, enfiasse as garras no seu rosto. Ele pulou para o cômodo com elas, escancarando a boca feito um lobo-da-tasmânia, no mesmo segundo em que Kerri puxou a faca e a enfiou na barriga do monstro, que desabou, moribundo, as entranhas ficando no meio do caminho.

— Vamos sair daqui! — gritou Andy, puxando Kerri para longe da janela e para uma das novas saídas que os sibilantes haviam tão gentilmente aberto na parede para elas.

Um monstro as interceptou, saindo do buraco. Tim pulou nele com raiva, jogando-o no chão e mordendo o seu pescoço, sem deixar que o

sibilante se soltasse.

— Por aqui! — disse Andy, puxando Kerri para um buraco do outro lado, recarregando o rifle no caminho.

A única fonte de iluminação que restava era o luar, mas Andy, de alguma forma, reconheceu o cômodo ao lado.

Uma debandada de monstros de seis patas quase arrancou a porta das dobradiças.

— Estamos encurraladas!

— Não — respondeu Andy. — Foi aqui que você sumiu.

— O quê?

— Foi aqui que você caiu na armadilha! Lembra em que ponto exatamente?

— Eu... Eu estava parada aqui e... empurrei aquele candelabro!

Andy segurou Kerri pelo pulso, foi até o canto e empurrou o castiçal na parede. Ele ficou na sua mão.

Bem naquele momento, a porta caiu, junto com dois sibilantes esmagados pelo resto do bando que entrava aos berros.

ANDY: Ah, que se foda.

Ela atirou no chão, o alçapão onde estavam cedeu, e elas deslizaram por uma parede oca inclinada. Durante toda a descida, Andy segurou Kerri com força e abafou um grito enquanto o cabelo ruivo gritava *iiiiiiiiiiiiih* ao passar pelo primeiro andar rumo ao porão.

Um único sibilante estava ali de costas, colocando os bofes para fora, quando elas chegaram. Ele ouviu as garotas caindo na pilha de carvão, se virou para encará-las e teve a cabeça explodida em pedacinhos. Assim começou e terminou a sua contribuição para esta história, em um único parágrafo.

Kerri tentou escalar a pilha de carvões para voltar à rampa.

— A gente esqueceu o Tim!

— Ele vai ficar bem, vem comigo!

— Não! A gente precisa dele!

Andy teve que carregá-la à força para o porão, os gritos frenéticos dos perseguidores ecoando em volta enquanto elas percorriam as bases da mansão. Pelos espasmos das lanternas, ela teve vislumbres de sombras nos cantos, passagens que se fundiam à escuridão, uma porta pesada que parecia segura.

Ela a abriu. Entrou, puxando Kerri junto, e fechou a porta, mas só depois que a tranca estalou ela reconheceu o cômodo. Virou-se e tentou abrir de novo: trancada.

— Merda.

— É a masmorra! — gritou Kerri, puxando o cabelo ruivo. — Puta merda, é aquela masmorra!

— Eu sei — gaguejou Andy, acendendo um fósforo, quase arrancando os próprios olhos pelo erro que cometeu. — Mas eles não vão nos pegar aqui!

— Vão pegar Nate! E Tim!

— Nate está melhor lá fora, e Tim sabe se esconder!

— Até quando?! Quem vai tirar a gente daqui dessa vez?!

— Kerri, por favor, fica calma!

— Eles estão lá fora! Arranhando as paredes!

— Eu sei!

— A gente vai morrer!

— Kerri, se controla, por favor!

Uma segurava o punho da outra, a mão de Andy implorando para encontrar a pulsação frenética de Kerri e falhando em acalmá-la pelo que pareceu um minuto eterno, até que teve que largar o fósforo porque a chama já estava queimando o seu dedo. A escuridão tomou conta.

A confusão do lado de fora estava diminuindo.

Andy bateu os bolsos. Apenas dez minutos de guerra e seus equipamentos antes perfeitamente separados tinham virado uma bagunça. Ela encontrou bastões luminosos em algum lugar, torceu um e examinou o porão: era espaçoso e vazio, e absurdamente similar a uma cela. Para todos os efeitos, era uma masmorra.

Kerri tinha se encolhido no canto. Seu olhar estava vazio. O cabelo, morto.

— Nunca deveríamos ter vindo pra cá — murmurou ela.

— Não, Kerri, você disse que era isso que precisávamos fazer, e estava certa. Temos que impedi-lo de envenenar Blyton Hills, lembra?

— Nunca deveríamos ter voltado para Blyton Hills.

— Tínhamos que fazer isso.

— Não! Eu estava melhor longe daqui!

— Nenhum de nós estava melhor longe daqui, estávamos uns cacos!

— Eu não estava correndo risco de morte! — berrou Kerri, prendendo o choro. — Eu estava bem sozinha, a cinco mil quilômetros daqui, e você me arrastou para cá, para morrer!

— O quê? Não é verdade!

— Essa merda toda é culpa sua!

— Kerri, eu nunca colocaria você em perigo! Eu te amo!

— Você não me ama! Se me amasse, não teria ido embora pra começo de conversa!

Andy parou a meio caminho de Kerri. O choque daquelas palavras quase a derrubou. Era doloroso ver a raiva nos olhos de Kerri.

— Se você me amava tanto, por que foi só fazer dezesseis anos para pegar a sua mochila e fugir?! Porra, você poderia ter ido para Portland comigo! Poderíamos ter ficado juntas! Mas não, você preferiu pular num

trem pra sabe-se lá onde e dar uma de cavaleira solitária, me deixando sozinha! (*A voz falha.*) Eu estava em pânico! Minha vida virou de cabeça para baixo! Eu precisava de você, cacete, precisei de você ao meu lado! Mas tive que ficar esperando umas bostas de cartões-postais do Alasca quando você resolvia lembrar que eu existia!

Ela se encolheu, exausta, as cordas vocais ardendo, puxando o cabelo sem vida para trás.

— Você não me ama. Você me abandonou.

Kerri soluçava feito uma chuva suave depois da tempestade. Ela se encolheu no cantinho e escorregou até o chão.

— Você me odeia — disse a chuva.

Não foi de surpreender que o universo desaparecesse de novo. Não só fora daquele quarto, Andy percebeu, mas ali dentro também. Um bastão luminoso verde, Kerri, e ela. Esse era o inventário total do cosmos.

E, ainda assim, se desfazia. Ela sentia, lá no fundo, sua alma murchando e virando poeira espacial.

Kerri chorava no que sobrou de sua própria catástrofe, perdida, a anos-luz de distância, presa no seu planetinha solitário, inalcançável, soterrado por eras e eras de sofrimento acumulado. Andy olhou para si, avaliando o vácuo, procurando algo a que se agarrar. Uma estrutura de onde pudesse se reerguer. Algo que florescesse, uma única semente.

— Eu estava com medo.

Disse ela.

— Eu estava com medo de falar com você. De dizer o que sentia. Achei que, se você soubesse, se eu abrisse meu coração, você não aguentaria, ficaria assustada. Porque eu mesma fiquei.

Ela ergueu os olhos para aquela estrela solitária que chorava.

— Então fiz o mais fácil. Fui embora porque sempre saberia onde encontrar você. Fugi para me entender melhor, e pensei em você todos os dias. Você era a última coisa em que eu pensava antes de fechar os olhos e seu nome era, ainda é, a primeira palavra que digo quando acordo, mas não fui mulher suficiente para dizer isso. Então guardei para mim, e quando doía demais, tudo que eu tinha que fazer era discar o seu número e ouvir a sua voz. Sempre ajudava. E nunca, nunca passou pela minha cabeça que você estivesse precisando de mim. (*Uma lágrima.*) Fui egoísta. Covarde. Sinto muito.

Ela estava ajoelhada na frente de Kerri, a mão erguida perto do planeta cor de laranja iluminado pela luz verde-néon da nebulosa Bastão Luminoso.

— Kerri, sinto muito se não estive ao seu lado quando você precisou de mim. Mas agora estou.

O cabelo de Kerri se mexeu, uma civilização enfim vencendo o medo e erguendo os olhos para o céu com esperança.

— E vou tirar você daqui.

A escuridão se dispersou.

Kerri ergueu os olhos, farejou o ar, ouviu.

— Eles foram embora — sussurrou ela.

Os sensores de Andy zumbiram. O cômodo tinha reaparecido. Nada mais que terra e tijolos, mas já era alguma coisa.

— O necromante nos pegou, mas não sabe disso ainda — disse ela. — Não fale alto. Esse lugar não é novidade para a gente.

— Mas da última vez Peter estava aqui para nos salvar.

— Eu sei.

— E Nate acabou de fugir — disse Kerri, soluçando.

— Eu sei — repetiu Andy com uma careta. Aquilo doía como alguém cutucando uma ferida recente. — Mas Tim não.

— Ai, meu Deus, Tim — gemeu Kerri, tentando não se abater. — Se alguma coisa acontecer com ele...

— Que nada, ele estava indo bem lá em cima. Os monstros estavam dentro das paredes, entre as camadas de calefação, e Tim foi atrás deles. (*Aponta para um respiradouro.*) Ele ainda deve estar aí dentro.

— Como vai encontrar a gente?

— Relaxa — disse Andy, procurando no bolso do jeans o último tesouro do arsenal, a única coisa que ela conseguira encontrar quando o universo se desfez, a coisa que ela sempre tinha à mão.

O pingüim de plástico.

Ela apertou o brinquedinho perto da abertura na parede, e a onda sonora carregou o guincho pela carcaça enfim silenciosa daquela mansão mal-assombrada.

* * *

A parsecs de distância, sob a Via Láctea, os pinheiros encaravam a fina cicatriz branca formada pelo barco a remo que cortava o lago.

PETER: Mais rápido, Nate.

As luzes na Ilha Deboën tinham sumido de vista; os suspiros das ondas batendo na margem havia muito tinham desaparecido.

— Não pensa nisso, só continua remando. Foda-se Andy e aquele plano idiota. (*Se inclinando para a frente, sussurrando.*) Isso tudo foi um erro, Nate. Um erro delas. A gente nunca deveria ter voltado.

Nate observou o horizonte. A linha irregular de árvores destacada contra o céu se estendia por todas as direções, embora, de um lado, as estrelas estivessem dando espaço para nuvens de chuva que corriam com o vento. Todas as margens estavam igualmente distantes. Nate se deu conta de que não sabia nem se estava navegando em linha reta.

Assim que ele começou a remar, seus braços gentilmente comentaram que, nas últimas dezoito horas, eles tinham descido uma mina, explorado cavernas, subido a mina de volta, feito trilhas, corrido e lutado contra uma horda de inimigos subterrâneos carnívoros. Remar não parecia tão cansativo quando quem remava era Andy, mas aquilo já fazia dois dias. Além do mais, como os braços de Nate pacientemente lembraram, ele não tinha nada de Andy. Pimenta nos olhos dos outros é refresco.

Ele estreitou os olhos para tentar enxergar a ilha, camuflada contra a tempestade. Deu uma olhada nas estrelas. Quatro ou cinco daquelas merdinhas luminosas formavam a Ursa Menor; ele deveria saber identificar. Kerri saberia.

— O quê, você está esperando um sinal ou alguma coisa assim? — perguntou Peter. — Ah, espera. Aí vem ele.

Nate voltou a atenção para a superfície. Ele não sentiu, mas o luar iluminou as ondulações se formando na água parada. Vindo da direção da tempestade.

Até que se tornaram ondulações bem altas sob a embarcação.

O barco oscilou devagar uma vez, depois de novo, com mais força, e então uma onda quase o virou, derrubando o marinheiro na água.

Escuridão, depois frio — nessa ordem — queimaram todos os poros do seu corpo.

Ele nadou, tentando chegar à superfície desesperadamente, assustado demais para sequer abrir os olhos nas águas do segundo lago mais profundo e mais escuro das Américas.

— Vem cá, eu te ajudo.

Ele agarrou a mão inchada e pálida de Peter, que sorriu para o amigo, um sorriso cheio de vermes saindo da boca.

Todos os pinheiros no condado ouviram o grito de Nate.

— Brincadeira! — disse Peter, rindo, dessa vez com um belo e impressionante sorriso irritante no rosto. — Desculpa! Que isso, Nate, era só uma piada! Vem logo, ou vai morrer aí.

Ele sorriu uma desculpa ordinária, oferecendo a mão de dentro do barco — era limpa e forte, mas Nate se recusou a segurá-la.

— Desculpa, cara, não resisti. Para com isso. A gente tem que sair daqui.

Nate, sangue e tripas lavados do rosto, continuou na água, mal conseguindo boiar, ignorando completamente os gritos de dor do próprio corpo, olhando para Peter de uma nova perspectiva.

Quando ele voltou para o barco e se sentou de frente para o outro, as roupas molhadas grudadas no corpo, os ferimentos estancados pelo frio, algo havia mudado.

Peter pegou os remos que tinham caído e os estendeu para Nate. Nate também não os aceitou. A pimenta enfim estava no seu olho. E não tinha nada de fresco.

NATE: Por que você fez isso?

PETER: (*Confuso.*) Fiz o quê?

NATE: Me ajudou. Por que iria querer que eu fugisse?

PETER: (*Franze a testa, sem entender, depois dá de ombros.*)

NATE: Se você é uma mancha no meu coração, um pedaço de Deboën que restou em mim, me assombrando na forma do meu amigo morto... por que iria querer que eu fugisse? Você iria querer me ver naquela casa. Você escreveu mensagens nos chamando.

PETER: (*Verdadeiramente sem entender.*) Estou confuso. (*Então, nervoso.*) Achei que eu fosse uma manifestação do seu subconsciente.

NATE: Sim. Ou você é uma criação do meu subconsciente e quer que eu fuja daqui porque está com medo — o que significa que eu estou com medo mas deveria ter mais coragem que você —, ou você é um avatar de Deboën e não nos quer mais por lá... porque podemos derrotá-lo.

PETER: (*Inexpressivo.*)

NATE: Seja como for, você é um covarde, e eu preciso voltar.

Um trovão fraco trocou de lado inesperadamente e roncou, triunfante, para Nate, que arrancou os remos das mãos de Peter e forçou os braços a remarem de novo — de volta para a Ilha Deboën.

Peter ficou ali sentado, tão impotente quanto uma donzela em perigo em um drama vitoriano.

— Mas... — disse ele, totalmente incrédulo. — Em um minuto você estava se cagando de medo de mim e, de repente, eu sou o covarde? Como isso aconteceu?

— Lógica — bufou Nate. — Você fica sacaneando a Andy, mas nunca foi lá muito esperto, Pete.

— Ah, então eu sou o Pete agora. Muito lógico. Num minuto eu sou o Peter, no seguinte, sou algum tipo de espírito maligno, e depois sou o seu subconsciente dando voz aos seus pensamentos, registrando pequenos detalhes e chamando a sua aten... Ei, o que é aquela coisa vermelha ali?

Nate se virou, esperando literalmente qualquer coisa. Havia uma boia vermelha nas ondas, uns cinquenta metros a estibordo. Provavelmente a mesma que Andy tinha visto dois dias antes pelos binóculos de Kerri.

Ele já enxergava a margem da ilha bem mais perto de novo. A boia ficava fora do seu caminho. Ele deu uma olhada em Peter.

PETER: (*Dando de ombros.*) O quê?

Nate assentiu e se forçou a manobrar.

— O quê? — reclamou Peter. — A gente não vai mais pra ilha?

Remar na direção da boia causava em Nate uma sensação semelhante a de se aproximar daquele paciente psiquiátrico que os outros internos evitavam. Quanto mais perto, mais maluco parecia, como uma boia marítima debaixo da chuva no meio do Atlântico, determinada a gritar ao mundo que havia algo ali digno de nota, embora a lógica dissesse o contrário. Ainda assim, com toda a sua experiência, Nate aprendera que pessoas doidas costumam estar certas.

Alguns difíceis minutos depois, o barco deu uma batidinha na boia, e Nate tocou a superfície de plástico duro. Ele se sentia estranhamente feliz de pensar que era a primeira pessoa a tocá-la em anos, a lhe dar certa atenção.

Quando a boia girou, ele percebeu uma marcação em tinta spray do outro lado.

Procurou nos bolsos a lanterna que tinha perdido havia um bom tempo. Não estava enxergando nenhuma pedra ou recifes na água. Girou o barco e viu o monograma completo. Ele sabia de que livro aquilo tinha saído.

Uma corda estava pendurada da parte superior da boia, mergulhada na água. Nate a segurou — era viscosa e grudenta — e puxou um pote tampado.

— Quer que eu abra para você? — ofereceu Peter.

Nate fez isso sozinho. A parte de dentro estava totalmente seca. A lua, interessada, parecia espiar por cima do seu ombro, iluminando a cena; apesar disso, a chuva começava a cair naquele momento.

Ele inclinou o pote e caiu arroz, que estava ali para proteger o objeto delicado e espetado que rolou para fora logo depois.

Ele já tinha visto isso antes — um ninho feito de galinhos e palha, amassado em uma bola. Ele abriu o ninho e o luar iluminou o que estava escondido lá dentro. Por sorte, a cor praticamente cintilava no escuro.

Como sempre.

Era um cacho de cabelo ruivo.

* * *

Uma linha em branco depois, eles ainda estavam no mesmo lugar.

Peter balançou a cabeça para despertar do torpor.

— Olha só, acho que falo em nome de pelo menos metade da tripulação deste barco quando pergunto: mas que merda está acontecendo?!

Nate ergueu os olhos para ele, afastando caraminholas da mente.

— Como você conhece o dr. Thewlis?

— Quem?
— O dentista. Hoje à tarde, no carro, você apontou o consultório do dentista da cidade. Quando foi se consultar com o dr. Thewlis?
— Eu tive uma cárie. Naquele último verão, antes de Andy chegar. Ele arrancou o meu último dente de leite.
— Você guardou o dente?
— Para colocar debaixo do travesseiro? Tá de sacanagem? Eu tinha treze anos, Nate. Sei lá onde o dente foi parar.
— Mas eu sei! Está enrolado em outro ninho dentro de uma árvore morta nessa ilha! A gente viu, era o seu dente de leite, Pete!
(*Franzindo a testa, toca a própria mandíbula.*) — Puta merda! Mas por que o dr. Thewlis..
— O dr. Thewlis jogou fora! Outra pessoa roubou. A mesma pessoa que pegou isso da barbearia onde o tio Emmet levava Kerri em junho para cortar o cabelo!
(*Meditando.*) — Hum. É, isso faz... zero sentido.
(*Pegando os remos.*) — Vai fazer em um minuto. Até para você.

* * *

O pinguim chamou mais uma vez, seu guincho ecoando pelas paredes ocas da Mansão Deboën.

— E se ele estiver machucado? — perguntou Kerri.

— Talvez esteja, mas vai vir mesmo assim — afirmou Andy. — Sem contar que os sibilantes têm mais medo dele que de nós. Acho que respeitam mais dentes e garras do que armas.

O cabelo de Kerri de repente se afastou da parede. Ela se levantou e ficou olhando para os tijolos às suas costas. Andy apontou um novo bastão luminoso naquela direção.

Ela ouvia com clareza. Algo arranhando os tijolos.

Ainda assim, estava o contrário de assustada.

— Fala! — ordenou Kerri.

A coisa do outro lado latiu.

— Sai da frente — pediu Andy, levantando a picareta.

Ela só levou alguns minutos para abrir um buraco grande o bastante, e Tim pulou nos braços de Kerri. Seu flanco direito estava com uma marca de três garras, das costelas ao quadril. Esse era o maior dos vários ferimentos em todo o corpo do cachorro; sangue escorria de vários pontos em que o pelo havia sido arrancado. Estava sem grande parte da orelha direita. E tinha o maior, mais orgulhoso e mais sanguinolento sorriso que um cachorro poderia ter.

— Tim! — gritou Kerri, tentando examinar os danos enquanto ele se erguia no seu colo e lambia seu rosto, ofegando alegremente. — Meu Deus, como você é corajoso! Você é o filho da mãe mais corajoso, mais esperto e mais casca-grossa da família! (*Beijando sua cabeça.*) Bom garoto! Meu super-herói!

— Subir por aqui vai ser complicado — comentou Andy, avaliando a parte de dentro da parede. — A gente pode continuar abrindo espaço até o próximo cômodo.

Tim saiu do colo de Kerri por um segundo para pegar o pinguim de plástico e deixou a dona elogiá-lo mais um pouco. A próxima batalha poderia vir, ele estava pronto.

* * *

A ilha estava deserta. O barco a motor ainda estava ancorado, como era de se esperar, mas Nate tinha perdido a corda do barquinho a remo quando caiu na água, então acabou puxando a embarcação desgastada para a praia em que tinham desembarcado dois dias antes. A lama mostrava uma infinidade de pegadas membranosas recentes.

— Por que a gente voltou para cá mesmo? — sussurrou Peter.

— Não precisa sussurrar, Pete, eu sou o único que ouve você.

Ele adentrou a ilha, mas não na direção da casa, adormecida e indiferente, como se não tivesse acabado de ser palco de uma luta de três jovens e um cachorro contra o exército de um deus maligno do subterrâneo. Nate se ajoelhou no mato e procurou pela área em que Tim havia encontrado a trilha de enxofre. O luar gentilmente cooperou. Logo, ele percebeu a grama morta que indicava a presença da substância química. A trilha seguia até a árvore cancerosa que tinham visto da última vez, a que tinha o primeiro monograma e o ninho com o dente dentro. Peter. Na outra direção, parecia levar para o antigo salgueiro com o segundo monograma e a lápide de mármore. Deboën. O terceiro monograma tinha sido descoberto entre esses dois, mais ao sul, em um toco de árvore. O quarto estava na boia. Kerri.

A essa altura, ele já tinha concluído que haveria um quinto monograma em uma das pedras na margem oeste, entre a árvore morta e a boia, mas não precisaria pegar o barco de novo. Foi olhar o toco primeiro.

Havia sido um pinheiro, derrubado por um raio ou pelo vento décadas antes. A parte do tronco que restava tinha em torno de um metro e meio, e fora premiado por uma coroa de brotos verdes promissores. Havia musgo tapando metade do monograma vermelho. Não havia cortes nem fendas na casca suficientemente grandes para esconder um tesouro.

Nate se ajoelhou, mergulhou as mãos na terra úmida e começou a cavar.

Não demorou a encontrar uma rocha, mas antes tocou uma superfície áspera já familiar. Nate percebia a presença tanto de Peter quanto da lua atrás dele, ambos prendendo a respiração, enquanto ele tirava da terra outro ninho.

Nate o desembrulhou, tentando desvendar o objeto macio e comprido que, a princípio, ele não reconheceu.

Peter ficou enojado; aí ele entendeu.

Era um absorvente interno usado.

— Puta... — (*Fica de pé, olhando para a casa.*) — ... que o pariu!

— O quê? — questionou Peter, confuso.

— Ele nos pegou de novo! — berrou Nate, lutando contra o medo, a raiva e a humilhação. — O pentagrama no sótão não era nada, o pentagrama verdadeiro é a ilha toda! É isso aqui! — gritou ele, apontando para o monograma e as linhas de enxofre que cruzavam os pinheiros destruídos da paisagem. — Nós formamos o pentagrama! — Ele mostrou o ninho aberto na palma da mão. — Ele armou tudo pra gente!

— Certo... — falou Peter, tentando deixar claro que não havia nada de certo ali. — Mas... Minha questão é: como? Ele morreu em 1949. Só seria possível se essas coisas já estivessem aqui quando viemos pela primeira vez e o trouxemos de volta. Quem pegou esse lixo todo em 1977 e colocou aqui?

Nate olhou para o sótão lá em cima, depois para a floresta, perto de onde ele tinha caído do segundo andar.

— Me ajuda a achar o meu rifle e a gente logo vai descobrir — grunhiu ele, sua batalha mental quase vencida pela raiva.

* * *

Andy chutou os farelos de tijolos e passou, ofegante, por cima dos destroços para uma escuridão profunda e pegajosa, pronta para trocar o modo picareta-ferramenta para o picareta-arma. Tim foi atrás, carregando orgulhosamente o bastão luminoso, a camisa de Kerri amarrada em seu tronco, servindo como curativo para o ferimento maior.

— Sem perigo — reportou ela de volta para a masmorra.

Kerri veio engatinhando, o rifle carregado nas mãos, chamando o portador da luz para que não se afastasse demais. O cômodo novo era baixo e comprido, mas loteado por estantes e prateleiras que formavam corredores estreitos. Uma intuição nada boa lhe dizia que não eram garrafas de vinho naquelas prateleiras.

Ela deu um passo para trás, tropeçando em um caixão apodrecido e chacoalhando o conteúdo.

— Meu Deus, são...

— Catacumbas — completou Andy.

Tim passeava alegremente, sem perceber que seu halo verde-néon iluminava fileiras sórdidas de caixões empilhados, inchados pela umidade e rachados, alguns caídos, com pedaços de fêmures escapulindo pelas tampas mal fechadas, esqueletos escorregando para cima dos seus vizinhos com sorrisos envergonhados.

— Mas como assim? — perguntou ela. — A casa foi construída pelos Deboën, e, até onde sabemos, por uns cem anos a família foi formada só por um cara. Quem são essas pessoas?

— Isso não é uma catacumba — respondeu Kerri. — É um armazém. É o estoque de um necromante.

Ela se ajoelhou, e Tim de pronto foi ao seu auxílio, teias de areia penduradas no focinho. Pequenas etiquetas estavam grudadas nos nichos e caixões, escritas à mão. A primeira que ela viu dizia “Hutchinson”, seguido de uma referência numérica. Outra dizia “S. Orne”. Uma terceira, “Hyppachias”.

Andy encontrou um candelabro e riscou um fósforo para acender as velas, e então lembrou que ainda não tinha checado os níveis de oxigênio dali. Pareciam passáveis.

— Então Nate estava certo. Deboën roubava restos mortais de covas, destilava os sais, erguia avatares a partir disso e torturava os mortos para obter informações. E era aqui que ele mantinha os cadáveres.

— Isso aqui é basicamente a biblioteca dele — disse Kerri. — E não estou vendo nenhuma saída.

Andy fez uma careta ao sentir duas ideias se conectando como um osso quebrado sendo empurrado de volta ao lugar.

— Não *há* saída! — corrigiu ela.

Ela revirou os bolsos, os dedos ignorando as coisas irritantemente úteis como munição e fósforos, até encontrar os papéis amassados na camada mais profunda do seu inventário. Por fim, puxou um papelzinho esquecido e o desdobrou. Kerri estalou os dedos pedindo que a fonte de luz se aproximasse.

— Foi isso que encontramos no cara morto da mina.

— Simon Jaffa. Que por acaso era o advogado do sr. Wickley.

— E que estava com um crachá falso da Corporação RH.

— E tinha também esse mapa, que parece redesenhado a partir das plantas da prefeitura. Dá uma olhada no que está escrito: “Poço Deboën”, “onde”, “não há saída”. É uma frase. Este é o lugar de onde não há saída. O mapa indicava o caminho para cá. Jaffa estava tentando chegar aqui usando as minas.

— Mas o que ele queria encontrar?

— O Poço Deboën onde não há saída. Do O, S-5, L-2, fundo. — Ela olhou ao redor, depois estendeu a mão para Kerri. — Bússola?

Kerri puxou o instrumento do coronel Mostarda, consultou, a agulha balançando alegremente, como se dissesse *Eu ouvi umas boas sequências de ação agora há pouco?*, e apontou para oeste.

Os três foram até aquele canto do cômodo, depois deram meia-volta e bateram os tornozelos.

— Agora, daqui, sul cinco — instruiu Andy.

Foram para a direita, contando os espaços entre as prateleiras, até o quinto. Ratos cegos fugiram do iluminador.

— Leste, dois.

Elas foram até a segunda fileira de caixões, à direita.

— Fundo.

As duas se abaixaram e puxaram um caixão de pedra absurdamente pesado. A etiqueta na lateral se soltou e foi flutuando até o chão. Dizia: “Cap. D. Deboën, 1849.”

— Esse foi o ano em que Deboën chegou em Blyton Hills — lembrou Kerri.

Andy empurrou a tampa do caixão, convencida de que não havia esqueleto algum ali para ser perturbado. Para início de conversa, ossos não pesariam tanto. Tim pousou a luz verde-néon sobre tijolos empilhados ordenadamente, depois olhou para Andy, que estava tão desapontada quando ele.

— Hum, isso foi meio anticlimático — disse ela.

— Na verdade, não — observou Kerri, aproximando o candelabro do caixão. Sem o tom esverdeado do bastão, os tijolos mostraram sua cor verdadeira. — São lingotes de ouro.

Andy pegou um deles, a outra mão correndo para acudir a primeira, surpresa com o peso.

— Isso é...? Quanto vale?

— O que você está segurando agora? — perguntou Kerri, abafando uma risada. — Mais ou menos o PIB per capita de Mônaco.

— O quê? Puta merda!

Ela revirou os bolsos de novo, animada, dessa vez planejando uma reorganização.

— Eu consigo levar um, você consegue carregar outro?

— Está falando sério? — Kerri sorriu. — Achei que estávamos aqui para impedir o apocalipse.

— É, mas porra, olha isso! — Ela nem precisava de luz; seu sorriso desafiava a escuridão. — A gente encontrou o tesouro do pirata! E é de verdade! Quer dizer, não é que nem aquele baú de joias roubadas do Barba Ruiva que a gente achou! É ouro de verdade!

— Shh! Fala baixo! — Kerri continuava rindo.

— Eu sei, mas cacete! Puta merda! Eu falei! Falei que esse era o meu forte! — Ela balançou a cabeça, tentando abafar a corrente de adrenalina que sorria no seu sangue. Tim tentou pegar uma das barras com a boca, mas imediatamente percebeu que era demais para a sua mandíbula. — Isso é...

Ela se virou, procurando um adjetivo, mas se distraiu com o olhar de Kerri.

— É incrível — concluiu.

— É.

TIM: (*Em close-up, olha para as duas, confuso, esperando um carinho.*)

— Eu gostava muito dos seus cartões do Alasca — disse Kerri. — E das ligações tarde da noite.

— Que bom — disse Andy, aliviada, largando o lingote de volta no caixão. — Eu queria mesmo ter escrito mais, só que... nunca soube dizer essas coisas. Sou um desastre escrevendo.

— Os cartões eram ótimos.

— Certo. Bem, prometo que um dia escrevo coisa melhor pra você. Uma carta de amor bem incrível que nem...

* * *

As tábuas do assoalho rangeram mais uma vez quando os sapatos pularam as criaturas mortas ao pé da escada, onde o tapete estava enrolado, em um bolo de entranhas e sangue. A entrada da casa mal-assombrada acompanhou com o olhar a figura de capa que descia para inspecionar os danos colaterais.

Nate e Peter, abaixados em um canto escuro atrás do sofá, esperavam que ela entrasse na sala.

NATE: Shh.

PETER: (*Surpreso.*) Por que você está fazendo *shh* pra mim, seu imbecil?!

* * *

— Andy? — Kerri tocou o ombro dela. — Andy, você parou de falar no meio da frase.

Andy piscou, voltando à realidade. Ela olhou para as pernas de Kerri.

— Você estava usando essa calça ontem.

— Hum, sim. Eu só trouxe duas, e a boca de sino meio que não cabe mais.

— A carta de Peter. Você colocou a carta no bolso ontem quando Nate entrou no quarto.

Kerri franziu a testa, checkou o bolso de trás.

— Droga. Deve estar toda amassada.

— Deixa eu ver — mandou Andy enquanto procurava outra coisa nos próprios bolsos.

* * *

PETER: Que plano brilhante, Nate.

Nate segurava o rifle com força, os ouvidos ignorando a voz ao seu lado e esperando os passos se aproximarem, os joelhos prontos para catapultarem seu corpo para fora do esconderijo no momento certo.

PETER: Claro, o melhor a fazer é atirar no cara. Em cento e cinquenta anos, com certeza ninguém pensou nisso antes.

O assoalho cumprimentou o anfitrião com um rangido mal-humorado. Nate se arriscou a dar uma olhadinha.

A figura de capa estava ao lado do gramofone, inspecionando a área em que os detetives ficaram por um tempo. As velas ainda estavam acesas, a área intocada pela batalha.

A figura se debruçou no sofá e pegou um livro. Da série *Sororidade vampiresca*.

O necromante folheou o exemplar, suas reações misericordiosamente ocultas.

Nate pulou e apontou o rifle para ele.

— Parado!

A figura obedeceu. Na verdade, ele nem se deu ao trabalho de levar um susto. Só ficou parado, ainda com o livro, esperando novas ordens.

Nate estava a um metro e meio dele. Ainda bem, porque assim não erraria o tiro, mesmo com a arma tremendo dramaticamente na mão.

— Tire a capa! — ordenou, sem se preocupar em disfarçar o medo na voz. Era bom estar com medo. Ficava mais assustador com medo. — Mostre o seu rosto!

O vilão largou o livro e, devagar, se virou para encará-lo. Nate rangeu os dentes, tentando identificar o semblante sob o capuz.

* * *

— Qual é o problema?

— Estou com um pressentimento ruim — explicou Andy, colocando a carta no chão, e, do outro lado dela, a última coisa que tinha tirado dos

bolsos.

Kerri se abaixou, e Tim fez o mesmo.

* * *

— Capuz! — gritou Nate, a ponta da arma a centímetros da cabeça do necromante.

O necromante ergueu as mãos, exibindo para Nate os dedos longos, tão brancos quanto ossos, e segurou a beirada do capuz.

* * *

A luz verde-néon na boca de Tim iluminou a longa carta escrita em uma bela caligrafia, com um “Querida Kerri” no início e um “Adeus” no fim.

Andy estava prestes a perguntar se ela via as semelhanças, mas bastou ler a transformação nos olhos de Kerri.

* * *

Nem mesmo toda a pele branca, os lábios ressecados, os olhos fundos e o olhar de desespero do mundo seriam capazes de disfarçar aquele rosto. *Peter Manner, 26 (24 vividos), porte alto e imponente coberto por uma aura negra, encara Nate da extremidade errada de um rifle.*

As mãos de Nate tinham parado de tremer. Os músculos, de doer. A mente, de funcionar.

Tudo o que conseguiu fazer foi se virar para o lado em busca de uma resposta.

E o seu próprio Peter — o Peter de cabelo perfeito, jaqueta do time de beisebol e calça jeans, parado ao seu lado, aparentemente tão surpreso quanto Nate — estava imóvel, de boca aberta por um minuto, até que falou:

— Caramba, isso é constrangedor!

Andy acertou a fechadura da necroteca com a picareta. Abriu.

Olhou para Tim em busca de aprovação: ele pareceu perfeitamente contente de deixar aquele lugar. Ela empurrou a porta, e o cachorro, bastão luminoso na boca, foi à frente como um farol na galeria de teto arqueado.

— Não pode ser — reclamou Kerri, se juntando a ela no novo túnel, que era uma curva constante para a direita e subia um degrau em intervalos de alguns metros. — Não pode ser ele, Andy. Peter está morto.

— Será mesmo? Como pode ter tanta certeza?

— Porque eu tenho. Porra, todo mundo sabe disso. Saiu no jornal!

— Também saiu no jornal que detetives adolescentes desmascararam a criatura do Lago Adormecido — resmungou Andy, ressentida, subindo às pressas com o candelabro na mão, feito uma condessa aflita de um romance de Walpole.

— Mas ele morreu! Teve uma overdose em casa, em Hollywood, foi enterrado em Los Angeles.

— Você foi ao funeral? — desafiou Andy.

— Não, mas... Caramba, ele era famoso! É o mesmo que discutir se Elvis está morto ou não!

— Estou começando a questionar isso também — disse ela quando se aproximaram do halo luminoso mais uma vez.

Tim estava esperando que abrissem a próxima porta. Andy ergueu a picareta, mas mudou de ideia e tentou a maçaneta.

O cão liderou a tropa de novo, iluminando aquela terra incógnita. A câmara que ele revelou era circular, sem móveis. Tocos de vela derretida estavam grudados no chão de pedra, formando um círculo e conectados por linhas interrompidas de tinta vermelha. Andy tocou os pavios: frios como a morte.

— Esse tipo de ceninha já está me cansando — comentou, atravessando o cômodo em direção à próxima porta. — Nem perca o seu tempo. Até parece que vamos descobrir detalhes da morte de um astro de Hollywood presas no subsolo de uma casa mal-assombrada em uma ilha no meio de um lago do Oregon.

A caverna seguinte parecia ter sido escavada direto na rocha. Não havia marcas de construção ou vigas; a porta pela qual tinham entrado era a única coisa construída pelo homem naquela longa galeria, que se estendia tanto para a esquerda quanto para a direita. Tim decidiu sozinho que seguiriam para a direita, que, por acaso, era uma subida. Andy deu de ombros e foi atrás.

— Só para deixar claro, acho que você está certa — disse ela. — Peter está morto. Mas isso não muda nada.

— Como assim? — perguntou Kerri, sem fôlego, em seu encalço.

— Bem, a gente já viu que existem nuances entre a vida e a morte. Talvez não seja ele mesmo escrevendo esses recados. Pode ser um avatar.

A caverna parecia seguir um caminho simbolicamente espiralado. Água pingava por rachaduras invisíveis. Raízes grossas e bulbosas das árvores abriam caminho, rastejando pelas paredes.

A última parte da rampa encontrava o teto. A pedra acima era tão reta que levantava suspeitas.

— Acho que sei onde a gente está — disse Andy.

— Para começo de conversa, quem faria um avatar de Peter, e para quê? — insistiu Kerri, observando Andy avaliar os cantos da inclinação acima delas. — Deboën quer mais é que a gente morra mesmo, por que iria ressuscitar um de nós?

— É, você tem razão — disse Andy, parando um segundo e, então, indo inspecionar as colunas de pedra talhada que aparentemente sustentavam o teto. — A não ser que seja um avatar de Deboën usando o corpo de Peter. — A luz das velas iluminou a silhueta dos grilhões de uma corrente grossa e engrenagens presas à rocha. — Talvez seja isso que acontece quando morremos: o fragmento de Deboën que temos dentro de nós assume o controle.

— É, claro — respondeu Kerri, derrotada. — Quando se trata de mágica, quem liga para explicações lógicas.

(Tocando todas as partes do mecanismo.) — Caramba, Kerri, eu gostaria tanto que esse mistério estivesse dentro da sua área de atuação, mas, infelizmente, estamos lutando contra criaturas do lago e um necromante, então a ciência convencional não vai nos ajudar muito e *como essa merda dessa passagem secreta funciona?!*

Kerri pegou a picareta de Andy e acertou um tijolo sobressalente embaixo da coluna no canto. O tijolo se esfarelou, a coluna desceu, as engrenagens giraram e a laje de mármore acima delas deslizou bem diante dos olhos de Andy.

Kerri apontou para as diferentes peças do quebra-cabeça.

— Porta, trilhos, engrenagens, contrapeso, calço. *(Um gesto indicando todas as peças.)* Física.

ANDY: *(Sorrindo, com segurança.)* Você está adorando isso, não é?

KERRI: Ficar presa com você em cavernas escuras horríveis? Consigo pensar em coisas piores.

* * *

Elas saíram pelo túmulo de Deboën e sentiram o ar frio e puro na tumba do salgueiro.

Andy empurrou a cortina de galhos caídos e encontrou uma lua cheia e uma chuva suave. Kerri pegou o bastão luminoso de Tim antes que ele saísse explorando a ilha de novo.

— Certo, então isso explica como eles entram e saem da casa com a porta de frente trancada — teorizou Kerri, dando uma olhada na tumba aberta e na caverna em espiral da qual tinham acabado de sair. — Aposto que a outra ponta dá no porão. Ou talvez até nas minas.

Andy mandou Kerri ficar quieta, depois apontou para cima. A mansão dormia em silêncio, um olho de gato redondo e amarelo ainda brilhando no topo.

— Ele ainda está escondido lá em cima — disse Andy, olhando de cara feia para a janela do sótão, e depois verificou o próprio estado.

Andy havia perdido a maior parte dos equipamentos, uma quantidade grande de munição, um homem da equipe, o walkie-talkie (que por acaso estava com esse homem), e mais ou menos quarenta por cento da sua barrinha de vitalidade, considerando os diversos cortes espalhados pelos braços. E estava de volta ao ponto de partida, diante da mansão, munida de espingarda e picareta.

O lago soprou uma brisa gelada, lembrando a ela que ainda por cima tinha perdido a jaqueta em algum momento da luta e causando um arrepio no seu pescoço.

— Olha... Hum... Talvez...

Ela não tinha problema para encontrar as palavras; não eram palavras difíceis. O problema era que dizer aquilo lhe causava dor física.

— Talvez... o melhor fosse apenas esperar que outra pessoa cuide de tudo. Eu... Quer dizer, nós mal conseguimos sair com vida dessa vez, e estamos aqui, onde tudo começou. (*Dá uma olhada no relógio da Coca-Cola.*) Copperseed e Joey já devem ter evacuado a cidade a essa hora. Talvez Al e a cavalaria estejam a caminho. Podemos simplesmente pegar o barco, encontrar Nate e esperar em terra firme. O que acha? — Seus ouvidos se recusavam a acreditar naquela baboseira que saía da sua boca. — Afinal... Não é problema nosso. Somos só um clube de detetives de verão. Vamos para casa.

Kerri, o rosto cheio de gotas de chuva, respondeu:

— Acho que não temos mais essa opção.

Andy seguiu a sua linha de visão até a margem mais próxima. Por um segundo, ela temeu que o barco de Joey não estivesse mais ali (o coração ficando apertado, preparando-se para o choque). Estava. Mas não muito longe estava também o barco a remo. O barco a remo que Nate em teoria tinha usado para fugir.

Tim voltou da missão de reconhecimento e olhou para a líder da equipe na expectativa.

— Nate está lá dentro — murmurou Andy.

Os três se voltaram para a casa, sombria e imensa e cheia de espinhos como as costas de um dragão adormecido.

ANDY: Está bem, atenção, novo plano: a gente entra, derruba a porta do sótão, pega o Nate...

KERRI: Isso é exatamente o que ele está esperando. Além do mais, não temos certeza de que Nate está lá em cima.

ANDY: Certo. Então, cortamos o suprimento de oxigênio. Conectamos os dutos à exaustão do motor do barco e fazemos uma câmara de gás pro filho da puta!

KERRI: Nossos canos não chegam até lá, e corremos o risco de matar o Nate também.

ANDY: É mesmo. E se a gente atrair ele para fora e montar uma armadilha, como da última vez? A gente pode fazer um “Expresso da Falsa Criatura do Lago”!

KERRI: Você acha que um necromante de cento e cinquenta anos vai abrir uma porta falsa na própria casa, rolar dois lances de escada em um carrinho de bebida e cair em uma rede de pesca? Sem contar que não temos nem um carrinho, nem uma rede.

ANDY: Verdade. (*Pensa por um segundo, depois olha para Tim.*) Fique à vontade para dar ideias.

TIM: (*Inclina a cabeça, chateado com a pressão.*)

ANDY: Tá, espera, já sei. Podemos voltar por onde Tim chegou até a masmorra, por dentro das paredes. Seguimos os dutos até o sótão e avaliamos a situação. Se não encontrarmos o Nate, pelo menos pegamos o necromante de surpresa.

Kerri avaliou a sugestão por um minuto.

ANDY: Não precisa elogiar o meu plano, mas também não é a pior coisa que você já ouviu, nem vem.

KERRI: Na verdade, “nem vem” é a pior coisa que já ouvi você dizer.

ANDY: Por mim, está ótimo. Primeiro, vamos planejar a rota de fuga. E temos que preparar a bagagem.

* * *

Essa parte foi árdua mas relativamente rápida: cada uma teve que carregar e esconder um lingote de ouro no porta-luvas do barco de Joey. Andy decidiu levar um a mais, para Nate, e então Kerri se forçou a fazer o mesmo, para Tim. No fim das contas, elas subiram pela espiral

carregando mais de cinquenta quilos, no entanto, como disse Andy, qualquer homem conseguiria carregar aquilo.

Em seguida, elas avaliaram os equipamentos. Uma grande quantidade de munição tinha se perdido junto com a jaqueta de Andy. Ainda havia um punhado de fósforos soltos, alguns bastões luminosos e uma dúzia de cartuchos nos bolsos, além da espingarda do tio Emmet, um pinguim de plástico e Pierce. Pierce era o nome que Andy dera à picareta, a ferramenta-barracessório-barrarma que se tornara o item mais querido do seu arsenal. Kerri ainda tinha o rifle e a faca. Tim carregava um bastão luminoso já no fim da sua vida útil e parecia preocupado com a quantidade de machucados que teria que lamber mais tarde.

Depois disso, elas exploraram o restante do sistema de túneis, voltaram pelo túmulo de Deboën, seguiram a caverna em espiral e passaram pela câmara circular e pela necroteca. Como esperado, o túnel acabava em outra porta, que dava no porão, ao lado do alçapão pelo qual tinham saído das minas na tarde anterior. As estantes que haviam derrubado em cima do alçapão tinham sido tiradas. Tim, com o peito envolto pela camisa xadrez manchada de sangue, inspecionou a área e pareceu corroborar a ideia de que os sibilantes tinham entrado e saído por ali.

Dali, Kerri encontrou com facilidade o caminho de volta para cima, como tinham feito antes. Uns sessenta segundos depois, os três tinham passado pela porta abaixo da escadaria principal, dentro da Mansão Deboën.

A casa, naquele momento, sofreu um leve tremor — não chegava a ser um terremoto, estava mais para um metrô passando rápido, uma nota retumbante e grave que mal balançou os quadros nas paredes. Tim ergueu uma das orelhas e soltou um ganido envergonhado.

— Senti sua falta também — disse Andy à mansão quando o tremor passou.

A partir daí, Kerri teve que brigar para que Tim se afastasse das carcaças decompostas, começando pelas duas ao pé da escada. Quando subiram furtivamente para o segundo andar, foram pegos de surpresa por um cheiro que nem o vocabulário dos piores esgotos de metrópoles poderiam descrever.

A paisagem catastrófica no corredor lá de cima poderia ser uma reprodução de Tóquio pós-Godzilla. Até Tim já evitava baixar o focinho quando eles se espremeram pela entrada do estoque de tanques de oxigênio. O campo de batalha estava literalmente inundado com um centímetro de geleca preta, pontilhada de ilhas formadas por corpos escamosos brilhando como peixes podres sob o luar.

Vamos no escuro agora, Andy fez comunicação labial com a equipe, desligando a própria lanterna. Kerri assentiu e segurou firme o rifle. Tim

assumiu a dianteira e se enfiou em um dos buracos no cômodo, entrando na passagem estreita entre as paredes.

Até ele teve dificuldade em passar pelos cantos; as garotas tiveram que andar de lado. Não se perderam nenhuma vez, e logo Tim encontrou o duto flexível de oxigênio que tal qual o coelho branco indicaria o caminho. Outro problema foi subir para o terceiro andar, sobretudo para Tim, mas o Weimaraner nem mesmo ganiu quando Andy teve que erguê-lo pela coleira. Até o cachorro sentia que alguns assuntos bem antigos estavam prestes a serem resolvidos.

Perto da última curva, uma luz atravessava alguns furinhos acidentais no forro de madeira. Kerri se surpreendeu ao perceber que era luz elétrica. Isso e mais um cheiro diferente e peculiar fizeram com que ela erguesse a sobancelha, muito desconfiada.

— Estou vendo Nate — sussurrou Andy.

Ao ouvir passos, eles se calaram. Passos lentos, pesados, alertas.

Bastou Kerri tocar um átomo da cabeça de Tim para fazê-lo segurar um rosnado. Andy deu uma olhada pelo menor buraco no forro da parede.

Uma figura de capa caminhava pelo sótão. Ele tinha parado distraidamente na bancada do alquimista, observando potes e urnas perto da janela voltada para o sul, por onde podia se ver uma noite que pouco a pouco começava a se dissipar: uma colher de chá de aurora dissolvida em um oceano de negror.

Deu três passos para a esquerda e confrontou Nate. A sombra cobria seus rostos; Andy viu que Nate estava em pé próximo a um pilar de madeira e não se movia nem falava. O necromante estava de capuz, contemplando o rapaz, as mãos nas costas, com a curiosidade de um visitante em um museu.

Ele então se virou e olhou para ela.

Ele ficou parado por quase um minuto, olhando a parede vazia à sua frente como se fosse um mural.

Ele se aproximou, a um passo do forro de madeira, atento a um detalhe.

Ele ergueu a mão, tentando compreender.

Ele expirou.

Ele tropeçou para trás quando Andy atravessou a parede, picareta na mão esquerda e espingarda na direita, um grito de invasor bárbaro escapando dos seus lábios, invocando a aliada ruiva e o pelo-cinzento para a batalha. A entrada foi tão espetacular, até mesmo para a escala Rodriguez, que o necromante literalmente caiu de bunda no chão.

Quando ele começou a se levantar, o capuz caiu para trás, e o rosto ali embaixo fez o contínuo espaço-tempo bugar.

Kerri baixou ou largou a arma, chocada, o coração secando até rachar, ao ver a palidez lunar na pele ressecada e a mais absoluta rendição nos olhos de Peter Manner.

— Ah, meu Deus.

Andy teve um mísero décimo de segundo para tomar consciência de Nate parado no meio do cômodo, percebendo que ele não estava encostado na viga, e sim amarrado e amordaçado.

Então o tempo voltou a correr, e Peter, desrespeitando a pausa dramática que ele mesmo havia causado, deu um pulo para a frente e empurrou o cano da espingarda para longe do rosto. Andy voltou a mira para ele de novo, mas Peter bateu no seu braço, derrubando a arma.

Kerri não conseguiu fazer nada além de ficar olhando enquanto Tim quase colocava as tripas para fora de tanto latir, e Andy e Peter entravam em um combate corporal, as mãos dele tentando imobilizar os pulsos dela, que usava os braços para esquivar seis socos um segundo antes de ela se lembrar de que tinha outros membros e chutar o joelho dele, quebrando o osso e conseguindo um microintervalo, suficiente para pegar a picareta e investir contra o coração.

KERRI: Não, Andy, NÃO!!!

De joelhos, Peter ergueu os braços, segurou os pulsos de Andy e os torceu. Andy então deu um giro no ar e caiu de pé, carregando Peter junto e se levantando um segundo antes dele. Ela jogou a picareta para a mão esquerda, pisou na coxa de Peter e deu um golpe de baixo para cima, mas Peter, com a mão direita, bloqueou a esquerda dela, e com a esquerda segurou o cabo da picareta, parando a ponta da arma a centímetros do seu fígado.

Um segundo depois, eles ainda estavam paralisados naquela posição, como em uma queda de braço, tremendo com a força dos músculos.

— Andy, para! — implorou Kerri, mal conseguindo impedir que Tim avançasse no homem da capa. — É ele! É o Peter!

ANDY: Peter morreu em Hollywood! Ele não faria isso!

KERRI: Andy, não mata ele!

Os olhos de Peter se voltaram para Kerri. Apesar da tensão absurda e dos dentes trincados, apesar de ter colocado todas as suas forças naquela luta, a postura dele tinha sido de total derrota desde o primeiro momento.

KERRI: Peter, o que você queria me dizer no telefone?

ANDY: Kerri, não é o Peter!

KERRI: Pete, me diz, por favor!

ANDY: Eu tenho que matar ele!

KERRI: Não mata ele!!!

Tim estava latindo tanto que a garganta doía. Andy procurou o voto de minerva.

ANDY: Nate!

NATE: (*Gritos abafados.*)

ANDY: Mato ou não mato?!

KERRI: Não! Pete, o que você queria me dizer no telefone?!

ANDY: Nate! Um pisão ele vive, dois pisões ele morre!

KERRI: Pete, fala comigo! Diz alguma coisa!

Peter, concentrando todas as suas forças em imobilizar Andy, mas com os olhos cor de mel ancorados aos de Kerri, formou duas palavras em seus lábios.

Nate pisou uma vez.

Sinto. Muito.

E depois outra.

Então Andy deu uma cabeçada em Peter, chutou o braço para longe e enfiou Pierce no peito dele.

O corpo envolto na capa preta caiu no chão, nas linhas apagadas do antigo pentagrama.

Kerri cobriu a boca para impedir um soluço tão brutal que sairia destroçando a garganta.

Andy soltou o ar, exalando tanto de si mesma com aquela respiração que as suas pernas tremeram, e ela caiu no chão, e a sua mão esquerda largou a picareta, e os seus olhos arderam com a dor do que ela havia feito.

Tim, o único ali que tentava entender o que de fato tinha acontecido, foi trotando cheirar o corpo.

O minuto de silêncio foi interrompido pelos gritos abafados de Nate.

Andy tentou ficar de pé e fracassou. Tentou de novo, as lágrimas borrando a cena: Peter Manner morto no chão. Ela cambaleou até o outro lado do cômodo e arrancou a mordada de Nate.

Nate respirou fundo e soltou as suas primeiras palavras:

— Não era ele.

Andy só percebeu que estavam se esquecendo de algo importante quando Tim, o focinho grudado ao chão, se aproximou de um armário. O armário se abriu. Tim olhou para cima e balançou o rabo.

Dunia saiu e acariciou a cabeça ensanguentada do cachorro, uma espada curva na outra mão e a expressão mais serena do mundo no rosto.

Ela avaliou o entorno, deu uma olhada no corpo caído no chão, depois olhou para Andy, Kerri e Nate e, então, deu de ombros.

— Bem. Não vou dizer que tudo aconteceu exatamente como planejei, mas... foi quase.

— Quem é você? — perguntou Kerri.

— Dunia Morris?! — respondeu Andy.

— Ah, pode chamar de Deboën — retrucou Dunia, desdenhosa. — Sem problema.

— Foi ela! — gritou Nate do seu canto, ainda amarrado à viga, vermelho por causa da raiva e um pouco por causa da falta de ar, mas principalmente por causa da raiva da mulher desfilando pelo sótão. — Ela trouxe a gente aqui! Ela precisava da gente aqui!

— É verdade. Admito minha culpa — disse ela, se apoiando graciosamente na bancada.

— Nós somos o pentagrama! Não é este no chão, é a ilha inteira, nós quatro e ela, nós formamos o pentagrama! Ela pegou as nossas assinaturas de sangue treze anos atrás! O dente era do Peter — explicou ele para Kerri. — E ela pegou o seu cabelo também, no barbeiro! E sangue de Andy! E eu não fui até as rochas, mas aposto que tem alguma coisa minha lá!

— Chiclete mastigado e saliva — esclareceu Dunia. — Ainda bem que vocês são educados e jogam o lixo no lixo quando acampam. A mãe natureza agradece!

— Mas... O que ela... Porra, pra quê? — soltou Andy.

Dunia tirou o maço de cigarros do bolso da calça de couro, abriu e tirou um pirulito de cereja. Ela o enfiou na boca e deu de ombros, coquete, sorrindo com o palito entre os dentes.

— Porque o ritual precisa de cinco pessoas — disse Nate. — Como os desenhos no fundo das minas diziam: cinco sacerdotes para abrir o portão e invocar Thtaggoa. Só que não somos sacerdotes. Ela só roubou amostras de nós quatro para formar o pentagrama, e então nos atraiu até a ilha! Não somos garotos intrometidos, somos peões. Ela provavelmente causou o tremor que virou o nosso barco, para que ficássemos presos na ilha e fizéssemos parte do ritual sem saber.

Dunia passeava pelo sótão devagar, se deliciando com o rancor de Nate.

— Vocês com certeza viriam — disse ela. — Como os detetives adolescentes de Blyton Hills deixariam de visitar a casa mal-assombrada da área?

— E ela teria escapado — retrucou Nate —, se eu não tivesse ressuscitado o pai dela sem querer!

Dunia parou de repente, fazendo uma careta como se ouvisse um disco arranhado.

— Quê?

Ela observou o grupo como se tentasse, sem sucesso, identificar o mais esperto.

— Ah, sim. Desculpa. Erro meu. Às vezes, esqueço que estou lidando com o Clube dos Detetives de Blyton, não com o FBI.

— Eu li o seu livro de feitiços — falou Nate. — Ergui o avatar, e ele nos usou!

— Não foi nada disso — disse Dunia, de cara emburrada, ao mesmo tempo em que Tim começou a rosnar para a porta.

— Foi, sim! Eu ressuscitei Deboën — gritou Nate.

— Deboën não estava morto — rebateu Dunia. — *Eu sou Damian Deboën!*

Tim explodiu em latidos enlouquecidos, ignorando o foco principal do cômodo: a mulherzinha de olhos arregalados desfilando entre eles.

— Você... O quê? — Kerri não conseguiu terminar a pergunta.

— É impossível — gemeu Nate. — Eu trouxe Deboën de volta!

— Por favor — resmungou Dunia. — Avatares e ressurreição não são a mesma coisa. Ressurreição é impossível. Pode acreditar. (*Apontando para o corpo de Peter, envolto em tecido preto, caído no chão.*) Isso foi o mais perto que cheguei, e ele não passava de um fantoche.

NATE: Mas eu vi o seu livro. Eu li os feitiços!

DUNIA: Se toca. Você leu, no máximo, as minhas anotações.

NATE: Eu vi fumaça subindo de uma urna na bancada!

DUNIA: Isso vindo de crianças que passaram a infância fugindo de idiotas fantasiados.

NATE: Nós tivemos todos os sintomas que você listou: pesadelos, melancolia, sensação de estar perdido!

DUNIA: Eu só descrevi qualquer pessoa de vinte e cinco anos, seu imbecil ególotra! (*Dá as costas graciosamente, deixando Nate desmoronar atrás de si.*) Sinto muito, mas a única entidade maligna que possuiu vocês foi a Geração X. É mesmo uma pena o que a juventude se tornou. Quando eu tinha a sua idade... (*Pausa. Ela tira o pirulito da boca, lambe os lábios, depois volta atrás.*) Ah, esquece. Vocês nem acreditariam onde eu estava na idade de vocês.

Ela se aproximou de Andy, acariciando as costas do Weimaraner ao passar. Tim ainda voltava seu rosnado ameaçador para a porta. O pior era que algo rebatia as ameaças do outro lado.

Nate, Kerri e Andy ficaram parados, atônitos. A noite estava se desfazendo.

— O mundo mudou muito — disse Dunia, dando um suspiro profundo. — Mas as pessoas continuam iguais. Algumas puxam o vagão do progresso enquanto o resto é arrastado atrás. Sempre a mesma gentalha ignorante empunhando tochas. Gentalha que não precisa de

muito para ser amedrontada. Que não precisa de muito para ser enganada. Suspeitaram uma vez, então fui embora e voltei como meu filho. Nada de mais, nada que não tenha sido feito antes. Mas, duas décadas depois, começam a suspeitar de novo... Se eu não os conhecesse bem, diria que estavam ficando mais inteligentes. Então uso o mesmo truque, incrementado: morro e volto na pele da minha filha, e *voilà!* Caíram de novo! Ninguém nem imagina como é fácil fazer essa troca hoje em dia.

Ela parou na frente de Andy e a olhou de cima a baixo.

— Você talvez se interesse. Procure o seu médico.

Inesperadamente, Andy ergueu a espingarda entre as duas, mal controlando o dedo no gatilho.

— Vou dar motivo pra você procurar um médico, sua vaca.

KERRI: NÃO! Andy, não atira!

Dunia colocou o pirulito de volta na boca e sorriu, observando Andy revirar a mente em busca de um bom motivo para não abrir fogo.

— Oxigênio — falou Kerri. — O ar aqui está saturado de oxigênio. Se você acender uma faísca, pode explodir tudo.

Dunia soltou uma risadinha.

ANDY: Só pode ser brincadeira.

KERRI: Não. Oxigênio é inflamável. Nada de tiros aqui.

A risadinha deu lugar a uma gargalhada escandalosa e debochada.

— Obaaaa! Olha só como tudo se encaixa! — disse Dunia, felicíssima com o ódio infinito que borbulhava por baixo das sobancelhas franzidas de Andy. — Ah, por favor, reconheça a ironia do destino!

Como uma nota de rodapé, a porta foi derrubada no chão.

Na mesma hora, Andy mudou o alvo, e Kerri correu para tirar Tim do alcance da horda de sibilantes se atropelando escada acima.

Porém, para a surpresa de todos, eles pararam. O primeiro da fila caiu de quatro bem diante da porta, o terceiro par de membros se balançando para cima como os bracinhos de um louva-a-deus. Ele rosnou para Tim, que respondeu com latidos desesperados de puro ódio.

— Aí estão eles.

Dunia deu um sorrisinho, dançando com a espada pirata. Ela foi em seu ritmo despreocupado até a porta como se para cumprimentá-los, e o primeiro deu um passo para a frente e guinchou na cara dela. Dunia olhou como se ele fosse um poodle esganiçado.

— Tipinhos interessantes, não? — comentou. — Devoram o que encontram pela frente, mas não precisam de comida. Na verdade, nem respiram. Têm umas bexigas natatórias ou sei lá o que para encher de ar e aí conseguem vir para cá. Vocês vão ver, eles vão entrar daqui a pouquinho. (*Para Kerri.*) Você deveria escrever um artigo sobre eles.

Kerri estava bastante ocupada segurando Tim, que, por sua vez, impedia a criatura mais saidinha de se aproximar.

— Na primeira vez que fiz o ritual, em 1949 — contou Dunia, como se fosse uma história de ninar, voltando ao seu andar despreocupado —, eu era jovem e incosequente. Tinha acabado de descobrir como chegar à cidade subterrânea depois de uns cem anos procurando. Preparei todo o ritual necessário lá embaixo, bati à porta como manda o livro. Estava tudo pronto para acordar aquele dorminhoco da sua soneca milenar. Eu sabia que o ritual exigia cinco sacerdotes, mas estimei que uma especialista estudada feito eu valeria por cinco amadores, então achei que conseguiria fazer tudo sozinha. — Ela tentou prender uma risada, debochando de si mesma. — Minha nossa, como eu estava enganada! Não consegui acordar o grandão, mas esses pentelhos aqui invadiram a casa e chegaram perto de me derrotar.

A parte anfíbia da plateia soltou um sibilo úmido em grupo ao ser citada.

— Sobrevivi, claro, mas eles quase destruíram a casa. Eu ia ter que enfrentar umas perguntinhas chatas, e não era como se contasse com muitos aliados na cidade. Então, decidi que estava na hora de mudar de geração de novo e forjei a minha própria morte no incêndio.

— Mas você foi enterrada — argumentou Kerri.

— Um corpo carbonizado foi enterrado — comentou Dunia, sem se abalar. — Se vocês deram uma olhada no meu porão, devem ter percebido que restos humanos não faltam nesta casa. Deixei instruções no testamento e cavei o túmulo antes. Vocês viram, tudo que fiz foi selar a entrada para as cavernas. Largaram o corpo lá dentro, enfiaram uma lápide por cima e pronto. Simples e rápido, até demais. Confesso que fiquei um pouco magoada. Mas não importa, morrer é fácil. O difícil foi voltar na pele da minha filha.

— Você... matou a sua filha? — questionou Andy.

Dunia parou na frente dela de novo, com um biquinho decepcionado.

— Não — adivinhou Kerri. — Você nunca teve filha.

— Obrigada — aprovou Dunia. — Foi tudo uma estratégia para limpar a minha imagem na cidade quando me tornei Daniel. A esposa foi uma concessão, e a filha, uma farsa.

— Mas alguém deve ter visto a criança — reclamou Nate.

— Ah, claro, tinha um bebê. Minha esposa teve uma filha fora do casamento. Era a sua letra escarlate. Mas, ei, nunca me recusei a assumir a criança! Fingi enviá-la para um colégio interno como se fosse sangue do meu sangue. Sorte que ela morreu mesmo na infância... Esses lugares são caros.

— Você ficou no lugar de uma adolescente? — questionou Kerri, tentando lidar com todas as outras dúvidas que gritavam ao mesmo

tempo.

— Sim. Quer dizer, você tem o quê, vinte e cinco? Ainda poderia passar por vinte e um com a maquiagem certa. Considerando a minha idade verdadeira, tirar trinta anos da pele é magia das mais básicas. Então, sim: gênero novo, idade nova... As pessoas ainda odiavam o meu sobrenome, mas eu precisava reivindicar as minhas antigas posses. Por sorte, aquela covarde da minha esposa/mãe já tinha se matado na época. Eu tive que ficar morando na Colina da Coruja e as pessoas da cidade continuavam tão amigáveis quanto antes, mas, pelo menos, ficavam longe da ilha. E eu ia e vinha pela mina de ouro quando queria. Então só tinha que me sentar e encontrar uma forma de resolver aquela babaquice de cinco sacerdotes. Até que, em 1977, como eu havia sido uma menina muito boazinha por tantos anos, vocês apareceram! — Ela sorriu, esticando os braços gentilmente para abarcar todos eles. — O Clube dos Detetives de Blyton.

Andy reconheceu com estranheza aquela referência enquanto finalmente desamarrava Nate, sem tirar os olhos das criaturas que se aglomeravam do lado de fora.

— Usa a arma — falou ela para Nate, entregando a espingarda e pegando a picareta. — Só não atira.

— “Os heróis de Blyton Hills”! — citou Dunia alegremente. — Quando vocês começaram a ficar famosos, percebi que, mais cedo ou mais tarde, visitariam a minha mansão. Só precisei espalhar os boatos pelos lugares certos. Boatos atraem oportunistas como Wickley, e Wickley atraiu vocês. Assim que vocês chegaram, naquele verão, comecei a arrumar as coisas. Peguei o dente do esportista ali no consultório, seus lindos cachos ruivos no barbeiro. (*Para Andy e Nate.*) Com vocês dois foi um pouco mais difícil, até que resolveram acampar no lago e dei uma passada no acampamento enquanto vocês não estavam. Foi o suficiente para construir o pentagrama na ilha. E então só me restava esperar que todos entrassem nele, o que aconteceu alguns dias depois... se bem que precisei dar uma balançadinha no barco para convencê-los.

— E assim nós nos tornamos os outros quatro sacerdotes — resumiu Nate, os dedos brancos de tanto apertar o rifle como um taco de beisebol.

— Ninguém disse que os participantes tinham que estar de acordo! — comentou Dunia, dando de ombros. — Quer dizer, é de se imaginar que as regras de encantamento envolvendo pentagramas não sejam tão rigorosas, não acham?

Andy girou a picareta na direção de um dos sibilantes que se aproximava, fazendo-o recuar rosnando, mostrando os dentes com ódio.

— Espera, então... você estava aqui na mansão naquela noite? — perguntou Kerri para Dunia.

— E claro. Eu estava na minha câmara de segurança no subsolo, talvez vocês tenham encontrado. Ah, não era mesmo a minha intenção machucar vocês! Acontece que, assim que dei início ao ritual, Thtaggoa começou a se mexer durante o sono, fazendo o solo estremecer, soltando esses gremlins malhados atrás de vocês e criando uma verdadeira *Noite dos Mortos-Vivos*. Então, enquanto vocês gritavam e corriam pela minha casa, bagunçando tudo, eu estava lá embaixo fazendo o ritual, e teria conseguido, se não fosse aquele garoto intrometido do Thomas Wickley!

Andy, Kerri e Nate se viraram ao ouvir aquele nome, ignorando a horda de demônios com dentes de agulha e garras de serra.

— Quem?!

— Pois é! — exclamou ela, compartilhando da indignação. — Dá pra acreditar?! Aquele velho punheteiro finalmente encontrou o meu tesouro e entrou no meio do ritual, bem quando eu estava fazendo o aklo, o momento mais glorioso! Claro que ele ficou se cagando de medo... Já me disseram que posso ser um pouco dramática demais quando estou invocando. Então ele saiu correndo e deu de cara com aquela armadilha de desenho animado que vocês se orgulham tanto de ter feito, mas com isso ele conduziu os monstrinhos para a minha câmara segura, e só me restou escapar pelas minas, mas aí tive que sair do pentagrama e... em resumo, aquele idiota estragou tudo!

Um sibilante escolheu aquele exato momento para dar um passo à frente e rosnar de modo particularmente raivoso para a anfitriã, atitude que Dunia respondeu decapitando o provocador com a espada, um único golpe, tão limpo quanto uma decapitação pode ser. A cabeça rolou até os pés de Kerri, que instintivamente a chutou para longe.

O corpo mutilado ainda tremelicava no chão quando Dunia continuou, apontando a lâmina manchada de preto para os meninos.

— Vocês devem achar que eu poderia simplesmente começar de novo, mas nããããã! Uma vez iniciado, o ritual só pode ser concluído ou desfeito pelos mesmos cinco sacerdotes. (*Em falsete.*) “Uuuh, olha pra mim, eu sou o *Necronomicon*, sigam as minhas regras!” — zombou ela. — E quando as criaturas enfim se enfiaram de volta no buraco de onde saíram, seus amigos do exército e da polícia estavam xeretando a ilha, jornalistas estavam batendo à minha porta na Colina da Coruja, e logo depois as férias acabaram. Vocês foram embora e não voltaram mais.

A próxima frase foi dita com um sorriso forçado, sério, quase compadecido — o mais perto de respeito que os jovens receberiam dela.

— Ah, mas eu sabia que voltariam. Vocês viram coisa demais para esquecer essa história sem mais nem menos. Não poderiam fingir que estava tudo bem para sempre. Foi um trauma. Tinham que voltar.

Distraída, ela olhou para o corpo humano morto no chão.

— E claro que fiquei um pouco preocupada quando este aqui se matou, então fui para a Califórnia e o peguei. Tirei o corpo do túmulo. Fiz tudo que pude para deixá-lo o mais próximo possível de um homem vivo. Por sorte, a morte dele acabou sendo o que movimentou vocês. Agora, estão todos aqui. Eu o transformei no vilão só para tirar vocês da minha cola. Ele escreveu as mensagens, mas sob o meu comando. Talvez eu tenha me enganado em relação a vocês. Teriam obedecido que nem idiotas treze anos atrás; hoje em dia, não mais. Que seja. Estão aqui agora. Os quatro.

Ela apontou a espada para Nate, um sorriso maligno no rosto pálido.

— Você deu uma fugidinha cedo demais. — Depois, para as meninas: — Mas, poxa, relevem. Ele voltou. Também tentou estragar meu pentagrama, então tive que mandar o Pete Presunto pegá-lo e arrumar as coisas. Tudo pronto!

Kerri, diante do longo monólogo da vilã, se viu obrigada a perguntar:

— Mas... por quê? Por que quer que um deus alienígena desperte e destrua o mundo?

Dunia parou, surpresa, e refletiu com cuidado sobre a pergunta.

— Hum. Bem, não sei. Pelo mesmo motivo que você quer abrir um sapo ou dividir um átomo. Eu só... (*Dando de ombros.*) Porra, só quero ver o que vai acontecer!

Ela caminhou em torno deles mais uma vez, muito orgulhosa da atenção total que recebia.

— Não restaram muitas coisas que eu não tenha visto neste mundo, sabe? Quando você escreve livros de fantasia erótica para pagar as contas é porque realmente já completou sua lista de coisas a fazer antes de morrer!

— Bem — interrompeu Andy, dando um passo à frente —, posso ajudar a acabar com esse tédio.

Na velocidade da luz, ela enfiou a picareta no pescoço de Dunia, parando a milímetros da jugular. A mulher ficou quietinha, a ponta de metal frio empoleirada no ombro como um papagaio esquelético.

— Por treze anos eu me escondi disso — rosnou Andy por entre os dentes, uma mecha bem posicionada de cabelo escondendo o rosto. — Por treze anos você me assombrou. Você estragou a melhor parte da minha vida. Mas chega. Vou acabar com você. Vou dar o que sobrar para essas coisas horrendas devorarem. E vou ver você morta de uma vez por todas antes que tenha tempo de completar o seu ritualzinho de merda.

Até os vilões ficaram em silêncio.

Dunia ficou parada, a cabeça bem erguida, os tendões do pescoço se esgueirando da lâmina apontada para eles, a boca contraída, lutando para abafar um sorriso maléfico.

ANDY: (*Compreendendo.*) Você já terminou o ritual, não foi?

DUNIA: (*Desistindo e soltando a risada.*) Por favor! Por que mais eu estaria aqui explicando tudo isso para vocês?

Um sibilante considerou que já tinha desperdiçado tempo demais nesse diálogo monótono e atacou Andy por trás. Um grito de Kerri serviu de alerta para que ela se virasse e se abaixasse, evitando um corte fatal, e então bloqueou a outra garra com a mão esquerda ao se ajoelhar e investir a picareta para cima, enfiando a ponta no queixo da criatura até o palato.

Mais duas entraram no ringue. Na mesma hora, Tim pulou e abocanhou uma delas, jogando-a no chão com força; Nate atrasou o ataque da segunda através de um golpe certeiro na cabeça com seu taco-barra-rifle, enquanto Kerri pulava na linha de frente para segurar a plateia agitada que ainda esperava do lado de fora do sótão. Andy se levantou, tentando arrancar a picareta do sibilante morto; quando enfim conseguiu, a cabeça veio junto, bem a tempo de atingir uma quarta criatura que surgiu do nada.

O sibilante cambaleou por um segundo graças ao golpe, que foi atenuado pela cabeça presa na ponta da picareta, e então soltou um grito bem na cara de Andy: suas últimas palavras, pois Kerri e Nate bateram nele ao mesmo tempo, e Tim avançou nas pernas para mantê-lo ocupado enquanto Andy subia nos ombros da criatura, segurava a mandíbula com as duas mãos e torcia o pescoço.

— Nossa! — comemorou Dunia, junto com os outros sibilantes ainda esperando na porta. — Viram isso? Eu falei que logo eles se acostuariam à atmosfera! Conseguem segurar a respiração pelo tempo necessário para estripar vocês.

— A gente tem que sair daqui! — sugeriu Kerri, depressa.

— Boa sorte — interrompeu Dunia, convidando os detetives a olhar pela janela redonda.

A noite tinha desbotado até ficar branca. Um Nada Finalesco havia apagado o lago, os pinheiros e o céu.

— Por quanto tempo conseguem prender a respiração? — desafiou Dunia. — O suficiente para chegar até o carro?

— Mas você vai morrer aqui também — retrucou Andy com raiva.

— Eu? Eu já sobrevivi a esse imprevisto antes.

— Eu não estava falando do imprevisto, sua vaca! — retrucou ela, atacando o rosto de Dunia com a picareta.

Dunia deu um pulo para trás, impressionada com o ataque surpresa. Ergueu a espada para bloquear uma nova investida da picareta, tentando arrancar a ferramenta das mãos de Andy, mas fracassou, então se aproveitou da pouca extensão e do difícil manejo da arma para atacar o braço da garota, que por um milímetro não teve o membro amputado, a

lâmina pirata errando o osso, mas arrancando um belo naco de pele e músculo.

Andy deu um grito de dor, mas no intervalo de um suspiro já se lançava na retaliação: deu um pulo, girando a picareta na vertical depois na horizontal duas, três vezes, forçando Dunia a se inclinar para trás e abrir as pernas para se equilibrar, e, então, de repente, canalizando toda a sua energia à base de dor para o pé direito, Andy lançou a Bomba Tsar do chute no saco na virilha revestida de couro da vilã.

O chute fez Dunia voar a meio metro do chão.

Ela caiu de quatro, ainda segurando o sabre, olhos arregalados pelo choque, depois mais arregalados quando a dor atingiu seus neurorreceptores.

O sótão prendeu a respiração por um longo tempo, durante todo aquele nocaute inconclusivo, mesmo depois que Dunia soltou uma tosse incrédula.

Em seguida, ela riu.

— Ai, puta merda! — disse, em meio a uma risada surpresa e surpreendente, a mão ainda protegendo a área atingida. — Meu Deus, isso foi literalmente um golpe baixo, sua cretina! Que merda foi essa?!

Os jovens ficaram em silêncio enquanto ela recuperava o fôlego. Então se viraram para Andy, esperando a resposta.

— Hum... Eu estava torcendo para que você ainda tivesse a sua genitália de nascença.

Dunia riu mais ao se levantar, a cor voltando ao rosto.

— Menina, você é tão fofa — disse ela, com mais dificuldade de falar por causa da risada que da dor ou do cansaço. — Eu tenho, sim. Lembra aquela história de que eu era filho de uma bruxa que supostamente foi queimada em Salém?

Ela explodiu em gargalhadas, e os garotos se entreolharam, a compreensão daquilo cavando uma nova ruga ao redor dos olhos de cada um deles.

— Eu falei que já tinha feito isso antes! — berrou Dunia. — Nossa, queria filmar a cara de vocês agora! Vocês caem toda vez!

Ela riu por mais uns dois segundos antes que Andy a atacasse de novo, e assim foi obrigada a se esquivar e depois contra-atacar.

Andy recuou para se defender, olhando para trás e vendo vários sibilantes prontos para atacar, então rolou para longe, deixando o primeiro para Dunia cuidar e imediatamente se preparando para enfiar a picareta na cara do segundo enquanto Nate tentava acertar o terceiro e Kerri perdia seu rifle para o quarto, mas Tim pulou para ajudá-la e o rifle deslizou pelo chão até Andy, que se levantou, girou a arma, deu uma coronhada no sibilante à frente e enfiou o cano no de trás, jogando em seguida a arma de volta para Kerri e gritando:

— Pega!

Uma nova avalanche de maníacos sem olhos e gosmentos entrou no campo de batalha, e Andy segurou Pierce com força, mergulhou com uma das mãos ancorada à cabeça deformada de uma criatura e fez de si mesma um carrossel dilacerante, atingindo diversos sibilantes até, por fim, completar 360 graus ao chegar em Dunia, que abaixou sua espada para bloquear a picareta, sorrindo de alegria ao ver uma faísca sendo gerada pelo choque dos metais, e tanto Andy quanto Dunia congelaram para observar os microssegundos de vida da fagulha, que não foram suficientes para incendiar o sótão, e então ambas se esqueceram da fagulha, e voltaram à luta, Andy investindo Pierce às cegas, tentando desequilibrar Dunia, e Dunia se esquivando dos golpes que vinham cada vez mais rápido, torcendo para que um possível contato criasse uma nova faísca, até que se cansou de esperar e deu um chute surpresa no nariz de Andy, o tempo desacelerando até ficar em câmera lenta para apreciar o belo arco de sangue traçado pela sua queda, depois voltando à velocidade normal quando Nate deu com a coronha do rifle na cara de Dunia e aproveitou a oportunidade para acertar o sibilante que vinha por trás, e, com o mesmo movimento circular, tentou acertar Dunia com um golpe na nuca, que ela evitou rolando para longe. Ela usou a espada para tentar um contra-ataque em um giro estilo molinete direto no coração de Nate, cujas costelas mal conseguiram suportar, jogando-o de costas em cima de um sibilante morto e abrindo espaço para que o monstro não-tão-morto-assim o agarrasse e tentasse arrancar sua cabeça a mordidas, o que Tim impediu ao pular no pescoço da criatura enquanto Dunia dava um mortal e parava de pé a tempo de escapar do rifle de Kerri vindo na sua direção, mas percebendo tarde demais que esse golpe era apenas uma distração para a faca que vinha de encontro à sua jugular, e então foi forçada a pular para trás e perder um segundo para recuperar o equilíbrio antes de se abaixar para fugir do golpe seguinte e voltar seu impulso mais uma vez contra Kerri com um golpe vertical raivoso que a ruiva defendeu com o cabo do rifle, seguido de um corte da esquerda para a direita que escalpelou um sibilante que passava na hora, depois, por fim, um chute baixo que fez o cabelo de Kerri gritar, indignado, enquanto a garota caía na bancada, o centro de gravidade alterado por um segundo crucial que Dunia tentou usar para empalá-la pela barriga, os olhares se cruzando, e foi nesse exato momento que Kerri percebeu o medo em Dunia, que olhou para baixo, se dando conta de que havia posicionado o pé esquerdo muito na frente e que Andy, caída no tapete de corpos, estava enfiando Pierce na sua bota de couro, perfurando não só a bota como também o teto do segundo andar, por onde o sangue vintage de Deboën pingou, caindo nos sibilantes lá embaixo, que ergueram as cabeças sem olhos e agradeceram aos céus pela chuva sangrenta em um tom que não

era capaz de eclipsar o grito de dor bestial produzido nas vísceras de Dunia e que ameaçava explodir o teto do sótão.

Andy agarrou Kerri, chutou um sibilante para longe de Tim e tirou Nate de uma luta três-contra-um, mandando o grupo recuar.

— Para as paredes! Rápido!

Eles se enfiaram no buraco, Andy empurrando os outros na frente enquanto olhava por cima do ombro para a confusão no centro do cômodo. A última visão que teve de Dunia Deboën foi um olho negro aterrorizado preso no meio de um ninho de membros cinzentos e garras afiadas, a voz abafada sob a dezena de criaturas que lutava por um pedaço de carne.

— Você... — disse a vozinha, sem fôlego. — Isso não vai ficar assim! Eu juro, Andy Rodriguez, isso é só o começo!

Andy se enfiou na passagem por último e tentou não ouvir o som de ossos se partindo que vinha do sótão.

* * *

Eles saíram no cômodo dos tanques de oxigênio, no segundo andar, surpreendendo uma criatura solitária que os encarou e soltou o tradicional sibilo de massacre.

Andy e Nate deram impulso para bater os rifles como se fossem tacos de hóquei até Kerri comentar:

— Aqui já pode atirar.

O sibilante soltou um grunhido em forma de ponto de interrogação quando os dois viraram as armas. No segundo seguinte, dois terços do seu corpo destruído voaram pela janela quebrada em porções perfeitas de petisco para os urubus.

Andy foi na frente, entrando no cômodo ao lado e descendo pelo escorregador do alçapão. Isso permitiu que ela atropelasse dois sibilantes que tentavam subir.

Eles pousaram suavemente em uma pilha de carvões e corpos mutilados no porão.

ANDY: Para as minas! Vamos por baixo do lago!

* * *

Enterrada viva sob uma massa de demônios nojentos, gelados e famintos, sufocando sob aquele ar corrompido que vazava das suas bocas, Dunia jazia contorcida no chão, uma perna e um braço fraturado e ensanguentado protegendo os órgãos vitais enquanto a outra mão,

perdida no pandemônio, tateava às cegas entre pés membranosos e cadáveres em uma escuridão viscosa buscando desesperadamente sua última opção.

E então a impressão digital registrou algo e reportou ao cérebro: marfim.

A mão aventureira pegou o punho da espada e Dunia invocou, do fundo do coração, das entranhas, da casa, da ilha e dos poderes inomináveis a última gota de força necessária para trazer a espada, fatiando cada criatura no caminho. A pilha de corpos explodiu, catapultando sibilantes eviscerados, mutilados, deformados por todos os lados enquanto Dunia se erguia com um grito vívido de êxtase, a espada girando na velocidade da luz e cortando até átomos de oxigênio que passassem por ali.

O número absurdo de sibilantes que ainda estava disposto a lutar a observou em silêncio, depois gritou em uma alegria suicida e infundada enquanto Dunia se abaixava para arrancar a picareta do pé com um ruído apetitoso de mais ossos se partindo. Ela ergueu o rosto, os olhos sem pupilas emitindo um brilho ofuscante, e rosnou.

O cabo da picareta e da espada soltaram um suspiro carregado de dor na mão dela. Então, com um sorriso de tubarão psicopata, Dunia disse:

— Podem vir.

* * *

Andy, Kerri, Nate e Tim passaram correndo pelo porão e mergulharam pela passagem para as minas quando, chegando no final da escada em espiral e vendo o túnel que levava à escadaria Deboën, Kerri, que estava com a única lanterna ainda funcionando, percebeu uma luminosidade relativamente maior na caverna.

Uma vez na escada, ela só precisou dar uma olhada rápida na fenda para descobrir o motivo: o que antes era uma corrente distante e pitoresca de magma vermelho brilhando bem no fundo da fenda se transformou em um rio de lava amarela, seguindo como uma corredeira a menos de trinta metros do veio mais baixo.

Tim espiou pela beirada, viu o fogo, sem querer encostou a pata no primeiro degrau de metal incandescente e ganiu.

— Acho que Dunia enfureceu quem quer que esteja lá embaixo — comentou Kerri.

Tirando a temperatura, a ponte parecia exatamente como eles a haviam deixado: sem corrimãos, sem o penúltimo degrau, trêmula, por um fio e com o pé na cova.

— Vocês dois primeiro, pelas laterais — instruiu Andy.

Nate respirou fundo aquele ar sulfúreo e pisou no primeiro degrau. Conforme depositava o peso, cada parafuso da estrutura gemia, implorando por eutanásia. A camada fina de ferro sob os seus pés e as vigas que lhe davam suporte eram as únicas coisas que o separavam de um mergulho naquele caldeirão fervilhante a três mil graus. A ideia de que poderia ser assado vivo caso ficasse muito tempo ali estimulou Nate a pular pelo vão para o terceiro degrau, depois correr pelos intermediários e pular os últimos cinco. Kerri seguiu fielmente seus passos.

Andy ergueu o cachorro, com cuidado para não apertar os curativos com estampa quadriculada verde. Trinta quilos.

Tim gania cada vez mais a cada degrau em que Andy pisava, mas ficou em silêncio quando ela simplesmente pulou os degraus intermediários, assustado demais até para vocalizar suas impressões durante o segundo que levaram para pisar em rocha firme.

— Maneiro! — disse Nate, admirado, enquanto Kerri corria para pegar o cachorro no colo.

Como forma de gratidão, um minúsculo estalo anunciou a rachadura de uma grande placa de rocha vulcânica bem debaixo dos pés de Andy. Ela pulou da pedra que caía e agarrou a borda, mas seus dedos escorregaram na poeira. A gravidade quis reivindicá-la, mas Nate milagrosamente segurou seu braço, e Kerri mergulhou para segurar a perna de Nate, e Tim correu para abocanhar o pé de Kerri.

Na outra ponta, Andy estava pendurada a poucos metros da evaporação, o suor crepitando nas costas. Quando ela olhou para cima, Nate lhe recebeu com um sorriso.

— A gente não vai se separar, né?

* * *

Uma pletera de Thtaggoacólitos sitiante se reuniu no sótão e entupiu a escada, ouvindo sem olhos e sem cérebro enquanto Dunia Deboën gastava suas melhores falas com eles.

— Vamos lá, seus malditos ingratos! Eu libertei vocês do inferno e posso mandá-los de volta!

Um sibilante enfim respondeu, com um grito muito significativo e cheio de nuances, correndo na direção dela, liderando o ataque final.

Esse primeiro foi perfeitamente detido com um corte limpo na garganta; depois se seguiram o segundo e o terceiro, que dividiram um único golpe de Zorro, mas Dunia se deu conta, surpresa, de que, mesmo quando a quantidade de mortos crescia, o ímpeto dos restantes não diminuía; pelo contrário, logo as criaturas cegas e barulhentas não vinham mais sozinhas ou em pares, mas jogavam-se contra as barricadas

e escalavam as pilhas de corpos, e os golpes de Dunia se tornaram cada vez mais amplos, espirrando sangue negro para todos os lados; ela girava em torno de si mesma em um pé só, o sabre semeando morte, decepando braços, pernas e pescoços nas piruetas vertiginosas e impressionantes, ela enfiando a picareta em um tórax só para usar o monstro como escudo para escapar daquele sufoco, o tempo todo cortando mais sibilantes sem esperar ser a próxima, pisoteando os restos mortais sem piedade em seu caminho para fora dali, os saltos das botas de couro esmigalhando cérebros e crânios dos corpos deformados — e os sibilantes recebendo aquela chacina com comemorações —, forçando Dunia a mergulhar em uma selva de garras prontas para fatiá-la viva, e ela cai, mas só para cortar fora as pernas deles, que caem de joelhos, e ela se levanta de novo e continua a abatê-los, e eles continuam vindo, gritando, escalando, subindo, sufocando-a, tocando-a, arranhando-a, fazendo-a sangrar, e ela sabe, sente, os pulmões engolindo grandes golfadas de oxigênio, o coração martelando, os músculos sofrendo uma overdose de adrenalina, o cérebro ordenando uma fuga para a esquerda, um corte para a direita, um chute no estômago, uma cotovelada para trás, contra-ataque na jugular, combo triplo de golpe nas tripas, pontos extras pelo estilo, corta o pescoço, esmaga a cabeça, destrói a mão, gira a lâmina, estripa decapita mutila amputa corta retalha esfaqueia mata morre filho da puta morre filho da puta morre morre morre morre morre morre morre morre morre morre.

* * *

O walkie-talkie no cinto de Nate começou a apitar.

— Al! — gritou Nate no microfone, a respiração arranhando as cordas vocais enquanto eles corriam pelos túneis sob o lago. — Al, está me ouvindo?

Andy voltou para tirar o rádio dele, depois empurrou-o à frente.

— Capitão! Estamos no subterrâneo e voltando para a Colina da Sentinela. Entendido, câmbio?

O rádio estalou, mas fragmentos da voz do capitão Al conseguiram passar pelo ruído:

— ... Andy... e claro... chegando, câmbio.

— Capitão, a ilha está infestada! Dunia Deboën está lá, ela é a necromante! Repito, não vá para a mansão! Câmbio!

— ... entendido... preocupe... trazendo nav... logo, câmbio.

— Al, não estou entendendo! Você disse que vai trazer um navio, câmbio?

A última mensagem foi ouvida com clareza:

— Não. Eu disse aeronave. Câmbio e desligo.

* * *

Dunia rolou por cima da última montanha de corpos, enfiando a picareta em algo que soltou um suspiro. Ela se viu incapaz de puxar a ferramenta de volta. Estava mais que extenuada. Mais que extasiada. Mais que morta. Porém, continuava se movendo.

O penúltimo monstro a derrubou, mesmo sem quatro dos seis membros, enfiando as garras no seu braço direito, estalando as mandíbulas perto demais do seu rosto. Ela o chutou; ele quicou de volta. Ela ordenou que o braço enfiasse a espada nele, mas o braço voltou sem a espada. Perdera o seu sabre.

O monstro mutilado guinchou, lambendo o rosto dela, enquanto a mão de Dunia buscava qualquer coisa que não fosse viscosa naquele cemitério. Encontrou madeira.

A sensação era que o ar, apesar do fedor insano de vísceras apodrecidas, ainda estava frio e elétrico pelo oxigênio, tenso como uma explosão esperando para acontecer. Mas era inevitável: ela teria que usar a arma.

Dunia inspirou fundo o último banquete de oxigênio antes da morte e o bombeou para o braço direito, depois agarrou a espingarda do tio Emmet, puxou e enfiou o cano na boca da criatura, bem no fundo da garganta, onde não havia oxigênio para contar história.

O último dos últimos dos sibilantes a atacou naquele exato momento, e ela se virou para ele com uma barata demoníaca de pernas decepadas pendurada na ponta da espingarda. A explosão abafada liquefez os dois alvos ao mesmo tempo, espalhando a carcaça deles até o outro lado do campo de batalha, nacos soltos de carne monstruosa caindo na piscina de meleca.

Dunia se surpreendeu ao encontrar o piso de madeira entre tantas camadas de sibilantes mortos. Arfava, esperando que alguém fosse aparecer para roubar seu recém-conquistado lugar.

Ninguém apareceu.

Ela respirou fundo, largando a espingarda e limpando um litro de sangue do seu gracioso rosto pálido.

— E nem uma faísca.

Tirou o maço de cigarros do bolso, escolheu um pirulito e colocou na boca. O doce gosto de cereja da vitória.

E, então, ela se virou para a janela ao ouvir de repente um ronco lá fora.

O veterano da Força Aérea, capitão Al Urich, cordialmente a cumprimentou, um sorrisinho discreto no rosto, sentado no banco

dianteiro do helicóptero de guerra UH-1C Iroquois. Com a mão esquerda abriu a tampa do botão de disparo e enfiou o polegar.

Um míssil AIM-9 Sidewinder foi acionado e saiu zumbindo do helicóptero em uma breve trajetória até o centro matemático da janela redonda.

DUNIA: (*Basicamente irritada.*) Ah, merda.

O míssil atravessou o vidro, acertou no peito e explodiu ao tocar a parede oposta.

E, assim, a Mansão Deboën foi vaporizada do hemisfério ocidental com tudo que havia dentro.

* * *

Na última visita à estação sob a Colina da Sentinela, os detetives tinham saído e deixado as luzes acesas. E foi assim que eles a encontraram quando voltaram, deixando para trás os ecos das risadas rascantes. Um deles tropeçou nos trilhos e caiu no chão.

— Nate, vamos! — bufou Andy, puxando-o para cima. — Só mais um pouquinho!

Seus braços mal conseguiam ajudá-lo.

Nate deu uma olhada para a galeria de acesso e viu o brilho de um minúsculo raio de sol lá no fundo, feito uma estrela menor em uma constelação obscura.

— Não consigo — disse ele. — Por favor. Vamos usar um carrinho.

— Os carrinhos demoram muito, Nate, correr é mais rápido!

— Não necessariamente — comentou Kerri.

Andy viu que ela estava ajoelhada ao lado de um dos tanques de oxigênio maiores, ainda dentro de um vagão, lendo as letras miúdas no rótulo.

— Rápido, vamos colocar este aqui nos trilhos.

Tim correu atrás dos humanos, desesperado para ajudar, enquanto os três empurraram o carrinho pesado pelos trilhos, apontando-o para a saída, até que sentiram a quase imperceptível rampa começar. Então, Kerri pegou o cachorro e o jogou dentro do vagonete.

O grupo inteiro subiu, com dificuldade de se ajeitar no pouco espaço que o tanque de oxigênio deixava livre. Ele estava na parte de trás do carrinho, enquanto Nate, Kerri e Andy — e até Tim — eram forçados a se inclinar por cima do tanque e se apoiar uns nos outros para se equilibrar. Andy foi pega de surpresa ao sentir mechas de cabelo ruivo felizes da vida caindo no seu rosto.

— Estamos em um carrinho de mineração — percebeu ela.

— Melhor ainda — disse Kerri, pegando um dos rifles. — Eu lhes apresento o Vagão a Jato da Criatura do Lago.

— Hum... Não me lembro desse nome.

— Eu sei — retrucou Kerri, de repente puxando-a pela cintura e apertando com força. — Acabei de inventar.

E aí, bem quando os primeiros sibilantes saíram do poço e entraram na estação, Kerri atirou no bocal do tanque de oxigênio.

Em se tratando de experimentos, aquele não foi dos piores, mesmo que não tenha saído totalmente conforme os cálculos. Alguns aspectos superaram as expectativas, outros nem tanto. A abertura não foi espetacular, embora o barulho tenha sido ensurdecedor desde o primeiro instante. E mesmo o peso somado dos quatro passageiros em cima do tanque não o impediu de chacoalhar como um robô enlouquecido dentro de uma jaula, ameaçando disparar como um jato ou explodir todo mundo bem antes que as rodas do carrinho reagissem a força do jato. Mas quando finalmente decolaram, para a satisfação desesperada de Kerri, o vagão foi em tempo recorde de zero a dez quilômetros por hora, depois trinta, depois cento e vinte, até atingir a velocidade de uma montanha-russa em Marte, exibindo Tim como sua figura extasiada na proa, o vento arregalando os olhos e as gengivas e ameaçando arrancar a língua que balançava para fora da boca, a voz dos humanos rivalizando com o rugido de vazamento de gás digno de um foguete, ambos produzindo um grito contínuo enquanto disparavam pelo túnel de concreto, se aproximando de uma luz do dia cada vez mais confusa.

O vagonete foi cuspidado pela boca do acesso, ultrapassando em muito a encosta com detritos da mina, catapultando os passageiros em uma queda livre pontilhada de aiiis, aaaaahs e palavrões variados até o Rio Zoinx. A água congelante que vinha direto das montanhas foi o último mas não menos importante dos choques que aquele passeio havia proporcionado.

Kerri foi a primeira a emergir e localizar o restante do time, cabeças flutuando para cima e para baixo, tossindo água, nadando devagar até as pedras.

— Todo mundo bem? — perguntou ela, consciente de quão estúpida era a pergunta. — Por aqui — apontou —, temos que voltar para o lago!

Foi Nate que, enquanto desciam pela encosta, pingando gelo, percebeu as árvores em volta.

— Não estou ouvindo pássaros.

O céu estava branco. O mundo parecia uma pintura a óleo inacabada — cada pedra e planta nas margens dilapidadas do Zoinx pintada em detalhes, a silhueta de árvores mortas contra a tela em branco. Não havia sol, nem nuvens, nem espaço.

O grupo correu, ou deixou a gravidade carregá-los rio abaixo pela margem, as pernas aos poucos despertando do frio para um cansaço

agonizante das últimas vinte e quatro horas. Andy viu a linha brusca do horizonte contra o céu branco e temeu que, ao chegarem lá, simplesmente encontrassem o nada além da borda do papel.

O que alcançaram, na verdade, foi a vasta superfície espelhada do Lago Adormecido, as montanhas encobertas pela neblina do outro lado e fumaça negra.

As crianças viram a majestosa pira que ardia onde antes havia sido a Mansão Deboën, assim como o helicóptero de guerra que entrava no campo de visão.

O capitão Al os cumprimentou pelo rádio.

— Bom dia, detetives. Câmbio.

— Capitão! — respondeu Nate, acima dos gritos ensurdecedores das garotas e de Tim, comemorando um único ato violento em que não estavam envolvidos. — Al, eu te amo, cara! Você é meu herói! Câmbio!

— Obrigado, obrigado — disse o capitão, e Nate conseguiu vê-lo entre a sua equipe pela saudação grandiosa enquanto o helicóptero se inclinava na direção deles. — Deixa só eu encontrar um lugar para pousar e vou parabenizar vocês pessoalmente, câmbio.

— Entendido, Al. Tem uma clareira bem ali. Vemos você em...

A comunicação foi interrompida bem nesse momento.

No rádio, apenas uma saraivada de estática. Mas Nate, Kerri, Andy e Tim não precisavam do rádio: eles viram com os próprios olhos. Não compreenderam; a razão se recusava a aceitar. Mas viram.

O que viram, em um intervalo que não deve ter durado mais que três segundos, foi algo — uma sequoia, uma plataforma de petróleo, ou talvez uma cobra colossal — se erguendo da água, agarrando a aeronave, girando-a e jogando-a longe. Por mais que desafiasse o senso comum, a queda foi tão violenta que o helicóptero se desfez ao entrar em contato com a água. Uma hélice que ainda girava se partiu como um galho, e uma fagulha criou uma explosão de chamas efêmeras que nadaram e se afogaram entre as ondas violentas e súbitas enquanto o restante do helicóptero era puxado para o fundo do lago.

O que quer que fosse já havia desaparecido de vista muito antes de Andy e Kerri conseguirem reduzir todas as impossíveis interpretações a uma espécie de tentáculo. Àquela altura, Nate tinha quase convencido o próprio cérebro de que o leviatã desproporcional, insano e descaradamente fora dos padrões de medidas terrestres que tinha acabado de derrubar um helicóptero de quatro toneladas como se fosse uma mosquinha diante dos seus olhos era, provavelmente, um dos dedos de Thtaggoa.

PARTE CINCO

ANIQUILAÇÃO

As colinas começaram a roncar. Um murmúrio grave e vibrante chacoalhou o continente sob os pés e os ossos dos corpos deles.

Tim trotou em círculos, ganindo de chateação com o tremor da superfície do planeta, implorando que alguém o confortasse. Não que Kerri pudesse ajudar: sua mente ainda estava presa ao ponto do lago em que tinha visto o capitão Al pela última vez, desaparecendo em um segundo. O local tinha se tornado o epicentro de um novo padrão regular e assustador de ondas que se expandiam em todas as direções até os confins mais distantes e remotos do Lago Adormecido, anunciando ao mundo que a dimensão do que quer que surgisse seria algo sem precedentes.

De repente, a terra emitiu uma nota incrivelmente grave. Foi um estrondo único decrescente, que os garotos sentiram no estômago, não nos ouvidos. Tim cavou a lama com as unhas, pelos eriçados, e, de repente, em algum ponto no meio do lago, longe da destruída Ilha Deboën, a água foi sugada.

E o vórtice ficou branco. Como se uma imensa nuvem estivesse emergindo.

E era exatamente isso que estava acontecendo, pensou Kerri. Uma erupção límnic.

O lago estava fervendo. Bolhas microscópicas subiram das profundezas negras para a superfície, que ficou coberta de espuma, e então elas foram se avolumando, crescendo, tomando as margens, e a maré efervescente começou a subir, primeiro centímetros, depois metros, e logo quilômetros, e antes que os jovens sequer tivessem tempo de fugir, eles se viram até os tornozelos mergulhados em uma inundação, com exceção de Tim, que fugira correndo para as árvores, e de lá ele latia, exigindo que o lago retrocedesse.

E o lago obedeceu. As águas logo recuaram, abrindo mão de metade do território conquistado, enquanto o vórtice no centro só crescia.

E, então, tudo parou.

E, então, houve uma explosão invisível que derrubou o grupo no chão e arrancou todas as árvores ao redor do lago.

E quando Andy se ergueu e respirou, seu corpo reagiu com uma única pergunta inacreditável: *respirar o quê?*

A erupção havia expulsado cada molécula útil de ar em um raio de três quilômetros. E a queda havia cuspidado a última lufada de oxigênio do seu corpo.

De repente, ela entendeu que aquela conexão mental foi a primeira de aproximadamente dez que seria capaz de fazer antes de desmaiar.

E esta foi a segunda. Que desperdício.

Ela vasculhou as roupas. Vinha carregando um respirador ao redor do pescoço o tempo todo, ou era o que achava; devia ter perdido durante a batalha. Ela se virou para procurar Kerri e Nate, que tinham sido levados para mais longe pela explosão. Kerri agarrava o próprio pescoço. Nate estava caído em uma poça de espuma, ofegando como um peixinho-dourado.

Tim, ainda mais distante, já tinha perdido a consciência. Sorte a dele.

* * *

Andy usou todas as forças para se levantar e logo em seguida caiu de joelhos dois passos mais perto de Kerri, tentando não pensar na quantidade preciosa de oxigênio que havia gastado para estar ao lado dela mesmo sabendo que não podia ajudá-la. Não podia conjurar ar para ela. Não conseguia falar. Mal conseguia se mexer. A visão estava embaçada, os dedos sofriam espasmos. Kerri percebeu, os olhos tomados pelo horror; pior, assimilando o horror. *Hipercapnia*, os lábios das meninas falaram ao mesmo tempo. Os sintomas avançavam a mil por hora. Quando dessem por si, já estariam mortas.

O cabelo de Kerri tinha se tornado um borrão cor de laranja. A cabeça de Andy desabou na lama fria, mas ela não se importou. Poderia jurar que estava abraçando a cintura de Kerri da última vez que conseguiu enxergar alguma coisa. Morreria abraçada a Kerri.

A ideia se tornou quase suportável.

* * *

Uma forma dentro do borrão laranja à sua frente se separou da nuvem principal.

Não era completamente laranja.

Tinha listras pretas.

O Chevrolet Vega Kammback 1978, motor modificado engasgando com o O₂ engarrafado, buzinou, um som tão glorioso quanto um coro de serafins anunciando o arrebatamento, enquanto Joey Krantz, ao volante, batia no para-brisa e gritava:

— Andrea!

Ainda bem que ele não disse “Andy”. Ela talvez não tivesse reagido ao seu nome àquela altura. Mas alguém que, sabendo a sua preferência, insistisse em chamá-la de Andrea era o bastante; havia uma reserva especial de energia no corpo dela só para lidar com isso. Foi o suficiente para que ela bombeasse um pouco de oxigênio para seus membros, se arrastasse o mais rápido possível pelos três metros de distância até o carro, entrasse pelo lado do motorista e inspirasse, afoita, a maior golfada do redentor ar fedendo a cigarro, cachorro e desodorizador de pinho de toda a sua vida.

A dose foi suficiente para que ela corresse de volta aos outros, fizesse sinal para que Joey buscasse o Weimaraner, arrastasse Nate e Kerri pela lama e os enfiasse no banco traseiro. Joey jogou Tim por cima deles e fechou as portas para preservar o oxigênio lá dentro. Meio carro de ar era tudo o que tinham.

Por incrível que pareça, Tim foi o primeiro a recobrar a consciência. No caso de Nate, bastou chacoalhá-lo, mas a recuperação foi mais lenta; ainda se movia com dificuldade enquanto Tim latia desesperado no ouvido de Kerri, que continuava sem responder.

Andy tapou o nariz dela e soprou ar para seus pulmões, com tanta raiva que ninguém se atreveria a chamar aquilo de sopro de vida.

ANDY: *(Massageando o coração.)* Kerri, vamos lá. Respira.

JOEY: Andrea...

ANDY: *(Parada.)* Kerri, não faz isso, por favor, meu bem, respira! *(Mergulha na boca de Kerri, continua a massagem.)* Por favor, respira. Respira.

JOEY: ... você tem que dar uma olhada nisso...

ANDY: *(Chorando, dá um soco no peito de Kerri.)* Respira, sua infeliz!

Kerri se sentou com o soco, olhos arregalados, arfando alto.

ANDY: Isso! *(Abraça Kerri, soterrada por cabelo ruivo recarregando, cada fio de cada cacho em alta definição.)* Isso aí!

JOEY: Andrea, a gente tem um problema do cacete!

Andy se virou para o banco dianteiro com a intenção de dar um pescotapa em Joey, mas congelou no meio do caminho ao ver a paisagem. O Lago Adormecido tinha virado um imenso redemoinho. E o mais impressionante era que isso nem era o mais impressionante. Embora o corpo d’água houvesse se transformado em sua própria tempestade, não passava de um mero pano de fundo, atrás das fileiras de criaturas. Eram pelo menos umas três, caminhando lado a lado, por toda a margem. Marchando rumo à cidade.

E pelo visto não tinham dificuldade nenhuma de respirar.

— Sai — mandou Andy, empurrando Joey para o banco do carona. — Agora.

— Mas de onde essas merdas vieram?

— Se segura!

Ela segurou o volante, trocou a marcha, sem nem por um minuto se perguntar quanto de oxigênio ainda havia no carburador modificado do Chevy ou se o motor aguentaria até chegarem a uma área de ar respirável de novo, apenas pisou fundo, voando em direção à margem do lago, pneus produzindo uma cachoeira de lama, derrubando pelo menos dez sibilantes, a julgar pelo som dos crânios inúteis sendo esmigalhados pela traseira do veículo, enquanto outros se uniam em um grito sanguinário e se agarravam à mala, as garras guinchando nas janelas, os dentes estalando no retrovisor que mostrava Andy, sobrancelhas erguidas, ao engatar a primeira e acelerar, o carro derrapando em direção ao sul, para pegar a estrada.

Isso lhe proporcionou um primeiro vislumbre completo da margem leste, infestada por um enxame de sibilantes cinzentos e disformes. Só que isso também tinha deixado de ser impressionante.

Impressionante mesmo, no momento, era o que estava emergindo do vórtice; tão impressionante que não existiam palavras para descrever aquilo. O mais perto que Nate conseguiu chegar foi: “Meu santo cu quente do diabo.”

Os sibilantes, se jogando na frente do Chevy e sendo derrubados feito pinos de boliche, foram gentis o bastante para tampar parcialmente uma imagem que, sem dúvida, teria feito as testemunhas sucumbirem à insanidade. Andy, quase arrancando o volante para a esquerda e quicando por uma trilha na floresta, só podia se dar ao luxo de olhar para o retrovisor com o canto do olho, e tudo que podia dizer era que uma montanha, uma montanha pegajosa, havia saído do lago. Nate e Kerri espiaram pelo para-brisa traseiro, mas continuavam sem conseguir ver tudo. Avistaram alguns tentáculos, ou ao menos um braço espiralado do tamanho de um trem de carga, coberto de antenas, feito uma centopeia gigante; lava rubra corria por uma rodovia de veias enredadas; Nate até conseguiu contar cinco árvores imensas, uma espécie de baobá, balançando de um lado para o outro no topo, cada uma do tamanho de uma baleia-azul, mas vermelhas, e antes que o bosque obstruísse sua visão, ele percebeu que um dos baobás floresceu, gerando uma boca com cinco mandíbulas, sugerindo uma vaga ideia de que as árvores gigantes, na verdade, eram cabeças. Mas, na verdade, eles não viram aquilo, assim como não se vê Nova York mesmo estando em Nova York. Isso porque Nova York só pode ser vista de verdade em fotos de satélite.

Foi aí que um sibilante pulou em cena, agarrando-se ao para-brisa traseiro como uma paródia inacreditavelmente grotesca de uma geleca de criança, e tentou quebrar o vidro com a cabeça.

O Vega corria a cento e vinte por hora em uma trilha sinuosa de terra de dois metros de largura, e sibilantes caíam das árvores, atingindo o

carro com estrondo, berrando nas janelas. Andy viu pelo retrovisor uma das criaturas correndo atrás deles e dando um salto, e então sentiu o impacto do bicho pousando no teto.

JOEY: Que porra é essa?!

KERRI: É o dióxido de carbono, é o que fortalece eles!

ANDY: Vamos pular!

O Vega levantou voo em uma rampa, deixando um galho de pinheiro arrancar o sibilante do teto, e caiu com tanta elegância quanto um búfalo andando de quadriciclo. Nos poucos e confusos segundos antes de chegarem à velocidade terminal, outro monstro se pendurou na lateral do carro, guinchando ao lado da janela de Kerri.

KERRI: Cadê as armas?!

ANDY: A gente perdeu!

JOEY: Eu tenho uma. (*Puxa um revólver, recebido por um silêncio repentino.*) Não sabia se ia ajudar em alguma coisa.

ANDY: Bem, atrapalhar é que não vai!

O punho de um sibilante de repente acertou a janela de Joey, em uma nova demonstração de força extrema e timing perfeito. Joey conseguiu parar a garra alienígena a um centímetro de dissecá-lo vivo, enfiou o cano da pistola para fora e explodiu a criatura.

KERRI: Segue para o sul! Precisamos de ar fresco!

ANDY: Vou pegar esse atalho!

JOEY: Isso não é um atalho, é uma trilha de mountain bike!

ANDY: Por mim tudo bem!

Andy ignorou uma curva e derrapou, o carro foi voando para fora da pista e caiu na mata; a placa traseira e dois sibilantes tenores não resistiram ao primeiro buraco. Ela não tirou o pé do acelerador durante toda a descida, atropelando qualquer arbusto, espinheiro e muda de árvore que não parecesse resistente o bastante para merecer um desvio, e acabou do outro lado das curvas da estrada, os pneus arrancando três camadas de solo e sambando sem sair do lugar enquanto Andy tentava virar de volta para o caminho certo e três sibilantes chegavam cambaleando pela mesma encosta e pousando na estrada.

Ela atropelou um; Joey se debruçou na janela para disparar contra o que estava na traseira. O do meio grudou à lateral esquerda do carro que zigzagueava e socou a janela de Nate. Tim deu um pulo por cima do rapaz e mordeu o braço escamoso, fazendo a criatura se soltar; a mão ficou presa aos cacos de vidro e o restante da criatura foi arrastada atrás do carro.

— Preciso de uma arma! — gritou Nate.

— Não tem munição!

Tim rosnou quando uma quarta criatura os surpreendeu quase atravessando a janela de Joey, perto demais para que ele pudesse

empurrá-la. Andy gritou para que ele usasse a porta; Joey a abriu, a criatura tentou enfiar um ou dois braços pela brecha e foi aí que Joey bateu a porta, e de novo, e de novo, e de novo, e de novo, até que um *croc* viscoso e nojento e um solavanco indicaram que as rodas tinham passado por cima de grande parte do sibilante.

Nate agarrou o braço decepado e usou-o para empurrar outro sibilante.

— Saaaaaaai!

No terceiro golpe, a criatura capotou pela estrada, espalhando sangue negro pelo asfalto embranquecido. A estrada estava melhorando.

JOEY: Estamos seguros! (*Loucamente buscando confirmação.*) Estamos seguros! (*Para os outros.*) Meu Jesus Cristinho, é isso que vocês costumam fazer?

KERRI: Tim, para! Acabou! Tim! Quietos!

TIM: (*Continua latindo sem parar e quicando de um lado para o outro no banco traseiro.*)

ANDY: Estamos bem! Está tudo bem, vamos tentar chegar...

SIBILANTE: (*Se inclina do teto pela janela do motorista, agarra o rosto de Andy e abre as mandíbulas em uma tentativa de engolir a cabeça inteira.*)

OUTRA COISA: (*Atinge o mesmo lado do carro, partindo o sibilante em dois.*)

* * *

O Chevrolet Vega girou duas vezes antes de parar por completo, a vinte metros da viatura policial. A criatura que tinha sido esmagada estava caída entre os dois carros.

Kerri foi a primeira a sair do carro e dar a volta para ver como Andy estava. Havia sangue escorrendo da cabeça e do pescoço, mas ela estava consciente. Não muito sã depois de um close na boca de um sibilante, mas consciente.

— Você está bem? Andy. Andy, olha pra mim. Você está bem?

Nate e Joey, carregando seu revólver, já iam mancando até a viatura. Ninguém havia saído dela.

— Precisamos de ajuda aqui! — chamou Nate.

— Eu estou bem — disse Andy, suspirando e limpando o sangue dos olhos. — Vá ajudar o Copperseed.

Kerri se aproximou do veículo do Condado de Pennaquick e encontrou o policial também consciente, apesar de tudo. O airbag havia protegido sua cabeça. A perna não teve tanta sorte.

— Delegado? — chamou Joey.

Copperseed ergueu a mão, pedindo uns segundos para se recompor. Ele respirou fundo algumas vezes, deu uma olhada na perna, contraiu os lábios e só então falou:

— Você não sabe como estou feliz por termos evacuado a cidade.

— Eu também — bufou Kerri. — Não conseguimos evitar a erupção. A nuvem vai chegar aqui a qualquer momento. Precisamos ir.

— Al e seus amigos...

— Não conseguimos salvá-los. — Ela forçou um longo soluço garganta abaixo, prometendo a si mesma que se permitiria o devido luto mais tarde.

Joey apontou para o horizonte atrás deles:

— Hum... Pessoal...

Kerri olhou para além da viatura. Depois das colinas pontiagudas de pinheiros, além dos bandos de milhares de aves apavoradas fugindo, uma montanha distante e nunca mapeada havia surgido. Um carste extraterrestre. Uma torre balançando ao vento. Um pólipo parasita grudado à superfície do planeta.

Tim, machucado e mancando, explodiu em um uivo desesperado para o céu nu.

— O deus do subterrâneo retornou — declarou Copperseed.

Andy, ainda no Vega, estreitou os olhos para o retrovisor.

JOEY: Pessoal?! Que porra é essa?!

Nate, os olhos revoltados e se recusando a desviar daquilo, respondeu apenas:

— O apocalipse.

Copperseed girou a chave na ignição. As diversas partes automotivas destruídas despertaram e o motor roncou com um grogue *Sim, senhor!*

Andy saiu do Chevy e ergueu o capô amassado. O tanque de oxigênio que ela e o capitão Al tinham anexado ao carburador saiu com facilidade. Ela o jogou longe e testou a ignição. Havia ar suficiente para o carro funcionar. A questão era se havia sobrado o suficiente do carro.

Desnortado, o Chevy roncou uma vez. Duas vezes. Na terceira, o motor ressuscitou.

— Vou chamar o Exército — disse Copperseed para Kerri. — Dirijam para o sul até onde conseguirem. Não parem. (*Impedindo uma interrupção.*) Agora.

— Espera! — Andy tinha dado ré para emparelhar com ele. — Delegado, temos mais chance de impedir isso se ficarmos.

— O quê?! — berrou Joey.

Andy ignorou Joey.

— Delegado, confie na gente.

Copperseed parecia discordar, mas, por algum motivo, aceitou a sugestão.

— Vocês vão precisar de uma distração — falou.

— Não, Copperseed, você tem que sair da cidade! Entendeu?

O delegado deu uma risadinha enquanto engatava a ré e ligava as sirenes.

— Como se eu fosse receber ordens de um clube de detetives adolescentes...

E com isso ele deu meia-volta e pisou fundo, disparando para longe de qualquer resposta possível, de volta à cidade. Os outros se enfiaram no carro e seguiram a viatura para as ruas vazias de Blyton Hills.

* * *

A viatura policial seguia para o centro, com as sirenes berrando, enquanto Andy virou o Chevy Vega para a esquerda e acelerou pela rua de Kerri. Os jardins estavam desertos. Uma bicicleta infantil tinha sido abandonada no meio-fio sob aquele céu branco.

Blyton Hills era uma cidade fantasma.

A casinha com venezianas cor-de-rosa se empertigou feito uma senhorinha fofqueira espiando o Vega cor de âmbar cantar pneu na calçada, e depois descarregar um bando de alucinados imundos e ensanguentados no jardim, pulando o portão e correndo para dentro, sem se preocupar em limpar os pés no capacho.

— Selem e bloqueiem todas as portas e janelas! — ordenou Andy ao invadir a sala de estar. — O quarto de Kerri vai ser o nosso bunker!

— Você tá doida? — respondeu Joey. — Acha que uma tranca vai segurar aquilo?

— Vai segurar os sibilantes — disse ela já no segundo andar. — E eles não sabem que estamos aqui. Por enquanto.

Nate também foi para o andar de cima enquanto Kerri cuidava do térreo. Tim pegou o pinguim que Andy tinha deixado cair e correu para guardá-lo em local seguro. Todos tinham algo para fazer, menos Joey.

— Andy, isso é loucura! A gente tem mais chance de sobreviver se sair da cidade! — berrou ele, correndo escada acima e vendo o quarto das meninas no fim do corredor. — Mesmo se a gente conseguir evitar a nuvem, não dá pra impedir aquela... *(Para no meio do quarto vazio, então vê Andy saindo do quarto com um livro antiquíssimo nas mãos.)* ... aquela montanha do cacete, pelo amor de Deus. Aquilo vai esmagar a gente!

Andy deu meia-volta para encará-lo, quase empurrando-o na parede.

— Nada de ruim chega a este quarto! Entendeu?! *Nada!*

Ela virou para Nate, que tinha acabado de entrar, e jogou o *Necronomicon* para ele.

— Você! Procura um jeito de colocar aquele troço pra dormir de novo!

— O quê?! Não, espera, eu não consigo, não sou bruxo!

Andy cutucou o peito de Nate, gritando a plenos pulmões.

— Se uma puta desclassificada saiu lá de Salém e aprendeu o ritual lendo esse livro, você também consegue! Dá um jeito nesse monstro! Agora!

Nate absorveu a frase, controlando-se ao máximo para não se deixar abalar, e virou para Kerri quando ela se aproximou:

— Não consigo.

— Nate, eu não sei nem pronunciar o nome dele — disse ela, segurando os ombros do primo. — Você está se preparando para este momento há treze anos.

Ele ficou em silêncio. Seu corpo aproveitou a pausa para lembrá-lo de quão perigosamente distante estava de qualquer remédio, comida e sono, enquanto sua mente vagou pelo quarto de Kerri.

— Tirem tudo daqui — disse ele. — Precisamos de um pentagrama.

Andy enrolou o tapete e pediu que Kerri e Joey empurrassem os móveis, enquanto Nate revirava o porta-lápis na escrivaninha fofa, por fim escolhendo um giz de cera vermelho para começar a traçar um círculo largo no piso de madeira. Em seguida, ele entregou outro giz para Kerri e mostrou uma página do grimório como exemplo.

— Desenha este aqui ali, de frente para a parede, depois este com os chifres, naquele canto. Andy, vou precisar de velas.

— Primeira gaveta — indicou Kerri ao começar a desenhar o monograma.

— Eu sei — disse Andy, pegando as velas aromáticas que Kerri guardava na escrivaninha e um fósforo no bolso.

Eles demoraram uns três minutos para organizar tudo.

— Precisamos de assinaturas agora, de cada um de nós — disse Nate, sem fôlego, de pé. — Cada um escolhe um ponto da estrela. Vai ter que usar sangue!

Ele só precisou apertar um dos muitos cortes no braço para fazer algumas gotas grossas e vivas de sangue pingarem no chão; Kerri e Andy fizeram o mesmo.

Joey ficou parado meio sem jeito na sua ponta da estrela.

JOEY: Hum... Não estou sangrando.

Andy pulou de uma ponta à outra, pronta para socá-lo na cara, mas Kerri deteve o punho dela a um centímetro de impacto do rosto do Joey.

KERRI: Rá rá rá! Serve cabelo, acho.

Andy recuou, resmungando, e Joey fez um drama quando Kerri arrancou alguns fios da nuca.

— São quatro — disse Nate. — Precisamos de cinco.

— Não temos cinco — retrucou Andy.

— Dunia precisou de cinco para despertá-lo, vamos precisar de cinco para adormecê-lo! — insistiu Nate.

Andy olhou para Kerri. Kerri, para Joey. Joey, para Nate. Nate, para Kerri. Kerri, para Andy. Andy, para Joey.

E aí os quatro olharam para baixo.

Tim, sentado no último canto do pentagrama, largou o pinguim de plástico sobre a linha vermelha e abriu um enorme sorriso, contente pela atenção.

Kerri ergueu a sobrancelha para o brinquedo mastigado e babado e concluiu:

— Saliva serve também, se não me engano.

— Mas ele é um cachorro! — reclamou Nate. — Tenho quase certeza de que o feitiço pede cinco sacerdotes *humanos*!

— É o que tem pra hoje! Dá um jeito!

Nate virou várias páginas ressecadas do *Necronomicon*, procurando as anotações que tinha descoberto ao examinar o livro na noite anterior.

— Só pra vocês saberem — comentou ele —, conheço um professor universitário que acabou no hospital psiquiátrico só de olhar pra esse livro por tempo demais.

— Bem, você saiu de um não faz nem uma semana, então estamos adiantando o serviço!

— Eu duvido que o professor teria se saído tão bem no massacre de monstros, Nate — disse Kerri. — Não se menospreze.

Lápis chacoalharam na escrivadinha. Tim latiu.

Joey saiu do círculo para dar uma olhada pela janela.

— Ai, meu Deus, ele está chegando. (*Se virando.*) Nate! Ele está chegando!

— É, eu ouvi, porra! — Ele virou mais algumas páginas, então leu uma das anotações. — Bom, o que vamos tentar agora pode não colocar o bicho para dormir de novo, mas diz aqui que vai forçá-lo a voltar para o buraco de onde veio.

— O lago — chutou Kerri.

— Não, antes disso. Só que tem um detalhe, no segundo que eu começar a ler esses feitiços, os sibilantes vão nos encontrar.

— Eles não têm como entrar — disse Andy, arrastando a cômoda para a frente da porta e voltando para o círculo, entre Kerri e Joey. — Pode ler.

KERRI: (*Guardando o isqueiro no bolso.*) Pode ler.

JOEY: (*Com firmeza.*) Pode ler.

TIM: (*Ofegando em apoio.*)

Nate, se ajoelhando, conferiu se as velas estavam nas posições certas e começou a recitar:

— Ngaïah Adolon, Ngaïah Metraton, Ngaïah Zariatnatmik, Kheïa 'nthropapena, Kniga Necronomnkon, Thtaggoa ishta nukflarr suk'lzark'ui

methragamnon!

Tim latiu um palavrão ao ouvir o trovão repentino que fez as borboletas emolduradas tremerem nas paredes. Kerri, Andy e Joey se viraram para a lucarna e viram o estrondo reverberar ao longe, a onda de choque se dispersando pelas árvores da rua.

E então, no silêncio que se seguiu ao trovão, veio o grito distante, ultrassônico e massificado de um exército do fim dos tempos, de pensamentos conectados e laringes rascantes encontrando o inimigo.

— Tim, fica no círculo! — ordenou Kerri. — Tim! Quietos! Sentados! Sentados!

— Ia Melekemnis, Geïadhar laïak sekh zfr'khack'ui...

— Tim, senta! Joey, segura ele!

Um trovão retumbou ao norte, talvez um quilômetro e meio mais perto, pelas contas de Andy. Ela queria tapar os ouvidos, não para silenciar o som da montanha se movendo, nem os sibilantes, mas para as palavras que Nate lia. Apesar de não compreendê-las, via nos olhos de Kerri a confirmação de que não estava imaginando aquilo: as palavras pareciam proibidas; envenenavam o ar ao redor deles; causavam náusea. Não significavam nada para ela, mas algo enterrado lá no fundo da sua memória genética escutava e se sentia ultrajado.

— Ganna sabakhazk'ui, mlif nglk'ui, Ia Melekemnis gizranabakhaztuk! Ngaïah Adolon, Ngaïah Metraton...

KERRI: Você já leu isso!

NATE: Tem que ler três vezes!

ANDY: Para de reclamar e continua!

Joey, fazendo caretas ao ouvir os feitiços, tentava arduamente manter Tim no lugar.

— Vamos lá, garoto, aqui, sentado. Olha, você gosta do pinguim?

Ele apertou o brinquedo, que apitou. Tim quase arrancou a mão de Joey para recuperar o pinguim e se deitou todo encolhido dentro do pentagrama, protegendo o amigo do próximo trovão que chacoalhou a casa.

Nate fez uma leitura dinâmica dos versos, voltando para a primeira linha pela terceira vez bem quando Kerri espiava pela janela.

— Eles chegaram!

Andy viu três ou quatro criaturas correndo pela rua e ficou assustada com a velocidade que atingiram, mas a impunidade com que atravessavam Blyton Hills, com que pulavam cercas e pisavam no carro cor de âmbar estacionado em frente à casa, que nos últimos dias havia se encaixado tão bem na vizinhança, foi o que fez com que ela apertasse os punhos até os ossos estalarem.

— As portas estão mesmo bloqueadas?

— Ia Melekemnis... não saiam do círculo agora... Geïadhar Thtaggoa...

— Como eles sabem onde a gente está?! — gritou Joey.

— São atraídos pelo feitiço — explicou Andy.

— Ia Melekemnis, gizranabakhhtuk! — Nate virou a página.

Andy ficou de boca aberta ao ver a quantidade de texto na página seguinte.

— Isso tudo?! Tá de sacanagem?!

— O que você esperava?! Dunia levou a noite inteira!

Um raio caiu não muito longe da cidade. Em meio ao eco, eles ouviram árvores derrubadas.

— Espera! — gritou Kerri. — Dunia levou tanto tempo porque era a única participante ativa. A gente pode ler junto, não?!

Nate deu uma olhada nas anotações, arrancou as páginas e as distribuiu.

— Você lê isso, você, isso aqui, e você, essa parte. Pronunciem como se fosse um mafioso italiano; *kh* é *dje* e *zh* é *x*. — Alguma coisa acertou a porta lá de baixo. — Vai!

Kerri e Joey começaram na mesma hora, pronunciando as palavras tão rápido que era impossível perceber a diferença. Andy olhou para a primeira palavra e quase entrou em pânico.

— Nara... Nyara...

KERRI: Lê de qualquer jeito, com certeza quem está ouvindo não vai reclamar da sua pronúncia!

— Nyarlathotep nemumfur, sum jag'rwí kjagadar uzuzwi nekrogradin...

Alguma coisa de vidro deixou de existir na sala de estar lá embaixo.

— Eles entraram!

— Leiam!

Tim começou a latir de novo. A única coisa em silêncio naquele momento era o pinguim de plástico sob sua proteção. Cada corpo recitava versos que pesavam no ar e se condensavam nas paredes; criaturas destruíam o primeiro andar; os trovões se multiplicavam, partindo madeira e pedra, destruindo o mundo lá fora, cada vez mais alto na escala Richter, bloqueando toda a luz. Andy notou as sombras que surgiam no papel que lia.

Nate terminou seu verso e virou a página, os outros correndo para alcançá-lo. Kerri terminou primeiro, depois Joey; Andy correu por alguns grupos de consoantes e jogou o papel no chão no instante em que algo começou a tentar derrubar a porta do quarto.

— Nate?

A cômoda bloqueando a entrada avisou que iria se despedaçar no próximo golpe.

— Lamakomn nguflí charkflk'uí, ngaïah, ZHRO!

A casa imediatamente se aquietou. Tim, envergonhado com o silêncio, se deitou.

Kerri e Andy se entreolharam, reconhecendo a respiração difícil que vinha do outro lado da parede.

— Nate? — sussurrou Kerri.

— Só falta o aklo ao contrário — disse ele. — Tem que estar aqui em algum lugar.

— Mas que merda é essa de aklo? — perguntou Joey enquanto Nate virava as páginas sem anotações.

Algo afiado e áspero começou a arranhar a porta.

KERRI: E aí?

NATE: Não está aqui.

KERRI: O quê?!

NATE: Não tem o aklo! A Dunia devia saber de cor; ela fez o ritual enquanto o livro estava comigo!

A nova montanha a dois quarteirões de distância uivorroncou, na falta de uma palavra real. O som de explodir os tímpanos foi sólido e dolorido, balançando as cortinas e derrubando os quadros de borboleta da parede.

— Espera! Espera!

Todos os olhos humanos, caninos e de plástico se voltaram para Andy, que estava olhando para o cachorro.

— O aklo... é a parte do ritual que Dunia estava recitando quando Wickley chegou, treze anos atrás, não é? Então foi isso que Wickley escutou! Foi o que ficou na cabeça dele e que ele repetiu para mim quando eu o pressionei.

Todos prenderam a respiração, para não distraí-la.

— O que... ao contrário, seria algo tipo... Zhro... ng'ngah'hai... nekrosunai mwlgn iä Thtaggoa fhtagn iä!

As palavras apagaram todas as velas do quarto.

O silêncio se instalou. Andy olhou para Tim; Kerri e Nate para os quadros quebrados no chão; Joey para a porta, que, de repente, não fazia mais barulho.

Então, ela tremeu um pouco, mas o som da respiração da criatura do lado de fora aumentou.

Do outro lado da janela, Thtaggoa grunhiu.

Ao longe, guinchos dispersos de sibilantes começaram a surgir, alguns se transformando em gritos distantes diferentes do ódio irracional e voraz que os jovens e o cão tinham aprendido a respeitar. Era um novo tipo de vocalização que eles não conheciam.

Era medo.

Andy consultou Nate e saiu do círculo para olhar a janela.

A rua estava deserta.

Então, seu coração quase saiu pela boca quando um sibilante apareceu, guinchando, não para ela, mas de passagem, voando a contragosto do telhado da casa.

Ela abriu a janela e se debruçou para fora, Kerri, Joey e Nate fazendo o mesmo. Mais duas criaturas de seis membros saíram rolando do primeiro andar jardim afora, quicando pela calçada, como se arrastadas por um furacão silencioso e invisível pelo quintal do vizinho na direção de algo que emitia um brilho verde no horizonte. Uma estrela que não estava ali antes.

Os berros dos sibilantes ficaram cada vez mais altos e agudos, tão agudos que se tornaram audíveis apenas para os ouvidos de Tim, que, de tão interessado, até virou as orelhas para o outro lado. E seus berros eram acompanhados do uivo trêmulo, destruidor e decrescente do deus titânico do subterrâneo, misericordiosamente fora de vista, sua sombra peçonhenta sobre Blyton Hills se dissolvendo.

Kerri, Joey e Nate se viraram de repente quando os golpes na porta se intensificaram, bem a tempo de ver as dobradiças explodindo e a cômoda tombando, e se abaixaram para evitar o sibilante que foi atirado pelo quarto e voou pela janela, carregando Andy junto.

Kerri mal conseguiu agarrar a cintura de Andy a tempo quando também foi erguida do chão, e Nate, Joey e Tim correram para segurá-la também, mas todos sentiam a força do furacão ao redor, ensurdecidor, devastador, tentando roubá-los da gravidade terrestre e arrastá-los para uma estrela nos confins do universo.

Andy, metade do corpo para fora da janela, encarou o rosto da criatura com cavidades no lugar dos olhos que se debatia, apavorada, sendo puxada pelo vórtice como uma pipa em um tornado, cravando uma garra no seu braço, nos ossos, tendo decidido levá-la junto para seu exílio dessa galáxia simplesmente porque foda-se você também, Andy Rodriguez.

Ela olhou para trás e viu Kerri, e leu *Aguenta firme* naqueles lábios que só havia beijado uma vez, os seus pedindo *Por favor, não* quando uma das mãos de Kerri a soltou.

E então voltou. Com uma faca.

Kerri esfaqueou a pata do sibilante com tanta força que Andy sentiu a lâmina cortar sua pele abaixo e soltou um ai de pura alegria quando o monstro se desvencilhou dela e saiu voando, girando, atravessando o imenso corpo vermiforme de Thtaggoa, então corrompido em partículas subatômicas carregadas feito poeira pelo ciclone que envolvia o sibilante aterrorizado e seus irmãos demoníacos ao rolares pelo quintal e pela cidade e pelo Condado de Pennaquick e pelo Oregon e pela ionosfera do Canadá e para fora da gravidade terrestre, passando à velocidade da luz pela lua, por Marte e o cinturão de asteroides, pelas órbitas de Júpiter, Saturno, Urano, Netuno e Yoggoth, adentrando buracos de minhoca pelo espaço e sendo cuspidos do outro lado do sistema solar, seus gritos agonizantes ouvidos pela última vez enquanto passavam por uma

nebulosa da constelação de Virgem antes de se enfiarem pelo paradoxo físico-espacial que levava a uma região estéril do espaço sideral.

* * *

A impressão foi de que a estrela verde piscou e desapareceu do horizonte segundos depois que o portal próximo à órbita de Marte de fato se fechou, tendo engolido Thtaggoa e os últimos da sua prole.

O Clube dos Detetives de Blyton se levantou do chão do quarto de Kerri. O firmamento estava voltando à existência. O véu branco desaparecia, pintando um céu azul em que nuvens fofas como ovelhas contrabandeadas pastavam.

Os quatro, além do cachorro, se levantaram no bunker de teto inclinado, sem palavras, contemplando o fim da guerra.

Então, Andy abraçou Kerri e atingiu sua boca com o beijo mais violentamente delicado, docemente sangrento, furiosamente agitador de bandeiras de arco-íris que qualquer uma delas já tinha dado ou recebido, inundando sua língua com chuvas de verão, refrigerante e ondas tropicais.

Ela se afastou, um fio de saliva ainda conectando seus lábios, cabelo vermelho ofegante de surpresa, e apontou o indicador para o nariz de Kerri.

ANDY: E nós duas vamos pular de paraquedas nas férias. Entendeu?!

Tim saiu de cena trotando alegremente para avisar ao pinguim que estava tudo bem.

* * *

Eles saíram para a primeira manhã depois do apocalipse — um dia que entrou correndo, suado e com a camisa para fora da calça feito um funcionário chegando atrasado no escritório e perguntando *Aconteceu alguma coisa enquanto estive fora?*

Uma chuva fina tinha começado a lavar as ruas destruídas, toda alegre e casual como uma figura de autoridade mais velha chegando no fim de uma história de detetives adolescentes.

Eles caminharam até o meio da estrada coberta de galhos partidos, um cenário não muito pior que o quarto de um astro do rock. Aquela impressão comedida durou somente até Joey apontar para as colinas ao norte, no início da fileira de casas da rua de Kerri. Da última vez que eles tinham visto aquela área, uma mata densa e verde cobria tudo. Naquele momento, porém, não passava de uma grande extensão de terra batida, pontilhada de tocos e restos de uma floresta destruída. O rastro de

destruição de Thtaggoa vinha por trás da colina, onde o céu ainda estava ferido e encoberto por colunas de fumaça e parava a dois quintais da casa de Kerri. Era difícil mensurar o tamanho do estrago olhando do chão.

— Puta merda — comentou Andy. — Essa foi por pouco, Nate.

Tim chamou a atenção deles do outro lado da rua, onde um carro branco tinha estacionado na calçada, batendo na lateral de um Chrysler. Eles reconheceram o veículo de imediato, apesar de estar sem as sirenes. Muitas marcas de garra, com espaçamento de cinco centímetros entre elas, riscavam toda a extensão do teto e das laterais, e tinham arrancado o símbolo do condado. Fumaça subia do capô amassado.

Andy foi correndo até lá e se debruçou na janela quebrada.

— Eu estou bem — disse o delegado Copperseed antes que ela tentasse checar seus batimentos. Ele mal conseguia ficar sentado, encharcado de um suor avermelhado. — Tentei atraí-los para longe, mas eles gostaram mesmo da sua casa. E então, enquanto estavam voando embora, se grudaram no meu carro também. Me arrastaram da rua principal até aqui.

Andy assentiu, virando-se para indicar a Kerri e aos meninos que o policial estava bem, e foi aí que ela olhou para a perna esquerda dele. Dirigir com o joelho deslocado deve ter sido difícil, pensou.

Por coincidência, essa foi a última ideia que lhe passou pela cabeça antes que suas pernas também começassem a ceder e logo desistissem. Ela caiu no asfalto, recostada na porta do carro, e um relatório enorme de ferimentos por todo o corpo enfim chegou ao seu departamento de reclamações.

— Ai, merda — ofegou ela, exaurida.

Tim se aproximou, com um olhar de pena, embora ele mesmo estivesse sem uma orelha e com o focinho ensanguentado. Ela ergueu a mão machucada e fez carinho no cachorro.

— Bom trabalho, soldado.

— O que está fazendo sentada aí? — brincou o policial, espiando por cima da janela. — Entra. Vou levar você e seus amigos para o acampamento.

— Não. Não, obrigada — bufou ela, tomando fôlego. — Acho que a gente vai ficar por aqui mesmo.

— Tem certeza? O exército vai chegar a qualquer momento — disse ele.

Poderia ser sarcasmo, pensou Andy. Era difícil dizer com aquele temperamento de caubói com cara de poucos amigos.

— Tudo bem — murmurou ela, olhando para o restante do time de pé perto da casa de Kerri. — A gente tem o nosso bunker aqui.

Os outros estavam sob a garoa e o sol fresco da manhã, o olhar ainda perdido naquele rastro de desolação.

NATE: Sabem o que seria uma bela reviravolta? Se tudo aquilo, no fim das contas, não passasse de um cara fantasiado.

Kerri riu primeiro; era o humor típico da família. Joey entendeu um pouco depois. A ponto de ser dominada pelo cansaço, Kerri se aproximou de Nate e lhe deu um abraço apertado.

— Estou tão orgulhosa de você — sussurrou ela. — Peter também estaria.

Nate ficou em silêncio. Apenas olhou para além do cabelo de Kerri, para o atleta parado perto dele. E estendeu a mão para o cara.

Primeiro Joey observou aquela mão, suja de sangue humano e sangue alienígena, e sabe-se lá o que mais, e percebeu que a dele estava muito melhor. Então apertou.

— Tudo certo entre nós agora? — perguntou Joey.

— Tudo. Valeu, cara.

Joey ergueu os olhos para a colina destruída. Além dela, bem distante, uma corrente de fumaça negra subia.

— Você acha que o lago ainda está lá? — indagou ele. — Meu pai vai me matar se algo tiver acontecido com o barco.

— Ele vai esquecer quando você mostrar o que tem no porta-luvas — comentou Kerri.

* * *

O barco não estava na água, na verdade: a onda causada pelo despertar do deus subterrâneo o havia deslocado até a margem, bem dentro da floresta, onde havia ficado protegido de tudo que veio depois. O porta-luvas ainda estava trancado, os quatro lingotes de ouro, a salvo, guardados pelos pinheiros vigilantes.

Além das águas do lago, a Ilha Deboën era uma pilha de ruínas, as árvores ali conspirando pela melhor maneira de enterrar a tonelada de tijolos e madeira sob suas raízes e fingir que os últimos dois séculos não haviam acontecido.

Um passarinho corajoso foi o primeiro a pousar na ilha e checar a qualidade do ar por si mesmo, poucas horas após o cataclismo. Ele estava acostumado a tarefas perigosas. Tinha trabalhado como canário de mineração por um dia inteiro.

Primeiro, pousou no topo de um dos pinheiros da ilha, onde ficou balançando com a brisa, depois planou mais abaixo, piando em busca de vida animal, até se empoleirar em um montinho de telhas azuis. Dali, pulou para uma viga de sustentação partida, ainda cálida do incêndio recente, apagado pelas ondas, e então foi saltitando pelos tijolos espalhados do que havia sido uma chaminé e parou na ponta de uma

bota de couro, de onde conseguia inspecionar as margens ocidentais e orientais. O nível da água estava mais baixo, e, embora o canário não tenha pedido um relatório oficial, aquilo poderia tirar do lago o título do segundo mais profundo das Américas.

De repente, sua torre de couro desapareceu sob suas patas, e o pobrezinho, assustado, mal conseguiu decolar a tempo, o coração disparado a duzentas batidas por minuto, e logo saiu do caminho do mamífero que despertava, erguendo-se do túmulo, espalhando pedras e madeira.

Dedos de tarântula, queimados até as falanges, acariciaram os tijolos em torno do jazigo enquanto o olho negro na metade intocada do rosto avaliava a paisagem, absorvendo a visão do glorioso céu azul-cobalto, um arco-íris, um passarinho amarelo em pânico voejando no silêncio imaculado da manhã.

DUNIA: Merda. Eu perdi o evento?

O verão veio cedo, amarelo e mentolado. Nate pegou uma garrafa de dois litros de Coca Diet enquanto folheava o *Diário de Pennaquick*, reparando que os relatórios sobre obras na rodovia próxima a Belden tinham enfim tirado da primeira página o incidente de Blyton Hills. Um artigo dedicado à defesa ultrajada da Corporação RH, decidida a garantir a integridade da indústria química destruída, tinha sido movido para a página quatro. Pobres ecovilões injustiçados.

Nate pagou pelo jornal e pelas compras, subiu na bicicleta estacionada na calçada e foi para casa, Tim na frente, desviando do caminho vez ou outra para dispersar grupos suspeitos de pombos. Os detetives não tinham saído no jornal daquela vez. Kerri e o delegado Copperseed concordaram que era melhor esperar que as autoridades fizessem a própria leitura dos eventos. Foi só Kerri mencionar as palavras “erupção límnica” para o pessoal da Agência Federal de Gestão de Emergências que a versão oficial se agarrou àquele raro, mas não sem precedentes, acontecimento, e ainda apontou a atividade sísmica frequente da região como a provável causa tanto da explosão na indústria abandonada quanto do violento vazamento de gás no Lago Adormecido, vazamento esse que envenenou o piloto de um helicóptero de resgate que dava apoio à evacuação e acabou caindo na Mansão Deboën. Testes científicos realizados na região confirmaram a semelhança com o incidente em Camarões, e a mídia admitiu que a rápida evacuação de Blyton Hills havia salvado centenas de vidas.

Quanto à opinião pública de Blyton Hills, a notória hostilidade com a Corporação RH e Dunia Deboën, que desapareceu misteriosamente antes da evacuação da cidade, evitou que as suspeitas recaíssem no Clube dos Detetives de Blyton.

Funerais militares foram organizados para toda a equipe a bordo do helicóptero: o capitão W.B. Ainslie, o primeiro-tenente B.C. Grand e o capitão veterano Al D. Urich, com todas as honras. O delegado Copperseed, da delegacia do Condado de Pennaquick, e o Clube dos Detetives de Blyton estavam presentes. Andy Rodriguez recebeu a bandeira do caixão de Urich. Ela a manteve dobrada em cima da lata de biscoitos onde o capitão guardava as lembranças dos casos do CDB.

A forma como todo mundo, inclusive a mídia, tinha aceitado a explicação oficial e ignorado as pontas soltas que decerto mereciam mais investigação (como a nem um pouco aleatória distribuição de árvores caídas na reta de trinta quilômetros entre o Lago Adormecido e Blyton Hills) deixou Nate intrigado por um tempo — em especial depois que

relatos de uma perturbação colossal nas colinas, vindos de Brish Quarry, mais de sessenta quilômetros ao norte, foram logo descartadas como alucinações causadas por uma hipercapnia leve. Era como se as autoridades, pelo menos algumas, tivessem arranjado explicações rápido demais para uma história que, na verdade, não as havia pegado totalmente de surpresa. Talvez, pensou Nate, o *Necronomicon* e seus mitos tivessem saído do nicho de cientistas e fãs de ficção científica e chegado a pessoas em posições importantes que não os considerassem meras curiosidades históricas. Ou talvez Nate só estivesse com saudade das teorias da conspiração da ala de segurança mínima do Arkham, que acalentavam o seu coração.

Enquanto Nate passava por um restaurante, seu fluxo de pensamentos foi contido por Joey Krantz batendo na janela lá de dentro. Nate parou na calçada e esperou que ele saísse, ainda de avental e touca.

— Ei. Você viu o *Diário*?

— Não tudo. Estou com ele aqui.

Joey pegou o exemplar da cesta da bicicleta e virou para a página quatro. A única coluna que não se referia à chamada “Representante da Corporação RH joga o nome da companhia ainda mais na lama” falava de algumas ocorrências misteriosas em um parque de diversão abandonado no Vale Sossamon. Nate nem passou do primeiro parágrafo.

— E daí?

— E daí? Um guarda está desaparecido, o outro fala que tem um palhaço maligno sabotando os brinquedos. Parece o nosso próximo caso.

— Parece que tem dois babacas roubando alumínio — retrucou Nate.

— Pode ser, mas nem todo caso vai ser cheio de perseguições de carro e criaturas do subterrâneo — disse Joey, com uma mistura curiosa de alívio e resignação. — Você deveria falar com as garotas.

— Elas estão ocupadas.

— Ah, que isso. Vou tirar duas semanas de férias em julho, vamos lá dar uma olhada nessa história.

— Tá bom, tá bom. Vou falar com elas.

— Fala mesmo!

— Vou falar, prometo. Até, Joey.

— Tá bom, tchau. Tchau, Tim!

Ele correu de volta para o restaurante, e Nate saiu pedalando pela rua principal. Em um país em que as palavras “palhaço maligno” ainda viravam notícia no jornal local, como “erupção límnica” deixaria de convencer alguém?

Ele correu atrás de Tim pelos últimos quarteirões, vinte centímetros de língua voando alegremente para trás, uma única orelha balançando ao vento. O pelo havia crescido nas laterais, escondendo ao máximo as cicatrizes. Ainda assim, ele tinha orgulho delas.

Eles se aproximaram da casa da tia Margo, gardênias cor de laranja transbordando no peitoril da janela. Rivalizando com elas, na calçada, o Chevrolet Vega Kammback recém-polido brilhava como um soldado orgulhoso voltando da guerra, as listras negras carregando seu semblante como se lembrasse das batalhas do passado. Nate teve que proteger os olhos do brilho ao fechar o portãozinho e entrar em casa.

Eles se separaram ao entrar, Tim correndo para o segundo andar enquanto Nate passava na cozinha para guardar as compras e pegar uma faca. Então, ele atravessou a sala, abriu a nova porta de tela e foi para o quintal. A tia Margo com certeza ficaria doida quando visse essa parte, mas eles tinham pedido autorização. E ela teria que admitir que o piso de pedras brancas do lado de fora ajudava a iluminar a sala.

Kerri e Andy estavam onde ele as havia deixado e onde tinham passado a tarde e a maior parte do mês de maio: deitadas em espreguiçadeiras ao lado da piscina lasciva, a água azul brilhando como o vestido de paetês de uma indicada ao Oscar, tudo sob o Tom Jones dos sóis; a pele escura de Andy indiferente aos raios ultravioleta, a de Kerri inacessível a eles, um sorriso infantil no rosto de ambas que nem um mês inteiro de piscina havia conseguido apagar.

Nate tirou a Coca-Cola da sacola enquanto Kerri falava no (também novo) telefone sem fio.

NATE: Vocês duas são as heroínas mais mimadas com quem já trabalhei.

ANDY: Shh. *(Para o telefone na mão de Kerri.)* Universidade.

NATE: *(Alto, para o telefone.)* Ela é tão mimada! Pelo amor de Deus, deem um emprego para ela!

KERRI: *(Rindo, protegendo o bocal.)* Ah, seu babaca. *(No telefone.)* Sinto muito, é o meu primo maluco. Vamos devolvê-lo para o Arkham amanhã de manhã.

ANDY: *(Servindo o refrigerante.)* Cadê o Tim?

NATE: Lá em cima, comigo. Já falei, ele não gosta do lago novo. *(Ele volta para dentro.)*

ANDY: *(Olhando para a piscina.)* Não entendo por quê.

KERRI: *(No telefone.)* Certo, eu faço uma visita, então. Não, não, *eu* que agradeço. Claro. Obrigada. Tchau.

Ela desligou, deu um gole no refrigerante e, por um minuto, se refestelou nos elogios recentes, fingindo que nada havia acontecido. Andy ficou observando-a, identificando a arrogância por trás dos óculos de sol de Kerri.

— E aí? Qual era desta vez?

Kerri jogou o cabelo para trás, esperou o próprio ego se acalmar um pouco.

— Berkeley.

— Uau, você adora essa.

— É. Incrível quantas portas um artigo sobre células que respiram dióxido de carbono é capaz de abrir.

Andy percebeu o sorriso de Kerri diminuir.

— O que foi?

— Berkeley é meio longe, não?

— Nada. Deve ser umas seis, sete horas de carro.

— Achei que Copperseed ia ajudar a limpar sua ficha criminal. Quando você vai conseguir entrar em um avião de novo?

— Não sei. Quando a gente vai pular de um? — Ela se sentou, apontando para um placar imaginário. — Bum! Bem na sua cara, Kerri Hollis!

(Rindo.) — Merda, eu nem sei se isso é sério ou é brincadeira, e a esta altura tenho até medo de perguntar. Que vergonha. *(Pausa.)* Não, não, sério. É um pouco longe... disso.

Andy entendeu o que “isso” significava. A casa e a piscina poderiam esperar; a primeira havia esperado por treze anos, a segunda havia sido aguardada por muito mais. “Isso”, porém, era algo belo e delicado.

— Eu posso ir junto — falou ela.

— Você faria isso?

— Por que não? Eu arrumo um emprego em São Francisco. A gente aluga um quarto e sala. Vem para cá nos fins de semana.

— Um quarto e sala com uma cama só? — Kerri deu um sorrisinho.

— Você prefere duas?

— Não.

— Então é uma, e fim da história.

Andy fechou os olhos e ergueu o rosto para o sol, declarando o assunto encerrado.

Kerri olhou para ela, levantando os óculos escuros.

— Eu me sinto meio mal por você.

Andy se virou de novo, uma mulher de vinte e cinco anos em um biquíni cor de açafrão, deitada em uma espreguiçadeira a dois passos de uma piscina comprada à vista:

— Kerri, por favor, me explica como qualquer pessoa poderia se sentir mal por mim neste momento.

— Andy, eu sei que isso não é uma relação normal de garota-garota.

— Isso não é uma relação de garota-garota; é uma relação de eu-você. Não existem precedentes; não existe normal. Também não tem nada melhor.

— Mas acho que você está esperando até eu deixar algo acontecer.

Andy suspirou e estendeu a mão até a cadeira de Kerri.

— Linda, não estou esperando você deixar nada.

Kerri esticou os dedos e segurou os dela. Elas ficaram de mãos dadas por alguns segundos, como tantas vezes faziam, e não disseram nada.

Então Andy soltou a mão de Kerri, deu um gole na Coca e completou:

— Estou esperando você implorar.

E o placar imaginário marcou mais um ponto, enquanto Kerri a encarava incrédula e os cachos ruivos simplesmente tinham um troço.

— Você... você e essas suas tiradas. Onde você...? — retrucou, enquanto a câmera se afastava das duas. — Não me venha com esse sorrisinho. Como vou deixar você sozinha em São Francisco oito horas por dia?

— V.

— Não, chega de joguinhos de palavras. V, o quê? Deve ser... “vagina”, aposto!

— O quê?! Não, era voluptuosa!

— Vai se foder!

— Sério, Kerri, você está obcecada!

— Cala essa boca, Andy Rodriguez.

Suas vozes ficaram distantes quando Nate fechou a janela do quintal e voltou ao diagrama incompleto no chão do quarto dos meninos.

Ele pegou um dos ovos que tinha acabado de comprar, quebrou em uma vasilha e a colocou no centro do círculo, à esquerda do Signo da Visão. Então, deixou sua assinatura: fez um corte na ponta do dedo com uma faca de cozinha e esfregou o sangue na extremidade sul.

O Selo de Zur estava pronto, se ele tinha interpretado corretamente as anotações do grimório e os conselhos do Velho Acker. Só faltava acender a vela (uma era suficiente para um selo pequeno) e queimar as folhas de salsa.

— Certo. Tim. Vem aqui, garoto.

Tim, enroscado com seu pinguim em um canto do quarto, ergueu os olhos, pouco interessado, mas decidiu ver que negócio era aquele. Ele se sentou onde Nate havia indicado, no meio do desenho, e esperou o próximo comando.

Nate, de joelhos, se afastou do círculo, puxou o *Necronomicon* para perto e leu em voz alta:

— Per Anemai, per Ngovalis, Ab Vrna Driadha quaes spiritua dh’flui Zur vsathla uthurragathik.

Ele parou, esperando uma reação das placas tectônicas. Elas se recusaram a tecer comentários.

Nate colocou o grimório de lado e encarou o Weimaraner, seus olhos pouco acima dos azuis-pálidos do cachorro.

— Eu tenho quase certeza de que o ritual para invocar ou expulsar Thtaggoa exigia cinco almas humanas — contou ele ao cachorro. — Não animais. De outra forma, Dunia poderia ter largado um porco-espinho,

um besouro, um sapo e uma ovelha contrabandeada dentro do pentagrama e resolvido essa história. Se o ritual funcionou com você... Se há um avatar dentro desse receptáculo, então revele-se — concluiu Nate.

Uma fatia fina da tarde de verão passou. A atenção de Tim se voltou para o teto, depois para o jeans de Nate, depois para uma cicatriz no quadril que ainda coçava de tempos em tempos.

Nate insistiu:

— Só me diga quem você é.

Tim olhou para ele, olho no olho, sua expressão byroniana tranquilamente se transformando em um reconhecimento solene.

Nate cerrou os punhos ao ver os lábios molengas do Weimaraner se retesarem, depois se moverem.

— Eu sou Raposa Cinzenta — disse o cachorro.

E, como nos instantes seguintes a um pesadelo, em uma fração de segundo, Nate constatou o caráter infalsificável daquele evento, todos os detalhes meticulosos que o tornavam real: a língua fina trabalhando em conjunto com os dentinhos dianteiros, os lábios frouxos ajudando, a voz não tão diferente do tom dos latidos de Tim, os olhos azul-claros inequivocamente se dirigindo a Nate de igual para igual.

— Terceiro Xamã da Lua dos Walla Walla, da Cidade Celestial das Neves Quentes.

Nate tentou engolir aquela revelação e então voltou a falar:

— Você nos ajudou com o ritual. Você contou a Andy sobre o aklo. Ela jamais se lembraria daquilo sozinha.

— Não fiz nada além de ajudá-la a relembrar palavras que já tinha ouvido. Você é um mago poderoso, Nate Rogers.

Nate se certificou de registrar aquele elogio.

— Há quanto tempo está aqui?

Tim respondeu, as palavras sopradas da boca tão gentilmente quanto o sussurro da brisa de verão entre os pinheiros.

— Você de fato ergueu um avatar de um pote de sais naquela noite, quando era apenas uma criança. Eram os meus sais, preparados por Deboën dos restos mortais que roubou do meu túmulo. Restos que ainda estavam na bancada quando você chegou, leu o feitiço e me trouxe de volta.

Tim lambeu a pata. A coceira devia estar forte.

— Seu cão foi gentil o bastante para servir como meu receptáculo — completou Raposa Cinzenta. — Por favor, não se sinta enganado: ele foi seu cachorro o tempo todo. Eu só caminho junto com ele.

— Mas aquele era Sean — argumentou Nate, temendo a próxima resposta. — Sean era o cachorro que levamos para a casa treze anos atrás, não Tim. Tim é bisneto dele.

— Bem, como a mulher Deboën lhe contou, envelhecer e rejuvenescer não é difícil. Trocar de lugar com um dos filhotes é mais complicado. Ficou mais fácil quando Kerri foi para a faculdade e passou meses sem nos ver. — Tim deu de ombros, um sorriso agridoce nos lábios. — Sabe? Nada que não tenha sido feito antes.

SOBRE O AUTOR

EDGAR CANTERO nasceu em Barcelona, em 1981. Além de escritor, também é cartunista e colaborador da revista satírica *El Jueves*. Conhecido por seu estilo literário que une humor certo a cenas de ação, casas mal-assombradas e diversas referências pop, publicou obras em catalão, espanhol e inglês. *O caso da Mansão Deboën* é seu primeiro título lançado no Brasil.

LEIA TAMBÉM



Temporada de acidentes
Moira Fowley-Doyle



Caixa de pássaros
Josh Malerman



Piano vermelho
Josh Malerman



A casa no fundo de um lago
Josh Malerman



Oceano no fim do caminho
Neil Gaiman